

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA, ENSINO E NARRATIVAS

ENSINO DE HISTÓRIA MEDIEVAL: A *Doutrina para Crianças*, de Ramon Llull e a produção do paradidático “Ramon Llull e a Idade Média”

NATASHA NICKOLLY ALHADEF SAMPAIO MATEUS

SÃO LUÍS
2018

NATASHA NICKOLLY ALHADEF SAMPAIO MATEUS

ENSINO DE HISTÓRIA MEDIEVAL: A obra *Doutrina para Crianças*, de Ramon Llull e a produção do paradidático “Ramon Llull e a Idade Média”

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História, Ensino e Narrativas da Universidade Estadual do Maranhão, para obtenção do título de Mestre.

Orientadora: Profa. Dra. Adriana Maria de Souza Zierer

SÃO LUÍS
2018

Mateus, Natasha Nickolly Alhadeff Sampaio.

Ensino de história medieval: a obra Doutrina para Crianças de Ramon Llull e a produção do paradidático Ramon Llull e a Idade Média / Natasha Nickolly Alhadeff Sampaio Mateus. – São Luís, 2018.

202 f.

Dissertação (Mestrado) – História, Ensino e Narrativas, Universidade Estadual do Maranhão, 2018.

Orientador: Profa. Dra. Adriana Maria de Sousa Zierer.

1. Ensino de História. 2. Ramon Llull 3. Paradidático I. Título

CDU: 371.671.1:94(100)05/..."

NATASHA NICKOLLY ALHADEF SAMPAIO MATEUS

ENSINO DE HISTÓRIA MEDIEVAL: A obra *Doutrina para Crianças*, de Ramon Llull e a produção do paradidático “Ramon Llull e a Idade Média”

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História, Ensino e Narrativas da Universidade Estadual do Maranhão, para obtenção do título de Mestre.

Orientadora: Profa. Dra. Adriana Maria de Souza Zierer

Aprovado em __/__/____

BANCA EXAMINADORA:

Prof^a. Dr^a Adriana Maria de Sousa Zierer (Orientadora)
(PPGHEN/UEMA)

Prof^a. Dr^a Ana Livia Bomfim Vieira (Arguidora)
(PPGHEN/UEMA)

Prof^a. Dr^a. Terezinha Oliveira (Arguidora)
(PPH/UEM)

Prof. Dr. Marcus Vinícius de Abreu Baccenga (Arguidor)
(PPGHIS/UFMA) (Suplente)

Dedico esse trabalho aos meus pais, irmãos, amigos e professores. Em especial ao meu criador pelo dom da vida.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao meu criador que me deu todas as estruturas necessárias para vencer cada dia.

A toda minha família, em especial meu pai e minha mãe.

Ao meu querido irmão Yuri Alhadeff por toda colaboração em tudo o que eu faço.

A minha irmã Anna Sarah, considero como um dos maiores presentes que recebi na vida.

Aos meus queridos amigos que me acompanham nessa longa jornada, que é vida. Marcia, Carla, Danilson, Hellen, Priscila, Thays, Aurélio, Diógenes, Dulci e aqueles que mesmo de longe guardo na memória as melhores recordações.

Agradeço ao Wanderson Rafael por me ajudar sempre que possível, e por ter diagramado o paradidático, meu muito obrigada!

Agradeço também a Mariana Pinheiro e Laissa Alhadeff pela ajuda de sempre com os *Abstract*.

Agradeço aos meus pastores Djalma e Honorina pelo apoio sempre que necessário.

Também agradeço aqueles que conheci na Universidade ao longo dessa caminhada.

A toda turma 2016, fomos uma turma harmônica e companheira.

A Flávia, que realiza um trabalho excepcional como secretária, e por sempre atender todas as solicitações.

A todos os meus professores da UEMA, sem exceção. Aprendi muito com todos.

Ao longo da minha vida, sempre tive um apreço por todos os meus professores. Cada um a seu modo, contribuiu para que eu me tornasse o ser humano que sou hoje.

Em 2011, conheci a professora Adriana Zierer, por quem logo desenvolvi um carinho, e já sabia que ela seria minha orientadora. Desde 2012, temos realizado esse trabalho juntas.

Admiro seu otimismo, e agradeço sempre a confiança que ela deposita sobre mim, acreditando que tudo vai dar certo. Fico grata pelo incentivo e as oportunidades dadas ao longo desses anos.

Fico extremamente feliz por ter em minha banca a professora Terezinha Oliveira, uma profissional admirável, e muito mais que isso, uma educadora atenta as necessidades do seu tempo. Aprendi muito com as leituras dos seus textos, e passei a ver a educação com outras possibilidades, inclusive resgatar as leituras dos clássicos.

Agradeço a lindíssima professora Ana Livia, por suas contribuições ao longo desse trabalho.

Agradeço a professora Mônica, por quem tenho uma admiração grande. Não tenho palavras para agradecer pelas oportunidades, serei eternamente grata.

A professora Júlia Constança pela amizade construída ao longo desses anos!

Registro aqui o apoio dado pela FAPEMA, por meio a concessão de bolsa de estudos.

*O temor do SENHOR é a chave da sabedoria e conhecer a
Divindade é alcançar o pleno sentido do conhecimento!*

(Provérbios, 7:1)

RESUMO

Este trabalho consiste em uma análise da educação medieval segundo o filósofo catalão Ramon Llull (1232-1316), e na elaboração de um paradidático, *Ramon Llull e a Idade Média*, destinado ao ensino básico. Como *corpus* documental, utilizou-se, principalmente, a obra *Doutrina para Crianças* (1274-1276), de Ramon Llull, dedicada ao seu filho Domingos, em que enfatizou a importância dos princípios cristãos na formação do ser humano, por meio do ensino das virtudes, que deveriam ser inculcadas no indivíduo o mais cedo possível, isto é, desde a infância. Nesses termos, esta pesquisa busca analisar como o filósofo projetou a formação ideal dos homens conforme a apresenta nessa obra, considerando-a por meio de uma educação moral. Especificamente, Llull escreveu para a sociedade do século XIII, influenciado pela concepção intelectual e religiosa de seu tempo. Teoricamente, parte-se do pressuposto de que a história do imaginário pode se constituir em um caminho para o entendimento da sociedade medieval, principalmente no que se refere às crenças e ideias. Como fio condutor da análise aqui construída, estão presentes as obras de Le Goff, Lauand, Oliveira, Nunes, Costa, Nora, Halbwachs, Agostinho, entre outros, que discutem Idade Média, Educação e Memória. Para Llull, o objetivo da educação é permitir ao indivíduo todo conhecimento necessário para torná-lo capaz de agir e viver bem em sociedade. Portanto, o hábito constante da prática das virtudes era fundamental para o cumprimento dos princípios cristãos. Llull coloca o homem como responsável por suas escolhas e ações. Com base nas pesquisas que apontam a importância desse filósofo no século XIII, considera-se que a adoção de um paradidático na sala de aula, permite aos alunos do ensino básico um aprofundamento sobre os ideais lulianos no contexto medieval, bem como estimula reflexões sobre os valores morais e éticos na atualidade, adquiridos por meio da educação.

Palavras-chave: Ensino de História, Ramon Llull, Paradidático.

ABSTRACT

This work consists of an analysis of medieval education according to the Catalan philosopher Ramon Llull (1232-1316). Besides it consists in the elaboration of a paradigmático (Ramon Llull and the Middle Ages) destined for basic education. As documentary corpus, the work *Doctrine for Children* (1274-1276), by Ramon Llull, dedicated to his son Domingos, in which he emphasized the importance of the Christian principles in the formation of the human being by the teaching of the virtues, which should be instilled in the person as early as possible, that is, since the infancy. In these terms, this research has as objective to analyze how the philosopher designed the ideal formation of men as presented in this work, considering it by a moral education. Specifically, Llull wrote to the society of the thirteenth century, influenced by the intellectual and religious conception of his time. Theoretically, it is assumed that the history of the imaginary can constitute a way for the understanding of the medieval society, mainly referring to the beliefs and ideas. Set as theoretic understructure this work presents the works of Le Goff, Lauand, Oliveira, Nunes, Costa, Nora, Halbwachs, Agostinho, among others, whom discuss the Middle Ages, Education and Memory. For Llull, the aim of education is to allow the individual all the knowledge necessary to make him capable of acting and living well in society. Therefore, the constant habit of practicing the virtues was fundamental to the fulfillment of Christian principles. Llull considers the man as responsible for his choices and actions. Based on research that points out the importance of this philosopher in the thirteenth century, it is considered that the adoption of a educational book in the classroom allows to the students of basic education a deepening on the ideals lulianos in the medieval context, as well as it stimulates reflections on the moral and ethical values at present, acquired by education.

Key words: History Teaching, Ramon Llull, Educational Book.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Imagem 1 - Alunos realizando a leitura do Paradidático.....	200
Imagem 2 - Alunos executando as atividades do Paradidático.....	200
Imagem 3 - Orientando os alunos na execução das atividades do Paradidático.....	201
Imagem 4 - Os alunos expondo o Paradidático.....	201
Imagem 5- Professora de História do Centro de Ensino de Tempo Integral Almirante Tamandaré.....	202
Imagem 6 - Fachada do Centro de Ensino de Tempo Integral Almirante Tamandaré.....	202

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	13
CAPÍTULO 1- MEMÓRIA CRISTÃ, TEMPO E RECORDAÇÃO.....	22
1.1 O transcurso rápido do tempo e a lentidão da memória na Idade Média.....	22
1.2 A Memória para Santo Agostinho, São Tomás de Aquino e Ramon Llull.....	36
1.2.1- Memória em Agostinho.....	36
1.2.2-Memória em Tomás de Aquino.....	40
1.2.3-Memória em Ramon Llull.....	43
1.3- Memória e imaginário medieval na obra Doutrina para Crianças (1274-1276).....	47
CAPÍTULO 2 - RAMON LLULL E AS TRANSFORMAÇÕES NO SÉCULO XIII.....	54
2.1.Renascimento urbano: novo pensamento e novas atitudes.....	54
2.2- A Educação medieval no século XIII.....	61
2.3-Ramon e seu Tempo: vida e conversão.....	72
CAPÍTULO 3 - A PROPOSTA DE EDUCAÇÃO LULIANA PARA SÉCULO XIII.....	91
3.1- Educação para Santo Agostinho: breves reflexões.....	92
3.2- Educação na fase inicial.....	97
3.3- Ramon Llull e a excelência de educação para formação humana.....	108
CAPÍTULO 4 - FORMAÇÃO HUMANA NA PERSPECTIVA DE RAMON LLULL.....	125
4.1-Educação e o agir humano.....	126
4.2-A Representação do Além: impactos na visão de mundo e na Educação.....	136
4.3- Vícios e Virtudes na formação do indivíduo.....	147
CAPÍTULO 5 - A PRODUÇÃO DO PARADIDÁTICO RAMON LLULL E A IDADE	
<i>MÉDIA</i>: um filósofo medieval no ensino básico.....	165
5.1- Considerações sobre o livro didático na sala de aula com base em bibliografias.....	165
5.2- Paradidático de História Medieval: <i>Ramon Llull e a Idade Média</i>.....	175
5.3- Aplicação do paradidático na sala de aula por meio da oficina: <i>Ramon Llull e a Idade Média</i>.....	183
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	187
REFERÊNCIAS.....	190
ANEXOS.....	199

INTRODUÇÃO

A educação, elemento constitutivo da sociedade desde o seu passado, sempre teve como objeto o próprio ser humano. Este que foi se adaptando conforme a cultura, e se relacionando com o mundo de formas distintas. Se levantarmos um questionamento sobre o que é educar, muitas discussões pertinentes foram realizadas e estão sendo feitas na atualidade.

Assim para muitos, a educação é interpretada como uma fonte de conhecimento para a sociedade. A imagem que se configura socialmente do valor educativo é que habilita o indivíduo para perceber os códigos das diferentes linguagens. “Dominar os códigos e ter a capacidade de refletir sobre o mundo são requisitos instrumentais indispensáveis para estar incluído na sociedade do conhecimento, ou seja, para adquirir status de cidadão moderno” (BIZELLI, 2015, p. 19). Mas o processo de ensino-aprendizagem ainda encontra dificuldade quanto ao estímulo ao debate, centrado apenas na disseminação de conteúdos de forma instrumental.

Conforme destaca Oliveira (2014, p. 613) ao discutir sobre algumas problemáticas da atualidade, o ensino não deve ser percebido como um meio “[...] mas como um fim, ou seja, é a trajetória para formar pessoas, seres completos, que agem em virtude de seus interesses, mas não se esquecem que vivem em comunidade e esse convívio é condição da sua própria existência”. Vemos na atualidade, por exemplo, os conteúdos curriculares devem objetivar uma formação para exercer a cidadania, a democracia, e a tão sonhada autonomia financeira. “mas também é inegável que ele pode nos tornar pessoas melhores, menos arrogantes, mais tolerantes, mais democráticas, conhecedoras e praticantes de atos éticos e lícitos”.

Goergen (2005, p. 998) salienta que com a Modernidade, Deus deixou de ser o fundamento indiscutível das normas morais. O autor menciona que “embora educação e ética estejam relacionadas desde os primórdios de nossa civilização, esta discrepância entre a teoria e a prática também sempre foi muito nítida”. Compreendemos que em todas as instâncias, seja na familiar, na escolar e em outras instituições, exige-se minimamente uma coerência entre a ética e a educação, mas na prática não é bem assim que ocorre, ocupando este valor às vezes um espaço muito singelo:

Seja qual for a perspectiva que a educação contemporânea tomar, uma *educação voltada para o futuro* será sempre uma educação contestadora, superadora dos limites impostos pelo Estado e pelo mercado, portanto, uma educação muito mais voltada para a *transformação social* do que para a *transmissão cultural*. Por isso, acredita-se que a *pedagogia da práxis*, como uma pedagogia transformadora, em suas várias manifestações, pode oferecer

um referencial geral mais seguro do que as pedagogias centradas na transmissão cultural, neste momento de perplexidade (GADOTTI, 2000, p. 04, grifos do autor).

Muitos teóricos em diferentes períodos se propuseram a tratar os diversos modelos de educação, não porque entenderam que o homem precisaria ser adestrado, mas por compreender as necessidades do seu contexto histórico. Olhar o passado é depararmos com lições de homens que buscaram investigar o seu tempo. Elaboraram projetos por acreditar que o conhecimento é fundamental para o prosseguir da vida em sociedade.

O interesse pela temática da educação medieval nasceu na iniciação científica e ao desenvolvermos o trabalho de conclusão na graduação (TCC), gerando alguns questionamentos e inquietações sobre a temática. Com efeito, o contato com a obra de Ramon Llull (1232), especificamente a obra *Doutrina para Crianças*, levou-nos a querer pesquisar mais sobre o projeto educacional traçado por ele.

A dissertação intitulada *Ensino de História Medieval: A obra Doutrina para Crianças, de Ramon Llull e a produção do paradidático “Ramon Llull e a Idade Média”* tem como objetivo principal analisar a obra *Doutrina para Crianças*, percebendo esta fonte como um manual para formação do ser humano ideal, enfatizando a importância dos princípios cristãos na formação do indivíduo. Essa educação será incutida desde a primeira fase, pois assim o filósofo acreditava que quanto mais cedo esses valores fossem trabalhados, melhor seria a formação do sujeito.

Outros objetivos ao longo do trabalho são: analisar o contexto do século XIII, pois foi nesse período que Llull desenvolveu suas obras; compreender a relação da memória no projeto educacional luliano; apontar os ensinamentos de Llull para educação com base no cristianismo e na retomada das virtudes; e discutir a importância do discurso sobre o Além para o indivíduo conservar um bom comportamento. Por fim, elaboramos um paradidático para ser utilizado na educação básica, intitulado “Ramon Llull e a Idade Média”, pois consideramos que o estudo sobre este filósofo auxilia a reflexão crítica sobre a importância de valores morais e éticos na atualidade.

Atualmente, a educação continua enfrentando vários desafios, não só a educação escolar, mas a familiar também. Há uma crise de valores, e a escola precisa integrar um conjunto de valores. Como nunca antes, tornou-se evidente que uma base de valores deve ser integrada nos nossos sistemas escolares para ajudar as futuras gerações. Valores como tolerância, solidariedade à diversidade e o respeito com o outro são importantes: “desse modo,

assim como os conflitos sociais atingem as demais instituições sociais, família, por exemplo, a escola, também, é diretamente atingida/impactada por ela e suas contingências” (SANTOS, 2013, p. 03).

A ideia de um Além após a morte influenciou diretamente o projeto educacional elaborado por Ramon Llull. Sobre este local: “O Além cristão é inicialmente um local binário, dividido em Paraíso e Inferno. O Paraíso está no alto, é lugar da transcendência, sede das entidades celestes e morada de Deus” (ZIERER, 2013, p. 78). O Inferno ficava na parte inferior da terra, lugar esse para o qual iriam os condenados, e sofreriam os castigos. “Os que para lá iam estavam condenados ao castigo eterno no fogo inextinguível, a torturas, ranger de dentes e odores fétidos aplicados pelo Senhor” (ZIERER, 2013, p. 78). A religiosidade, durante o medievo, foi um elemento constitutivo na formação moral do indivíduo. A educação funcionava como um suporte para o bom funcionamento da sociedade, e para isso eram incutidos os preceitos cristãos.

Como discute Nogueira (2000, p. 92), a afirmação da boa religiosidade, com o auxílio da Pedagogia do medo, “consolidou no discurso teológico uma demonologia sistemática, levando os homens a uma trágica dicotomia ao nível mental, a um drama dualista, do qual não se podiam libertar, não podendo pensar no Mal”. Os sermões a partir do século XIII difundiam um temor crescente em relação ao Diabo, considerado como aquele que afastava o cristão do bom caminho.

Em específico, estamos falando sobre o contexto onde filósofo viveu, na ilha de Maiorca. Mas, gostaríamos de reforçar que o filósofo maiorquino teve contato com outras culturas, viajou para outros lugares (Paris, lugares na África, Itália), o que acrescentou e enriqueceu o seu projeto de sociedade. Mas foi no contexto da Península Ibérica nos séculos XIII e XIV que Llull, vendo a luta entre as religiões, tentou apresentar sua proposta em defesa do cristianismo.

As fontes primárias que utilizamos para composição de nossa análise dos escritos lulianos foram a obra *Doutrina para crianças*, e biografia de Llull (*Vida Coetânea*). O maiorquino é um grande crítico do seu tempo, e a obra Doutrina é considerada uma síntese do pensamento luliano, além de ser um livro fundamental para a compreensão do século XIII, em se tratando da educação e religiosidade. Essa obra foi escrita por volta dos anos 1274-1276, dedicada ao seu filho Domingos.

Sabemos que a educação medieval não tinha só o objetivo de divulgar o saber científico, mas a proposta ia além. Era um ensino atrelado a uma educação moral, ou seja, não tinha um

valor puramente material, mas estava diretamente ligada ao imaginário da época, que utilizava o discurso sobre a salvação da alma para obter o resultado prático nas ações cotidianas.

Como um bom pai, na obra *Doutrina para Crianças* Ramon Llull ensina que os pais devem ensinar os seus filhos, mostrando a brevidade da vida, ou seja, como é importante que a criança cresça distante das “obras mundanas”, aprendendo os princípios cristãos. A fonte trata de questões centrais, como o modelo de conduta, as virtudes, as bases para uma educação cristã.

A obra *Doutrina para Crianças* está dividida em cem capítulos, divididos em onze partes. Cada uma tratando dos assuntos relacionados a uma educação cristã que são: Dos Treze Artigos, Dos Dez Mandamentos, Dos Sete Sacramentos da Santa Igreja, Dos Sete Dons que o Espírito Santo dá, Das oito Bem-Aventuranças, Dos Sete Gozos de nossa Senhora, Das sete Virtudes que são os Caminhos da Salvação, Dos Sete Pecados Mortais pelos quais o Homem vai a Danação Perdurável, Das três leis, Das Sete Artes.

A obra *Vida Coetânea*, é uma autobiografia de Ramon Llull, que traz algumas considerações sobre sua vida. Pouco se sabe de sua vida até seus trinta anos. Talvez por se considerar um pecador, mundano e distante das obras cristãs, Llull não quis falar da vida anterior à conversão. Não queremos aqui fazer uma narrativa da biografia de Llull, mas sim destacar pontos centrais para a nossa discussão.

Sabemos que a História, e, sobretudo, nos estudos medievais, costuma-se enfatizar a forte atmosfera religiosa daquela sociedade, mas isso não quer dizer que todos eram profundamente religiosos, que todos tiveram experiências místicas, mas o que nos importa nesse trabalho é refletir sobre aqueles que as tiveram e que de certa forma contribuem para entendermos como funcionavam alguns padrões de comportamento daquela época.

O medieval estava centrado no pensamento religioso. Talvez alguns hoje poderiam definir a experiência mística como loucura, delírio, etc. Porém, devemos pensar que no medieval a experiência religiosa guiava o indivíduo no seu cotidiano, e fazia parte das ações e decisões tomadas pelo ser humano.

Na Idade Média, o Além foi cacife no jogo devocional e social. As práticas ligando vivos e mortos e as instituições de memórias frequentemente tiveram o Além como cacife, e também como instrumentos para as estratégias terrestres, a busca de alianças e de poderes aqui em baixo. O Além foi um dos grandes domínios do imaginário Medieval. Inspirou uma importante literatura de ficção e uma rica iconografia, testemunhando a fecundidade da atividade criativa dos artistas medievais. Ele se constituiu num grande reservatório de imagens encarnando **a ideologia e a sensibilidade cristãs e**

desempenhando um papel concreto na luta escatológica do cristão. (LE GOFF, 2006, p. 22, grifos nossos).

O medo da amanhã, certamente era uma das preocupações daqueles homens e mulheres, pois, a qualquer momento, o fim poderia chegar; era medo de não estar preparado, o temor do Juízo Final. Como Le Goff (2006) afirmou, o Além foi um dos grandes domínios do Imaginário medieval, por isso era fundamental obedecer as regras da Igreja. Como era o bom cristão? O bom cristão era aquele que cumpria certas obrigações, ou seja, as instruções religiosas. E estas deveriam ser dadas principalmente quando eram crianças, por meio do “catecismo”. Este ensinava desde cedo a rezar, ir à missa, e a não cometer faltas ou pecados. A Igreja propunha um objetivo final, a graça, onde o cristão alcançaria a vida eterna (LE GOFF, 2007, p. 56).

Os medievos acreditavam que o Além realmente existia. Essa lógica, muda completamente o comportamento da vida aqui em baixo, pois as relações e atitudes cotidianas são marcadas por essa crença. Essas revelações sobre os lugares do Além vão ter o seu conteúdo e sua forma alterados em cada contexto histórico e foram sendo estabelecidos ao longo dos séculos.

Refletir sobre o papel da Igreja Católica durante o período medieval é pensar em uma instituição a qual se encontrava o grande centro do saber, divulgadora da mensagem escatológica. A Igreja Católica foi a grande responsável pela instrução no medievo. Isso ocorria por meio de várias escolas, que eram instituições eclesiásticas (monacais e episcopais), dedicadas a um pequeno número de pessoas

Terezinha Oliveira (2007) chama atenção que durante os séculos XII e XIV os debates travados giravam em torno da separação dos poderes laicos e eclesiásticos. A mesma destaca que esses debates eram complexos, e não se davam somente pela disputa de poder, mas iam além disso. Na verdade começa-se a refletir a vida, há novas construções de identidades, e a formação humana recebe novos direcionamentos; as transformações da vida no campo implicam destacar o novo homem na cidade.

O intelectual, o homem instruído tem um papel fundamental na formação do estado laico. Durante o século XII é dada importância ao escrito; a expansão das escolas nas cidades supõe que pessoas estavam sendo formadas, preparadas para o registro, já que isto era uma preocupação dos príncipes: preservar os documentos, a memória escrita. Os intelectuais debatiam sobre as necessidades do seu tempo, e quanto ao papel dos governantes, discutiam sobre qual o papel dos mesmos (OLIVEIRA, 2007, p. 242).

A Universidade foi uma das mais belas iniciativas medievais para o mundo do saber, houve um despertar para o conhecimento, e não mais somente a reprodução do que já se sabia: “História e memória se entrelaçam, permitindo a compreensão desta instituição como espaço do saber universal mediado pelas relações do poder político, já que, ao longo da Idade Média, a universidade esteve ora sob a chancela do poder laico, ora do papado (OLIVEIRA, 2007, p. 113).

“Não havia a imprensa, não havia os meios de comunicação que dispomos hoje e constituem, de uma certa maneira, o pressuposto do entendimento a-histórico que atualmente temos da Escolástica” (OLIVEIRA, 2002, p.48). Então não podemos considerar que decorar ou memorizar o que se aprendia era método mecanizado, tratava-se do meio mais apropriado que aquele homem tinha de transmitir o conhecimento.

Para que os estudantes dos séculos XII e XIII pudessem preservar o conhecimento, era preciso a memorização. A opção estava dada: “ou decoravam, ou não aprendiam, por conseguinte; a memorização era o único recurso disponível para conservar o conhecimento” (OLIVEIRA, 2002, p.49).

À medida que as escolas oficiais foram se fragilizando, a Igreja Católica foi se tornando responsável pela formação do sacerdócio nas instruções necessárias para o ministério. Nas escolas paroquiais, era oferecido o nível elementar e nas episcopais, o nível superior. As escolas paroquiais e episcopais eram as responsáveis pela formação do clero.

O autor Nunes (1979) afirma que nos anos de 461 os clérigos não poderiam ser ordenados aos 25 anos, e os mesmos deveriam *ser instruídos desde a infância* para levarem a mensagem da fé (NUNES, 1979, p.141). Durante a Idade Média houve uma preocupação intensa com as questões religiosas, os cantos eram dos salmos, a verdade era a *Bíblia*, ou seja, o conteúdo do programa era puramente religioso.

E claro, havia uma preocupação intensa com a leitura e a escrita. Quando mais cedo isso fosse ensinado, mais a criança aprenderia as normas de conduta, princípios necessários para manter um bom comportamento, por isso Ramon Llull falou sobre a educação inicial, e que as crianças deveriam cogitar as coisas espirituais o mais cedo possível.

Para o desenvolvimento de nosso trabalho, na composição da discussão, utilizamos as contribuições principalmente que discutem a Idade Média, educação e memória. Dentre esses destacamos Le Goff, Lauand, Oliveira, Costa, e outros. Assim como no debate sobre a memória, nos baseamos nos conceitos de Pierre Nora, Halbwachs e Geary. Assim procuramos estabelecer a relação entre história, memória e educação.

Metodologicamente trabalhamos na perspectiva da História do Imaginário, pois “[...] o imaginário daquela época manifestava-se pela visão que os homens tinham da própria divindade, objeto de sua crença, de suas preces, de sua admiração” (LE GOFF, 1994, p. 100). O imaginário coletivo é sempre uma prerrogativa para compreendermos a sociedade medieval, pois as ideias, os mitos, as representações e crenças fazem parte da história considerada “real”, e não como alguns intelectuais julgavam como algo ilusório e quimérico (BACZKO, 1985, p. 297). O homem medieval criou seu “Deus” e o representou carregado de sacralidade.

No sistema de representações produzido por cada época e no qual está encontra a sua unidade, o “verdadeiro” e o “ilusório” não estão isolados um do outro, mas pelo contrário unidos num todo, por meio de um complexo jogo dialético. É nas ilusões que uma época alimenta a respeito de si própria que ela manifesta e esconde, ao mesmo tempo, a sua “verdade”, bem como o lugar que lhe cabe na “lógica da história” (BACZKO, 1985, p. 303).

No medievo o sagrado tinha um valor imensurável, ou seja, era a mistura do verdadeiro com ilusório. A religiosidade movimentava o cotidiano daqueles homens, alimentava as esperanças, aumentava os medos, o desejo por um lugar perfeito. A memória lembrava o indivíduo sobre as ações necessárias que deveriam ser praticadas pelo indivíduo.

Buscamos discutir também como a memória cristã era uma peça fundamental no processo educativo, na aquisição da busca pela salvação. A memória constitui-se num elemento de formação do ser, de identidade e comportamento. A educação recebe um projeto de acordo com as necessidades do seu tempo, aquilo que é o presente em qualquer sociedade.

Pensar a educação é buscar as especificidades de cada contexto histórico. A reflexão, que é a capacidade do homem navegar no seu consciente e refletir sobre seu mundo, permite entender que ele está no mundo e possui um papel no quesito social. Tudo isso sem as “memórias” deixadas no tempo não seria possível.

Le Goff (1990) afirma a importância da honestidade ao pensar o passado, e ressalta que a memória faz parte de um jogo de poder. E a memória está tanto relacionada aos interesses individuais quanto aos coletivos.

Nesse sentido, podemos afirmar que a memória é a presença do passado. Segundo Halbwachs a memória individual é a mistura do vivido, ou seja, ela não é puramente individual, pois o indivíduo não está sozinho. Na perspectiva do autor toda memória é coletiva: “[...] cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva” (HALBWACHS, 1994, p. 69).

Assim, podemos dizer que cada indivíduo tem as suas particularidades, porém está inserido em um meio coletivo, em uma construção psíquica, mas jamais puramente individual. O indivíduo é produto do meio, ou seja, a memória individual e coletiva se complementam na ação realizada pelo grupo.

A construção da identidade está diretamente ligada à memória, já que tanto no plano individual quanto no coletivo ela permite que cada geração compartilhe com as outras, vínculos que passam de geração em geração, sendo vivida no cotidiano de outro tempo, de outra sociedade. Os indivíduos, a sociedade, procuram preservar o passado, dar continuidade a algo já experimentado, já vivido, ou seja, reconstroem memórias.

O nosso trabalho está dividido em cinco capítulos: “*Memória cristã, tempo e recordação na idade média*”; “*Ramon Llull e as transformações do século XII*”; “*A proposta de educação luliana para o século XIII*”; “*A formação humana na perspectiva luliana*”; “*A produção do paradigmático Ramon Llull e a Idade Média: um filósofo medieval no ensino básico*”;

No primeiro capítulo, apresentamos uma breve análise sobre o conceito de memória nas perspectivas de teóricos como Santo Agostinho, Santo Tomás de Aquino e o próprio Ramon Llull. Dentro desse mesmo capítulo discutimos o caminho metodológico do trabalho.

No segundo capítulo, discutimos sobre contexto do século XIII, para compreendermos as particularidades da obra, ou seja, toda obra escrita é influenciada pelo seu tempo. Assim acreditamos indispensável destacar questões centrais sobre as principais mudanças na educação, para compreendermos o que Ramon Llull pretendia fazer a partir das novas relações pessoais do seu tempo.

No terceiro capítulo, falamos sobre o projeto pedagógico luliano e como a educação na concepção do filósofo fazia parte da formação humana, ou seja, quanto mais cedo a educação fosse incutida, melhor seria o aprendizado aos conhecimentos cristãos. Assim como na perspectiva de Santo Agostinho, cujo pensamento influenciou Ramon Llull, buscamos neste último aspectos referentes à Educação.

No quarto capítulo, analisamos a obra *Doutrina Crianças*, como um manual para formação humana. Mostramos que o discurso para alcançar um bom lugar no pós-morte, destacado por Ramon Llull propunha uma educação pautada na crença no Além, ou seja, quais as bases importantes para alcançar a salvação da alma, isso influenciava diretamente nas ações terrenas. Para Zierer e Costa, a obra *Doutrina* foi considerada como um dos primeiros manuais pedagógicos, que apresentava o modelo ideal de cristão perfeito e como modelo de

comportamento ideal. Destacamos também a importância das virtudes, já que Llull estava preocupado com uma conduta virtuosa, pois acreditava que o homem que vivesse virtuosamente, contribuiria para solucionar problemas sociais.

Por fim, no capítulo cinco, discutimos sobre a produção do paradidático, nosso produto final. Falamos primeiramente sobre o livro didático, sua importância como material de apoio ao professor. Depois mostramos como o nosso paradidático pode ajudar o professor nas aulas, servindo de apoio na aprendizagem dos alunos. Apresentamos a divisão do nosso paradidático e os resultados obtidos da aplicação desse material na sala de aula.

CAPÍTULO 1 - MEMÓRIA CRISTÃ, TEMPO E RECORDAÇÃO

1.1 O transcurso rápido do tempo e a lentidão da memória na Idade Média

A memória é um dos alicerces da história, que está diretamente ligada a um monumento, documento à oralidade. É uma das temáticas centrais para compreendermos as sociedades juntamente com seus anseios e experiências. É refletir sobre as identidades que se formam ao longo do tempo e deixam nos registros orais ou escritos memórias vivas. Estas são reinterpretadas ganhando sempre novos significados no tempo.

O tempo sem dúvida é uma das nossas maiores problemáticas, pois ele não para, mas passa sem ficar estático, e não deixa um filme completo dos seus acontecimentos. Isso nos causa um desconforto por não conseguirmos acompanhá-lo, ou ao menos entendermos sua dimensão, que é impossível ao homem. Assim cabe aos seres humanos a tarefa singular de reconstruir, fazer ou refazer o passado, já que estes são dotados de mistérios, e entram em cena por meio de sua mente, memória e intelecto, formando assim as memórias que fazem uma “representação seletiva do passado”, pois o que passou não é representado puro como realmente aconteceu.

É nesse sentido, que o nosso objetivo central é analisar a fonte *Doutrina para Crianças*. Consideramos essa obra como um manual de preservação da memória cristã, já que o autor se preocupou tanto em registrar sobre o passado bíblico, as memórias do cristianismo primitivo, sempre ressaltando que os homens estavam se distanciando de Deus. Essa obra também resgata a memória educativa, que visava sempre o ato de lembrar, recordar, reinterpretar e guardar os ensinamentos do cristianismo, se homem compreender o que está sendo ensinado, e lembrar colocará em prática o que foi aprendido.

Ramon Llull discorre profundamente sobre a relação entre educação, memória e religiosidade. Esta obra dá destaque a uma memória da salvação, onde aponta a educação com fundamentos cristãos, visando seguir modelos de condutas que contribuam para o bom funcionamento da sociedade.

O autor estabelece essa relação de várias formas: enfatizando o ideal de cristão perfeito, reafirmando a necessidade da aquisição das virtudes, considerando o modelo educativo cristão e o fortalecimento da fé como suporte para uma sociedade melhor. *A Doutrina para Crianças* foi dedicada ao seu filho Domingos. É uma obra com importantes explicações cristãs, onde o

filósofo sempre chama atenção do filho para compreender os fundamentos cristãos. Por isso consideramos que a obra contribui para uma formação de identidade.

O propósito é lembrar o filho que o presente precisa da compreensão do passado cristão e lembrar do futuro que é o Juízo Final, ou seja, todos os atos humanos determinariam seu lugar após a morte. Nesse sentido, era importante o ato de lembrar, ou seja, sempre que viesse o desejo de pecar, por exemplo, o homem deveria lembrar das penas que sofreria por cometer tal ato.

A memória constitui-se num elemento de formação do ser, de identidade e comportamento. A educação recebe um projeto de acordo com as necessidades do seu tempo, aquilo que é o presente em qualquer sociedade. Pensar a educação é buscar as especificidades de cada contexto histórico. A reflexão, que é a capacidade do homem navegar no seu consciente e refletir sobre seu mundo, permite entender que ele está no mundo e possui um papel no quesito social. Tudo isso sem as “memórias” deixadas no tempo não seria possível. Le Goff (1990) afirma a importância da honestidade ao pensar o passado, e ressalta que a memória faz parte de um jogo de poder, e memória está tanto relacionada aos interesses individuais quanto aos coletivos.

Neste capítulo, buscamos compreender algumas discussões que consideramos necessárias sobre a temática memória, e como a reflexão sobre o passado está diretamente ligada ao presente, pois sem passado não se pensa no presente. As questões sobre o tempo nos levam a pensar como a memória recebe novos significados, e se tratando da memória cristã, tenta resgatar um passado cheio de imagens e representações, que envolve a escrita, a oralidade, as sensações corpóreas, e põe nos indivíduos uma ação coletiva de um fim iminente, desperta interpretações de tempos, de um passado em direção ao futuro. A busca pela salvação influencia na base da educação, que visa a busca pela moral, e por uma vida de boas condutas e aquisição das virtudes. Assim falamos de uma memória coletiva, que aguardava o Juízo Final, logo todos deveriam cumprir as regras e manter um bom comportamento.

“O tempo flui, como um rio, aquele ao qual Heráclito disse que não podemos descer duas vezes. Há, basicamente, duas maneiras de conceber o fluxo do tempo: desde o passado em direção ao futuro, ou desde o futuro em direção ao passado” (BORGES, 1960, p. 54). Refletir o tempo, é sempre tão complexo como seu próprio percurso, nunca encontramos uma única definição. É uma palavra que desperta em nós a certeza de que estamos vivenciando, e vivendo no, para, o tempo. Isso traz uma reflexão sobre as várias formas de interpretar o

tempo na História, e uma dessas é recorrer aos conceitos de tempo e de espaço para promover as interpretações acerca das sociedades humanas. Sem dúvida, o tempo representa mudanças e transformações (RODRIGUES, 2006). Essas mudanças materializadas no material como também nas ações imaginárias que as tornam reais. As ações imaginárias são sempre uma prerrogativa para justificar as ações dos sujeitos, ou seja, as ações tornam-se reais, é a forma do homem se comunicar com mundo, com o tempo, e fazer do imaginário o que eles têm de real.

É nosso interesse compreender essas transformações que se revelam nas rupturas ou nas continuidades. O passado medieval é um tempo histórico marcado por muitas memórias que faziam parte do cotidiano daqueles homens, que encontravam na religiosidade o sentido e a representação do seu mundo. Por isso viviam em constante ato de lembrar sobre os feitos de Jesus Cristo, sobre a mensagem da Cruz e sua vida de santidade. Esse era um processo coletivo. Ir Igreja, fazer as preces, ouvir os sermões, olhar as belas imagens nas catedrais, ativavam na memória daqueles homens, um sentimento de pertença ao corpo de Cristo.

Como Guido (2006) destaca, o homem independente do lugar, do tempo, sempre foi um ser pensante, que sente, imagina, isso é a verdadeira identidade humana, que traz de fora pra dentro e de dentro pra fora uma coletividade humana de símbolos e representações do que é realmente importante e real para tempo histórico que recebe um grupo específico, com características específicas, pois:

[...] só é possível interpretar a história quando o pesquisador se dispõe a suspender o juízo do presente e experimentar com o pensamento a descida até o mundo ferino dos primeiros homens; a descida é guiada pelos vestígios dos tempos obscuros encontrados nos poemas épicos: a *Ilíada*, *Odisseia*, a *Bíblia*, entre tantas outras narrativas arcaicas (GUIDO, 2006, p. 49).

É sempre uma tarefa complexa olhar para o passado quando fazemos isso a partir da nossa compreensão de mundo, pois estamos influenciados pela nossa concepção de mundo, porém é necessário fazer uma análise sem julgamentos, seja pela religiosidade, crenças, ou forma de se comportar diante do mundo. O que precisamos compreender é que conhecer o passado, é pensar nas experiências vividas por cada homem, é lembrar que o que eles tinham ali, naquele momento, eram as expectativas deles de mundo, de crenças, de tradições, e tudo isso vai além da nossa capacidade interpretativa, porque hoje temos nossa forma de olhar o mundo, por um ângulo distinto de outras sociedades. O que somos hoje, é muito das gerações passadas.

Nesse sentido, devemos refletir sobre nossos anseios atuais. Posto isso em cima, o quanto de nosso ainda é reflexo das memórias vivas medievais que se fazem presentes no cotidiano? Certamente com outros significados, nossa educação atual ainda carrega traços fortes daquele período, e merece uma atenção especial. Por mais que a religião não seja atualmente a solução para os problemas sociais, ainda carregamos essa herança religiosa que ainda se mantém na atualidade, mesmo que seja com outras conotações:

O profundo conhecimento do passado e das suas tradições – religiosas, culturais, políticas, sociais – não servem para a reprodução indefinida do presente, ou para adivinhação do futuro. O estudo da cultura permite o conhecimento do estado de geração das coisas, dando ao presente a historicidade que permite alimentar a convicção de que o futuro existirá, mas tal futuro é aquilo que os homens fazem por si mesmos. A experiência do passado é entendida por Vico como **patrimônio da memória**, algo que sofre seguidas transformação, alterando os significados originais e acrescentando conteúdos (GUIDO, 2006, p. 51, grifos nossos).

Concordamos com Guido (2006), que o passado não serve para a reprodução indefinida do presente, ou como alguns preferem, adivinhar o futuro. O passado simplesmente mostra que o presente não é aleatório, mas que a vivência em sociedade depende de como os homens se veem, e constroem suas relações sociais, o que acaba diferenciando ou aproximando de outras experiências passadas. O que diferencia os homens dos demais animais, é a faculdade de enxergar o futuro, ter na memória os perigos de suas ações. Pensar o passado como “patrimônio da memória”, é compreender que o passado está passível de novas interpretações, significados, é que pode se destacar como um passado vivo.

O tempo. O que seria esse tempo que tanto tentamos definir? Falamos em passado, presente e futuro. Quando falamos em passado, aquele próprio passado teve seu presente, mas também teve a mistura do passado. São tempos que se cruzam, tempos que se separam, tempos que permanecem. O passado não é presente, o presente não é passado, o futuro não é o presente. Mas o que registra? O que guarda? O porquê de algumas opções de registros serem mais importantes que outros? E porque falamos em memórias? No tempo, podemos observar como os fatos são fugidios, em contra ponto a memória é mais lenta, o passado existe sob forma de memória, esta atribui vários sentidos a vida. A tradição cristã guardou, preservou e recorda aquilo que realmente acha mais importante, e no cristianismo esse impacto é a salvação da alma, a mensagem da bíblica é um constante lembrar das ações aqui em baixo que modifica o comportamento do ser.

A compreensão sobre o passado extrapola nossa capacidade cognitiva. Há um apego pelo que já se foi, mas misteriosamente continua na história do homem, da sociedade, da nação. Existe um “fio” sensível que conduz uma espécie de “DNA” para outras gerações, e a preservação do código informativo sobre um determinado acontecimento permanece vivo seja pelo escrito, oral, material ou visual, simplesmente está guardado, reformulado, reinterpretado, reinventado, revivido, em construção, em rupturas ou talvez em continuidades.

Nas antigas civilizações nas quais os soberanos mandavam gravar na pedra os seus anais – de modo a eternizar a narrativa dos seus feitos – ou então nos gêneros historiográficos assemelhados às crônicas medievais, estaremos nos movimentando em algumas dessas fronteiras nas quais Memória e História parecem se intercalar. Mesmo com Heródoto, que vai muito além do mero registro de Anais e já se propõe a fundar um novo campo de saber e de investigação – sendo por isso considerado o pai da historiografia – a História parece nascer da Memória, ou ao menos se estabelecer no mundo grego umbilicalmente ligado a esta, já que o principal objetivo da História, conforme formulado por Heródoto, era evitar que fossem esquecidas “as grandes façanhas dos gregos e dos bárbaros”. Tratava-se de preservar aquilo que merecia ser lembrado daquele que parecia ser o destino comum a todas as coisas, que era ser apagado pelo Lethes, o “rio do esquecimento” (BARROS, 2007, p. 38).

Para compreendermos a palavra “memória”, precisamos nos desprender do conceito que possivelmente foi construído ao longo da nossa efêmera existência. Todos nós desde a infância ouvimos alguém dizer que fulano era “bom de memória”, “guarde isso na memória”, e aí por diante. Compreender esse termo é abrir mão de único conceito e da mecanização da memória. Nesse sentido, primeiro também é fundamental pensar o tempo “[...] o homem precisa compreender e, na medida de suas possibilidades, controlar o tempo. Passado, presente e futuro não são estanques e não se sucedem de maneira mais ou menos organizada e previsível” (OLIVEIRA; MENDES. 2016, p. 240).

Memória, na sua designação mais habitual, vulgar e cotidiana, corresponde muito habitualmente a um processo parcial e limitado de lembrar fatos passados, ou aquilo que um indivíduo representa como passado. Considera-se ainda – e sempre é bom frisar que logo estaremos submetendo estas significações de Memória a uma crítica e a uma problematização – que de um ponto de vista biológico a memória humana, seja a “memória recente” ou a chamada “memória permanente” que se localiza no hipocampo, corresponderia a um processo que não permite precisão, uma vez que envolve esquecimentos, distorções, reconstruções, omissões, parcialidades, hesitações. Há ainda uma significação vulgar que remete à Memória a uma categoria estática relacionada à imagem de depósito de dados. A Memória surge então como mera atualização mecânica de vestígios (BARROS, 2009, p. 39).

Atualmente, os novos estudos permitem superar a ideia da memória mecânica de vestígios, ou como algo que o homem só reproduz ou guarda na sua individualidade. Há um significado muito maior para palavra memória, que escapa a nossa discussão. Nesse sentido, podemos afirmar que a memória é a presença do passado, segundo Halbwachs, a memória individual é a mistura do vivido, ou seja, ela não é puramente individual, pois o indivíduo não está sozinho. Na perspectiva do autor toda memória é coletiva “[...] cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva” (HALBWACHS, 1994, p. 69). Esse é um ponto interessante, pois por mais que o indivíduo ache que tenha suas próprias recordações, ainda assim ele se apoiará em outras memórias, por exemplo, uma simples recordação da infância, estará misturada com outras memórias.

Assim, podemos dizer que cada indivíduo tem as suas particularidades, porém está inserido em um meio coletivo, em uma construção psíquica, mas jamais puramente individual. O indivíduo é produto do meio, ou seja, a memória individual e coletiva se complementam na ação realizada pelo grupo.

A construção da identidade está diretamente ligada à memória, já que tanto no plano individual quanto no coletivo ela permite que cada geração compartilhe com as outras, vínculos que passam de geração em geração sendo vivida no cotidiano de outro tempo, de outra sociedade. Os indivíduos, a sociedade, procuram preservar o passado, dar continuidade a algo já experimentado, já vivido, ou seja, reconstrói memórias.

O autor Patrick Geary (2006) afirma que poucas palavras no vocabulário medieval apresentam tantos significados como a palavra *memória*. É importante destacarmos aqui esses vários significados, para não cometermos o erro de tratar de uma única forma de se pensar a memória. Por que nossa constante preocupação com essa temática? Porque entendemos que a memória cristã é baseada no ato “lembrar” assim como colocar em prática o que lembrou.

Há algo que não pode ser esquecido no cristianismo, e toda a atmosfera cristã é marcada por feitos, exemplos que não podem ser esquecidos, mas antes pelo contrário, tem que passar pelo processo de compreensão, é uma constante do intelecto, o passado cristão estava no cotidiano medieval. Assim durante a Idade Média podemos pensar na memória laica, erudita, transcendente e no próprio esquecimento, por isso acreditamos que seja indispensável pensar o tempo, que na nossa sociedade está cada vez mais controlado.

O tempo na Idade Média, para Le Goff (2006), é o tempo de Deus e da terra, dos senhores e os que estão sujeitos ao senhorio. Depois o autor destaca o tempo das cidades e

mercadores. Uma das características do tempo cristão é pelo fato de ser um tempo sagrado, que vai da encarnação em direção a consumação e ao Juízo Final,

O tempo dirige-se para eternidade, que abolirá. Na idade Média o tempo, é o tempo da salvação. Este tempo que comporta dois outros tempos, o circular e o linear, também é para o homem, o tempo do destino, no qual alcançará a salvação eterna. É o tempo da memória que desenvolve as potencialidades do cristianismo como religião da memória-memória de Jesus, memória destes mortos modela que são os mártires e os santos (LE GOFF, 2006, p. 535).

A memória na Idade Média estava vinculada a religiosidade, o cristianismo é a religião da recordação. É sempre colocando o presente no passado e no futuro. Este porque prega que a qualquer momento poderia acontecer o juízo final e o passado porque deve-se lembrar sempre da mensagem da cruz. A representação é um dos elementos centrais no cristianismo, pois o que eles consideram como real é representado “A memória era a memória do pecado e de Deus, a memória como distração e como consciência, a ponte entre perfeição intemporal do Criador e a natureza temporal e múltipla da criatura humana imperfeita” (GEARY, 2006, p. 167). Esses elementos são indispensáveis para o homem manter a memória ativa, e sempre relembrar sobre as glórias do Paraíso e as penas infernais.

É importante ressaltar que no período medieval a “memória” tinha outras conotações, significados, assim nos centraremos na discussão sobre a memória cristã, pois a memória estava no centro do cristianismo “Sob numerosas formas, a memória estava no centro do cristianismo por meio de sua injunção eucarística: ‘Façam isto em minha memória’ (GEARY, 2006, p. 167). Nesse momento o cristão sempre remeteria ao passado, e lembraria o que Jesus Cristo fez na cruz.

É nesse sentido, que podemos pensar a eucaristia como um exemplo fundamental para compreendermos a memória no medievo, pois a mesma representava não só o ato de lembrar do passado, mas quebrava a barreira entre passado e presente, permitindo as vezes o cristão sentir que esta até mesmo revivendo passado.

A *memória litúrgica*, era aquela voltada para a memorização da liturgia e da comemoração por meio da liturgia dos vivos e mortos “A memória englobava toda comemoração ritual dos defuntos: procissões funerárias, aniversários de mortos, celebrações litúrgica dos mortos, fossem eles mortos comuns ou mortos ‘muitos especiais’, quer dizer os santos” (GEARY, p. 168).

Os monges¹ exerciam esse papel, por meio da oralidade. Isso não quer dizer que não se fazia uso de textos, que era importante para servir como lembrete (na execução das músicas) e recitar os nomes dos defuntos “A memória monástica não era passiva mas ativa: ela selecionava, corrigia e reinterpretava constantemente o passado em função das necessidades do presente” (GEARY, 2006, p. 171). Reinterpretar o passado em função do presente é uma parte importante da memória. Oliveira afirma que:

[...] foi o cuidado com que os monges se dedicaram à preservação dos conhecimentos antigos por meio do trabalho dos copistas. Essa preocupação foi essencial à conservação das obras grecolatinas, mas, fundamentalmente, despertou o espírito da leitura, da escrita, da preservação da língua latina (OLIVEIRA, 2008, p. 213).

A pregação que para muitos pode parecer algo repetitivo ou enfadonho. Teve uma representatividade enorme para o povo medieval. O sermão que podia durar de dez minutos ou duas horas, tinha um poder educativo, pois representava algo vivido e vivo. Essa mensagem do evangelho tinha um impacto do letrado ao analfabeto. Como Ressalta Jean Lauand (2013) do camponês, analfabeto ao trabalhador mais rústico, era possível encontrar na Igreja a abertura da alma.

A memória, especialmente a oral, é a forma de os homens preservarem seus conhecimentos e a própria palavra sagrada. Neste sentido, a linguagem e a memória se constituem em requisitos básicos para a conversão ao cristianismo. Contudo, estas qualidades, se assim podemos nos expressar, são inatas ao homem, ou seja, eles já nascem com a linguagem e com a capacidade de conservação, por meio da recordação, das lembranças que o tornam pertencente a uma dada comunidade. Ao menos em tese, isto é um fato dado historicamente (OLIVEIRA; VITORETTI, 2007, p. 03).

O sermão era considerado como um meio para instrução dos leigos. É por volta dos séculos XIII e XIV que há uma emergência de uma pregação popular, uma mensagem direcionada ao povo, diferente daquela dos séculos V ao X, que se direcionava mais aos clérigos (POLO DE BEALIEU, 2006, p. 367).

Por isso muitos sabiam os sermões de cor. Memorizar fazia aquele homem e mulher lembrar. O clero sabia muito bem a importância da memória. A ligação com passado era

¹ “O mosteiro foi o primeiro espaço de organização e preservação dos saberes na Idade Média. Eles salientam que a concepção que temos de um local especialmente destinado à sistematização do ensino e do conhecimento nasceu da ideia cristã de evangelização presente no mosteiro e nas escolas cristãs dessa época. Afiançam que a palavra escolar e deu origem não só a escola, mas que o conceito filosófico que norteou o ensino, ao longo do medieval, deriva matização do conhecimento. Em razão disso recebeu o nome de Escolástica” (OLIVEIRA, 2008, p. 211).

muito forte. Um passado que deveria ser lembrado e comemorado. É claro que havia uma seleção do passado, esse passado não era aleatório, ele passava por uma seleção, tinha o que realmente era digno de ser lembrado. A técnica mnemônica era utilizada pelos pregadores, que perceberam a necessidade de memorizar palavra por palavra, reorganizar os dados.

Segundo Le Goff (1994, p. 446), “a memória cristã se manifesta essencialmente na comemoração de Jesus, anualmente na liturgia que o comemora do Advento ao Pentecostes, por meio dos momentos essenciais do Natal”. Para o mesmo autor, “as numerosas representações do Inferno, do Purgatório e do Paraíso, que devem ser vistas na maioria das vezes como ‘lugares de memória’, cujas divisórias lembram as virtudes e os vícios” (LE GOFF, 1994, p. 434).

Os homens medievais se apropriaram do passado, e isso fica claro no aspecto religioso, para construir o presente daquela sociedade (OLIVEIRA, 2009). Esta presença do passado no presente é perfeitamente identificável na obra de Lull que apresentava a constante necessidade da *preservação do passado bíblico*, que era revivido e incorporado no presente. (LE GOFF, 1994). “A memória do passado esteve tão presente no passado medieval” (OLIVEIRA, 2009, p. 686). Era possível “reviver” o passado contido na Bíblia.

Para Ricardo da Costa, a Idade Média é um tempo que colocou a memória como uma das funções da alma, um tempo que realçou a memória como fundamento do conhecimento, um tempo que dignificou a memória como a posse do bem, aos preceitos do cristianismo. A Idade Média legou ao ensino a necessidade de se saber de memória o que se aprendia. “Nesse tempo, saber era saber de cor, com o coração” (COSTA, 2006, p. 15).

O que é memória? A *memória* é um glorioso e admirável dom da natureza, pelo qual recordamos as coisas passadas, compreendemos as presentes e contemplamos as futuras, por meio de sua semelhança com as coisas passadas. O que é a *memória natural*. A memória natural provém apenas do dom da natureza, sem qualquer ajuda artificial. O que é a memória artificial. A *memória artificial* é auxiliar e assistente da memória natural, e a chamamos “artificial” devido ao termo “arte”, porque ela é encontrada artificialmente, pela sutileza da mente (YATES, 2007, p. 82).

Recordar o passado, leva a coletividade a práticas, e uso da memória natural e artificial. Quando refletimos sobre as práticas religiosas, podemos perceber um espírito de coletividade que impulsiona os homens a irem e realizarem práticas, com significados específicos a eles. Não é tão difícil discutir sobre práticas religiosas, quando olhamos para o nosso país, o Brasil, católico, de grandes devoções. Quantas vezes ligamos os noticiários e observamos procissões, pessoas que viajam para outros lugares para agradecer por uma benção recebida; isso não é

individual, há um imaginário coletivo que compreende aquela ação, é a busca pelo sagrado, do sobrenatural, é um peregrino diante de uma prova espiritual (SOT, 2006).

Para Sot (2006), a peregrinação² no Ocidente medieval, embora tivesse um lugar onde se pretendia chegar, requeria um esforço, era muito mais direcionada aos percalços, ou seja, possibilitava ao indivíduo, preocupado no esforço físico do caminho, distanciar-se daquele cotidiano e oferecia um pouco de conforto para um mundo desconhecido, almejando chegar no lugar físico e espiritual. Na Idade Média, alguns lugares receberam tamanha importância: “[...] vai-se em peregrinação para junto de Santiago, em Compostela, dos apóstolos Pedro e Paulo, em Roma, de Nossa Senhora, Rocamadour” (SOT, 2006, p. 353).

Nesse sentido, ir a determinados locais, considerados sagrados, mexe completamente com o homem do medievo, há uma motivação comum para aquele coletivo de pessoas que alimentam a sua fé, a crença, diante de um imaginário profundamente religioso.

Conforme Adriana Zierer (2013), visitar esses locais considerados como santos, era um meio eficaz para conquistar a salvação. Nessa caminhada era possível encontrar materiais dos santos, como pedaços da cruz e outras relíquias. O cristão era colocado à prova, passava por trajetos inseguros, era a certeza de ir, mas talvez nunca mais voltar, pois a pessoa poderia sofrer as dores até chegar a morte, assim como tantos outros mártires.

O que se espera da peregrinação? “O perdão dos pecados e a cura de seu corpo”. O peregrino trilhava por um caminho que não era fácil, com muitos obstáculos, e sofrimentos corporais, recordando que Cristo também sofreu. Chegar ao lugar desejado, tocar a estátua, o túmulo, é encontrar na fé uma realidade transcendente (SOT, 2006). É ter contato com as memórias que permanecem nesses objetos, que de alguma forma evocam o passado, recordam de algo com significado, que impulsionam a memória coletiva e individual.

De modo primordial destacamos que a memória ganhou ampla importância nos diversos ramos do saber, desenvolvendo a possibilidade de resgatar o passado por outros meios, visto que a memória resgata, inventa, reinventa, reflete, dar voz aos excluídos e traz outras possibilidades para compreender o presente, que vive em torno do que fomos e seremos. “O cérebro não deve, portanto ser outra coisa que não uma espécie de central telefônica: seu papel é efetuar a comunicação, ou fazê-la guardar” (BERGSON, 1999, p. 26).

² A peregrinação cristã enfatiza mais a pessoa que se pretende encontrar do que o lugar em que ela está: Cristo na Terra Santa, Pedro e Paulo em Roma, Tiago, o maior, em Compostela, ou Maria Madalena em Sainte-Baume (SOT, 2006, p. 355).

Dessa forma, entendemos a memória como um elemento que vai além da biologia, de um passado estático, mas a memória se cruza com outras temporalidades, circunstâncias, lembranças que são acionadas em algum momento. Vivemos um presente recheado de recordações. O que seria recordar? Por que necessitamos disso no nosso cotidiano? A vida passa, o tempo também, mas o passado acompanha o presente. A pluralidade da duração não tem nem o mesmo ritmo, nem o mesmo encadeamento. Nossa duração é marcada por novidades, espantos e rupturas.

A memória é, em parte, herdada, não se refere á vida física da pessoa. A memória também sofre flutuações que são função do momento em que ela é articulada em que ela está expressa. As preocupações do momento constituem um elemento de estruturação da memória. Isso é verdade também em relação a memória coletiva, ainda que esta seja bem mais organizada. (POLLAK, 1992, p. 204).

Entendemos o presente como uma construção a partir do passado. A preservação do vivido pode ser notado em cada fase da vida quando recordarmos. A literatura e memória traz uma possibilidade brilhante que é o jogo entre lembrar e esquecer, são imagens elaboradas a partir de uma memória coletiva, de grupos sociais, do real ao irreal, dos sonhos, dos desejos, do vivido e não vivido, e mais importante ainda, com a identidade de determinados grupos.

Para Halbwachs, a memória individual é resultado do processo coletivo de outras memórias, que estão em transbordamentos e retraimento. Resgata-se o passado por meio de várias memórias, da memória coletiva. Por mais que um indivíduo tenha vivido sozinho uma determinada experiência, a memória é coletiva, ou seja, o indivíduo nunca está sozinho, cada experiência é marcada pelo grupo que o indivíduo faz parte. Toda imagem é interior a certas imagens e exterior a outras; mas do conjunto das imagens não é possível dizer que ele nos seja interior ou que nos seja exterior, já que a interioridade e a exterioridade não são mais que relações entre imagens (BERGSON, 1999).

O processo da construção da memória supera nossa concepção de linearidade, espaço temporal, e como as recordações da infância são sempre reconstruídas e ganham novos significados de acordo com as novas roupagens do presente. Muitas vezes esperamos por uma sequência cronológica, linear, porém percebemos que a descontinuidade, o tempo não é único, mas plural. As lembranças muitas vezes estão impregnadas do passado/presente.

Todas as fases da vida marcam a existência, mas a infância é uma das etapas da vida que acompanha as demais. São experiências passadas, que marcam a vida pelas mudanças, rupturas e continuidades. O passado é, sem dúvida, armazenado e a qualquer momento pode

voltar com uma nova abordagem, são recordações que abrem janelas fechadas proporcionando tristezas e alegrias. Armazenar as vivências é característico de todo ser humano. O cérebro funciona tanto como instrumento de análise quanto da seleção, porém delega à percepção a capacidade de orientar para ação toda percepção está impregnada de lembranças. (BERGSON, 1999).

A lembrança nunca está sozinha. Como afirma Halbwachs que homem para evocar seu próprio passado, tem a necessidade de recorrer às lembranças de outros, ou seja, a memória por mais individual que seja, nunca está sozinha e isolada. Quando olhamos para o passado levamos dados do presente.

Quando paramos para discutir a relação passado-presente, presente-passado, as influências que marcam nossa concepção de mundo, encontramos um elemento fundamental que é a memória:

Como penetrar no terreno da memória? É evidente que não se trata da memória que havia sido censurada por Descartes, não se trata de memória enquanto técnica escolar, cuja a finalidade é apenas a fixação de fatos segundo as conexões arbitrárias da arte mnemônica. A memória para Vico é a mentalidade comum da humanidade que promove a imanência do passado no presente, preservando os valores sociais que sustentam a sociedade humana, assim como os mitos gregos sustentaram por um determinado período a sua sociedade. Os resíduos das fábulas gregas permaneceram durante a fixação da sociedade mediterrânea, adentraram o Império Romano e influenciaram o Cristianismo, até sedimentarem a nova cultura ocidental (GUIDO, 2006, p. 45).

O terreno complexo da memória, tem sido objeto de estudo não só na contemporaneidade, mas perpassou o tempo, assim como a função da mesma é essa, promover a imanência do passado no presente. A memória guarda, preserva e reconstrói, e está presente nas sociedades humanas, embora seja complexa, o uso do passado no presente é sempre uma mola condutora para o futuro.

A palavra memória quando já destacamos a cima, pode ter inúmeros conceitos. Mas uma certeza temos ela é uma peça fundamental na construção da relação da sociedade com mundo, do mundo com a sociedade.

Uma sociedade que põe ao largo a memória é o mesmo que um homem **que se esquece de que, quando se coloca a mão sobre o fogo, sempre se obtém queimaduras, independentemente de quem seja.** E essa situação é ainda mais preocupante quando somos nós, professores e alunos da Universidade, que solapamos a memória em favor de interesses particulares. Sob este aspecto é preciso considerar que o reducionismo teórica e moral

não era marca do intelectual medieval, assim como não deve ser a dos intelectuais contemporâneos (OLIVEIRA; MENDES; SARTRI, 2017, p. 247, grifos nossos).

Concordamos com os autores acima, que a memória é também poder usada para outros fins. Como as autoras destacaram que muitas vezes faz-se o uso da memória para solapar em interesses particulares. Por isso é importante até mesmo saber para qual uso a mesma está sendo feita. É interessante quando a compara que uma sociedade sem memória, sem dúvida, esquece de detalhes fundamentais para a mesma evite erros, ou despreze o que é tão fundamental para continuidades ou rupturas necessárias.

Não há uma previsão temporal que encaixe perfeitamente os fatos no seu tempo como uma historinha escrita com começo, meio e fim. Pensar uma sociedade, ou pelo menos parte dela, é ir a fundo em todas suas estruturas, sem menosprezar uma. É entender que os homens simplesmente viveram suas vidas pautados em um conjunto de atribuições internas e externas que estabeleceram uma perspectiva de mundo, que formam identidades.

A *Doutrina para Crianças* mostra uma memória diretamente voltada para salvação. A obra foi escrita pelo filósofo Ramon Llull, dedicada ao seu filho, pois o mesmo entendia que na infância a mensagem poderia ser mais bem apreendida. Esta obra é considerada como um dos primeiros manuais pedagógicos, que ditam regras de como cristãos para manter um comportamento pautado nos princípios do cristianismo. Assim quanto mais cedo a educação fosse trabalhado no indivíduo mais lapidado ele seria.

Para Bergson, os sentidos são acionados, “os psicólogos que estudaram a infância sabem bem que nossa representação começa sendo impessoal. Só pouco a pouco, e força de induções adota nosso corpo por centro e tona-se nossa representação” (BERGSON, 1999 p. 46). Para o mesmo autor, a percepção está inteiramente impregnada de lembranças, a consciência seria a responsável por trazer à tona a lembrança existente como latência, a memória presente no inconsciente, é o presente que faz o apelo a respostas encontradas nas lembranças. É possível encontrar um grande número dessas correntes antigas que haviam desaparecido somente na aparência. “[...] a lembrança é uma imagem engajada em outras imagens, uma imagem genérica que reporta ao passado” (HALBWACHS, 2006, p. 75).

O autor Yates (2007) afirma que a impressão “na memória de imagens de virtudes e vícios, tornadas vívidas e impressionantes segundo as regras clássicas, como ‘signos mnemônicos’ para ajudar-nos a alcançar o Céu e evitar o Inferno [...] que são considerados como lugares de memória” (YATES, 2007, p. 85).

Pierre Nora (1993) chama de “lugares de memórias”, a memória segundo Nora, é uma tradição definidora, é dinâmica, Se as lembranças realmente fossem vividas, não seria necessário a memória, e os lugares de memórias precisam de um significado, por isso ao lermos um dos capítulos do livro, o narrador sempre está recordando de lugares que o marcaram que tem significado na sua história de vida, algo que religue a memória ao passado. A necessidade do passado se mostra latente por meio da busca pela memória.

Para Pollak (1992, p. 203), além dos “acontecimentos e das personagens, podemos finalmente arrolar os lugares. Existem lugares da memória, lugares particularmente ligados a uma lembrança, que pode ser uma lembrança pessoal, mas também pode não ter apoio no tempo cronológico”. São lugares que têm significados, é importante ressaltar que nem todo lugar possui uma memória, pode ser, por exemplo, um lugar de férias na infância, que permaneceu muito forte na memória da pessoa, muito marcante, independentemente da data real em que a vivência se deu. Na memória mais pública, nos aspectos mais públicos da pessoa, pode haver lugares de apoio da memória, que são lugares de comemoração.

O indivíduo não tem total controle sobre suas memórias, elas podem retornar sem serem desejadas, assim como ser desaparecida sem opção de lembrar. Alguns estímulos também reaparecem muito fortes, quebrando barreiras, mexendo na consciência do indivíduo, o passado voltando em flashbacks. A lembrança é em larga medida uma reconstrução do passado com a ajuda de dados emprestados do presente, e, além disso, preparada por outras reconstruções feitas em épocas anteriores e de onde a imagem de outrora manifestou-se já bem alterada (HALBWACHS, 2006).

Superar a inadmissível avaliação da memória como mero depósito de dados e de informações relativas à coletividade ou à vida individual, devemos pensar na Memória como instância criativa, como uma forma de produção simbólica, como dimensão fundamental que institui identidades e com isto assegura a permanência de grupos. A Memória, portanto, já não pode mais nos dias de hoje ser associada metaforicamente a um “espaço inerte” no qual se depositam lembranças, devendo ser antes compreendida como “território”, como espaço vivo, político e simbólico no qual se lida de maneira dinâmica e criativa com as lembranças e com os esquecimentos que reinstituem o Ser Social a cada instante (BARROS, 2009, p. 37).

O interessante é pensar no que foi preservado do passado, que fez parte da experiência humana, e o que se faz com isso. Ou seja, é pensar o que grupos fazem do passado. Por isso a memória é sempre ressignificada, porque vai ganhando novas conotações. Assim, o cristão pode aproximar-se de Deus e esperar reunir-se a ele, aqui em baixo, neste concentrado de

tempo que é “instante” e, depois, no fim dos tempos, na eternidade” (LE GOFF, 2006, p. 531).

1.2-A Memória para Santo Agostinho, Tomás de Aquino e Ramon Llull

Na atualidade, há uma desvalorização significativa da memória, mas para alguns autores antigos como Agostinho, Tomás de Aquino e próprio Ramon Llull, estes reconheciam a memória como uma peça fundamental dos seres humanos. Para eles servia não só para a memorização ou o simples ato de lembrar, mas era a base do relacionamento do ser humano com a vida, com a realidade.

1.2.1-Memória em Agostinho

Cheguei assim diante dos campos, **dos vastos palácios da memória**, onde estão os tesouros de inúmeras imagens trazidas por percepções de toda espécie. Lá também estão **armazenados todos os nossos pensamentos**, quer aumentando, quer diminuindo, ou até alterando de algum modo o que nossos sentidos apanharam, e tudo o que aí depositamos, se ainda não foi sepultado ou absorvido no esquecimento. **Quando ali penetro, convoco todas as lembranças que quero. Algumas se apresentam de imediato, outras só após uma busca mais demorada, como se devessem ser extraídas de receptáculos mais recônditos.** Outras irrompem em turbilhão e, quando se procura outra coisa, se interpõem como a dizer: “Não seremos nós que procuras?” Eu as afasto com a mão do espírito da frente da memória, até que se esclareça o que quero, surgindo do esconderijo para a vista. Há imagens que acodem à mente facilmente e em seqüência ordenada à medida que são chamadas, as primeiras cedendo lugar às seguintes, e desaparecem, para se apresentarem novamente quando eu o quiser. É o que sucede quando conto alguma coisa de memória (AGOSTINHO, 1999, p. 95, grifos nossos).

Nessa citação, podemos ver claramente como Agostinho fala do esquecimento, lembranças, como algo complexo da mente humana, introduzidos na memória, onde estão armazenados os pensamentos e ao mesmo tempo quando são convocados há uma seleção do que se quer lembrar e nem sempre é tão simples, algumas lembranças são mais demoradas. As reflexões sobre a memória são de extrema importância na concepção de Santo Agostinho, pois a memória ocupa um lugar de autoconhecimento e reflexão no homem, ou seja, para Agostinho o ato de lembrar é um exercício constante. Algumas lembranças vêm logo, outras somente por meio de uma busca mais demorada. Assim, afirma nas *Confissões* “não são as coisas em si que entram na memória, mas as imagens das coisas sensíveis, que ali ficam à disposição do pensamento que as evoca” (AGOSTINHO, 1999, p. 96).

Para ele, não era as coisas que ficavam dentro do homem, mas apenas imagens acionadas, e essas imagens deveriam ter algum significado, só sendo reproduzidas por meio da lembrança. Por exemplo, “como o alimento, que perde o sabor no estômago, mas o conserva na memória; ou como um corpo que se sente pelo tato e que, ausente, é imaginado pela memória. Todas essas realidades não nos penetram a memória, mas tão somente são captadas as suas imagens” (AGOSTINHO, 1999, p. 32). A lembrança para Agostinho desempenha um papel importante, pois sem ela a memória não faria tanto sentido, visto que a mesma as coisas não são penetradas, mas o que fica são apenas as imagens que em algum momento serão acionadas por meio da lembrança.

É importante pensar qual impacto da palavra? Do sermão? Do escrito? Da Imagem? Na construção da identidade daquele homem e mulher medieval. Desta forma alguns educadores, pensadores, pregadores da época, que na “árdua e prazerosa” tarefa educadora, penetravam na memória dos ouvintes.

Devemos levar em consideração que na época a escrita e a leitura atingiram um número reduzido de pessoas, e a memória, portanto, era o principal instrumento para quem queria aprender (LAUAND, 2013). “A memória é, para S. Agostinho, a primeira realidade do espírito, a partir da qual se originam o pensar e o querer; e assim constitui uma imagem de Deus Pai, de quem procedem o Verbo e Espírito Santo”. (PIEPER apud LAUAND, 2013, p. 10).

A reflexão sobre a memória na concepção agostiniana é bastante significativa para compreendermos como se pensava a memória na Antiguidade tardia. Calcado na contínua referência escriturística, Agostinho punha a forma a serviço dos fins pedagógicos-catequéticos, portanto, da memória, que alimentaria a inteligência, a conduta moral, e a vida interior dos fiéis durante aquela semana, no trabalho, na vida familiar etc (LAUAND, 2013).

Santo Agostinho é considerado o fundador da memória medieval. “A memória estava no centro da psicologia agostiniana, que considerava que a inteligência humana era composta de *intelligentia*, de *amor* e de *memória*” (GEARY, 2006, p. 167). É interessante notarmos como a memória para Santo Agostinho fazia parte da Inteligência humana, era uma faculdade mental. A questão central, na proposta Agostiniana sobre a memória, é levar em consideração a relação entre o mundo, o homem e Deus. A memória é reflexo da própria Trindade. É pensar como a alma humana reflete a imagem de Deus. De acordo com Geary, sobre o pensamento agostiniano:

A memória é o primeiro elemento da trindade psicológica, os dois outros sendo a *intelligentia* e o *amor* ou a *voluntas*. A memória é a ao mesmo tempo a consciência do mundo exterior, do sujeito que rememora a Deus. Ela corresponde, portanto, à primeira pessoa da Trindade. A *intelligentia* provém da memória e corresponde à segunda pessoa, o Filho, gerado pelo Pai. O amor ou voluntas, impossíveis sem consciência nem pensamento, ligam as duas e correspondem ao Espírito Santo, terceira pessoa da Trindade. A memória representa para Agostinho a maior faculdade intelectual e a chave da relação entre Deus e o homem (GEARY, 2006, p. 167).

O projeto de Agostinho era lembrar ao homem a importância da mensagem cristã, por isso fez tanto o uso da pregação, pois queria ensinar e evangelizar aquele por meio do ideal cristão. Como ele destaca, a memória era maior faculdade intelectual e abertura para uma relação profunda com Deus “No seu discurso estava contido um projeto social de construção de relações sociais pautadas no ideal salvacionista cristão”. Seu discurso visava que o homem aprendessem a mensagem bíblica contida em seus sermões e seus escritos. “Isso é um fato histórico inegável que propiciou a conservação dos escritos antigos, da preservação de um modo de pensar que estava na eminência de desaparecer”. (OLIVEIRA, 2012, p. 90). Como afirma Agostinho:

Guardo em minha memória, assim como o modo pelo qual o aprendi. Também guardo na memória as muitas argumentações infundadas que ouvi contra essas verdades. Essas objeções sem dúvida são falsas, mas não é falso recordá-las. E lembro de ter sabido distinguir entre essas verdades e os erros que se lhe opunham. Vejo agora que uma coisa é essa distinção, que faço hoje, e outra o recordar ter feito muitas vezes tal distinção, ao considerá-las. Lembro-me, portanto, de ter muitas vezes compreendido isso, e confio à memória o ato atual de distingui-las e compreendê-las, para me lembrar, mais tarde, de que hoje as compreendi. Lembro-me então de que me lembrei; e se mais tarde lembrar de que agora pude recordar essas coisas, será ainda por força da memória (AGOSTINHO, 1999, p. 98).

Santo Agostinho considerava que se guardava na memória, o que se aprendia com a educação. Compreender era ato de levar o indivíduo a distinguir o certo do errado. Se não fosse por meio da memória, logo o que se aprendia poderia ser facilmente esquecido. Até a própria dor se torna uma imagem da dor, caso o indivíduo não soubesse o que dor, não saberia distinguir o que é do ou ausência da mesma “Evoco uma dor do corpo, que está ausente de mim, já que nada me dói. Contudo, se a Imagem da dor não estivesse em minha memória, não saberia o que dizia, e ao raciocinar não a distinguiria do prazer” (AGOSTINHO, 1999, p. 99).

Santo Agostinho destaca no livro das *Confissões* que,

Se alguma coisa desaparece de nossa vista, e não da memória – como sucede com um corpo visível – conservamos interiormente sua imagem e o procuramos até que apareça a nossos olhos. Quando for encontrado, será reconhecido de acordo com essa imagem interior. Não podemos dizer que encontramos um objeto perdido se não o reconhecemos; nem o podemos reconhecer se dele não lembramos. Tinha pois desaparecido da nossa vista, mas era conservado pela memória (AGOSTINHO, 1999, p. 100).

A memória estava, assim, intimamente associada à inteligência, pois se o discípulo não fosse capaz de reproduzir o que havia aprendido, ele, de fato, não aprendera (COSTA, 2007, p. 3). Era nesse sentido que o “mestre de Gramática indicava ao discípulo o caminho correto da leitura, quais os elementos a serem destacados, analisando-os pouco a pouco para, a seguir, fazê-los memorizar o conteúdo com exercícios”. E tudo isso para se chegar à Sabedoria (COSTA, 2007, p. 03), e evitar o que Agostinho intitulou como *prisioneiro da morbidade da carne* “contudo, eu estava longe dessa grandeza de alma. Prisioneiro da morbidade da carne, arrastava com prazer mortal minha cadeia, temendo que ela se rompesse e, rejeitando as palavras que bem me aconselhavam, como o ferido repele a mão que lhe desfaz as ataduras” (AGOSTINHO, 1999, p. 55).

Por isso, aprender significava colocar em prática a partir do que se compreendeu. O cristão precisava entender a mensagem, e fugir das consideradas tentações da carne. Por isso a memória era tão importante, pois nela estaria registrado o que poderia e não fazer, sendo que o necessário estaria conservado na memória.

Quero recordar minhas torpezas passadas e as degradações carnis de minha alma, não porque as ame, mas por te amar, ó meu Deus. É por amor de teu amor que o faço, **percorrendo com a memória amargurada**, aqueles meus perversos caminhos, para que tu me sejas doce, doçura sem engano, ditosa e eterna doçura. Resgata-me da dispersão em que me dissipai quando, afastando-me de tua unidade, me desvaneci em muitas coisas (AGOSTINHO, 1999, p. 13, grifos nossos).

Santo Agostinho ao lembrar de sua adolescência, deseja recordar de suas ações passadas consideradas negativas, não porque delas tenha saudades, mas para lembrar de uma passado que ele não queria mais, evitar cometer os mesmos erros. Fala de uma memória amargurada, por considerar seus caminhos passados como perversos. Para esse autor a memória serve como meio de armazenar as informações, e sempre que for preciso ir lá e recorrer a elas “[...]à medida que são chamadas, as primeiras cedendo lugar às seguintes, e desaparecem, para se apresentarem novamente quando eu o quiser. É o que sucede quando conto alguma coisa de memória (AGOSTINHO, 1999, p. 195).

Ali se conservam também, distintas em espécies, as sensações que aí penetraram cada qual por sua porta: a luz, as cores, as formas dos corpos, pelos olhos; toda espécie de sons, pelos ouvidos; todos os odores, pelas narinas; todos os sabores, pela boca; enfim, pelo tato de todo o corpo, o duro e o brando, o quente e o frio, o suave e o áspero, o pesado e o leve, quer extrínseco, como intrínseco ao corpo. A memória armazena tudo isso em seus vastos recessos, em suas secretas e inefáveis sinuosidades, para lembrá-lo e trazê-lo à luz conforme a necessidade. Todas essas imagens entram na memória por suas respectivas portas, sendo ali armazenadas (AGOSTINHO, 1999, p.96).

Agostinho chama a atenção para a complexidade da memória, fala até de suas *secretas e inefáveis sinuosidades*, em outras palavras, a memória armazena de forma misteriosa, todos os sentidos humanos, o que se vê, cheira, ouve, toca. Podemos, assim, afirmar que somos aquilo que recordamos, ou seja, o que foi aprendido, e armazenado na memória, que na hora oportuna a pessoa lembra e evita cometer certas atitudes pautadas na experiência acionada pela lembrança armazenada na memória.

1.2.2-Memória em Tomás de Aquino

Para Santo Tomás de Aquino, as cinco faculdades da alma são: *sensus communis*, *phantasia imaginativa*, *aestimativa* (ou *cognitiva*) e *memorativa*. O poder cognitivo age sobre os fantasmas armazenados para produzir recordações. No entanto, Santo Tomás de Aquino crê que os humanos podem conservar não só a imagem mental de certos objetos sensoriais, mas também recordações de conceitos emanados anteriormente destas imagens mentais. Isto permite ao homem conservar lembranças sobre as quais o espírito pode formular julgamentos (GEARY, 2006, p. 178, grifos do autor).

Como nosso objeto de estudo é compreender a educação medieval a partir da perspectiva luliana, achamos de extrema importância discutir o que São Tomás de Aquino, que era seu contemporâneo, discutia sobre a memória. Para Aquino o ser humano tanto conserva como recorda aquilo que já se materializou, ou seja, visto as especificidades de seu tempo, a memória se preservou na escrita, nas pinturas, nos monumentos e jograis (OLIVEIRA, 2012, p. 124).

Segundo Terezinha Oliveira (2012), para Tomás de Aquino a memória faz parte tanto do intelecto como da matéria.

No intelecto, existe enquanto imagem, pois é a capacidade cognitiva do homem que faz com ele lembre e, ao mesmo tempo, reproduza o acontecimento passado na sua mente. Ressaltemos uma questão importante

acerca da ideia de imagem. Hoje, quando falamos de imagem nos vem a mente a imagem material de algo, de uma pintura, de uma construção, de um episódio histórico, como a revolução Francesa, por exemplo, **mas para o homem medieval, imagem estava também vinculada à imaginação que se criava das coisas. Aliás, o homem medieval foi, sempre, carregado de imagens mentais, especialmente as concernentes a fé** (OLIVEIRA, 2012, p.124-125, grifos nossos).

Aqui destacamos como a memória no século XIII, era vista como um elemento do intelecto humano, ou seja, a capacidade essencial do homem de “lembrar”, “arquivar”, “reproduzir”, algo que foi fixado na mente. Nesse sentido vemos a importância da “memória” no processo do ato de educar, ou incitar o indivíduo ao conhecimento, à reflexão, e a própria certeza de quem é Deus para aquele homem “a memória enquanto elemento intelectual e material somente existe no sujeito histórico homem, nos demais animais, existe apenas sob o aspecto sensitivo” (OLIVEIRA, 2013, p. 125).

Tomás de Aquino chama atenção para o fato de que somente o homem, pela sua memória intelectual é capaz de estabelecer a noção de temporalidade, ou seja, passado, presente, futuro. É por possuir memória que o homem pode construir, conservar e se situar no tempo. Do ponto de vista do mestre dominicano, ela faz com que nos lembremos das ações humanas, que são sempre acidentais. O homem, pela memória, conserva o passado, produz o conhecimento e as suas ações do presente construirão a história do futuro (OLIVEIRA, 2006. p. 23).

Conservamos na memória as coisas que vimos primeiro. Ora, São Paulo, vendo num raptó a essência de Deus, como diz Agostinho, recordava-se, depois de acabada a visão, de muitas coisas que nela vira; e, por isso, ele mesmo diz (2 Cor 12, 4) que ouviu lá palavras secretas que não é permitido a um homem referir. Logo, é forçoso admitir que no seu intelecto permaneceram certas semelhanças das coisas de que se recordava. E, pela mesma razão, quando contemplava presencialmente a essência de Deus, tinha certas semelhanças ou espécies das coisas que nela via (TOMÁS DE AQUINO, 2017, Trat. Deo. Uno Q.12, art. 10, p. 193).

Para esse mestre, a memória registra as vivências humanas, e as causas passadas interligam-se com as presentes. Conserva-se na memória o viú, depois recorda-se o ficou gravado no intelecto. Para Tomás de Aquino, na memória se conserva o feito, foi dada pelo próprio Deus para guardar seu amor, uma potência que existe na parte intelectual da alma, que guarda o passado e traz ao presente quando necessário a lembrança. Para o Aquinense a memória é “uma potência ou capacidade própria da natureza intelectual humana, pela qual o

intelecto aprende, conserva e recorda algum conhecimento passado” (FAITANIN, 2006, p. 125).

Aqui abrimos um parêntese só para enfatizar que memória vai além de um simples debate, mas ela parece estar nos mais variados meios do conhecimento, e na preservação de outros saberes. Nesse sentido, achamos interessante um artigo intitulado *Memória de Tomás de Aquino por seus Pares: A Importância e sentido de Ser Mestre*, no qual a autora Oliveira (2006) problematiza a importância da preservação da memória no momento posterior a morte de Aquino, este registro foi feito por meio de uma carta, que indica tanto a memória individual (por tratar de Santo Tomás de Aquino) como coletiva (por representar a comunidade da Universidade).

O próprio Tomás de Aquino está inserido na memória, pois foi um mestre de contribuições notáveis no período medieval. Oliveira (2012) destaca ao analisar uma carta contida no *chartularium Universitatis*, que tinha como objetivo preservar as memórias de Aquino para comunidade universitária “é o grupo que conviveu com o mestre dominicano e sabe da importância dele para a manutenção da religiosidade e do conhecimento no seio da Universidade” (OLIVEIRA, 2012, p. 94).

Há um apego a pessoa de Santo Tomás de Aquino, e a necessidade de não deixar esquecer o trabalho que foi realizado pelo mesmo “[...] tentam manter perto de si, os restos mortais e os escritos que ainda não possuíam. Nesse sentido, é porque lembram das aulas, do seu comportamento e de seus escritos que querem mantê-lo junto deles, pois ele faz parte da Universidade” (OLIVEIRA, 2012, p. 94). Foi nas Universidades que se preservou e (re)criou-se o conhecimento. Oliveira (2012) ressalta que as mesmas podem ser consideradas como patrimônio histórico do Ocidente, que contribuíram para a formação da nossa identidade social.

O conhecimento foi aprimorado na época da escolástica, foi um momento onde a Memória ganhou um novo repertório, visando a rememoração do saber. Os grandes temas eram a doutrina cristã e o ensino da moral, a complexidade aumentou, pois o esquema dos vícios e virtudes ficaram mais organizados e detalhados “O homem moral que desejasse seguir o caminho da virtude, lembrando-se do vício e evitando-o, teria mais coisas a gravar na memória do que em tempos anteriores menos complexos” (YATES, 2007, p. 114).

O esforço dominicano de aprendizado para reformar a pregação é paralelo ao grande esforço filosófico e teológico dos professores dessa Ordem. A obra *Summae* de Alberto Magno e de Tomás de Aquino fornece as

definições filosóficas e teológicas abstratas e, no domínio da ética, os claros enunciados abstratos, como, por exemplo, as divisões das virtudes e dos vícios em suas partes. Mas o pregador precisava de outro tipo de Summae para ajuda-lo, Summae de exemplos e similitudes graças aos quais pudesse encontrar facilmente formas corporais que revestisse as **intentiones espirituais que desejavam imprimir nas almas e memórias de seus ouvintes** (YATES, 2007, p. 114, grifos nossos).

A pregação tinha como objetivo inculcar as bases cristãs, a ética, mostrar o que eram os vícios, as virtudes, assim como falar a respeito das recompensas e punições. O próprio pregador tinha que memorizar tudo. Nesse sentido, o homem deve se dispor das coisas que quer lembrar, apegar-se com sentimento, e repetir com frequência, convertê-la em similitudes incomuns. Essas eram as condições apresentadas por Santo Tomás de Aquino:

Dizemos, porém, metaforicamente, que está inscrito no intelecto o que alguém conserva com segurança na memória, conforme a Escritura (Pr 3, 1): Não te esqueças da minha lei e guarde o teu coração os meus preceitos; e logo em seguida: Grava-as sobre as tábuas do teu coração. Pois inscrevemos nos livros materiais para socorrer a memória. Por isso, chamamos livro da vida à ciência mesma de Deus, pela qual se lembra com segurança dos predestinados à vida eterna. Pois, assim como a escritura de um livro indica as coisas que devemos fazer, assim a ciência de Deus lhe significa os que devem ser levados à vida eterna, segundo aquilo da Escritura (2 Ti 2, 19): Porém, o fundamento de Deus está firme, o qual tem este selo: o Senhor conhece os que são dele (TOMÁS DE AQUINO, 2017, Trat. Deo Uno, Q. 24, art. 2, p. 306).

A memória, segundo Aquino, também tem a função de conservar o que está inscrito no intelecto. Assim ele usa a passagem bíblica referente ao ato de guardar os preceitos no coração, lembrar, isso socorre a memória, pois estaria registrado no intelecto, assim que necessário a memória é acionada. Ele discute a memória como parte da prudência, “parte principal da prudência, à qual se ordenam duas outras partes — a memória das causas passadas e a inteligência das presentes; porque, lembrando o passado e interligando o presente é que conjecturamos sobre a providência do futuro” (TOMÁS DE AQUINO, 2017, Trat. Deo Uno, Q. 22, art. 2, p. 289).

1.2.3-Memória em Ramon Llull

A interpretação de mundo para Ramon Llull é de cunho filosófico e teológico, ou seja, ele deixa claro em suas obras que fé e razão não se separam. Nesse sentido, ao falar sobre memória na obra *Doutrina para Crianças*, o autor busca interpretá-la a partir do seu

conhecimento sobre Deus, pois a mesma serve para que o indivíduo busque se aproximar, lembrar do divino.

Educação e memória são para Ramon Llull fatores inseparáveis, já que um precisa do outro para a concretização do agir. Sem memória a educação não seria estabelecida no ser. Na obra fica claro a preocupação constante do autor em mostrar ao filho que o ato de lembrar, recordar e entender são primordiais para manter a fé, os bons princípios. Para alcançar a salvação “amável é a minha alma relembrar que te engendrei e ter esperança de que serás salvo, e será odioso se te vir pecador e teus pecados me significarem que estarás danado” (LLULL, 2010, p. 15). Llull reforça que está cumprindo o papel de um pai que ensinou o caminho da verdade. E fala da certeza da salvação, mas ressalta a preocupação se o seu filho optar pelo caminho do pecado que leva a danação.

A memória representa o exercício de refletir por meio da recordação a “Teologia é fundada pela fé e encontra-se nas palavras dos santos homens que escreveram e disseram palavras de Deus e de Suas obras, e o homem deve crer em tais palavras para que as tenha na memória, no amor de Deus e de Suas obras” (LLULL, 2010, p. 5). Para esse autor, o homem deve primeiro crer, entender, para que só depois esse processo seja consolidado na memória, assim o amor e toda obra de Deus seria recordado diariamente.

O apego ao passado cristão, sem dúvida, é uma característica fortemente marcada no discurso do maiorquino, pois é esse passado que está sendo constantemente ressignificado durante o medievo, que motiva Llull a pensar, escrever, dialogar, sempre almejando a conversão e salvação das almas. Ao falar para seu filho sobre a fé cristã, destaca os ganhos e as consequências de uma vida se não for mantida um bom comportamento, de acordo com essa doutrina, isso fazia parte do processo de aprendizagem, para que seu filho aprendesse por meio do intelecto e conseguisse fazer uso da memória.

Para Ramon Llull, o cristianismo primitivo estava completamente transformado, os homens já não eram tão dedicados ao serviço do reino como antes. Esse apego do filósofo ao passado cristão, explica porque em suas obras há uma grande preocupação com o ato de recordar, pois ele entende a necessidade de um registro das memórias cristãs, é nesse sentido que reforça sua ideia.

“Quais eram as coisas que a devota Idade Média queria lembrar? Certamente, aquelas relacionadas à salvação e à danação, os artigos da fé, os caminhos para Paraíso, por meio das virtudes, e para o Inferno, por meio dos vícios” (YATES, 2007, p. 79). A memória no medievo tinha a função de trazer entendimento ao conhecimento que levaria o homem a

praticar o bem “um tempo que colocou a memória como uma das funções da alma, um tempo que realçou a memória como fundamento do conhecimento, um tempo que dignificou a memória como a posse do bem” (COSTA, 2007, p. 3).

Por isso nas Igrejas, nas Catedrais, nos vitrais e nos Afrescos, elementos do Além estavam ali, justamente como uma forma pedagógica, para lembrar os fiéis que qualquer ato poderia levar para o Inferno e Paraíso “Deus criou teus olhos para que com eles tu vejas as criaturas que o representam aos olhos de teu pensamento, criou tua memória para que ela o relembres e criou teu coração para seja a cama onde o tenhas e o ames” (LLULL, 2010, p. 08). O filósofo destaca que a memória foi criada por Deus para lembrar, lembrar que Deus a criou para que o indivíduo pudesse sempre lembrar dos feitos do criador. O autor também afirma que:

Filho, se tu menosprezas a glória deste mundo para teres a glória do outro, terás uma glória que durará tanto quanto a glória de Deus. Assim, lembre e entende como, por menosprezares a pouca glória que dura pouco, podes ganhar que dura tanto quanto a glória do Altíssimo (LLULL, 2010, p. 09).

A proposta de Llull sobre o “relembrar e entender”, se dá na perspectiva de que mais importante do que absorver o conhecimento, a doutrina, ou que era divulgado na igreja, nas imagens, estava na capacidade cognitiva de entender o que via ou ouvia, refletir sobre a mensagem, por exemplo, do que estava sendo ensinado. Ramon Llull tentava ensinar sobre uma vida cristã firmada no evangelho. O que mais o interessava era que o seu ensinamento passasse pela memória, depois pelo constante ato de lembrar e relembrar, e entender o que estava sendo lembrado, só assim o que estava sendo ensinado teria significado por meio da compreensão “aqueles que estão na glória tanto amam quanto entendem e tanto entendem quanto amam, e tem tudo isso que amam e entendem (LLULL, 2010, p. 9). Ainda sobre a relação entre memória, ensino e aproximação com Deus, Llull afirma que:

Acostumar tua criança a recordar, entender Deus e amar a Igreja é acostumar sua vontade em amar Deus, seu pai e sua mãe. A memória que lembra, o entendimento que entende e o temor que envergonhado engendra a vontade que desama as faltas e ama as virtudes. Deseja educar bem teu filho? Acostuma sua memória e seu entendimento a cogitarem nobres feitos para que a vontade ame a companhia de bons homens. E desejas educar o entendimento do teu filho, para ser exaltado e elevar seu entendimento? Mostra-lhe a ciência divina e a natural. E desejas que ele tenha um elevado entendimento para entender sutilmente? Mostra-lhe a *Ars de atrobat verital* e o *Libre de deffinicions e de comensamentes e de question*. E deseja que teu filho ame muito a Deus? Faz-lhe lembrar e entender a vileza deste mundo e a

bondade, a eternidade, o poder, a sabedoria, o amor e as outras virtudes de Deus (LLULL, 2010, p. 77).

O ato de lembrar é precisamente um exercício da memória que pode tanto se acostumar a retomar os bons atos e pensamentos como o contrário também. É necessário que “relembre a bondade, a grandeza, a eternidade, o poder, a sabedoria, o amor e as outras virtudes que estão em Nosso Senhor Deus e ver quão maravilhosamente foram manifestadas na concepção e na encarnação do Filho de Deus [...] Amável filho, com amor e com lágrimas deveria ser recontada a Santa Paixão de Nosso Senhor Deus Jesus Cristo, pois essa paixão foi a maior prova de morte e de dor que existiu e que existirá” (LLULL, 2010, p. 10-11). Recontar a Paixão de Cristo é lembrar do passado cristão, é a memória bíblica, nisto Lull fala ao filho se possível recontar sobre o amor de Jesus Cristo, da sua morte e ressurreição. Sobre a importância da memória em Lull,

Ramon afirma que a memória se encontra na parte posterior do cérebro; se ela é tocada com maldade, responde com a grandeza de sua maldade, e se é tocada com bondade, também responde com a grandeza de sua bondade, pois como é boa, faz o homem lembrar coisas boas. O filósofo afirma que saber o que é a memória é muito útil ao homem, pois assim ele tem o hábito da ciência e a maneira de lembrar as coisas passadas. Isso para que o homem saiba mover a memória para lembrar os objetos desejáveis de serem lembrados e que têm alguma semelhança com as partes da memória (COSTA, 2007, p. 5).

A memória seria utilizada para homem lembrar das coisas, e das coisas passadas também. Por isso, a educação era tão importante nesse processo, ensinar o que era bom, para que assim se tornasse um bem comum a sociedade. Para Lull, a memória retém o que a “vontade deseja, e o entendimento tenta compreender o que a vontade deseja e a memória guarda” (COSTA, 2007, p. 6).

Amável filho, quando mirares tuas feições e cogitares em tuas riquezas e em teu honramento, se a tentação do orgulho te vier, relembra incontinenti e entende de onde vieste e foste engendrado, em qual lugar nasceste e qual foi a veste com que nasceste, e relembra, filho, o que tens em teu ventre sob teu saião, e o que sai de ti pelo nariz, pela boca e pelos outros lugares, e não esqueças os vermes que roerão tuas costelas e tuas feições, e a terra sob a qual serás colocado. E se tu, filho, tiveres na memória todas essas coisas para que não sejas orgulhoso, serás humilde e agradável às gentes e a Deus (LLULL, 2010, p. 54).

Lull tenta trazer ao filho a capacidade reflexiva, ou seja, vemos que o filósofo que ensinar ao filho sobre a fragilidade do ser humano. Para que o orgulho não lhe contamine

bastava utilizar a memória. Llull diz que para evitar o orgulho, bastava lembrar que um dia a morte chegaria, e todo aquele corpo seria comida de vermes. Ter o entendimento na memória para o filósofo é uma condição indispensável para o viver bem e agradar ao criador.

1.3- Memória e Imaginário medieval na obra *Doutrina para Crianças* (1274-1276)

Tudo isso nos remete a pensarmos sobre a História do Imaginário que norteia nosso trabalho. Aqui fazemos o mesmo questionamento de Susani França (2016) sobre que confluências há entre realidade social e imaginário? É muito importante, primeiramente compreender o que move determinada sociedade, ou seja, o que está por trás de uma crença, do mito, de um projeto de educação.

Neste sentido, entendemos que os aspectos espirituais, materiais, movem as experiências que marcam o cotidiano de uma sociedade. Pensar o medieval, é sobretudo, investigar o que eles pensavam sobre o mundo: O que está no mundo, e na mesma proporção o que é sair dele. Deixar de estar nesse mundo material tinha um peso, que pela fugacidade do homem moderno, talvez, não tenha tanta observação nesse quesito tão fundamental para o Ser em sociedade.

Se a História é pensar o homem no seu tempo, é fundamental que compreendamos o que de fato os motiva no dia a dia. Que relações eles estabelecem com aquilo é considerado real pra eles. Para o homem medieval, o referencial de todas as coisas era o sagrado, a “manifestação do sagrado” (FRANCO JÚNIOR, 2001, p. 30), e as bases fundamentadas nos ideais cristãos. Era a mistura do visível com o invisível, do material com o imaterial. Durante a Idade Média perdurou o ideal clássico quanto à formação da personalidade, ou seja, o propósito de se plasmar o cristão perfeito, na aquisição das virtudes. Nesse sentido, temos que compreender,

Que há formas correntes de observar e descrever o mundo do século XIII ao XV não se pode recusar, todavia, para tentar compreender um universo de relações complexas, que envolve viajantes de proveniências diversas e com finalidades igualmente diversas – peregrinação, missão, comércio, relações diplomáticas, etc (FRANÇA, 2016, p. 79).

O conceito de imaginário social pode ser definido como “compreensão de si” de uma sociedade, mas igualmente como “repertório” das práticas que seus membros podem adotar, traduzindo-se, pois, “nos modos como imaginam a sua existência social, como se acomodam

[tais práticas] umas às outras, como as coisas se passam entre elas e os seus congêneres” e, ainda, as expectativas correntes e as noções e imagens que subjazem a essas (TAYLOR, 2010: 31 apud FRANÇA, 2016, p. 175). Isso quebra a barreira que há muito tempo vem se discutido, quando pensar o imaginário era visto como algo banal, ou sem importância.

Assim, acreditamos que essa “compreensão” que o homem tem de si, faz parte de uma compreensão coletiva que leva os homens a agirem diante daquilo que é importante para sua sobrevivência como seres humanos que buscam um significado no seu espaço temporal, seja por meio da crença ou não.

O imaginário coletivo é sempre uma prerrogativa para compreendermos a sociedade medieval, pois as ideias, os mitos, as representações e crenças fazem parte da história considerada “real”, e não como alguns intelectuais julgavam como algo ilusório e quimérico (BACZKO, 1985, p. 297). O homem medieval criou seu “Deus” e o representou carregado de sagrado.

No sistema de representações produzido por cada época e no qual está encontra a sua unidade, o “verdadeiro” e o “ilusório” não estão isolados um do outro, mas pelo contrário unidos num todo, por meio de um complexo jogo dialéctico. É nas ilusões que uma época alimenta a respeito de si própria que ela manifesta e esconde, ao mesmo tempo, a sua “verdade”, bem como o lugar que lhe cabe na “lógica da história” (BACZKO, 1985, p. 303).

Pensar o “verdadeiro” e o “ilusório” unidos num todo, é alimentar o que de fato verdadeiro para a sociedade, é não descrever isso como uma invenção social, ou irreal. Se é uma ilusão, isso não quer dizer que não seja real, já que ambos se complementam, trazendo uma representação naquilo que se acredita.

Existe uma relação íntima e fatal entre o comportamento e a representação colectiva [cf. Mauss 1927, ed. 1966 p. 210-11]. É assim que o facto religioso constitui uma expressão simbólica do facto social. Por meio dos deuses que os homens criam, estes dão corpo a consciência de pertencerem a um todo comunitário, enquanto as representações colectivas reconstituem e perpetuam as crenças. Ora, só é possível comungar ou comunicar entre os homens por meio de símbolos exteriores aos estados mentais individuais, por meio de signos posteriormente concebidos como realidades. Um dos caracteres fundamentais do facto social é, precisamente, o seu aspecto simbólico. Na maioria das representações colectivas, não se trata da representação única de uma coisa única, mas sim de uma representação escolhida mais ou menos arbitrariamente a fim de significar outras e de exercer um comando sobre as práticas. Frequentemente, os comportamentos sociais não se dirigem tanto as coisas em si, mas aos símbolos dessas coisas. (BACZKO, 1985, p. 306).

Uma das nossas indagações nessa pesquisa, é refletir sobre o comportamento humano, ou seja, o que levou o homem medieval a ter um comportamento específico, que se difere do nosso, mas as vezes temos uma parte daquilo ainda no nosso cotidiano também. O mundo invisível, ainda hoje, levanta questionamentos, aflições e movem pessoas a buscarem também o invisível “o Homem, e, portanto a História é formada por seus sonhos, fantasias, angústias e esperanças” (FRANCO JÚNIOR, p. 38, 2001).

O social produz-se por meio de uma rede de sentidos, de marcos de referência simbólicos por meio dos quais os homens comunicam, se dotam de uma identidade colectiva e designam as suas relações com as instituições políticas, etc. A vida social é produtora de valores e normas e, ao mesmo tempo, de sistemas de representações que as fixam e traduzem. Assim se define um código coletivo segundo o qual se exprimem as necessidades e as expectativas, as esperanças e as angústias dos agentes sociais. Por outras palavras, as relações sociais nunca se reduzem aos seus componentes físicos e materiais (BACZKO, 307).

Tudo isso estava ligado à religião cristã, que despertava naquele homem angústias e esperanças. Aqui ressaltamos que durante o medievo a memória coletiva, como destaca Oliveira (2006), viria do cristianismo, já que a religião se estabeleceu como a ideologia dominante.

Pôde-se descrever o judaísmo e cristianismo, religiões radicadas histórica e teologicamente na história como “religiões de recordação”. E isto em diferentes aspectos: porque actos divinos de salvação situados no passado formam o conteúdo da fé e o objeto do culto, mas também porque o livro sagrado, por um lado, a tradição histórica, por outro, insistem [...] na necessidade de lembrança como tarefa religiosa fundamental (LE GOFF, 1984, p. 24).

A tarefa religiosa exigia no cotiadio do indivíduo o ato de lembrar e recordar, ou seja, executar o que era divulgado pela a igreja como certo, executar as regras, e manter uma boa conduta. Por isso a fonte analisada *Doutrina para Crianças*, considerado como um manual pedagógico, pode nos fornecer informações importante sobre aquele período, pois mostra o imaginário religioso, os princípios cristãos que homem deveria seguir e obedecer. Assim como recordar sempre da memória que cristã que movia o cotidiano no medievo.

Segundo Pesavento (2014, p.67), entende-se por imaginário um sistema de ideias e imagens de representação coletiva que os homens, em todas as épocas, constituem para si, dando sentido ao mundo. Imaginário é, portanto, um aspecto tão importante das sociedades humanas quanto aquilo que chamamos de realidade concreta. Imaginário incorpora elementos

simbólicos diversos que produzem e são produzidos pelas representações sociais. Desta forma, existe alguma relação entre imaginário e símbolos. Assim, para chegar até as sensibilidades de um outro tempo, é preciso que elas tenham deixado um rastro, que cheguem até presente como um registro escrito.

Ficção e realidade fazem parte da consciência humana e da construção da memória social e histórica e que são fundamentadas e fixadas pelos mitos e tradições. As memórias são formadas por episódios e sensações que vivemos e em contato com as memórias dos outros. Relembrar o que aconteceu é associar e misturar os sentidos, os sonhos e os elementos reais, ou até mesmo históricos com a própria experiência vivida. Memória e imaginário estão associados ao contar lembranças que tornam o relato contínuo e fascinante para os que ouvem. Além disso, a memória e o imaginário podem ser entendidos como ferramentas educativas que ilustram os ensinamentos cristãos, ao relacionar os elementos do mundo sobrenatural com o real, aproximando-se do cotidiano dos medievos (MESSIAS, 2016, p. 45).

Segundo o historiador Le Goff, o imaginário medieval é marcado fortemente pelo cristianismo e os elementos que dele fazem parte: “[...] o imaginário daquela época manifestava-se pela visão que os homens tinham da própria divindade, objeto de sua crença, de suas preces, de sua admiração”. (LE GOFF, 1994, p. 100). O cristianismo é a religião da Salvação, a vida era apenas momentânea, era uma passagem para a eternidade.

Os cristãos tinham sua fé voltada incansavelmente para salvação da alma, e queriam se livrar dos tormentos do Inferno, das penas, do medo das coisas que poderiam contemplar depois da morte. Por isso eles viviam em um constante combate lutando contra os prazeres carnis, estavam cientes, por meio dos ensinamentos clericais, que a vida terrena era simplesmente uma passagem para a glória ou para o fogo eterno. Acreditavam que aqueles ainda tivessem pecados teriam uma chance de redimi-los no Purgatório, por onde passariam por tormentos temporários antes de atingir o Paraíso.

A decisão estava sobre cada indivíduo, ele seria o responsável por qual conduta de vida escolher por meio do seu livre-arbítrio. Aqueles que se purificassem dia após dia, santificassem o seu corpo, honrassem a Deus e a Santa Igreja Católica alcançariam um lugar especial na eternidade segundo o pensamento cristão. Caso contrário, arderiam eternamente nas profundezas do inferno “O destino da humanidade ressuscitada não depende apenas da vontade de Deus todo-poderoso, pois este respeita as regras que fixou, fazendo a situação dos

homens e mulheres no Além depender de como se comportaram durante sua vida terrena” (LE GOFF, 2002. p. 21-34). A luta era constante, mas:

Sobre esse campo de batalha de vida ou morte que é o mundo o homem tem por aliados Deus, a virgem, os santos, os anjos e a igreja e sobre tudo, a sua fé e suas virtudes; mas têm também inimigos: Satã, os demônios, os heréticos e, sobretudo, seus vícios e a vulnerabilidade advinda do Pecado Original. A presença do Além deve ser sempre consciente e viva para o cristão, pois arriscar a salvação a cada instante de sua existência, e mesmo se ele não está consciente, esse combate por sua alma é travado sem trégua aqui embaixo. (LE GOFF, 2002. p. 22).

Era com isso que o imaginário daquela sociedade se afligia, pelo medo de não conseguir a tão desejada salvação, já que tinha um lugar determinado para cada um diante da sua conduta aqui na terra. Os espaços do Além podem ser atestados nas escrituras “Nos três evangelhos ditos ‘sinóticos’, a versão de Mateus (25, 31-46) diz que depois do Juízo Final, no fim do mundo Cristo fará os bons (os ‘justos’) sentarem-se a sua direita e os maus à esquerda [...]” (LE GOFF, 2002. p. 22).

A própria Escritura define embora de forma insuficiente a ideia de um lugar bom e outro ruim. Este último seria para aqueles que foram infiéis, incrédulos e se voltaram contra a vontade divina e sofreriam o castigo eterno. Já o Céu estaria destinado para as pessoas que viveram uma vida de retidão na terra. Mas apesar desses relatos bíblicos eles são bastante insuficientes para conhecer verdadeiramente o Paraíso e o Inferno, sendo possível saber apenas algumas de suas características.

Desse modo, era muito comum os relatos de viagens ao Além que “[...] apresentam-se sob a forma de ‘visões’ as quais beneficiavam sobretudo os monges uma vez que o mosteiro era considerado um lugar intermediário entre a terra e o Além, entre a terra e o Paraíso” (LE GOFF, 2002. p. 22). Com isso queremos chamar atenção para a importância das literaturas, ou seja, o valor imprescindível de estudá-las, sendo fontes importantes para compreensão do pensamento medieval.

Quando Ramon Llull escreveu a obra dedicada ao seu filho, tenta conscientizar seu filho da importância da salvação, ou seja, compreender a relação do mundo com o Além por meio das memórias estabelecidas pelo cristianismo.

Segundo Le Goff (1994, p. 13), “[...] as fontes literárias e artísticas são privilegiadas no estudo do imaginário medieval”. São nas fontes literárias que também podemos nos debruçar em como aquele homem se via, se imaginava e pensava no seu tempo.

Ramon Llull elaborou um projeto pedagógico tendo como objetivo central levar o homem à salvação. Por meio de suas importantes obras literárias, conseguimos perceber que propôs uma espécie de reformulação da sociedade, baseado no contexto em que vivia, levando o leitor a ter uma educação cristã e elevar o seu pensamento espiritual, sendo a vida terrena apenas passageira.

Os manuais eram considerados espelhos, gênero literário que traça o retrato de um ideal moral: “Encontrarás, filho, neste livro um espelho em que poderás contemplar a saúde de tua alma”. O manual não se reduz apenas a um tratado de moral ou espiritualidade, mas vai além, visando à formação. Como é de se esperar, no medievo, todas as lições estão voltadas para Deus. Por volta do século XIII o ocidente passaria por muitas mudanças, dentre essas: o surgimento das Universidades, as cidades, etc.

Ramon Llull viveu em contexto histórico extremamente conturbado, nasceu na Catalunha em 1232, em sua obra *Vida Coetânea* conta que antes de se entregar aos serviços cristãos, estava envolvido nas “práticas mundanas”, mas após ter visto mais de cinco visões do Cristo ressuscitado, converteu-se ao Cristianismo. Após sua conversão escreveu vários livros, e estes sempre voltados para assuntos religiosos, filosóficos e dedicando grande parte para temas como a educação.

As fontes primárias que utilizamos são de extrema importância, pois são reveladoras tanto da vida como da educação medieval. A obra “*Doutrina para Crianças*” escrita por volta de (1276-1278) foi dedicada ao seu Domingos e pode ser considerada como um dos primeiros manuais pedagógicos voltados à educação infantil. Nela podemos destacar os fortes ensinamentos cristãos. A obra compõe-se de um Prólogo e treze capítulos, ao longo dos quais todos os ensinamentos giram em torno de Deus e dos preceitos da Igreja Católica.

Sobre esse campo de batalha de vida ou morte que é o mundo o homem tem por aliados Deus, a virgem, os santos, os anjos e a igreja e sobre tudo, a sua fé e suas virtudes; mas têm também inimigos: Satã, os demônios, os heréticos e, sobretudo, seus vícios e a vulnerabilidade advinda do Pecado Original. A presença do Além deve ser sempre consciente e viva para o cristão, pois arriscar a salvação a cada instante de sua existência, e mesmo se ele não está consciente, esse combate por sua alma é travado sem trégua aqui embaixo. (LE GOFF, 2002. p. 22).

O imaginário daquela sociedade se afligia, pela constante transmissão da memória, esta que sempre lembrava que o Inferno era para pecadores e o Paraíso para aqueles que tivessem conseguido formar uma identidade cristã. Existia o pavor constante de não conseguir a tão desejada salvação, já que havia um lugar determinado para cada um diante da sua conduta aqui na terra. Llull acreditava que os seres humanos poderiam atingir o Paraíso por meio de corretas normas de comportamento, isto é, por meio da educação.

Os espaços do Além podem ser atestados nas escrituras “Nos três evangelhos ditos ‘sinóticos’, a versão de Mateus (25, 31-46) diz que depois do Juízo Final, no fim do mundo Cristo fará os bons (os ‘justos’) sentarem-se a sua direita e os maus à esquerda [...]” (LE GOFF, 2002. p. 22).

Segundo Baschet (2006, p. 374), “não se pode compreender o homem medieval, sua vida em sociedade, suas crenças e seus atos sem se considerar o inverso do mundo dos vivos: o domínio dos mortos, onde cada um deve, finalmente, receber uma retribuição á sua altura”, retribuição essa que seria a danação eterna ou beatitude paradisíaca. Na Idade Média, o aqui embaixo é concebido juntamente com Além, que confere o verdadeiro sentido e traça uma verdadeira perspectiva. (BASCHET, 2006).

Dessa forma, a memória não é apenas um elemento para guardar o passado ou rememorar-lo, mas pode servir também como uma ponte para o ensino, ou seja, aprende-se também com o passado, com as experiências que de certa forma direciona o indivíduo. É com uso ciente da memória que o homem pode ter cautela nas tomadas de decisões.

CAPÍTULO 2 - RAMON LLULL E AS TRANSFORMAÇÕES NO SÉCULO XIII

Neste capítulo, discutiremos algumas questões centrais do século XIII, período este que Ramon Llull escreveu suas obras, trata-se de um momento de transformações relevantes para compreendermos os principais debates da época que exigiram a mudança também na forma de pensar. O renascimento urbano, o desenvolvimento de novas relações comerciais, a ascensão da burguesia, foram alguns fatores que impulsionaram os homens para uma nova forma de pensar.

2.1. Renascimento urbano: novo pensamento e novas atitudes

Não é nosso objetivo discutir com exatidão sobre espaço urbano no século XIII. É sempre complexo tratar sobre a discussão em se tratando do espaço urbano, pois a historiografia é ampla, o que exige uma pesquisa mais atenta e específica da temática. Mas faremos apenas algumas observações, que consideramos como importante para compreender o que levou Ramon Llull a pensar sobre sua sociedade.

Terezinha Oliveira afirma que os homens medievais “[...] não estavam habituados a viver na cidade, mas sim, no isolamento do campo. A novidade, o estranho, era a vida citadina, a turbulência das trocas, os muros da cidade que o transeunte estrangeiro transpunha, ao entrar e sair dela” (OLIVEIRA, 2012, p. 162). A mesma autora afirma que o ressurgimento das cidades³ foi um acontecimento eminentemente do seu tempo, fruto das relações feudais e do ressurgimento do comércio. “[...] não poderiam pensar sua origem senão pelo seu presente, rechaçado, assim, como tendência dominante, a ideia de permanência das cidades romanas ou em virtude do acaso das incipientes relações comerciais” (OLIVEIRA, 2012, p. 162).

Nesse contexto, o filósofo Ramon Llull percebeu a sociedade como um lugar em constante transformação, e que o homem necessitava se aproximar de Deus. Pensando nisso o filósofo, teólogo, escreveu suas obras com olhar atento às mudanças do seu tempo. É nesse sentido, que nos propomos a analisar o projeto educacional luliano, que colocou a memória como elemento central na formação do homem, mostrando a identidade cristã, que não

³ “Ao examinar os primórdios dos embates travados entre os habitantes das comunas e seus senhores, Guizot observa o quão difícil é precisar o início de um processo histórico. As dificuldades são inúmeras para o historiador, seja por falta de registros históricos, seja em virtude das lacunas existentes entre um acontecimento menor, distante, eo grande feito do qual um episódio distante fora o seu primeiro passo” (OLIVEIRA, 2012, p. 29).

deveria ser perdida em meio a esse novo contexto social. Mas, era necessário que o homem estivesse atento aos ensinamentos que Igreja divulgava, para evitar cometer erros em meio às novas mudanças.

No século XIII, forma-se uma Europa Urbana, assim, nas cidades houve uma mistura de populações, misturas de ideias, surgimento de novas instituições, centros econômicos e intelectuais. Como afirma Le Goff (1989, p. 09) são “tempos vertiginosos em que giravam vertiginosamente um mundo do passado em crise e o mundo de uma nova Idade Média”, onde as características feudais, estavam em paralelo ao mundo citadino que estava em formação. A cidade “[...] não é feita somente de pedras, mas em primeiro lugar de homens, de cidadãos. A história urbana medieval é antes tudo uma história humana (LE GOFF, 2006, p. 219).

As principais mudanças ocorridas a partir do século XI, podem ser destacadas como fatores fundamentais nas transformações educacionais e culturais. O processo de urbanização, intensificou as necessidades de novas demandas que atendessem as questões sociais, o que modificou a estrutura existente, desde a economia até a educação. Os debates travados são em torno de uma sociedade cristã, que vê sua base passando por transformações:

No geral, o discurso sobre os pecados, amplamente assumido pelas ordens mendicantes a partir do século XIII, ecoa as transformações sociais e, em particular, o desenvolvimento das cidades. Ele confere uma atenção **crecente** ao universo dos leigos, não para reconhecer positivamente os seus valores específicos, mas para denunciar mais eficazmente seus defeitos e para ordená-los conforme os valores da Igreja (BASCHET, 2006, p.380).

As cidades, palco de grandes transformações, traziam também a influência de outras culturas, com isso aumentavam as práticas consideradas pecaminosas⁴ na concepção da igreja, como a usura, luxúria e outros. Com isso a Igreja denunciava por meio do discurso o “mundanismo” que crescia, e era necessário combater as práticas condenadas pela instituição. Le Goff (2006) afirma que o cristianismo leva para a cidade uma doutrina ambígua, pois oscila entre a afirmação e negação. De um lado era a Babilônia, Sodoma e do outro a cidade de Deus.

A Igreja Católica, para Baschet (2006), foi o motor dominante daquela sociedade. Essa instituição era a estrutura física e a reunião dos fiéis, e durante o século XIII essas mudanças

⁴ “Os conceitos de pecado e de pecar tiveram extensa evolução durante a história da Igreja, que, com vistas a proteger suas próprias posições, reordena e modifica a gravidade e a ordem dos mesmos segundo o contexto histórico. A ‘versatilidade’ da Igreja em adaptar-se fez com que a própria instituição permanecesse vigente, tendo parte de sua doutrina alterada durante a história. Na Idade Moderna, a moral católica oscilou, seja pendendo para uma afirmação ou consolidação de seus preceitos, seja anulando-se” (DRUMMOND, 2014, p. 59).

contribuíram, em particular, para surgimento das ordens mendicantes, divulgando a escolástica e novos saberes.

O poder da Igreja, que havia se cristalizado ao longo dos séculos no interior do mundo medievo, principiou a ser questionado. Enquanto a Igreja (por conseguinte, seus representantes) correspondia ao que se esperava de um governo, os homens aceitaram ‘naturalmente’ que ela fosse o ‘Estado’ e seus líderes os governantes (OLIVEIRA, 2010, p. 267).

Como afirma Oliveira (2010) a Igreja não reinou de forma soberana sem conflitos. As lutas foram constantes em várias setores da sociedade, o que fez que essa civilização se desenvolvesse, e não houvesse um governo tirânico. Era uma instituição organizada, com condições de estabelecer princípios de governo. Trouxe o conhecimento, parte preservado do mundo antigo, e a própria construção do conhecimento a partir da doutrina cristã. Essa instituição levava à sociedade os princípios de sua ideologia por meio do discurso, que apresentava o mundo segundo as leis divinas, mantendo o bom funcionamento social.

Como afirma Le Goff (2006) a cidade⁵ é antes tudo, uma cidade imaginária e sonhada pelos seus habitantes, artistas e filósofos. A percepção dos cidadãos sobre as relações econômicas, políticas e sociais, é marcada pelas imagens transmitidas pelos clérigos, intelectuais, e próprios pregadores por meio dos sermões. “A cidade especialmente a cidade medieval-é um lugar teatral. Aliás, é ali que o teatro, esquecido desde a Antiguidade, renasce na Idade Média, saído da Igreja (LE GOFF, 2006, p. 219).

A Cristandade crescia tanto que as construções de igrejas e catedrais impulsionaram crescimento econômico, a produção de matérias-primas em massa, e o aperfeiçoamento de técnicas. Mas o fator principal que impulsionou essas construções foi o crescente número de fiéis, o crescimento demográfico por sua vez foi decisivo para a expansão da Cristandade.

Adalberon de Laon classifica a sociedade medieval como aqueles que oram, guerreiam e trabalham (*oratores, bellatores e laboratores*). O primeiro grupo, cuidava da vida espiritual, os clérigos, e mais específico os monges, cuja a função era unir o mundo terreno ao mundo divino. De certa forma, existia uma desigualdade onde os que estavam acima mandavam e os demais obedeciam (DUBY, 1982, p.16). Como afirma Marroni (2015, p. 67), a Idade média não foi tão simplista assim, nessa divisão os trabalhadores ficam de fora “[...] no despertar das aglomerações urbanas, os que se dedicavam à fabricação de objetos de qualidade, ao tráfico

⁵ Entre os séculos XI e XIV, a cidade medieval, modelada pelas novas atividades, pelos novos grupos dominantes, pelos novos poderes, oferece pouco a pouco uma nova imagem, material e simbólica, que desempenha um grande papel na formação do imaginário urbano (LE GOFF, 200, p. 225).

de mercadorias e ao manuseio do dinheiro não estavam representados nos oradores, camponeses e guerreiros”.

Além da mudança no sentido prático do trabalho, que não visava mais a subsistência e sim a troca, verifica-se também uma transformação nas explicações mentais desse tempo. Todo fazer humano podia ser vendável. O trabalho tornou-se uma atividade moralmente aceita e justificada por todos, pelos teólogos, escritores, mestres universitários. Muitas atividades, segundo o Roussiaud, até então condenadas pela Igreja, passaram a ser aceitas. Como dissemos, qualquer atividade humana passou a poder ser trocada por outra atividade humana. Todas as atividades tornaram-se aceitas e justificadas porque estavam voltadas para o bem comum da sociedade (MARRONI, 2015, p. 74).

Oliveira (2012) considera o século XIII como um dos mais tumultuados, com acontecimentos que transformaram a sociedade no qual consolidaram-se as corporações de ofícios, dentre as quais a Universidade, o surgimento das ordens medicantes, as Cruzadas, as heresias, a divisão do trabalho entre campo e cidade, e o amadurecimento da Escolástica.

Concordamos com Marroni (2015) que a modificação das cidades proporcionou ao homem medieval uma nova forma de se comunicar com o mundo, ou seja, as novas relações sociais, alargaram os horizontes, o que exigiu também novas formas de conduta, já que a cidade pode ser vista tanto do ponto negativo como positivo. Esse local de vivências em que vários grupos se encontravam, requeria que outras regras fossem impostas devido ao aumento das tensões que o Ocidente passou a viver.

Franco Júnior (2001) afirma que a Cristandade Ocidental continuava rural, com apenas 20% da população vivendo nos centros urbanos. “Nos locais onde o campo não podia fornecer grandes contingentes, como na Península Ibérica, a população urbana crescia por si mesma, porém de forma menos intensa” (FRANCO JÚNIOR, 2001, p.21).

O desenvolvimento agrícola sustentou desenvolvimento urbano. As cidades tiveram um papel ativo como centro de produções artesanais especializadas, local de trocas, “focos de animação da vida econômica, inclusive para os campos que as cercavam” (VERGER, 2001, p. 22). A cidade revelou necessidades humanas outrora desconhecidas, novas produções econômicas. Exigiu do homem um novo comportamento, e desenvolveram-se as produções artesanais.

A cidade medieval é, antes de mais nada, uma sociedade da abundância, concentrada num pequeno espaço em meio a vastas regiões pouco povoadas. Em seguida, é um lugar de produção e de trocas, onde se articulam o artesanato e o comércio, sustentados por uma economia monetária. É também o centro de um sistema de valores particular, do qual emerge a prática laboriosa e criativa do trabalho, o gosto pelo negócio e pelo dinheiro (LE GOFF, 2006, p. 223).

O comércio foi aos poucos despertando nos homens um interesse coletivo, pois as riquezas foram se acumulando. E claro, muitos homens na ânsia de conseguir uma vida melhor, principalmente aqueles que viveram por muito tempo nos campos, maltratados por seus senhores, viam a possibilidade, de novas conquistas. Isso foi aos poucos aumentando a população urbana.

É importante destacar, que mesmo que as cidades estivessem crescendo, o espaço rural continuava provendo víveres que eram necessários a vida urbana “[...] muito mais genuinamente mercantil e artesanal, ela também estava mais nitidamente separada dos campos das redondezas, dos quais, sem dúvida, necessitava” (LE GOFF, 2006, p. 220). Os homens trouxeram do campo suas habilidades, ferreiros, sapateiros. Na cidade há um encontro desse cultura do campo com a urbana.

Nunes (1979) tratou a atividade comercial como a grande reanimadora da vida urbana, o que incentivou o aparecimento de novas ocupações, assim como a libertação dos servos, e novos tipos de trabalhadores, além dos tradicionais *mercatores*. Os comerciantes juntos, uniam-se para evitar assaltos dos bandoleiros.

Logo, também, a burguesia forcejou por escapar ao guante dos senhores em cujos domínios se localizava o burgo. Muitos burgueses eram servos fujões que desejavam a liberdade de ir e vir, assim como uma justiça consentânea com o comércio. O burguês é o homem da cidade nova, enquanto no campo vivem o nobre e o camponês, exceto em certas regiões da Itália, na Toscana e em Pádua, onde a pequena e a média nobreza se estabeleceram de giro. Os burgueses, sujeitos na cidade e dominaram a economia às inúmeras exações dos nobres, procuravam livrar-se das taxas excessivas, fazendo um só pagamento anual ao senhor (NUNES, 1979, p. 251).

À medida que a burguesia foi adquirindo certa autonomia, começou a reivindicar por seus direitos de liberdade, e essa luta foi se transformando em reivindicações para realizar seus ofícios livremente. Por outro lado, Le Goff (1992) considerou a cidade medieval como um centro ativo de produção econômica e produção cultural, foi ali que se criou uma nova função intelectual baseada na ciência, difundida por profissionais a uma população com outras demandas. “Ela foi uma cidade do ensino, do primário ao superior, como diríamos hoje, e

levou ao nascimento da Universidade” (LE GOFF, 1992, p. 192). Houve um encontro da cultura popular da camada rural com a cultura erudita dos clérigos. Eram, podemos dizer, dois mundos distintos.

Jacques Verger (2001) destaca que a Igreja manteve sua condenação tradicional ao empréstimo a juros. Os mercadores recorriam em primeira instância à Igreja local que cultivavam a instrução, o saber e o ensino, principalmente nos mosteiros. Segundo Oliveira (2012) os mercadores procuraram outras formas de obtenção da instrução, criando escolas laicas ou contratando professores particulares para seus filhos.

O espaço citadino, amplia as relações humanas, as heresias populares, os movimentos religiosos de pobreza floresceram nos meios urbanos São novidades para o homem que vivia no campo, e de repente se vê em um espaço de grande movimentação:

Nessa convivência de diversas pessoas, a virtude entrava na ordem do dia. Ao ambiente citadino era inerente a convivência entre pessoas, a ampliação das relações humanas, que, antes, eram reduzidas ao feudo, à família, aos parentes próximos, aos laços feudais. O homem precisava refletir sobre relações, uma vez que o vizinho, por exemplo, era um estranho. Precisava, portanto, pensar em ações e posicionamentos para a vida em sociedade, adquirindo as chamadas virtudes sociais, para, assim, saber conviver com os demais (MARRONI, 2015, p. 75).

Foi em meio a essas mudanças que Ramon Llull destacou a importância das virtudes para o bem viver em sociedade. Virtudes como fortaleza, temperança, prudência e justiça, que faziam parte dos homens considerados virtuosos, ou seja, que tornava-os melhores para agirem, evitando o mal que poderia afetar a sociedade. É no espaço citadino que surgem as complexidades nas relações entre os homens. Assim, o projeto de Llull estava totalmente ligado a essas mudanças. Pois esse filósofo, acreditava que a sociedade estava perdendo a devoção. Desta forma para ele o uso da memória cristã era tão essencial no auxílio da manutenção da essência da fé.

Oliveira (2009, p. 719) chama atenção para duas questões centrais nesse contexto, a “luta pela liberdade” e a “ideia de comunidade”. “O espírito de pertencimento e a política caminham juntos na cidade que, Tomás de Aquino, da mesma forma que Aristóteles, denominou de comunidade perfeita”. Era uma comunidade que devia buscar seus interesses

em comum, e defender seus pares “Assim, a ideia e o conceito de ‘bem comum’, do mesmo modo que a luta pela liberdade, tornaram-se comuns aos homens do século XIII”⁶.

A mesma autora, ao explicar sobre a ideia de liberdade, afirma que para os homens isso representava simplesmente poderem realizar livremente suas atividades, definir o os impostos, e saber quem seria o seu representante da cidade, e viver de acordo com seus interesses. Já a ideia do “bem comum” significava que o interesse comum “Não se referia a todos os homens, independentemente do *locus* e da situação. Ao contrário. O “comum” referia-se aos habitantes de uma mesma cidade e o “bem”, também de todos, referia-se apenas aos membros desta mesma comunidade” (OLIVEIRA, 2009, p. 721, grifos nossos), ou seja, os interesses tinham que estar bem definidos ao interesse de um grupo específico. Por exemplo os que estavam envolvidos com a educação buscariam o que fosse conveniente a eles. Era a ideia de pertencimento e ao mesmo a necessidade de criar a identidade do grupo, assim buscariam os interesses que fossem convenientes a eles.

Partindo disso, faremos uma breve análise sobre a educação no século XIII, destacando apenas algumas questões que consideramos como fundamentais, para entendermos o que Lull esperava da sua sociedade, e como o mesmo tentou montar um projeto que viesse a atender as necessidades do seu tempo. Acreditamos que os homens procuram uma adaptação em consonância as novas relações sociais, visto que as transformações são inevitáveis; há uma mudança nas atitudes e no comportamento que se adéquam as exigências sociais.

⁶ “Estes dois termos expressam sentidos distintos, segundo a época histórica. Principiemos pelo conceito de liberdade. Em História da Civilização na Europa, Guizot (1884), fez uma bela comparação entre o sentido da palavra liberdade para os burgueses (habitantes do burgo) do século XII e para os burgueses (classe social) do século XVIII. Destacou que, no século XII, quando os burgueses se aliavam para combater seus senhores, a conquista da liberdade significava a conquista de direitos e mesmo a emancipação em relação ao poder dos seus senhores. Para o historiador, os burgueses de então não pretendiam abolir o governo feudal, nem questionavam a existência de privilégios. Buscavam apenas viver em paz e dirigirem os negócios da cidade. Exatamente por isso as cidades eram cercadas com muralhas e a vida, por conseguinte, a liberdade, estava restrita ao interior de seus muros. Prosseguindo sua análise, o autor observou que o sentido da palavra liberdade, no século XVIII, nada mais tinha a ver com aquele do século XII. Para os burgueses dos setecentos, às vésperas da Revolução, a liberdade somente seria conquistada se a nobreza e o clero deixassem de ocupar o governo da nação já que as atividades mais importantes da nação eram realizadas pelos burgueses. Almejavam a abolição dos privilégios, tornando todos os homens iguais. Decorridos seis séculos, liberdade não se restringia mais à conquista da emancipação das comunas, mas dizia respeito ao comando do governo do país. Os burgueses do século XVIII, ainda que fossem descendentes diretos dos habitantes dos burgos do século XII, não aceitavam mais o poder político da nobreza e do clero. Em função disso a liberdade era concebida de outra maneira” (OLIVEIRA, 2009, p. 720).

2.2- A Educação medieval no século XIII

A Igreja Católica foi a grande educadora da época. Era a instituição soberana, que preservou os ensinamentos religiosos que foram incansavelmente divulgados a sociedade. Ela teve um papel importante na organização das cidades, assim como no projeto de educação de toda aquele período. Como já mencionamos houve grandes embates da Igreja com outros grupos que estavam envolvidos nas cidades. É nessa perspectiva que é possível notar a soberania dessa instituição que desempenhou por longos anos sua força ideológica.

Num tempo em que a religião e a Igreja conferem a qualquer realidade sua expressão ideológica, um novo quadriculado eclesiástico de dois componentes, um transformado, da velha rede paroquial e outro, novo, dos conventos das ordens medicantes, nascidos no começo do século XIII, nas cidades e para as cidades, exprimirá essa primeira tomada de consciência urbana (LE GOFF, 1992, p. 06).

Le Goff (1992) destaca os dois componentes novos, a influência da paróquia, e depois os conventos das ordens medicantes, que nascem nesse contexto do século XIII, como o autor sugere, “nas cidades e para cidades”. O que colabora para o fortalecimento da nova identidade forjada nas cidades. Todo conjunto que fez parte da elaboração do conhecimento na Idade Média, foi preservado pela Igreja Católica, a qual preservou, conservou, e organizou a sociedade com base na ideologia cristã.

A desestruturação do Império Romano do Ocidente levou o ensino clássico ao colapso e a ruína das escolas. As grandes invasões, nesse período, transformaram de forma significativa a vida cultural de várias cidades. Devido às grandes guerras, dos tempos inseguros, não existia muito tempo e recursos para atividades escolares. Dentro do próprio clero, faltavam homens instruídos.

A Igreja se fortaleceu no medievo, era a grande contribuidora para a cultura do Ocidente, e naturalmente as escolas se desenvolveram nessa instituição. Conforme afirma Terezinha Oliveira (2008, p. 210), as escolas cristãs e monacais da primeira Idade Média, tinham como urgência sistematizar um novo modo de vida e um sistema que possibilitasse o desenvolvimento de um sentido de pertencimento social. “Exatamente por estarem criando uma nova sociedade e novas identidades coletivas, os teóricos cristãos propõem uma forma original de ensino”. Durante toda a Alta Idade Média as escolas teriam uma função essencial, uma escola destinada aos futuros membros do clero:

A Igreja Católica continuou a assumir nos séculos seguintes a tarefa de ministrar o ensino público e gratuito nas paróquias urbanas e rurais. Como diz o insuspeito Durkheim, a Igreja tornou-se a única educadora daqueles tempos naturalmente, sem premeditação nem ambições, pois era a única instituição que, de fato, tinha condições e meios para educar e instruir. (NUNES, 1979, p. 100).

No começo do século V, estavam surgindo as escolas paroquiais, ou seja, eram administradas exclusivamente pelos eclesiásticos. As escolas paroquiais ensinavam o nível elementar, e elas funcionavam na igreja matriz da paróquia.

Carlos Magno ao assumir o poder, demonstrou uma grande preocupação no que diz respeito à educação. Por volta do século VIII, solicitou aos bispos que organizassem escolas em torno das grandes catedrais, o que sem dúvida estimularia indiscutivelmente o progresso intelectual, que passou a ser estimulado tanto nas escolas das catedrais como nas monásticas.

[...] organizou na sua corte itinerante uma escola para crianças, a fim de preparar boas gerações de homens da Igreja e de funcionários imperiais, sobre ter fundado com Alcuíno uma academia, a Academia Palatina, que cultivou os estudos clássicos e difundiu pelo Império a reforma das escolas ou a sua fundação. [...] Carlos Magno era profundamente religioso, construiu igrejas e mosteiros, apreciava as belas cerimônias litúrgicas e cercou-se de um vasto círculo de eruditos eclesiásticos com os quais formou a escola palatina. Os membros e mestres dessa academia faziam literatura de corte, compunham poesias, epigramas e enigmas e adotaram pseudônimos de origem clássica, mitológicos ou religiosos (NUNES, 1979, p. 190).

Esse estímulo à educação ficou conhecido como Revolução Carolíngia (WOOR JR, 2008, p.67). Porém, segundo Le Goff (2014, p. 40), foi uma educação para elite, favorecendo assim pouquíssimas pessoas. Segundo Nunes (1979), Carlos Magno tomou medidas em prol das escolas e promoção da cultura. Queria melhorar a situação da Igreja, e considerava a sociedade em um estado de grande ignorância. Foi pensando nisso que Carlos Magno decidiu restaurar o estudo das letras, tendo convidado os religiosos a se dedicarem às artes liberais e proposto o seu exemplo pessoal de estudioso dessas disciplinas. Abriu escolas públicas, não no sentido que conhecemos hoje, mas abertas para clérigos e monges.

Para alguns estudiosos como Rui Afonso Nunes (1979), Carlos Magno deixou frutos permanentes. Contribuiu para o desenvolvimento da arte, da arquitetura, o desenvolvimento da letra minúscula, e a ênfase dada aos estudos clássicos. A multiplicação dos manuscritos ajudou no desenvolvimento da escrita

Por volta do século IX, as escolas entram novamente em declínio devido às invasões de outros povos. E os guerreiros, é claro, queriam lutar, guerrear, e estavam preocupados com a

função deles socialmente. E os camponeses estavam preocupados com a marcha das estações, a criação de animais, assim como grande parte dos guerreiros estavam para as armas, cavalos e armas.⁷

Quando falamos em educação, precisamos perceber como estava formada essa sociedade, se de um lado havia os que *guerreiam*, do outro os que *trabalham*, os que *oram*, estes últimos foram os grandes responsáveis pela preservação da cultura antiga. Isso não quer dizer que os guerreiros não estudavam, muito pelo contrário, alguns se dedicavam ao estudo e deleitavam em livros nos intervalos do combate (NUNES, 1979, p.221).

No século XI, começou a surgir, de fato, a Europa moderna, deram-se grandes e positivas transformações sociais, cresceu lentamente a população, o comércio foi revigorado, reanimaram-se as cidades e as escolas voltaram a florescer (NUNES, 1979, p. 213). Segundo Hilário Franco Júnior, as escolas urbanas mantinham-se muito presas às influências eclesiais, o que limitava o seu papel.

A partir do século XII, o Ocidente passava por transformações decisivas na sociedade. Dentre essas podemos destacar a divisão do trabalho, o crescimento das cidades, que está estritamente ligado às mudanças intelectuais.

Para Le Goff (2014), o modelo do intelectual da idade Média está diretamente ligado às mudanças, sobretudo, com a cidade. É aquele tipo de homem que trabalha com a mente, e não vivia de rendimentos da terra nem era obrigado a trabalhar nela. O mesmo autor destaca que a separação entre escola monástica e escola urbana foi fundamental; enquanto a primeira preparava os futuros monges, a segunda era aberta a todos. Verger (2001) ao falar sobre as escolas no século XII, chama de um século da “revolução escolar”. Durante a Idade Média, a maior parte da sociedade era iletrada. O conhecimento era transmitido por meio oral e também visual, e os responsáveis por essa divulgação tanto educacional quanto cultural era as ordens religiosas.

A educação básica formal, no século XII, era dividida em *trivium* (*Gramática, Dialética e Retórica*) e *quadrivium* (*Aritmética, a Geometria, a Música e a Astronomia*), que consistia no ensino das sete artes liberais antes da fase ao estudo da Sagrada Escritura. Nos mosteiros

⁷ “Não havia jornais nem revistas, enfim, vivia-se num mundo de tradições orais donde a organização cultural que bafejara certas camadas populares no Império romano já desaparecera por completo, há séculos. Por conseguinte, o estudo, a cultura e o ensino tornaram-se apanágio dos clérigos e monges, tanto que durante séculos o termo francês *clerc*, clérigo, foi sinônimo de intelectual e letrado. Clérigos e monges precisavam saber ler e escrever para desempenhar o próprio ofício e corresponderem à sua vocação religiosa ou eclesial” (NUNES, 1979, p. 220).

ensinavam e transmitiam o conhecimento, e se preocupavam com a formação moral do estudante. Nas escolas monásticas e episcopais, as artes liberais eram ensinadas, e depois havia uma dedicação maior as Sagradas Escrituras. Além disso, a partir do século XII com a introdução as obras aristotélicas no currículo e os comentários de Tomás de Aquino no século seguinte só ampliaram as perspectivas educacionais.

Como discutimos no capítulo anterior, demos ênfase à importância da memória cristã e como a educação estava atrelada à memória, ou seja, educava-se para a fé cristã, e a fé educava o indivíduo. Esse processo se dava pelos ensinamentos ao retorno do passado cristão ou melhor dizendo do cristianismo primitivo. O próprio Ramon Llull chegou a mencionar que cada vez mais os homens se distanciavam do referencial que tinha sido os apóstolos, considerados homens de grande fé. A memória guardava a mensagem cristã e oferecia aos homens a referência de como se tornar um ser humano ideal, já que as ações que os homens realizavam aqui na terra eram critérios indispensáveis para vida após a morte.

A educação do comportamento visava o bem viver social, ou seja, era preparar o homem para praticar o bem e evitar o mal. Por isso a Igreja ensinava a partir da memória, e pretendia formar homens cristãos que contribuíssem naquela sociedade. A educação por volta do século XIII, sofreu mudanças nas escolas, com o surgimento das Universidades, o aprimoramento da escolástica, e da filosofia cristã.

Segundo Nunes (1979), os monges foram os primeiros a se preocuparem com a educação e incentivar os estudantes a leitura. A grande parte dos pedagogos medievais estavam preocupados em mostrar aos alunos o caminho das virtudes, e a busca constante pela sabedoria. O ensino elementar durante a Idade Média para as crianças que não aprendiam com seus pais ou preceptores era a “leitura e primeiros elementos da escrita, tomando-se por texto principalmente os Salmos, a doutrina cristã e o canto que servia para abrilhantar as cerimônias da Igreja” (NUNES, 1979, p.219). Vemos uma educação sempre voltada para o fortalecimento da religiosidade.

O compromisso que os monges⁸ assumiram com a cultura na Idade Média se deu por meio da conservação da cultura clássica, eram peritos na leitura e escrita, graças ao *scriptorium* dos mosteiros, à biblioteca e oficina de cópia e decoração dos manuscritos (LE

⁸ “Os primeiros mosteiros ocidentais, baseados em modelos orientais ou adotada a regra de São Benedito, davam apenas um espaço limitado à atividade intelectual e não previam nada que se assemelhasse a uma escola. Os monges irlandeses que fundaram numerosas casas no continente a partir do fim do século VI, foram os primeiros a acolher crianças nos mosteiros e a exigir dos monges um certo nível de conhecimentos. A partir desse momento, os estabelecimentos monásticos, ao menos os mais importantes, foram normalmente dotados de uma escola, de uma biblioteca, de um ateliê de cópias de manuscritos (*scriptorium*)”

GOFF, 1989, p. 15). Com a desagregação das escolas e outras instituições do Império Romano, a Igreja foi a instituição que estava preparada para articular a sociedade, e nos mosteiros que incentivavam a leitura, memorização para compreensão das Sagrada Escritura, os monges eram considerados como exemplos em suas ações. “Um homem cujo ofício é escrever ou ensinar, e de preferência as duas coisas a um só tempo, um homem que, profissionalmente, tem uma atividade de professor e de erudito, em resumo, um intelectual – esse homem só aparecerá nas cidades” (LE GOFF, 2006, p. 30).

A Europa encarnar-se-á essencialmente nas cidades. É aí que acontecerão as principais misturas de população, que se afirmarão novas instituições, que aparecerão novos centros econômicos e intelectuais. O segundo êxito é o da renovação do comércio e da promoção dos mercadores, com todos os problemas levantados pela difusão do uso do dinheiro na economia e na sociedade. O terceiro êxito é o do saber. **Atinge um número crescente de cristãos pela criação de escolas urbanas, o que corresponde ao que chamaríamos de ensino primário e secundário** (LE GOFF, 2007, p. 144, grifos nossos).

Para Le Goff (2007), o saber atinge a grande maioria dos cristãos com a escola urbana. É claro que essa atividade variou de uma região para outra, mas acreditasse que tenha contemplado até 60 % das crianças na cidade. O ensino expande-se no espaço citadino.

O clero renovava sua crítica em se tratando das cidades, pois criticava aquele novo tipo de profissional que era o intelectual (FRANCO JÚNIOR, 2001, p.33). Segundo Jacques Verger (2001), as escolas vão evoluir quantitativamente e qualitativamente, elas serão instaladas nos burgos e nas cidades, ou seja, seria um novo tipo de escola. O florescimento cultural no século XII,

Representa a confluência de toda a sementeira e de toda a fermentação dos séculos anteriores no surgimento da nova civilização medieval que chegará ao apogeu no século XIII e no início do surto cultural do Ocidente que nunca mais se deteve e se estendeu em linha reta, desde a recuperação da ciência antiga até às invenções e às descobertas da era atômica e espacial em que estamos a viver. Segundo Nunes, as escolas monásticas declinaram, enquanto que as episcopais assumiram a liderança do ensino, e foram as bases das faculdades de artes e teologia do século XIII. (NUNES, 1979, p. 250).

O século XII foi a grande época da introdução das obras de Aristóteles no Ocidente. O estudo da filosofia beneficiou-se com o aparecimento do latim dos textos dos filósofos gregos e muçulmanos. Foi um século marcado pela renovação da instituição escolar, pelo aparecimento de homens, mestres e estudantes dedicados aos estudos.

Aristóteles cuja obra foi praticamente toda traduzida (novas traduções da lógica, física, metafísica), à qual é preciso acrescentar alguns textos de Platão [...] outro grande foco foi a Espanha da reconquista cristã. O principal centro foi provavelmente Toledo, **mas outras cidades de Castela e da Catalunha acolheram tradutores** (VERGER, 2001, p. 71, grifos nossos).

Os clérigos se dedicavam a esse trabalho, e iam a várias localidades para traduzir obras. Em alguns lugares as traduções chegavam rápido, e em Paris as traduções eram encontradas facilmente. Traduções sobre Astronomia, Medicina, causaram uma grande revolução no século XII.

Segundo Verger (2001, p. 65), eram homens que se dedicavam integralmente ao conhecimento, e principalmente pelo surgimento de novas atitudes diante do saber, que autor resume ao entusiasmo e curiosidade. Toda essa mutação não atingiu “[...] apenas as condições de forma externa da vida escolar e intelectual. Ela consistiu também em uma transformação profunda dos métodos e dos conteúdos do ensino”.

Do ponto de vista da História da Filosofia, os dois fatos mais salientes foram a tradução e o estudo das obras aristotélicas, e dos seus comentadores muçulmanos, e a sua aplicação às crenças religiosas, o que deu origem à Teologia escolástica, à ciência sagrada em que as proposições em que se exprime a Revelação foram submetidas à análise crítica e ao enquadramento conceitual nas categorias da lógica, e a argumentação religiosa passou a ser conduzida segundo os cânones da silogística (NUNES, 1979). Os escritos aristotélicos causaram uma revolução intelectual, mudando o currículo escolar.

Tratava-se, por um lado, do texto sagrado por excelência, a Bíblia, completa por comentários os Doutores da Igreja, por outro lado, obras dos sábios e dos filósofos antigos. Estes sábios eram, na verdade pagãos, mas se admitia, desde Santo Agostinho que eles possuíam, apesar de tudo, uma grande parte de verdade e podiam então, com cuidado de algumas precauções, ser utilizados e assimilados pelos Cristãos (VERGER, 2001, p. 67).

As escolas na Idade Média foram um espaço de sociabilidade e descoberta. Verger (1999) diz que a escola desempenhava uma função essencial no processo de ensinar bons comportamentos, afirmar a personalidade do indivíduo, assim como tratar questões de amizade. Existiam escolas puramente familiares ou privadas, mas na grande maioria eram controladas pela Igreja. A princípio ensinava-se a gramática, que na época se tratava do ensino da latim. Dessa forma, era na escola que preparava as pessoas, as instruíam para os serviços e necessidades que a Igreja, as cidades, e os príncipes precisavam para manter a harmonia social.

Em todas as escolas, a base do ensino é evidentemente a gramática, que quer dizer, o latim. Aprendizagem, inicialmente passiva, por vezes associada àquela do canto, e na qual o mestre, sem dúvida, não se proibia o recurso à língua vulgar. As crianças aprendiam os textos de cor, particularmente os do saltério e de outros livros litúrgicos que tinham a vantagem de serem acessível mesmo nas escolas mais modestas, porque era suficiente emprestá-los à igreja vizinha. Depois, vinha o estudo da gramática propriamente dita, que permitia o treino de curtos exercícios de tema ou de composição latina (VERGER, 1999, p. 78).

Outro tipo de escola foram as escolas episcopais ou catedrais que ensinavam um nível mais aprofundado, e estavam alojadas na igreja catedral ou na residência dos bispos, e se preocupavam com a formação do clero, dos sacerdotes, e chegaram também os oriundos da burguesia comercial.

As escolas episcopais⁹, destinadas primeiramente à formação de sacerdotes, distinguiram-se no ensino das Artes Liberais e da Teologia, mas não eram do mesmo tipo e do mesmo estofado em toda a Europa. Devido às traduções de Aristóteles, e outras obras. Foram feitas inúmeras traduções, principalmente de Aristóteles, sobretudo na Espanha.

É muito importante percebermos que a educação estava totalmente atrelada à mudança da época. As escolas que outrora tinha sido um espaço mais voltado para formação dos noviços e padres, dão espaço para novas relações que estavam surgindo, já que as cidade é o mercado. Como afirma Le Goff (1992), as escolas continuam sendo assunto da Igreja¹⁰, mas elas também vão se transformar em escolas laicas, ou seja, as escolas dos burgueses, pois era necessário a prática da leitura e escrita para o comércio.

Esse movimento do século XII contribuiu para algumas mudanças, as escolas se fixam, organizam-se, corporativizaram-se, dando origem a criação da Universidade¹¹. A

⁹ “A escola paroquial funcionava na igreja matriz da paróquia ou na casa paroquial, e a escola episcopal alojava-se na igreja catedral ou na residência do bispo. Aliás, desde os primórdios da Igreja, no período patrístico, os bispos tratavam de formar ao seu lado os colaboradores do seu ministério pastoral, assim como os concílios e os sínodos orientais e ocidentais foram legislando a respeito dos requisitos para a ordenação sacerdotal e para a imposição dos ministérios. Por conseguinte, as escolas paroquiais e as episcopais foram instituídas para a formação do clero” (NUNES, 1979, p. 56).

¹⁰ Le Goff (1992) diz que a Igreja e as autoridades urbanas, viviam em conflito devido ao monopólio escolar.

¹¹ A universidade, dissemos, constitui criação original da Idade Média. Não existiu no mundo antigo nem entre os povos muçulmanos nem em Bizâncio durante o Medievo. É preciso estar atento para o uso do termo, quando se lê, por exemplo, em algum livro que houve universidade em Atenas ou em Bizâncio. Primeiramente, observe-se que o termo universidade só começou a ser usado em latim e a ser aplicado às escolas de certo tipo durante o século XIII. Fala-se em Universidades “espontâneas” (reunião de escolas já existentes no local), “nascidas por secessão” (problemas que levaram grupos de mestres e alunos a abandonar a universidade que frequentavam e fundar outra) e “criadas” (a partir de bulas imperiais) (NUNES, 1979, p. 56).

Universidade foi fruto do desenvolvimento das escolas. Os estudos das sete Artes Liberais, do Direito, da Teologia, da Medicina¹² compõe o estudo no século XIII das Universidades

o termo *universitas* foi usado com o sentido de associação ou corporação de ofício. No século XIII, nessa mesma acepção, ele passou a ser empregado para designar as corporações de mestres e estudantes que se consagravam de modo organizado ao estudo das artes liberais, do direito, da medicina e da teologia (NUNES, 1989, p.143).

A Universidade, segundo Jacques Verger (2001), foi o lugar onde os intelectuais, ou seja, as pessoas cultas, os homens do livro, da escrita, fundamentaram seu saber. Eles sabiam utilizar a palavra, tinham o conhecimento da Gramática, da lógica, do raciocínio, ensinavam a aritmética comercial para futuros mercadores. Até aqui vimos como ao longo de todo o período medieval, as mudanças educacionais foram sentidas e renovadas. Criando novos métodos, assim como dando continuidade ao que já se tinha.

O ensino e o conhecimento, pilares importantíssimos da Universidade, foi nesse espaço que surgiu novos debates e preocupações com as mudanças sociais, foi um espaço de produção, de debates e convívios “[...] as cidades e a Universidade, fazem parte de um mesmo processo de transformação social pelo qual a Europa Ocidental atravessava desde, pelo menos, o século XII” (OLIVEIRA, 2012, p. 21).

Oliveira (2012) afirma que as cidades e universidades não podem ser compreendidas separadamente. A Universidade surgiu devido ao espaço citadino, local do diverso, confuso, do mercado, da diferença, da diversidade. Os homens do medievo experimentaram uma nova realidade social. O homem do século XIII revoluciona grande parte do que a comunidade estava acostumada a viver.

A cidade e a Universidade causaram uma construção no diz respeito à intelectualidade humana, já que o indivíduo sempre utilizou o pensamento. Este homem vive uma nova fase do saber que serviria para o desenvolvimento para as cidades, pois supunha que esses homens estivessem mais bem preparado em busca de liberdade e do bem comum. Oliveira (2009) ao discutir sobre as cidades e Universidades ressalta que a ideia de comunidade e a luta pela liberdade era algo constante. A Universidade demonstrou que os homens necessitavam de um

¹² Constantino, monge africano de origem árabe, veio para Salerno em 1077, aí permaneceu algum tempo, foi para Monte cassino onde traduziu do árabe muitas obras médicas e morreu em 1087. Foi o primeiro grande tradutor de obras de ciência árabe e forneceu os compêndios usados nas escolas medievais de medicina. (NUNES, 1979, p. 66).

outro tipo de diálogo para seu tempo, assim como novas habilidades de pensar a vida e encontrar soluções.

Não podemos deixar de mencionar as faculdades de Direito, Medicina e Teologia, que permanecem na atualidade, e durante o século XIII foram os cursos que mais se destacaram na Universidade. O Direito que estava dividido no canônico e civil, este relacionado às coisas terrenas e a aquelas necessidades espirituais.

A Medicina foi considerada como uma “arte mecânica”, manual, e teria sido desvalorizada socialmente. Pois por muito tempo, acreditou-se que tratava na verdade de um conjunto de práticas mágicas, e fora muitas vezes rejeitada pela igreja. “Até fins do século XIII não se praticava a dissecação de cadáveres pois, sendo homem feito a imagem e semelhança de Deus, abrir seu corpo seria de alguma forma uma violência para com a Divindade”. (FRANCO JUNIOR, 201, p. 50)

A Teologia, sem dúvida, apesar de toda laicização da sociedade e da cultura ocorrida no século XII, foi o curso universitário que mais gozou de prestígio. O conhecimento nessa área estava contido naquilo que tinha sido revelado por Deus, direta ou indiretamente, na Bíblia. (FRANCO JÚNIOR. 2001. P. 66). Assim, buscou-se unir a partir do século XIII a fé com a razão, ou melhor, reaproximar a teologia da Filosofia. Porém, a Igreja tinha uma constante “preocupação” com o contato com obras que pudessem ir de encontro com os princípios cristãos,

Todas as disciplinas dos cursos universitários, as sete artes liberais, o direito civil e o eclesiástico, a filosofia e a teologia assim como a medicina, eram ensinados com base nos textos. Legere, ler, em linguagem universitária significava ensinar e **quando a Igreja proibiu a leitura de Aristóteles devido ao perigo para a fé causado pela mescla dos comentários averroístas com os ensinamentos aristotélicos, ela vetou, de fato, o ensino público da doutrina de Aristóteles.** Nas várias disciplinas a leitura fazia-se em obras que tinham autoridades e serviam de modelos, tal como Prisciano em gramática, Cícero em retórica, Aristóteles na dialética, etc. Os textos tornaram-se princípio de estagnação, explica Chenu, desde que os estudiosos se limitaram à sua letra como se fosse o conhecimento definitivo, o único objetivo do saber, de forma que, por exemplo, saber medicina era conhecer o Canon de Avicena e não o corpo do homem, e saber filosofia era conhecer a doutrina de Aristóteles e não investigar as causas dos seres e o significado da existência (NUNES, 1989, p. 230, grifos nossos).

No século XIII, a Escolástica alcança seu máximo esplendor. A Escolástica foi um método de pensamento e de ensino que surgiu e se formou nas escolas medievais e se plasmou de modo inextinguível nas universidades do século XIII. Santo Tomás de Aquino foi o

maior expoente dessa nova abordagem intelectual. Nunes (1979) considera a Escolástica como um método de ensino e pensamento:

A escolástica é um modo de pensar a um sistema de concepções em que se valoriza a vida terrena como dom admirável de que usufruímos para o nosso bem a para o nosso desenvolvimento pessoal a **em que se admite que o ser do homem não se esgota no breve tempo da sua existência terrena, uma vez que o homem tem um fim supraterrâneo a eterno e o destino de uma vida interminável**, sobre poder crescer ainda neste mundo na vida sobrenatural que ele obtém por meio do batismo. A escolástica foi método e doutrina que nasceram, **creceram e se aperfeiçoaram nas escolas, desde os modestos recintos monásticos até às rútilas cátedras universitárias**. Da tradição antiga mantiveram-se na primeira parte da Idade Média os comentários que os professores teciam aos textos examinados em classe, pálido vestígio dos freqüentes e, por vezes, imensos comentários que os autores antigos compuseram sobre obras filosóficas, literárias e religiosas e que se estenderam às científicas na Idade Média, especialmente à volta dos séculos X, XI e XII (NUNES, 1979, p. 315, grifos nossos).

Nesse sentido, a Escolástica estava ligada tanto à concepção filosófica da vida terrena, da sua transcendência as limitações deste mundo, como uma visão do mundo cristã, onde a revelação de Cristo assegura que a vida continua além da morte, que um destino bom ou mau aguarda o homem conforme seu modo de viver na terra. É importante ressaltar que a mesma, não surgiu no século XIII, o que podemos falar é de um aperfeiçoamento, pois a Escolástica foi uma doutrina que nasceu nas escolas.

O século XIII com tantas transformações, despertava nos cristãos o desejo de usar a pregação como uma ferramenta para enfrentar as demais religiões. Nas Universidades, palcos de outros debates, de novas filosofias como averroísmos¹³, colocava o cristianismo em debate. Isso assustava os defendiam a fé cristã. É necessário ressaltar que não havia “tolerância de ideias”, mas se buscava um consenso argumentativo “O que temos na filosofia da Idade Média, que é sua característica diferencial, é sua batalha de argumentos” (LIBERA, 2002, p.3), Ramon Llull tentava demonstrar isso nos seus escritos¹⁴.

¹³ “Averróis (1126-1198) foi o principal intérprete da filosofia aristotélica na cultura árabe. Seu pensamento influenciou a filosofia judaica e cristã. Na segunda metade do século XIII, formou-se no mundo latino uma orientação filosófica chamada *averroísmo latino*, que defendeu, entre outras teses, a *teoria da dupla verdade* (uma, a correspondente ao dogma e à fé, a outra, a correspondente ao exercício da razão), a eternidade do mundo, a unidade do entendimento na espécie humana (ou *monopsiquismo*) e a negação da imortalidade pessoal e do livre-arbítrio, o que lhe valeu a condenação por parte da Igreja. Assim, os averroístas diziam que não se podia afirmar, entre outras coisas, que o mundo foi criado no tempo, que Deus é providência, que a alma é imortal, que a produção dos seres provém de um ato de liberdade e que existe revelação de verdades por parte de Deus. Em contrapartida, defendiam a eternidade do mundo, o intelecto único, comum a todos os homens, o determinismo universal e a negação da liberdade e da Providência” (LEMOS, 2010, p.24).

¹⁴ Nos séculos XII e XIII, houve o ressurgimento desse ímpeto missionário, fato que gerou uma nova literatura, típica da Baixa Idade Média: *literatura polêmico-apologética*, cujo objetivo era a conversão dos cismáticos –

A ordem dos mendicantes¹⁵ também, juntamente com a Universidade, naquele espaço urbano, ajuda no processo de formação do homem medieval. As quatro ordens foram os dominicanos, franciscanos, carmelitas e agostinianos. A ordem dos mendicantes que por meio das pregações pretendiam alcançar todos os homens. A ordem dos franciscanos e dominicanos, foram aquelas que mais marcaram o campo religioso e educacional.

A ordem franciscana foi fundada por São Francisco que era adepto da pobreza de Cristo. Acreditava que o homem deveria abandonar os bens materiais, imitar a Cristo e se aproximar da mensagem original buscando o amor, a caridade e pobreza (VAUCHEZ, 1995, p. 135). São Francisco de Assis foi uma influência para conversão de Llull, como veremos mais adiante.

A ordem dos dominicanos, foi fundada por São Domingos, este teve a preocupação em combater as heresias. “Nessa época, quase todas as cidades importantes da Cristandade latina tinham um convento de dominicanos, ou até de dominicanas, e estes também desempenharam um papel importante nas missões do Oriente” (VAUCHEZ, 1995, p. 136).

São Domingos compreendia o papel fundamental da palavra na transmissão e na educação da fé cristã. Mas o fato de que os Pregadores eram em sua grande maioria padres permitiu-lhes ir além de uma pregação puramente penitencial e abordar as questões doutrinárias mais complexas. Longe de olhar com desconfiança a cultura livresca, São Domingos e seus sucessores procuraram apoiar-se nela para tomar mais eficaz o seu ministério (VAUCHEZ, 1995, p. 136).

Os frades desta ordem deveriam unir tanto a fé como a inteligência para pregar a mensagem cristã. A intensa associação das ordens com as cidades, foi a tentativa dos frades em estabelecer a ordem social, levar uma mensagem evangelizadora que combatesse os pecados como a soberba, a luxúria, e as heresias. E tudo o que tentasse ameaçar a ordem da Igreja nessa nova sociedade urbana. Foi nas Universidades também, que os frades tiveram atuação.

O século XIII, consolidou-se as cidades, a Universidade, a produção do saber. Diante disso, a seguir falaremos brevemente sobre a vida e conversão de Ramon Llull. Inserido nesse

isto é, os ortodoxos gregos – e dos infiéis. Essa literatura teve sua origem no manejo insistente, ordenado e sistemático das armas espirituais (ensino, pregação e controvérsia oral e escrita), empregadas pelas três religiões monoteístas para alargar seu espaço. Sua relevância aumentou quando, desconfiando-se no mundo cristão do êxito das Cruzadas, alguns homens, munidos com as novas armas de persuasão, começaram a organizar uma nova cruzada espiritual para promover a conversão do infiel em seu próprio território (LEMOS, 2010, p.24).

¹⁵ Ordem de urbanos que dão as costas para a vida monástica para se instalar nas cidades e cujos conventos, numa rede copiada da rede urbana, logo se tornam um dos “pontos quentes” da cidade-aparece um novo comportamento religioso e um apostolado especificamente urbano (LE GOFF, 2006, p. 231).

século de transformações, ele elaborou um projeto no intuito muitas vezes de ir na contramão dessas mudanças.

2. 3- Ramon e seu Tempo: vida e conversão

Llull cresceu em um contexto de grandes transformações e mudanças sociais e políticas. O início do século XIII foi uma época de grandes mutações na Europa. A conquista de Maiorca aconteceu por volta do ano 1229, pelo Rei Jaime I.¹⁶

Viveu basicamente em Maiorca, com uma breve peregrinação a lugares santos na Península Ibérica. Mas toda sua formação intelectual e política foi forjado durante o reinado de Jaime I (COSTA, 2001, p. 164). Fez outras viagens a Paris, África e outros lugares.

Nos séculos VII e VIII, inicia-se a expansão árabe com Maomé (c.570-632) que vai até o califado abássida, onde grande parte do território cristão será dominado pelos muçulmanos, o Oriente Médio e a África do Norte. A Espanha foi uma região da Cristandade Ocidental com contato direto com outras religiões¹⁷. Nesse contexto, os territórios da cristandade, serão marcados por intensas disputas entre cristãos e muçulmanos.

Por volta do século XIII, em 1228, o rei Jaime I¹⁸ preparou um grande exército para a Reconquista da cidade de Maiorca, que estava sobre o controle dos muçulmanos. Após a

¹⁶ Jaume nasceu em 1208 e morreu em 1276. Sua vida relatada no *livros dos feitos*, está permeada de conquistas: Maiorca (onde a confirmação celeste em relação a legitimidade do rei se faz presente em toda narrativa), Burriana, Valência, Játiva, Biar, Múrcia, e muitas outras que estão representadas em suas memórias. Um longo reinado sessenta e oito anos de história, um dos mais longos de toda a Idade Média Peninsular. Ainda pequeno, Jaume passou pela tutela de Simon de Montfort (12211-1214), dos templários (1214-1217) e , por fim, depois de 1217, dos seus naturais, seus súditos. Jurado em Lérida em 1214, tornou-se um rei menino aos seis anos de idade. Dessa fora, durante este período o reino foi governado por seu tio Sancho.

¹⁷“O grau de cultura e formação científica de judeus, cristãos e muçulmanos foi, ao longo da Idade Média espanhola, muito diferente. Durante o domínio Islâmicos foram os muçulmanos e sua classe dirigente os determinantes da estrutura cultural na Península Ibérica. Com o domínio cristão, a cultura dos muçulmanos, quase todos dedicados a ofícios agrícolas e artesanais, foi caindo paulatinamente, ainda que não se deve esquecer que esses muçulmanos sabiam ler, pois por exigências de sua religião tinham que recitar textos do Alcorão. A população judia foi conservando um alto grau de cultura e desempenhou na sociedade multi-religiosasob domínio cristão uma função de portadores de cultura, exercendo ofícios que exigiam alto nível de alfabetização. A cultura judia registrou na Espanha medieval uma verdadeira época de ouro. Em suas aljamas não só se cultivavam as ciências relacionadas com o estudo da Bíblia, seu alto nível cultural motivou que numerosos judeus ocupassem postos chave na administração dos estados cristãos e exercessem uma enorme influência nas finanças e estruturas administrativas dos mesmos. Houve judeus também em outras partes de Europa”. (DOMÍNGUES REBOIRAS, 2012, p. 60-61)

¹⁸ Jaime I, *o Conquistador* nasceu em 1208 em Montpellier. Filho de Pedro, *o Católico* (1174-1213) e Maria de Montpellier (c.1182-1213), falecidos quando ele tinha apenas cinco anos, foi educado no castelo de Montró sob a proteção do mestre dos Templários. Casou-se aos treze anos com Eleonor de Castela com quem teve um filho, Afonso, sendo o casamento anulado por razões de parentesco. Casou-se novamente em 1235 com dona Violante (filha de Andrés II, da Hungria), com quem teve dois filhos, Pedro e Jaime (LEMOS, 2010, p. 33).

conquista, a coroa de Aragão¹⁹ começou sua expansão pelo Mediterrâneo e em direção a Valência, passando por outros territórios cristãos.

O pai de Ramon Llull participou da conquista da Ilha Maiorca²⁰. Segundo Costa (2006), sua família foi descrita por alguns como nobres barceloneses e burgueses ricos. O que tudo indica é que com a expansão aragonesa ao Sul da península, absorveu parte da poluição muçulmana e judia, sendo um quarto da população habitada por não cristãos. Ricardo da Costa (2006) destaca que o ambiente de grande movimentação cultural que Llull cresceu, proporcionou ao mesmo um tom universal nas suas obras, pois os grupos imigrantes vindo da Europa cresceram naquele lugar.

Esse cosmopolitismo da sociedade de Maiorca proporcionou a Ramon Llull uma visão privilegiada das culturas judia e muçulmana, tornando-o um dos escritores e filósofos medievais melhor preparados para abordar o tema do diálogo inter-religioso, assunto em voga nos círculos intelectuais de então. Esse ambiente cultural possuía, naturalmente, uma grande preocupação religiosa, tanto na conversão dos infiéis quanto na unificação do cristianismo (COSTA, 2006, p. 108).

O filósofo maiorquino, teve sua formação privilegiada, pois o contato com outras culturas permitiu que o mesmo estivesse preparado para os debates necessários do seu século.

O contato com o Islã gerava trocas comerciais e trocas de conhecimentos, o que gerava a alternância entre momentos de conflito e momentos de paz. O fluxo de cristãos era muito grande na Espanha, em parte em razão das peregrinações ao santuário de Santiago de Compostela, em parte em razão dos movimentos de Reconquista Cristã e, no território de Lúlio, das trocas comerciais e peregrinações ao Oriente Médio, Jerusalém, sendo que Maiorca servia de entreposto para elas (FELDMAN apud MARRONI, 2015, p. 117).

A ilha de Maiorca era diversificada por receber influências de diversos povos, pois era considerado como um importante ponto comercial, no qual eram realizadas trocas de

¹⁹Jaume I herdou um território política e economicamente desfavorável. Entretanto, mesmo que tenha recebido a Coroa de Aragão nestas condições, durante seu reinado Jaume liderou um processo expansionista de novos territórios, promovendo assim um rompimento com toda a política territorial anterior de forte interesse pelas regiões do Languedoc. Os limites territoriais ao norte do que na época era conhecida como corte de Aragão foram delimitados em 1213, quando Pedro, o Católico, morreu defendendo seus vassalos cátaros na batalha (ARAGÃO, 2010, p. 15).

²⁰ “A comienzos del siglo XIII, el mediterráneo seguía siendo uno de los escenarios principales de la historia. Fijemos nuestra mirada en sus costas, en concreto en el archipiélago balear. La mayor de sus cinco principales islãs había sido habitada desde el cuarto milênio antes de Cristo. Los romanos conquistaron Mallorca em 124 antes de Cristo y fundaron dos colônias romanas: Palmaria (Palma) y Pollentia (Pollensa). Em Mallorca se conservan dos basílicas paleocristianas em Manacor, restos de uma terceira em Santa Maria y hay datos sobre la existência de otras três em Palma. Dada La distancia temporal entre esse primer cristianismo y la época de Ramon Llull, convendrá echar una mirada a las principales religiones que pasaron, por esta islã y su relación com los poderes políticos” (MATA, 2006, p. 46).

mercadorias, de ideias. Judeus, cristãos e muçulmanos e outros, faziam dessa ilha uma diversidade cultural.

Ramon Llull voltou-se para a vida religiosa ainda muito jovem, foi também influenciado pelos mouros em sua terra natal, Maiorca. Llull conta que vivia uma vida mundana. Ainda jovem tinha tido uma educação voltada para música. Durante sua infância e juventude na corte real “recebeu uma educação característica da nobreza do século XIII: aprendeu a utilizar as armas e a arte de trovar e compor canções, conhecimentos que faziam parte de uma educação comum a toda ordem cavaleiresca (VENTORIM, 2008, p. 40). Assim compunha canções, que para ele, eram “vãs canções”, pois ele era casado, tinha dois filhos, mas suas canções eram feitas para uma namorada. Certa noite ele foi surpreendido por uma visão do Cristo crucificado que mudaria sua trajetória para sempre. Para André Vauchez (1995, p.162), as visões eram um importante meio de comunicação entre o homem e Deus.

Imaginando e pensando uma vã canção, e escrevendo aquela em língua vulgar para uma namorada, a qual naquele momento amava com um amor vil e feiticeiro, como donde tinha todo seu entendimento aceso e ocupado em ditar aquela vã canção, mirando com insistência a parte direita viu Nosso Senhor Deus Jesus Cristo suspendo com os braços em cruz, muito dolorido e apaixonado. O qual visto tendo grande temos em si mesmo, e deixando todas aquelas coisas que tinha entre suas mãos, partiu, meteu-se em seu leito e cobriu-se (LLULL, 1311, p. 06).

Segundo sua autobiografia *Vida Coetânea (1311)*, as aparições sucederam-se por mais ou menos cinco vezes, até que Llull compreendeu que algo sobrenatural estava acontecendo com ele. Sentiu-se triste, e indigno de servir a Jesus Cristo, pois a vida que até então tinha levado era uma vida mundana, distante dos princípios cristãos. Mas aceitou a missão, e buscou formas para cumprir seu “tão alto ministério”,

O dito reverendo mestre, já todo incendiado em ardor no amor para com a cruz, deliberou que maior nem melhor agradável ato não poderia fazer do que converter os infieis e incrédulos á verdade da santa fé católica, e para aquilo colocar a sua pessoa em perigo de morte. E, como ele ficou pensando longamente sobre isso, voltando diante de si mesmo, ele duvidou ser apto e disposto a tão alto ministério; porque considerando ser iletrado-como em sua juventude só havia aprendido um pouco de gramática –e considerando esta falta tão grande e defeito em tão alto ministério, e contrário disso que ele desejava, começou a ter tanta dor que quase saiu de mesmo. (LLULL, 1311, p.06).

O ministério de Ramon Llull começou com um projeto de vida missionária, pautado no desenvolvimento intelectual, pois para o mesmo era necessário o conhecimento, visto que

segundo ele tinha perdido muito tempo, além do que se considerava um iletrado, e só tinha aprendido um pouco de gramática. Aqui é importante ressaltarmos que ele tinha trabalhado como senescal para Jaime II, e embora não se achasse capacitado, ele já possuía um amplo conhecimento.

Neste sentido, um dos motivos que levam Llull a se dedicar em construir um projeto-pedagógico, baseia-se na sua própria experiência de vida. As dificuldades pelas quais tinha enfrentado, despertou-o a pensar no próximo, e queria que as pessoas conhecessem quem era Jesus Cristo desde cedo.

Llull ganha destaque por ser um dos teóricos na Idade Média tão preocupado com a educação e a religiosidade. Ramon tinha trinta anos quando se converteu ao cristianismo, assim queria contribuir ao máximo para o fortalecimento da Cristandade. Para Llull, eram considerados como “infiéis”, mulçumanos e judeus, que cercavam os cristãos.

Durante séculos, a Península Ibérica foi um dos maiores pontos de contato entre as grandes religiões monoteístas. Tal peculiaridade fez com que os reinos cristãos, inimigos do Islã e motivados pela sobrevivência, se deparassem com a necessidade de implementar políticas de assentamentos e repovoamentos em que considerações de caráter religioso fossem proteladas em nome de necessidades econômicas e sociais concretas. Essa tolerância não significou uma mistura ou assimilação das religiões, que lutaram pela manutenção de suas diferenças (LEMOS, 2010, p. 35).

O filósofo era consciente de como o cristianismo perdera força, e muitos cristãos saíam pelo mundo a fora, para divulgar a mensagem de Deus, por essa razão Ramon Llull criou grandes expectativas no intuito de converter os “infiéis”, criando uma espécie de “um projeto utópico”, por um mundo sem guerra e por uma paz universal. Llull teve três coisas firmemente deliberadas dentro de seu pensamento:

- 1-Colocar sua vida para honra de Jesus Cristo
- 2-Fazer os livros, uns bons e outros melhores, sucessivamente contra os erros dos infiéis
- 3-Construir e edificar diversos mosteiros.

Ramon Llull sabia que trilharia caminhos difíceis, mas se propôs cumprir esses objetivos. Foi quando decidiu que necessitaria recorrer ao papa, aos reis e príncipes cristãos, pois nos mosteiros seria ensinado outros idiomas dos infiéis, para que houvesse missionários mais bem preparados para a missão que Ramon Llull se propôs a cumprir, que era levar a mensagem de Deus para quem ainda não tivesse compreendido. Sentiu um forte desejo de anunciar a verdade já que:

O século XIII é o tempo da perplexidade para o cristianismo: conhecedores que eram a minoria no mundo, a primeira atitude de muitos cristãos foi sair pelo mundo e divulgar a palavra de Deus. Por esse motivo, surgiram as ordens mendicantes, e a atitude apologética de Ramon Llull expressa muito bem esse sentimento de angústia e perplexidade coletiva que se transformou em ação, em um otimismo sem par na certeza de poder converter todo o mundo. Por esse motivo o século XIII foi definido como “o século do otimismo” (COSTA, 2006, p. 112).

Como vimos no início do capítulo, o século XIII viveu grandes transformações, o que gerou mudanças significativas no próprio Cristianismo, o que levou outros homens como Ramon Llull a se preocupar com as necessidades do seu tempo.

A ilha de Maiorca tinha uma cultura diversificada a partir das religiões judaicas e islâmica, o que deu a Ramon Llull uma capacidade de abordar sobre o debate inter-religioso e construir uma trajetória intelectual.

A vida intelectual ocidental tirou grande proveito desta expansão geográfica. Nas zonas de conquista (Sicília, Espanha, Constantinopla) e apesar da rudeza inicial desta conquista, contatos se estabeleceram com os letrados muçulmanos, judeus, permitindo em particular que se obtivessem e traduzissem em latim numerosos textos gregos ou árabes (VERGER, 2001, p. 25).

A península Ibérica entrou em contato direto com a cultura antiga, assimilando o saber e conhecimento clássico dos gregos. Os muçulmanos se dedicaram nas traduções das obras filosóficas²¹. O anseio de Ramon Llull nesse momento de sua vida, após as visões, foi exatamente o de expandir a fé católica, aos “infieis e incrédulos”, principalmente após ouvir um sermão que contava um pouco sobre São Francisco de Assis,

[...] que dizia como o santo havia abandonado todas as coisas mundanas para se entregar totalmente ao serviço da cruz, é que Ramon Llull finalmente decidiu mudar sua vida. Vendeu então a maior parte de seus bens e deixou somente uma pequena parte para sua esposa e filhos [...] a ênfase na vestimenta pobre era uma característica dos espirituais franciscanos (COSTA, 2006, p. 112-113).

²¹ Os muçulmanos patrocinaram atiladamente a fundação de escolas em seus domínios. A educação centralizava-se no elemento religioso do Alcorão. Em muitas escolas ministrava-se o ensino da ortografia, da gramática, da poesia e da redação, embora algumas se restringissem apenas à doutrina religiosa. O ensino superior constava de estudos de direito, gramática, literatura, retórica, ciências e filosofia, mas o centro continuava a ser o Alcorão e as Seis Coleções de Tradições referentes a Maomé. Embora fossem numerosos os mestres particulares que lecionavam gratuitamente, o ensino era dado nas madrasas ou colégios do Cairo, Damasco, Bagdá, Ispahán, Fez, Kairuán e Córdoba e, depois, nas escolas superiores das mesquitas (NUNES, 1979, p. 225).

A partir desse momento, desses três objetivos, Ramon Llull experimenta em sua vida um momento de grandes decisões, renúncias para o tão alto ministério que recebeu de Jesus Cristo. Entregou-se ao serviço da Cruz, vendeu suas possessões deixando apenas parte para sua esposa e filhos, e sairia por vários lugares em busca de conseguir realizar aqueles três propósitos.

Assim, suas obras são reflexos de sua experiência, do seu desejo de realizar o ministério de Deus, e ver a Santa fé sendo vivida e contemplada por todos os homens. Acreditando no Cristianismo como a verdadeira fé, ele tinha o desejo de cumprir o tão alto ministério para o qual Jesus Cristo o chamou. Assim, Llull representava esse modelo humano, ou seja, na idade Média cristã Ocidental dos séculos XI-XV, teve esse modelo bem definido pela religião, de um homem que crê (LE GOFF, 1989, p.10).

No início do século XIII, podemos destacar um homem “exemplar”, segundo um exemplo de bom cristão para conversão de Ramon Llull, São Francisco de Assis. Este homem foi considerado um santo da pobreza, da humildade, imitando os passos de Cristo, influenciou decisivamente a conversão do maiorquino. As hagiografias medievais retratam sempre a presença de Jesus Cristo por meio das visões que modificam a vida, as ações do indivíduo, isso era bastante comum.

O filósofo não teve uma mudança instantânea, passou-se três meses depois das aparições do Cristo ressuscitado, mas ainda estava envolvido com negócios ditos “mundanos”. Consequentemente, ele se considerava um pecador, não deixava de ouvir os sermões, foi quando participou da festa do glorioso seráfico²², que ele chamava de “monsenhor São Francisco”, a mensagem sobre este homem mudaria a vida de Llull (LLULL, 1311, p. 15).

Enquanto, um bispo pregava sobre São Francisco de Assis, Llull foi profundamente tocado, pois o sermão mostrava como Assis tinha deixado tudo o que possuía, dedicando-se exclusivamente ao serviço da Cruz, assim sendo, Llull foi tocado dentro de suas entranhas e deliberou-se que faria o mesmo que São Francisco tinha feito, o qual venderia suas posses, e deixaria parte dos seus bens para o sustento da sua família. (LLULL, 1311, p. 12)

Desse modo, como ficaria a família de Llull, uma vez que possuía esposa e filhos, pois ele levava uma vida totalmente diferente antes de sua conversão, porém os momentos posteriores a sua conversão foram marcados por grandes mudanças. Como já mencionamos antes, ele vendeu seus bens, teve uma transformação de comportamento, o que levou sua

²² Porque São Francisco já se encontrava em um grau de santidade próximo dos serafins.

esposa a ficar preocupada com os rumos tomados pelo marido, e solicitou em juízo que fosse designado um procurador para cuidar da administração das posses (COSTA, 2006, 110).

É certo e manifesto que Blanca, mulher de Ramon Llull, veio diante de nós, Pedro de Caldes, juiz, etc., para afirmar e denunciar ao dito juiz que Ramon Llull, seu marido, se tornou tão contemplativo que não se ocupa da administração de seus bens temporais e assim eles se perdem e são destruídos. Por isso, suplicando, pede com essa alegação, para ela e os filhos comuns dela e do dito Ramon Llull, que escolham um curador que reja, governe, proteja, defenda e conserve os bens do dito Ramon Llull. E nós, Pedro de Caldes, tendo escutado a dita petição e efetuado uma acurada investigação sobre **a vida e os costumes do dito Ramon Llull, e como consta que o citado Ramon Llull optou a tal ponto pela vida contemplativa que quase não se ocupa da administração de seus bens, tendo deliberado sobre o caso, e vendo que Dom Pedro Galcerán, cidadão de Maiorca**, parente da dita Blanca, sem qualquer retribuição já se encarrega disso, é a pessoa adequada para a curadoria e administração dos ditos bens, damos e designamos o dito Pedro como curador e administrador de todos os bens móveis e imóveis do dito Ramon Llull, outorgando-lhe plenos poderes para reger, governar, reclamar e defender os ditos bens nos tribunais e fora deles, em juízo e fora de juízo, efetuando tudo o que seja útil e evitando ou deixando de lado o que seja prejudicial para a conservação dos ditos bens. Consequentemente, eu, Pedro Galcerán, recebendo de vós a mencionada curadoria dos ditos bens, prometo reger, governar e defender os ditos bens tanto quanto posso, e por isso obrigo etc., juro e dou como avalista Dom Pero Cuc, que obrigou etc. (COSTA, 2006, 114, grifos nossos).

A família de Llull não foi tão compreensiva com o novo estilo de vida pelo qual ele tinha tomado. Consequentemente sua forma contemplativa de olhar a vida não foi visto como algo normal, sua esposa não estava aceitando suas atitudes, pois para ela o mesmo parecia na verdade estar enlouquecendo. Mesmo com essa não aceitação da família, Ramon Llull não desistiu e prosseguiu com seu trabalho, escrever livros e contribuir para educação.

Para compreendermos melhor as influências franciscanas, gostaríamos de comentar um pouco a vida de São Francisco, e entender como Ramon Llull seria influenciado por esse homem. São Francisco nasceu por volta do final do século XII e converteu-se nos anos de 1206, ele era filho de um mercador, mas decidiu abandonar as riquezas seguindo os passos de Cristo.

A conversão caminha. Ele será um dos maiores santos da história do cristianismo. Mas levará para sua nova vida as paixões da juventude: a poesia e o gosto da alegria. Então Francisco começa a pregar, “com sua voz que é como um fogo ardente”. E prega em Assis, na ou perto da igreja na qual tinha recebido menino, sua educação religiosa [...]. Nesse momento começa a pregação itinerante. De tempos em tempos, haverá nessa pregação

uma etapa marcada, viagens para Roma ou para fora da Itália. (LE GOFF, 1999, p. 62).

Francisco de Assis teve uma história marcada pela religiosidade e entrega de sua vida aos assuntos relacionados a fé. Essa história influenciou profundamente os “novos caminhos” trilhados por Llull. Francisco de Assis era um jovem rico, que vivia em festas noturnas, possuía origem nobre, participou de guerras, e em uma dessas quando retornava recebeu uma visão do caminho de volta, e quando chegou em Espoleto uma febre tomou conta de seu rosto, a partir disso mudou o rumo de sua vida “[...] mantém-se reflexo e caridoso para com os pobres, isola-se um pouco de seus companheiros, as visitas e contemplação aos campos de sua terra natal aumentam” (COSTA; ZIERER, 2014, p. 36). Quando o filósofo soube dessa atitude, quis seguir o mesmo caminho do Santo (LLULL, 1311, p. 14).

Acompanhamos essa trajetória tão semelhante na vida de Ramon Llull, que após ouvir o sermão sobre São Francisco tentou seguir os mesmos passos de Assis, como um exemplo, que também vai vender todos os seus bens, e se entregar a uma vida totalmente cristã.

O que nos interessa nessas influências franciscanas, é tentar também analisar muitas semelhanças que o homem medieval tinha, são elementos muitos parecidos, sobretudo quando o assunto é conversão, visões, e isso fica muito claro quando comparamos a vida de Llull e de São Francisco Assis. Ramon Llull visitou igrejas como a de São Jaime e a da nossa Dona de Racatallada, e foi a diversos lugares santos, para suplicar que Jesus Cristo o ajudasse nos seus três propósitos.

O filósofo colocou de lado todo luxo, de suas vestimentas, vestiu-se de um hábito honesto. Após esse período pôs-se a um período de peregrinação ao santuário mariano de Rocamador e a Santiago de Compostela. A peregrinação²³ medieval era uma forma martírio, de eliminar os pecados,

Uma viagem, uma caminhada, isto é, uma prova física do espaço. A provação do espaço faz com que o peregrino seja um estrangeiro por onde passe. Ele é estrangeiro aos olhos dos outros, mas também estrangeiro em relação ao que era antes de se colocar a caminho. A peregrinação é uma prova espiritual (SOT, 2006, p. 353).

Francisco Assis também fez isso deixando suas vestimentas, despiu-se literalmente, deixando todas as suas vestimentas, entregando ao seu pai.

²³ O homem da Idade Média, condicionado pela concepção do pecado que lhe foi inculcada, procura na penitência o meio de assegurar a sua salvação (LE GOFF, 1989, p. 88).

Recebia sinais e visões espirituais, além disso, encontrava-se confuso sobre qual atitude deveria tomar. O despojamento significaria sua renúncia para riqueza e o nascimento para a pobreza; quando a autoridade eclesiástica o veste, representaria o acolhimento da Santa Igreja pelo seu novo estilo de vida. É notório destacar que estas observações só fazem sentido se levarmos em considerações as posições e obras dos franciscanos moderados. (COSTA; ZIERER, 2014, p. 36)

Semelhante ao Santo, Llull adotou um novo estilo de vida, o qual não se importou mais com os bens materiais, com vestimentas. Relata na *Vida Coetânea* que dedicou parte de sua vida, ao serviço de Cristo, contribuindo para o crescimento da Cristandade, e abandonando os “vícios”.

Para esse filósofo, o seu passado tinha sido vergonhoso, e lamentava sobre o tempo perdido, pois sabia que o propósito que o Senhor lhe entregou, necessitaria de uma preparação consolidada. Foi pensando nisso que ele resolveu buscar pelo ensino de outras ciências e da gramática.

O principal público que Ramon Llull desejaria alcançar era os “infiéis”. Quem eram esses “infiéis” para Ramon? Eram,

[...] todos os que professavam uma fé diferente da cristã. Mas em sua missão dedicou especial atenção aos muçulmanos, fato que se explica pela ligação de Llull com eles, uma vez que mesmo após a reconquista de Maiorca, muitos muçulmanos continuaram vivendo na ilha, num total de 50 mil habitantes, que representava cerca de 40 % da população da ilha islâmica e havia em média 3 mil judeus” (COSTA, 2007, p. 16).

O maior objetivo de Ramon Llull era alcançar todos os que estavam no “erro”. Ele se dedicou aos estudos, aprendeu a ler em árabe, e se preocupou em descobrir novos métodos de ensino. Segundo o filósofo, ele recebeu de Deus sua *Arte*, que está fundamentada na Bíblia, nos Padres, na Igreja, em outros filósofos. Segundo Ricardo da Costa a Arte luliana possuía os seguintes propósitos:

[...] segundo o próprio criador: 1) Conhecer e Amar a Deus era um preceito cristão (Mc 12:30 e Lc 10: 27), mas amar e conhecer a Deus era uma característica da teologia muçulmana, o que indica uma influência islâmica no pensamento de Ramon; 2) Unir-se as virtudes e odiar os vícios, um processo que segundo Llull, refrearia as paixões com a virtude da temperança; 3) Confrontar as opiniões errôneas dos infiéis por meio das “razões convincentes” ou “necessárias”; 4) Formular e resolver questões e 5) Poder adquirir outras ciências em um breve espaço de tempo e tirar as conclusões necessárias segundo as exigências da matéria. Isto fazia da Arte luliana uma ciência das ciências, proporcionando o critério para um ordenamento preciso e racional de todo o conhecimento. (COSTA, 2009, p. 10).

A Arte luliana foi uma forma de demonstração das verdades da fé para os “infieis” e instrumento de teologia para os cristãos. Nessa Arte o uso do intelecto era indispensável, pois clarifica as razões necessárias ao conhecimento de Deus. Llull buscava um método que tirasse os homens do erro. Ele acreditava que sua *Arte* era indispensável para unificar os cismáticos a fé cristã. Entende que o homem pode ter um contato com Deus, pois ele

[...] era um místico, isto é, acreditava na sua possibilidade de comunhão direta entre Deus e o Homem. Essa experiência de comunhão direta entre Deus e o homem de natureza religiosa, ou religioso-filosófica, que se desenrola normalmente num plano transracional__ não aquém, além razão. Por outro lado, mobiliza poderosas energias psíquicas do indivíduo, elevando o ser humano a uma alta forma de conhecimento e de amor. Tais visões não são fins em si, mas meios para uma experiência religiosa, por sua vez condicionada pela tradição religiosa do místico. (COSTA, 2002, p. 14).

A comunhão com Deus seria abandonar todos os hábitos mundanos, levando uma vida pura, e vivendo a primeira intenção, que para Llull seria “Amar e servir a Deus”. Dessa forma filósofo criou grandes expectativas, para transformar a sociedade do seu tempo, e Llull considerava a disputa como meio fundamental para isso,

As disputas religiosas entre cristãos, judeus e muçulmanos eram comuns na Península Ibérica do século XII. Crenças e livros sagrados do Judaísmo e do Islamismo sofriam constantes refutações dos cristãos. A disputa (*disputatio*) foi também um dos métodos mais importantes de ensino universitário na Baixa Idade Média. Esse método foi definido por João de Salisbury (1117-1180), em sua obra *Metalogius* (II, 4): “A *disputatio* se dava em torno das coisas que eram duvidosas, apresentadas de forma contraditória ou que nos proponhamos demonstrar ou refutar de um modo ou de outro” (LEMOS, 2010, p.39, grifos do autor).

Os “infieis” segundo Llull já tinham a condenação eterna, para ele Maomé foi um “[...] um homem enganador que fez um livro chamado Alcorão, e disse que lhe foi dado por Deus ao povo dos sarracenos, dos quais sarracenos Maomé foi o iniciador”. (LLULL, 2010, p. 56). Llull tratava Maomé de forma pejorativa, considerando-o como um enganador, e fundador de uma seita. Para que os muçulmanos fossem resgatados dessa “mentira”, a conversão deveria se dar a partir das pregações direcionadas para as elites culta que eram incrédulas em relação a Maomé, difundiriam o cristianismo junto ao povo (COSTA, 2011, p. 22).

E os gentios seriam aqueles que não tinham leis, não tinham Deus, estavam em grandes erros e opiniões e Judeus não acreditavam na trindade, tudo isso para Ramon Llull significava uma extrema necessidade que aquela sociedade tinha de conhecer, amar e servir a Deus.

Na Península Ibérica durante o século XII, houve disputas constantes entre os judeus, muçulmanos e cristãos, estes últimos refutavam os livros sagrados que não fosse a Bíblia, que era a única palavra verdadeira na concepção dos cristãos. Existia uma espécie de “inclusivismo que afirma que uma religião é explicitamente verdadeira, enquanto as todas as outras são implicitamente verdadeiras. Esta doutrina declara que Jesus Cristo pode falar a todo coração humano por meio do Espírito Santo” (LEMOS, 2010, p. 56).

Llull utilizou os *exempla* como um recurso para converter as almas, que eram breves relatos com intuito de convencer um determinado público por meio de uma lição moralmente saudável. “Llull os utilizava como auxílio para a exposição de suas doutrinas filosóficas e teológicas e para embelezar o seu discurso” (LEMOS, 2010, p. 116). Le Goff (1994) ao falar sobre o *exemplum*, intitulou como um instrumento de ensino e edificação. Era um tipo de pregação destinada à nova sociedade marcada pelo fenômeno urbano, pela constatação herética e laica, pelas mudanças intelectuais. O tempo do *exemplum* alimenta-se do tempo da memória interior, do tempo da salvação, do tempo escatológico.

Como afirma Le Goff (2002), o Cristianismo é uma religião de salvação, ou seja, era necessário que houvesse homens dispostos a pregarem o evangelho, ensinar as pessoas o jeito “certo” de viver, e essa vida era cristã. Uma vida de renúncias, abandono dos velhos hábitos, e por isso nesse contexto em que Llull viveu, esse desejo por grande parte dos homens em levar uma vida “correta” segundo os exemplos de bons cristãos, era bastante característicos da época. O Cristianismo e Islamismo contribuíram para formação do pensamento luliano, já que as duas religiões eram bastante presente na cidade natal do filósofo “um país fronteiro entre a Cristandade e o Islã, com estreitas relações comerciais com o Magreb e em que o *outro* compartilhava espaços comuns” (LEMOS, 2010, p. 76).

Ramon Llull deliberou ir ao grande ensino em Paris²⁴, queria aprender gramática, outras ciências, e estar mais preparado para seu ousado projeto. Porém seus familiares foram contra e principalmente o mestre Ramon de Penyafort, da ordem de São Domingos. Todos

²⁴Universidade de Paris, que era indiscutivelmente o centro do pensamento cristão nos séculos medievais. A cultura da cristandade ocidental a partir do século XII tem em Paris sua última e definitiva referência.

impediram que Llull tomasse essa decisão, e pediram que o mesmo continuasse em sua terra natal, em Maiorca.

Os próximos anos seriam marcados por uma busca constante do ensino. Ele queria aprender outros idiomas, sobretudo, estudar a gramática, o latim. Para aprender a língua árabe, ele comprou um escravo mouro, que durante nove anos se dedicou ao estudo da língua árabe ou mourisca. Llull não tinha o hábito de citar as fontes que lia, por isso é difícil precisar quem eram seus mestres, e as obras lidas pelo autor. Segundo Eliane Ventorim (2008, p. 45-46), “dentre as obras e os mestres de sua educação autodidata estão Bíblia, o Alcorão, o Talmude, Calila e Dimna, e textos de místicas árabe, o sufismo, entre os autores, Platão (428/427-347 a. C), Aristóteles (384/383-322 a.C), Anselmo de Cantuária (1033/1034-1109) e São Boaventura”.

Segundo a *Vida Coetânea* (1311), o escravo comprado por Llull, certo dia blasfemou contra Jesus Cristo, o que deixou o dito reverendo irritado, inquieto pelo intrínseco zelo de Nosso Senhor, feriu o dito mouro assim na boca como na cara, cabeça e outras partes de seu corpo, e como o dito mouro fosse muito alto de coração e fosse quase do estado de mestre do dito senhor seu em mostrar-lhe a língua mourisca. Llull deixou o escravo em cativo por alguns dias, até decidir o que faria com ele, já que o escravo tinha lhe ensinado bastante. (LLULL, 1311, p. 20).

Depois desses acontecimentos o maiorquino se retirou para um lugar tranquilo, pois queria estar mais próximo de Deus,

O dito reverendo mestre subiu alto em uma montanha chamada Randa, a qual não era muito longe de sua casa, para que aqui melhor pudesse pregar e servir a nosso Senhor. E como tivesse estado aqui por quase oito dias, e um dia estivesse contemplado e tendo os olhos voltados para o céu, em um instante lhe veio certa ilustração divina, dando-lhe ordem e forma de fazer os ditos livros contra os erros dos infiéis. (LLULL, 1311, p. 9).

Llull começou uma trajetória simples e ao mesmo tempo conflituosa. Quando ele saiu da montanha de Randa, local onde teve uma experiência mística, pois acreditava ter tido um contato diretamente com Deus, saiu em lágrimas do monte para ordenar seus livros, livros belos, que chamou de *Arte* (*Arte abreviada de encontrar a verdade*), ou seja, um livro que continha sua filosofia para conversão dos infiéis. Certo dia um jovem pastor de ovelhas ouviu Llull falar da sua *Arte*, e ficou muito maravilhado, e o abençoou com sinal da cruz e ajoelhado

o beijou (LLULL, 1311, p. 10). Buscava demonstrar e provar os artigos da fé, a encarnação e a existência da trindade aos infiéis.

Como um bom filósofo desenvolveu um método, deixou-o fundamentado. Fala sobre a necessidade de recorrermos ao uso da razão. Esse filósofo foi um moralista, que embebido de filosofia antiga compôs sua própria fundamentação de vida, buscando propagar aquilo que para ele era a verdade.

Não se sabe ao certo suas principais influências, mas acredita-se que a fundamentação da sua Arte está sob as influências: da Bíblia, de Aristóteles e de escritos árabes. A contribuição dos árabes para o progresso intelectual para o Ocidente é indiscutível, principalmente no que diz respeito à medicina, matemática e à ótica.

Para Llull, sua religião, o cristianismo era a única verdadeira, por isso teve como principal objetivo levar a fé cristã para aqueles que segundo o próprio era considerados como infiéis. Para o filósofo, fé e razão não poderiam estar separadas:

Fé e razão convêm na sentença da Teologia para que, se a fé cair, o homem se ajude com razões necessárias, e se a razão cair no entendimento humano, que o homem se ajude com fé, crendo nas coisas de Deus que o entendimento não pode entender. Filho, Aristóteles, Platão e os outros filósofos que, sem fé, desejaram ter o conhecimento de Deus não puderam elevar seu entendimento tão alto para que pudessem ter, declaradamente, conhecimento de Deus, de Suas obras ou de como o homem vai a Deus. Isso aconteceu porque não desejavam crer nem ter fé naquelas coisas pelas quais o entendimento humano, por meio da luz da fé, se exalta para entender Deus (LLULL, 2010, p. 60).

Nessa passagem, fica bastante claro como o filósofo analisava detalhadamente o proceder o humano. Acreditava que o homem que se focava no próprio entendimento poderia se afastar da fé, assim era necessário o uso da fé e da razão.

Santiago Mata (2006), enfatiza que as viagens realizadas por Ramon Llull tinham como principal objetivo era falar com as pessoas, saber o que elas pensavam sobre Deus. Não era a favor do uso da guerra ou força, mas pretendia levar a mensagem cristã tentando prová-la por meio do uso da razão.

Para Ramon Llull, o princípio da busca do conhecimento deve ser livre de julgamento prévios. A verdade é encontrada somente quando se inicia a investigação com uma razão que admita todas as possibilidades podem ser verdadeiras. Portanto, o *entender* é superior ao *crer*. Para se conseguir isso, há ferramentas filosóficas- Ramon afirma que há três espécies de “se”: que é a dúvida (que ele chama de duvidativa), a que afirma (“afirmativa”) e a que nega (“negativa”). O entendimento do investigador deve supor que ambas

(afirmativa e negativa) são possíveis, “... e que não se ligue com o *crer*, que não é seu ato, mas com o *entender*”. Por esse motivo, os argumentos lógicos nunca podem ser baseados em citações de autoridades, mas somente pela razão. (COSTA, 2006, p. 21).

O maiorquino não dispensava o uso da dúvida, afirmação e negação. Para ele esses estágios eram fundamentais, pois sem isso o ser humano não poderia crer. E Llull queria provar o “verdadeiro”, isto é, provar as verdades do cristianismo. E buscava argumentos aceitáveis para os três credos, desejava romper com as barreiras entre fé e razão (COSTA, 2006, p. 03).

Para Llull, fé e razão são dois momentos solidários de um único processo de conhecimento, que parte da fé, passa pela razão e volta, agora enriquecido, para a fé. Trata-se, portanto, de um círculo hermenêutico, cujo ponto de partida é sempre a fé, condição prévia para o entendimento. Ramon buscava uma dimensão de inteligência no interior da fé. A fé ajudaria o entendimento a crer, enquanto este a ajudaria a entender, pois, para o maiorquino, para entender verdadeiramente era necessário crer, e para crer era necessário entender. Porém, a fé era maior que o entendimento, visto que o homem, normalmente, acreditava mais do que entendia. A razão luliana não é a razão autônoma, característica do pensamento moderno, mas é uma razão comprometida com a fé cristã, que a ajuda e é por ela ajudada. (LEMOS, 2010, p. 93).

O Rei de Maiorca, Jaime I, pediu para que Llull viesse até Montpellier, pois o rei tinha ouvido falar muito bem do maiorquino, e com a ajuda de um mestre em teologia analisou suas obras. Aproveitou o momento Llull, e pediu ao rei que fossem construídos mosteiros, para que pudesse viver ali treze frades que aprendessem a língua mourisca para converter os infiéis, aos quais todos os anos fossem dados quinhentos florins de ouro para seu sustento (LLULL, 1311, p.14)

Depois de onze anos, Llull já com seus mais ou menos 44 anos, não desistiu e continuou pedindo as autoridades maiores como, rei Jaime I, que constrísse mosteiros, que preparasse mais pessoas para levar a “verdade” aos “infiéis”. Isso fica muito claro em diversas passagens da *Vida Coetânea*,

Depois destas coisas, foi-se embora o dito reverendo mestre ao santo pai e aos cardeais para obter que fossem feitos mosteiros pelo mundo onde se apressem diversas línguas para converter os infiéis; e como fosse até a corte, encontrou o santo pai que nesse momento tinha acabado de morrer, pela qual coisa deixada a corte, tornou a via de Paris, com o propósito e intenção de ler e comunicar a *Arte* publicamente, a qual Nosso Senhor Ihe havia comunicado. (LLULL, 1311, p.14).

Nem sempre Llull conseguiu realizar seus projetos, nem todas as localidades que desejou construir os mosteiros foram possíveis, assim como nem todos os lugares, sua *Arte* foi aceita ou compreendida, como veremos melhor nas próximas linhas que se seguem.

Os escritos lulianos tinham um objetivo central, não ficar no anonimato. Ele queria que sua *Arte* alcançasse principalmente aquele que tivessem se desviado para a intenção pela foi criado, sobretudo os infiéis. Por isso, não mediu esforços para ampliar todo seu conhecimento, para que seus livros chegassem em outras localidades. Saindo da sua terra natal visitou outros locais, vivendo um período de grandes viagens, voltando a Maiorca algumas vezes, somente para ver seus filhos.

Llull fez sua viagem a Paris, local de grande centro do pensamento cristão, para divulgação de sua obra, onde leu publicamente na escola do mestre Britolt, tendo a oportunidade de um contato direto com a Universidade. Este primeiro contato de Llull com o ensino parisiense foi de uma tamanha frustração, devido a problemas de comunicação e no momento da apresentação não houve uma compreensão o que dificultou a apresentação de sua *Arte*. (LLULL, 1311, p.14).

Santo Agostinho foi uma das grandes referências no pensamento luliano. Agostinho que acreditava que Deus é transcendente, o criador de todas as coisas. O pensamento agostiniano estava pautado tanto na filosofia helenística como nas sagradas escrituras, ou seja, o acesso ao conhecimento das verdades imutáveis era possível ao homem desde que houvesse a intervenção divina, chamada de *teoria da iluminação*, quando a luz era posta sobre a inteligência humana (SANTOS, 2017, p. 25). Ramon Llull buscou equilibrar a fé com a razão, recebendo durante sua existência a revelação divina em sua *Arte*.

Depois de ler publicamente sua *Arte* em Paris, decidiu ir pelo caminho de Gênova onde poderia passar a Bébéria mais facilmente para provar a Santa Encarnação do Filho de Deus, a qual os infiéis não acreditavam. Mas Ramon Llull sentiu medo da reação dos mouros, medo de ficar preso ou ser apedrejado. Sentiu vontade de retornar no barco que tinha vindo, mas não foi possível. Assim pensou que estava se comportando como Pedro, negando a Cristo. Sentiu tanta dor dentro de sua alma, que caiu em uma grande doença. (LLULL, 1311, p. 18).

Como já mencionamos, Ramon Llull viveu em um contexto complexo, e uma aproximação com os mulçumanos e Judeus. Sua vida a partir dos seus trinta anos, quando se converteu, foi dedicada à conversão dos, que segundo ele, considerava como infiéis.

[...] o termo «conversão» em Lúlio tem um duplo uso: aplica-se à aceitação da fé cristã por parte do infiel e também a aceitação por parte do cristão de suas obrigações para com o infiel. O cristão, ensimesmado nos problemas internos de seu entorno social, deve ampliar seu horizonte em função do ideal que informou toda a existência de Lúlio e que formulou com toda clareza na primeira de suas obras. (DOMÍNGUES REBOIRAS, 2012, p.63-64).

Llull considerava Maomé como um homem impuro, “endomoniado”, epilético, e enganador, ou seja, tinha sido o grande criador de uma obra recheada de falsificações. (COSTA, 2011, p. 29) Uma das convicções que Ramon tinha, era que a Cristandade poderia recuperar a Terra Santa e converter os infiéis. Esse deveria ser um trabalho constante para os cristãos, já que cada um tinha uma missão, eram missionários, aqueles que propagam a fé e impediam que outras pessoas no dia do Juízo Final fossem condenadas.

Como destaca Vauchez (1989), nas Cruzadas foi possível perceber a espiritualidade popular, o desejo da devoção ao Cristo, a busca em libertar a Terra Santa e conquistar o que pertencia a Deus; junto a isso também, está uma aspiração pela purificação. Ramon Llull escreveu obras dedicadas a essa temática, como o livro *Livro sobre a aquisição da Terra Santa (Liber de acquisitione Terrae sanctae, 1309)*, incentivando os fiéis a recuperarem as terras santas que estava dominada pelos infiéis, era preciso também convertê-los. (COSTA, 2011, p. 21).

Llull desde sua conversão, visitou muitos lugares para divulgação da sua Arte, principalmente os lugares onde existia a maior concentração dos “infiéis”. Em *Vida Coetânea* ele relata uma viagem para Túnis, onde foi mesmo estando muito doente,

Enquanto, donde, que o dito reverendo mestre estava assim angustiado da sua doença, veio uma notícia que uma galera se preparava para ir a Túnis, da qual coisa alegrando-se muito o dito reverendo mestre fez-se aportar com seus livros dentro da galera; mas seus amigos, vendo que ele estava em tão grande doença, forçaram-no a permanecer, da qual coisa ficou com grande dor o dito reverendo mestre. (LLULL, 1311, p. 33).

Mesmo doente escolheu propagar a mensagem, e estava disposto a ir mesmo que seus amigos tentassem impedi-lo,

E, como houvesse feito louvores singulares e graças a Nosso Senhor, entraram no porto de Túnis. E, chegando em terra, entrara, dentro da cidade, e o dito reverendo mestre começou a procurar dia-a-dia aqueles que eram mais literatos na seita de Maomé, declarando-os como ele havia estudado a lei dos cristãos e que sabia bem a sua fé e os fundamentos dela, mas que tinha vindo aqui para saber sua seita e credulidade; e que se ele encontrasse que aquela fosse melhor que aquela dos cristãos, e ele não pudesse provar

(que a dos cristãos era melhor), que por cero ele se faria mouro. E como isso fosse sentido por muitos, acomodaram-se todos os mouros conhecedores que se encontravam diante da cidade de Tunis, alegando as mais fortes razões que sabiam e podiam em sua seita. **E como o dito reverendo mestre facilmente respondeu e satisfez a eles, todos estavam espantados e maravilhados, e por isso ele começou a falar e dizer assim-**“ Convém manter aquela fé e crença a qualquer homem sábio e letrado, qual majestade divina, a qual cada um de vocês crê e outorga, atribuindo maior honra, bondade, poder, glória e perfeição e todas estas coisas em maior igualdade e concordância; e assim mesmo aquela fé e crença (cristã) deve ser mais exaltada e mantida a qual entre Nosso Senhor Deus e o seu efeito possua maior concordância e conveniência. E, como eu entendo, pelas coisas propostas a mim por vocês que todos vocês que têm a seita de Maomé não entenderam que nas dignidades divinas existem atos próprios intrínsecos e eternos, sem os quais as dignidades divinas são ou seriam ociosas (assim como na bondade de Deus podemos dizer bonificativo, bonificável e bonificar, e em magnificência, magnificativo, magnificável e magnificar, e assim das outras dignidades semelhantes, e por conseguinte, seria colocar ab aeterno ociosidade em Deus, a qual coisa seria blasfêmia, e contra a igualdade e concordância a qual realmente existe em nosso Senhor Deus); e por isso, por esta razão os cristãos provam que a trindade de pessoas existem na essência divina ” (LLULL, 1311, p.22, grifos nossos).

Em sua *Autobiografia*, o filósofo fala de uma viagem para Túnis, momento esse que tentou conscientizar os ditos “infiéis” de seus pecados, tentando ilustrar razões tão altas, tão maravilhosas, que um muçulmano preocupou-se. Em *Vida Coetânea*, Ramon Llull expressou sua fé tão convicto, que o dito infiel sentiu-se ameaçado pensando que sua seita poderia ser exterminada e destruída, assim denunciou Llull para seu rei, desejando que o matasse. Porém um mouro não foi a favor da morte de Ramon Llull,

Não convém a um tão alto príncipe e rei como tu és, dar tal juízo e sentença a alguém que, por exaltar a sua lei, se metesse neste perigo: porque seguir-se-ia que se um dos nossos andasse entre os cristãos para convertê-los a nossa, assim mesmo o matariam uma tal morte; e, por consequência, não se encontrariam mouros que daqui em diante ousassem andar para converter os infiéis a nossa lei e á boa parte, a qual coisa seria contra a nossa lei e em derrogação daquela (LLULL, 1311, p. 29).

Depois desse acontecimento, Ramon Llull é expulso de Túnis e foi posto em uma nau de genoveses, mas antes de sua partida foi surpreendido por golpes, bofetadas e pedradas que não se puderam contar.

Alegrava-se, mas o dito reverendo relembrou a paixão de Cristo; e sentiu dor, e não foi pouca, das perdas das almas, as quais já haviam estado alguém tão preparado pra receber o santo batismo; e isto o fez ficar em grande perplexidade, porque via que, se fosse embora, como naquela revolta lhe houvesse conduzido em uma nau de genoveses, mas, não obstante o perigo

de morte, ele saiu da nau e as escondidas partiu para a terra, esperando o lugar e o tempo para entrar na cidade e converter aquelas almas. (LLULL, 1311, p. 30).

Quando chegou a Gênova fez diversos livros, e em seguida retornou para Paris onde leu sua arte e compilou diversos livros. No tempo do papa Clemente V, o reverendo mestre partiu da cidade de Paris e foi o santo pai suplicando-lhe que fizesse construir diversos mosteiros, nos quais aprendessem diversas línguas para pregar a santa fé católica aos infiéis assim como Nosso Senhor havia mandado aos apóstolos. (LLULL, 1311, p. 33)

A *Vida coetânea* nos conta que o filósofo já não tinha mais medo da morte, fez uma viagem pela África, e por onde passava começava a gritar que “as leis dos cristãos é santa e verdadeira, e a seita dos mouros falsa e malvada”, e ressaltava ainda que sua *Arte*, seus livros, era para provar isso, para provar que a fé católica era a verdadeira. Os mouros mais uma vez tentaram mata-lo, e levaram tal atitude ao bispo, este começou a falar com ele, dizendo: “Como tem estado tão louco, que deseja impugnar a lei de Maomé? Porque não sabe certa coisa, que cada um que aqui impugna deve morrer uma má morte?” (LLULL, 1311, p.30). Ramon Llull respondeu que: “O verdadeiro servo de Deus não deve temer o perigo da morte para manifestar aquela aos infiéis, que estão em erro, e trazer aqueles a via da salvação”. (LLULL, 1311, p.30)

Uma das autoridades mulçumanas não autorizou a morte de Ramon, mas ordenou que o prendesse. Os mouros reagiram contra tal medida, pois queriam que ele fosse sim apedrejado. Mas um dos mulçumanos pediu que ninguém tocasse nele, porque ele mesmo faria um belo processo e sentença, que iria condená-lo a morte.

Mas o dito mandamento não se opunha que enquanto ameaçavam o cárcere, fizessem tão grande revolta que uns com bastões, outros com pedras, outros com punhais, tiraram-lhe a barba que tinha longa e quase o deixaram á morte”. Mas no dia seguinte concordaram, os doutores da Lei mulçumana e solicitaram ao bispo que Ramon fosse apedrejado; e convocado seu conselho foi determinado pela maior parte que o dito reverendo mestre fosse conduzido aqui diante eles que o homem de ciência, morresse. [...] Mas para cristãos catalães e genoveses foram suplicar que o trouxessem, e de fato mudaram-no para um outro lugar mais suportável. (LLULL, 1311, p.32).

Durante esse período encarcerado, alguns mouros visitavam Llull todos os dias, e pregavam sobre a lei de Maomé, tentando convertê-lo ao islamismo, oferecendo mulheres, honras e tesouros infinitos. Nos seis meses preso, houve debates constantes entre eles (Ramon Llull e os mouros), ambos tentavam provar que sua fé era a verdadeira. Porém cada um

mantinha sua opinião, sua crença, foi concordado entre eles que cada um fizesse um livro que provasse a autenticidade de sua fé.

Mas o diabo, inimigo da verdade, que em todos os tempos levou as almas á perdição, vendo que por aquele caminho todas aquelas almas chegariam ao paraíso, engenhosamente veio uma ordem do rei de Burgia que estava em contestina, ordenando com grandes penas que o dito reverendo mestre fosse expulso da terra. (LLULL, 1311, p.32)

Expulso das terras de Burgia ordenaram a um dono de uma nau que não o deixasse em nenhuma terra de mouros. A nau foi para Gênova, e seguiu uma grande tempestade em alto mar, a nau naufragou, deixando muitos mortos. Muitos escaparam, e Llull foi um desses sobreviventes. Vindo a cidade de Pisa, foi recebido gentilmente pelos cidadãos.

Não podemos esquecer que essa biografia de Ramon Llull servia como um *exemplum*, servindo como um modelo ideal de bom cristão. Aquele que se converteu, e saiu pregando a fé católica. Superou suas dificuldades, escreveu livros, e mostrou que todo seu trabalho foi voltado para honrar a Cristo. Acreditava assim que seu exemplo de servo, poderia levar outras vidas ao arrependimento para alcançar a Salvação. Ramon Llull foi considerado como um grande intelectuais da sua época. Dedicou parte de sua vida aos estudos.

Ramon Llull tentou servir como um modelo de cristão perfeito, ou seja, notamos em sua autobiografia um caráter exagerado, uma busca pela perfeição. Observamos que os anos iniciais de sua vida nem foram apresentados na obra, pois considerou como anos vergonhosos, de pecados. Na busca de se purificar adotou a prática do martírio, buscando o perdão pelos seus pecados.

CAPÍTULO 3 - A PROPOSTA DE EDUCAÇÃO LULIANA PARA SÉCULO XIII

O homem é única criatura que precisa ser educada. Por educação entende-se o cuidado de sua infância (a conservação, trato) a disciplina e a instrução com a formação. Consequentemente, o homem é infante, educando e discípulo [...] o homem não pode se tornar um verdadeiro homem senão pela educação. Ele é aquilo que a educação dele faz (KANT, 1999, p.17).

Neste capítulo, para uma melhor compreensão sobre o projeto pedagógico luliano, faremos uma análise sobre o conceito de educação na perspectiva de Santo Agostinho, referência da Antiguidade e para projeto de Educação na Idade Média. Concentramo-nos em como a educação deveria ser transmitida e inculcada para uma melhor formação do ser, e esse processo acontecia com a aquisição dos valores cristãos, na concepção da conduta e moral.

A fonte *Doutrina para Crianças* é um livro considerado como um resumo do pensamento luliano, pois registra seu ideal de educação, ou seja, como a constituição humana deveria passar por estágios gradativos, e sobretudo o entendimento sobre Deus, já que Este era o responsável por todo conhecimento que seria necessário para homem andar em retidão. Aqueles que batalhassem até fim por uma vida em santidade receberiam a glória eterna.

Antes da educação ser transmitida nos espaços formais como as escolas, existia uma educação chamada de informal, realizada no ambiente familiar, quando se transmitia as instruções iniciais para a vida. Dividimos este capítulo em três itens.

O primeiro contém uma breve análise do conceito de educação para Santo Agostinho, pois é importante pensarmos como esse teórico compreendeu a educação, principalmente o que legou a Idade Média, que foi o conhecimento, a doutrina cristã. O segundo item apresenta como Ramon Llull percebia a infância, visto que seu projeto pedagógico, conforme sua concepção, era para ser transmitido desde a infância, e no terceiro item mostramos a maneira como o homem deveria educar seu filho. Por isso, destacamos a obra *Doutrina* como uma preservação da memória, visto que toda vez que esse manual fosse utilizado, seria lembrado a mensagem a cristã que era a base para uma “verdadeira educação”, de acordo com o filósofo maiorquino.

3.1-Educação para Santo Agostinho: Breves reflexões

“Na verdade, quanta diversidade no modo de viver ocorre entre os homens! Entre eles não pode acontecer uma uniformidade de vida a não ser na medida em que ajam segundo os mesmos princípios” (KANT,1999, p.19). Quantas “verdades” podemos extrair do pensamento kantiano. Para nós, seres participantes da sociedade, crescemos em ambientes distintos uns dos outros. Muitas vezes buscamos um padrão de comportamento ou uma uniformidade de princípios. Seria isso possível? Com a diversidade cotidiana, poderíamos afirmar que não. O comportamento humano é fruto do resultado de fatores exteriores e interiores no processo da formação do ser.

Kant (1724-1804), alguns séculos mais próximo de nós e mais distante do medievo, compartilha de pensamentos sobre a gênese humana que nos levam a reflexão sobre o agir humano diante de suas ações.

O nosso cotidiano agitado leva as pessoas a tomarem posturas alienantes nas tomadas de decisões, afetando os princípios da moral. É nesse sentido, que iniciamos este capítulo apresentando nossa intenção de investigar qual o modelo de educação proposto por Ramon Llull para o viver em sociedade.

Toda sociedade estipula um padrão a ser obedecido, ou seguido como um modelo de comportamento que seja tomado como um ideal, os modelos de conduta podem educar de diversas formas e finalidades. Neste sentido, saímos um pouco das chamadas instituições, para pensarmos um pouco no homem, especificamente no homem e mulher medieval, que tinham sua formação voltada para um ideal de cristão perfeito. Existia uma fé e um Deus que guiava esse homem e mulher a trilhar por um caminho cristão considerado como um bom caminho de ações corretas. O bom comportamento levaria o indivíduo ao Paraíso.

Pensar a educação medieval, é quase como pensar a preparação para morte. Isso pode parecer muito estranho, já que a cultura ocidental se atemoriza diante da morte, mas a intenção no medievo era esta, educar para salvar, educar para morrer quase em “perfeição”. No capítulo quatro, discutiremos como a representação da Inferno e Paraíso, ditava o comportamento aqui em baixo, ou seja, como a educação tentava preparar o indivíduo para alcançar um bom lugar no Além. Sabemos que pensar a educação nesse período histórico é pensar a religiosidade, a Igreja e as transformações sociais que estavam acontecendo, sobretudo, durante os séculos XIII.

A Igreja Católica buscou estratégias no que diz respeito à conquista ao mundo espiritual. Trata-se de pensar em uma instituição que “batalhou” muito ao longo da Antiguidade para conquistar seu espaço. Isso implica dizer não só a conquista espiritual, mas a influência em todos os segmentos da sociedade.

Nas igrejas e nos mosteiros, por meio dos livros, o saber antigo preservou-se. Houve uma transmissão às gerações da Idade Média. Alguns autores da Antiguidade foram de extrema importância, pois elaboraram manuais e enciclopédias, tais como Santo Agostinho, Marciano Capela. Sobre o surgimento dos mosteiros Le Goff diz que:

O mosteiro surge-nos como uma ilha, um oásis e, simultaneamente uma cidade, uma cidade santa. O monge tem uma relação, tanto com Deus como com o Diabo, de quem é a presa privilegiada. Perito nas agressões de Satanás protege os outros homens do «antigo inimigo». É igualmente um especialista da morte, por meio das necrologias que existem nos mosteiros e que constituem cadeias de oração pelos defuntos. É um conselheiro e um mediador, sobretudo dos grandes. E também é um homem de cultura, um conservador da cultura clássica, um perito na leitura e na escrita, graças ao *scriptorium* dos mosteiros, à biblioteca e oficina de cópia e decoração dos manuscritos. Reúne em si «o vigor intelectual e a exuberância emotiva» e «uma sabedoria da escrita que sabe exprimir e matizar sensações, desvios, subtis atenções e segredos». O mosteiro é a antecâmara do Paraíso e o monge o mais habilitado para se tornar um santo. (LE GOFF, 1989.p. 15).

Os monges desenvolveram um papel fundamental no resgate e na conservação, permitindo que o pensamento do mundo antigo passasse pela Idade Média. Os mosteiros foram mais que centros religiosos, foram também centros de ensino. Os monges que fundaram numerosas casas no continente a partir do fim do século VI, foram os primeiros a acolher crianças nos mosteiros e a exigir dos monges um certo nível de conhecimentos. “A partir deste momento, os estabelecimentos monásticos, ao menos os mais importantes, foram normalmente dotados de uma escola, de uma biblioteca, de um ateliê de cópias de manuscritos” (NUNES, 1979, p. 56). O ensino monástico consistia na aprendizagem gramatical, ou seja, ensinava a princípio o latim. E também ensinava-se um pouco de canto e cálculo, cujas bases vinham dos manuais e compilações como os de Isidoro de Servilha e Beda. As escolas monásticas surgiram naturalmente, pois muitos homens procuravam o mosteiro para se consagrarem inteiramente a Deus pela imitação de Cristo.

A orientação dessa civilização deu-se sob a influência de outras culturas. É importante ressaltar que na História não há rupturas absolutas. Nesse sentido, a Idade Média não despreza o legado cultural, não abre mão dos clássicos, não enjeita o conhecimento, embora, claro,

muitas adaptações fossem necessárias, principalmente nas questões centrais relacionadas ao Cristianismo, que chega até os nossos dias. Sobre o aprendizado nos mosteiros:

Estudavam-se as sete artes liberais, segundo a orientação dada por Santo Agostinho no *De Doctrina Christiana*, e aplicavam-se os estudantes de modo intenso à leitura e à meditação da Sagrada Escritura, de acordo com as prescrições unânimes das Regras, como a de São Bento, Sto. Isidoro e São Frutuoso. Para a iniciação gramatical tomavam-se os salmos como texto de leitura. Aliás, o ensino estava dirigido para o seu conhecimento, assim como ao de toda a Bíblia. (NUNES, 1979, p. 99, grifos do autor).

Aqui cabe o grande desafio que é destacar a importância da reflexão no sentido de responder questões centrais sobre o liame entre a educação, conhecimento, pensamento e religiosidade. Há uma riqueza no passado medieval, quanto à forma de educar, não queremos neste sentido engrandecer um período histórico, mas reconhecer as contribuições que permanecem ainda espalhadas pelas sociedades. Uma preocupação constante do historiador é não cometer anacronismos, ou interpretações precipitadas.

Santo Agostinho na sua obra *Doutrina Cristã* contribuiu aos estudos dos intelectuais cristãos e para as escolas. Santo Agostinho destacava as Sagradas Escrituras como o centro da Aprendizagem. Até o início do século XIII, o currículo praticamente não foi alterado, apenas houve acréscimo das disciplinas filosóficas e científicas (NUNES, 1979).

Falar sobre a Doutrina cristã, é destacar que serviu

[...] de roteiro para os estudos dos intelectuais cristãos e de ideário e programa para as escolas. De acordo com o Mestre de Hipona, o centro da aprendizagem é a Sagrada Escritura e para ela se volta todo o interesse que possam merecer as artes liberais, as línguas e as ciências, enquanto o termo filosofia se conserva para designar principalmente a concepção cristã da vida na aceção consagrada pelos Santos Padres e adotada pelos autores monásticos. A obra de Santo Agostinho agigantou-se no legado antigo e as suas diretivas filosóficas e educacionais imperaram soberanas até ao século XIII (NUNES, 1979, p.69).

Agostinho teve um ideário pedagógico, e recebeu grande notoriedade por ter sido considerado um educador de excelência, que considerou a educação como uma caminhada exaustiva em busca da purificação e intelectualidade, ou seja, levava o aluno gradualmente a se identificar com a sabedoria, a bondade, a tudo aquilo que remetia a Deus, que era considerado como a fonte da bondade.

Assim, a expressão educação era entendida estando associada à sua raiz etimológica latina: *educe*, “fazer sair”. Como o conhecimento já existia inato no indivíduo, restava responder à seguinte pergunta: de que modo o estudante era conduzido da ignorância ao saber? Como o aluno aprendia? Essa era a questão básica dos educadores medievais. **Preocupados com a forma da aquisição, os pedagogos de então tiveram uma importante consciência: cabia ao professor “acender uma centelha” no estudante e usar seu ofício para formar e não asfixiar o espírito de seus alunos** (COSTA, 2002, p. 19, grifos nossos).

Para Agostinho, Deus era a única fonte de iluminação, assim o professor não tinha capacidade para ensinar coisa alguma, apenas exercia uma função de despertar nos alunos a busca pelo conhecimento (MELO, 2002, p. 65). Era necessário o aluno ser conduzido da ignorância ao saber. Assim, o professor acendia uma centelha no aluno para despertá-lo para o conhecimento. Santo Agostinho concebeu a educação como:

Um processo mediante o qual para ‘homem exterior’, material, mutável e mortal ia cedendo espaço para o ‘homem interior’, espiritual, imutável e imortal. Esta transformação se dava à medida que o homem se aproximava e se familiarizava com Cristo: a Verdade, a Palavra de Deus que se fez homem. Por este motivo, o aluno não chegava a verdade por meio das palavras do professor, mas pela contemplação feita pelo ‘olho’ da mente, ao captar as coisas da verdade essencial, possibilitadas por Deus (MELO, 2002, p. 69).

Na concepção agostiniana, só existia um único Mestre, Deus. O professor era apenas aquele que despertava no aluno a vontade de conhecer. A educação seria uma busca por respostas ao drama humano e à inquietação do coração do homem, que necessitava de respostas para a sua efêmera vida. Ele destaca que o homem possui tanto um corpo como uma alma e está deveria ser uma “substância dotada de razão, apta a reger um corpo” (AGOSTINHO, 1997, p. 67). Por isso, a necessidade do debate sobre a Alma humana receber aquilo que fosse de melhor, ser nutrida de coisas boas, para que o corpo fosse controlado, ou seja, regesse o corpo.

O homem que vivia sob o peso do pecado original, tinha o desejo de retornar para Deus, fugindo das tentações carnis. O conceito de educação em Santo Agostinho traz, em princípio, uma evidente influência platônica, mas com o tempo ele foi se matizando, purificando e assimilando um perfil próprio, de modo a ser perfeitamente compatível com a pregação doutrinária do cristianismo.

Para Santo Agostinho, a educação “[...] era uma caminhada de purificação moral e de exercitação intelectual, que conduzia progressivamente o aluno a se identificar com a Sabedoria, a bondade e a beleza” (MELO, 2002, p. 67). Por isso na concepção deste teólogo:

[...] a educação como um processo mediante o qual o ‘homem exterior’, material, mutável e mortal ia cedendo espaço para o ‘homem interior’, espiritual, imutável e imortal. Esta transformação se dava a medida que o homem se aproximava e se familiarizava com Cristo: a Palavra de Deus que se fez homem. Por este motivo, o aluno não chegava á verdade por meio das palavras do professor, conforme já mencionado, mas pela contemplação feita pelo ‘olho’ interior, o ‘o olho’ da mente, ao captar as coisas da verdade essencial, possibilitadas por Deus. Daí a importância, para Santo Agostinho, da interiorização como forma de comunhão e renovação em Deus (NUNES, 1979, p. 35).

O homem, um ser mortal, deveria perceber a educação como um instrumento para aproximá-lo de Deus. Isto só era possível quando o homem exterior desse lugar ao homem interior, e quanto mais se aproximasse de Deus mais a carne seria menos alimentada, e o espírito aprenderia as “verdades” que seriam contempladas pela alma.

A formação do homem cristão dava-se a partir da iluminação divina. Deus era a fonte de todo conhecimento humano, e o homem deveria buscar sempre a verdade e formar seu caráter pautado nas virtudes para que fosse sábio, virtuoso e feliz.

Santo Agostinho por meio dos sermões pregava e ensinava a mensagem bíblica. Em sua obra *Doutrina Cristã*, destaca que para compreensão da leitura bíblica é necessário um largo conhecimento,

O ponto de partida de Agostinho é de que o cristão se forma a partir do momento em que se converte a religião; mais ainda, quando consegue entender e decodificar as mensagens contidas na sagrada escritura. Por conseguinte, a leitura e a compreensão destas escrituras é que torna um indivíduo um cristão (OLIVEIRA; VITORETTI, 2007, p. 01).

A partir da conversão o cristão inicia uma nova vida, abandona os convencionados velhos hábitos, pecados para entender a mensagem da Sagrada Escritura. Nessa perspectiva, a educação direciona o indivíduo para um caminho da aquisição de virtudes, que o conduza a realizar boas ações. A alma deve coordenar o corpo para que deste modo o indivíduo encontre uma direção interior. É nessa concepção que a educação é formulada para dar condições ao indivíduo de fazer uso desse livre-arbítrio, em outras palavras, seria que orientação tomar no rumo da vida.

A alma é considerada a beleza do corpo, do mesmo modo que Deus é a beleza da alma. Isso não significa dizer que o corpo, enquanto matéria, é concebido por Santo Agostinho como um elemento mal. Como a materialidade humana também é uma criação de Deus, e como tudo que é feito por Deus é visto como sendo bom, **o corpo é considerado, assim como a alma, bom, apesar de ser inferior a ela.** Dessa maneira, ele assume a condição de mal quando domina a alma e a degradação do homem era consequência da submissão de sua alma ao seu corpo (SOUZA; PEREIRA MELO, 2015, p. 245, grifos nossos).

Tomás de Aquino acreditava que o homem era dotado de uma alma racional, e o mesmo seria capaz de fazer suas escolhas na vida. Para o cristão, a completude final seria a visão de Deus, o ser deveria agir de acordo com o fim, o livre-arbítrio estava na articulação entre vontade e inteligência. Por isso, era fundamental na visão desse pensador que o indivíduo tivesse sua escolha livre, utilizasse sua inteligência e vontade para uma finalidade justa e do bem (MARTINES, 2007, p. 193).

Para Llull, seguir as regras de comportamento, era praticar o bem no cotidiano. Partilhando do ideário de Agostinho, Deus era a fonte de todo o conhecimento. A educação proposta por Llull não era rasa, tinha fundamento pautado na influência do cristianismo. Conforme Ramon Llull, para tornar-se um cristão, era importante entender as letras, a linguagem, cálculo, música, conhecer outras línguas; a finalidade da educação era conhecer, amar e servir a Deus.

3.2- Educação na fase inicial

Para Ramon Llull, a educação é um instrumento básico para se chegar ao conhecimento, à sabedoria. Os medievais refletiam muito sobre aspectos como a felicidade, o bem, o Além. Na Idade Média, a educação era vista como um instrumento para se alcançar a Sabedoria, que conseqüentemente, levaria o homem à Felicidade, um bem desejado por si mesmo e mais perfeito que todos os outros bens (COSTA, 2003, p. 99). Os manuais pedagógicos são uma síntese de como se comportar, por exemplo, o *Manual de Dhuoda*²⁵ também tinha uma preocupação com a educação do filho, no que diz respeito à educação cristã.

²⁵ Foi um manual de alto valor, educativo para o seu filho Guilherme, a 30 de novembro de 841, e terminou-o a 2 de fevereiro de 843. O livro compõe-se de 81 capítulos divididos em onze partes. Na primeira parte Dhuoda fala da sublimidade de Deus e do seu amor. Na segunda discorre sobre o mistério da Santíssima Trindade, sobre as virtudes teologais e a oração. Na terceira expõe a moral social. O Manual de Dhuoda é a obra mais original da pedagogia no período carolíngio e no seu gênero é única na primeira parte da Idade Média. No Manual a fidelidade a Deus, aos pais e ao rei é engrandecida e recomendada e Dhuoda assenta a educação nas profundas convicções religiosas para ajudar o filho a ser um homem de bem e um cristão esclarecido e coerente (NUNES, 1979, p. 230).

Para Ramon Llull, Jesus Cristo era o exemplo de perfeição, no qual os homens deveriam se espelhar, já que muitos tinham se desviado da primeira intenção (Amar e servir a Jesus Cristo), e os olhos que deveriam olhar para contemplar as coisas espirituais, olhavam para as materiais (COSTA, 2006).

O maiorquino é um grande crítico do seu tempo, e a obra *Doutrina* é considerada uma síntese do pensamento luliano, além de ser um livro fundamental para a compreensão do século XIII, quando se trata da educação e religiosidade. Essa obra foi escrita por volta dos anos 1274-1276, dedicada ao seu filho Domingos.

Sabemos que a educação medieval não tinha só o objetivo de divulgar o saber científico, mas a proposta ia além. Era um ensino atrelado a uma educação moral, ou seja, não tinha um valor puramente material, mas estava diretamente ligada ao imaginário da época, era a constante preocupação com o agir em sociedade e a salvação da alma.

Como um bom pai, na obra *Doutrina para Crianças* Ramon Llull ensina que os pais devem ensinar os seus filhos, mostrando a brevidade da vida, ou seja, como é importante que a criança cresça distante das “obras mundanas”, aprendendo os princípios cristãos.

A obra *Doutrina para Crianças* contém cem capítulos, divididos em onze partes. Cada uma tratando dos assuntos relacionados a uma educação cristã que são: Dos Treze Artigos, Dos Dez Mandamentos, Dos Sete Sacramentos da Santa Igreja, Dos Sete Dons que o Espírito Santo dá, Das oito Bem Aventuranças, Dos Sete Gozos de nossa Senhora, Das sete Virtudes que são os Caminhos da Salvação, Dos Sete Pecados Mortais pelos quais o Homem vai a Danação Perdurável, Das três leis, Das Sete Artes.

Para Llull, o homem ensinaria seu filho a amar e servir seu “glorioso Deus”. “É conveniente que o homem mostre a seu filho a forma de cogitar a Glória do Paraíso e as penas infernais [...], pois por meio de tais meditações, a criança se acostumará a amar e temer a Deus, conforme os bons ensinamentos” (LÚLIO, 2010, p. 03).

Precisamos compreender como funcionava a Educação. Será se a criança possuía algum valor? Que valores eram importantes? “A obra *Doutrina* foi uma das primeiras obras pedagógicas na Idade Média em língua vulgar e um dos primeiros livros escritos para crianças” (ZIERER, 2013, p. 327). Visava a educação infantil, visto que nessa época a educação estava fortemente ligada à religião. Na Idade Média, a religião era, com efeito, a mola propulsora de toda a atividade pedagógica; era formar um ser consciente de que a vida

terrena era a passagem para o mundo do Além, ou seja, a vida terrena era efêmera, mas celestial era eterna.

Desta forma, Le Goff (1994) afirma que não existiu em outro tempo histórico um “modelo humano” tão bem definido como no medievo. Esse historiador defende que esse modelo era o homem cristão, portanto, era natural que a educação empreendida tivesse como finalidade a concepção de um homem com base na fé cristã e fiel aos preceitos da Igreja Católica.

Esse é um diferencial da Idade Média para atualidade que tem o ensino separado das questões religiosas, pois muitos não conseguem enxergar para além do religioso, e não percebem as influências positivas na formação de um ser ético, com valores e que vise o bem comum. Na Idade Média, a religião assumia este papel central no cotidiano daquele homem:

Na Idade Média a religião era, com efeito, a mola propulsora de toda a atividade pedagógica; o estudo e a investigação não tinham finalidades em si mesmas, mas endereçavam a busca da perfeição cristã; enfim, como diz Willmann, o elemento religioso ocupava a posição central da vida interior da Idade média. (BASCHET, 2002, p. 143).

Os ensinamentos seriam pautados na fé cristã. Desta forma, reconhecemos a importância da obra *Doutrina para Crianças*, escrita no século XIII, por um pai preocupado com a boa educação do seu filho para que o mesmo entendesse os ensinamentos cristãos, já que a salvação da alma era o objetivo central do homem medieval, assim outros pais mostrariam a suas crianças também o caminho que elas deveriam seguir para se tornarem cristãs. A importância dada a criança cresceu, no entanto, a partir do século XIII. O cristianismo contribuiu para a valorização da criança, mostrando que o reino dos céus seria alcançado somente por quem fosse semelhante a elas (crianças). Reconhecendo essa importância o maiorquino adverte seu filho que a vida é muito passageira, e tudo o que ele fizesse aqui seria determinante para alcançar o Paraíso (LLULL, 2010, p. 40).

Vigorava na Idade Média a concepção que os homens estavam em vida passando por provações que seriam recompensadas ou sofridas, dependendo das ações de cada homem e da sociedade, após a morte, com a salvação ou a danação das almas. Assim, entre as finalidades da obra de Ramon Llull destaca-se a de condução da humanidade, por meio de seus atos, a cogitar no pós-morte gozar eternamente das glórias do Paraíso, no qual os homens desfrutariam da presença de Deus. A fim de cumprir o propósito de conduzir os homens ao convívio com Deus, dando-lhes conhecimento de como cogitar as glórias do Paraíso, o filósofo traça no decorrer de suas obras modelos humanos que deveriam ser seguidos ou evitados pelos homens para que fossem merecedores das ‘glórias’ da salvação (GOMES, 2017, p. 14).

Uma forma de organização social também, esse projeto levaria cada indivíduo a ter uma forma de comportamento adequado aos ensinamentos que a Igreja divulgava. Não podemos atestar a verdadeira intenção de Ramon Llull, mas sabemos que ele teve um pensamento “inovador”, valorizando a educação infantil, deixando para seu filho princípios que deveria seguir. Voltado para uma moral cristã, Llull tinha a sensibilidade de um pai que ensina o seu filho um bom comportamento para o bem viver em sociedade e para conseguir um bom lugar no Além.

Ramon Llull tentava transmitir ao seu filho, e para outros pais, valorizando a educação da criança e cuidados primordiais com a educação, sobretudo, uma educação cristã, que tinha como principal objetivo a salvação. Isso mostra que, como pai, teve amor, cuidados e carinho para com seu filho, como em qualquer outro tempo histórico.

Não podemos negar a existência de um “forte” sentimento paterno, apresentado por Ramon Llull ao seu filho Domingos. O historiador Ricardo da Costa (2006) classifica como “um ato de amor puro”, ou seja, o amor esteve presente em todos os períodos da humanidade, sendo expressado de formas distintas. A obra *Doutrina para Crianças* vem mostrar a preocupação de um pai para com seu filho, confirmando a preocupação também com as crianças para terem um bom ensinamento e aprenderem a mensagem da fé cristã, conduzindo assim a criança ao caminho da salvação.

O filósofo, como um defensor dos ensinamentos cristãos, entendia que a criança precisa ser ensinada. O cristianismo trouxe uma revolução pedagógica quando se trata da educação, incentivando a valorizar a criança como ser humano e também ensinando desde a infância a ter uma orientação cristã. Jesus Cristo se consagrou às crianças e o exemplo que deixou para os educadores cristãos foi o de ensinar os pequeninos o mais cedo possível.

Na Antiguidade, Platão afirmou que “É mais fácil educá-la na infância, uma vez que adquirem para sempre o caráter que se deseja imprimir” (OLIVEIRA, 2010, p. 23). Segundo a Bíblia, é na infância que deveria logo iniciar o processo de ensinamentos cristãos, para que a criança fosse educada, compreendendo que a vida era reflexo da vontade divina, e o comportamento aqui embaixo seria determinante para a salvação da alma.

Na obra *Doutrina para Crianças*, isso está bastante claro, já que se trata de um manual pedagógico, que ensinaria a criança a manter uma vida pura para assim poder alcançar a salvação. Llull está preocupado em mostrar que a religião e educação caminham juntas, porém o conhecimento de Deus é mais importante, pois é ele que dará a vida eterna.

A educação tem destaque significativo nas obras de Ramon Llull, nelas o filósofo propõe mais que um projeto pedagógico, indica um projeto de reforma social por meio do ensino, que serviria tanto à Cristandade – a começar pelo príncipe – quanto aos denominados infiéis (gentios, judeus e muçulmanos). Llull defendia que por meio da conversão dos infiéis e da educação religiosa no mundo cristão os homens poderiam servir à finalidade para qual foram criados, conhecer, amar, servir e glorificar a Deus, que ele chama de ‘Primeira Intenção’. Percebemos que entre os elementos constitutivos da ‘primeira intenção’, o maiorquino coloca o ato de conhecer como o primeiro. Toda a produção llulliana é concebida numa perspectiva ordenada. Assim, o fato do autor colocar o conhecimento como primeiro elemento, na principal base de sua *Arte*, no cumprimento da primeira intenção, nos explicita o lugar de destaque que a ciência, neste caso, a ciência que vem de Deus e serve aos seus propósitos, ocupa dentro da sua produção (GOMES, 2017, p. 32).

De acordo com Llull, os homens aprendiam a Amar a Deus usando sua mente racional, para atingirem a glória que não terá fim. Buscava-se a sabedoria e aproximação com o Criador que o homem poderia consolidar uma boa educação, voltada para salvação da alma “A educação é acostumar o outro ao hábito mais próprio à obra natural. Pois assim como a natureza segue seu corpo e não se desvia de sua obra, as crianças, no princípio, se acostumam à boa educação ou má” (LLULL, 2012, p. 78). Dessa forma, sobre a educação, destaca-se o pensamento de Santo Anselmo, por volta do século XII, disse que a melhor educação:

[...] é aquela que é inculcada na pessoa desde a infância, pois é capaz de moldar a criança para a vida em sociedade. Em uma das cartas escritas por seu discípulo Eadmero, verifica-se este propósito do **mestre Anselmo**. Nela ele comparou o estado da cera com o do espírito da pessoa. Observou o mestre que, quando a cera está muito mole, é impossível moldar qualquer forma nela; o mesmo ocorre com a criança. Quando é recém-nascida ainda não está preparada para aprender. Quando a cera está dura, nenhum artesão consegue modificar seu espírito porque já está moldado de uma dada maneira. Daí a **necessidade de principiar a educação das crianças assim que elas alcançam certa idade/forma, agindo do mesmo que artífice ao moldar a cera** (OLIVEIRA, 2010, p. 25, grifos nossos).

Ana Rodrigues Oliveira (2006), no artigo intitulado *As Idades da Criança*, destaca que na Idade Média, a *infantia* era considerada como o princípio do processo de formação do ser, que antecedia a *pueritia*, a *adolescencia*, *juventus*, *senectus*, *senium*. Oliveira ressalta que durante o século XIII, essa noção de seis idades que todo indivíduo deveria passar, sofreu pequenas alterações, tentando estabelecer sete etapas, ou considerar que a infância era do

nascimento do primeiro dente, “sendo depois seguida, até aos sete anos, pela idade da *dentum plantatura*” (OLIVEIRA, 2006, p. 2).

Idade Média considerou a *infantia* como a primeira das idades de um conjunto que tendia a ser de seis, antecedendo a *pueritia* (dos seis aos catorze anos), a *adolescentia* (dos catorze aos vinte), a *juventus* (até aos quarenta), a *senectus* (até aos sessenta anos) e a *senium* (depois dos sessenta). De facto, tendo como base um esquema difundido por meio das *Etimologias* de Isidoro de Sevilha, sempre foi esta a formulação mais seguida nos tempos medievais (OLIVEIRA, 2006, p.01).

Por muito tempo, a tese de Philippe Ariès (1981) afirmava que durante a Idade Média não se conheceu o sentimento de infância. Não queremos aqui, entrar no debate sobre a história da infância na Idade Média, tampouco rebater a tese do autor, mas queremos discutir que a fonte que estamos trabalhando, *Doutrina para Crianças (1274-1276)*, nos conduz a outras conclusões, além de outros manuais durante o medievo que estavam preocupados com a educação das crianças:

Segundo Palou, o livro *Doutrina para Crianças* assume o caráter pedagógico, pois sua finalidade é claramente educativa. É também um dos livros do filósofo mais conhecidos e citados justamente por ter essa característica, tal condição que levou Ramon Llull a ser conhecido como um dos primeiros —pedagogos cristãos! (PALOU, [s.d]: 1 apud SILVA, 2014, p. 186).

Ramon Llull destacou-se com um pensador cristão, conseguiu capturar a “mensagem cristã” estimada como a mais importante da sua época, e colocou-se a serviço da Igreja, da educação, da filosofia, tentando sempre resgatar a mensagem cristã. A obra *Doutrina* é considerada como uma fonte de estimável valor, para se pensar como era a afetividade familiar no quesito educação. Para Costa (2000), essa obra trata-se de um livro escrito em língua vulgar, com linguagem clara e de fácil compreensão e assimilação.

Há uma formação para cada indivíduo, seja ela formal e informal, proposital ou não. A linguagem, os códigos, as imagens, o meio formam o indivíduo. E isso está totalmente ligado ao onde, quando e como. Já que fala-se de um período da história quando a religião tinha uma força incontestável, temos que levar em conta todo esse aparato religioso.

Bem entendido para ouvinte de uma lição de Aristóteles que pretenda aí encontrar um apoio para sua consciência ética, tudo isso pressupõe um série de coisas. De início, ele deve ter maturidade suficiente para não exigir dos ensinamentos que recebe mais do que, pela prática e pela educação, o ouvinte já tenha formado um hábito, que ele mantém nas situações

concretas de sua vida e que confirmará e estabilizará cada nova ação (GADAMER, 199, p. 49).

Como já mencionamos acima, era por volta dos sete anos que a criança já absolvía algo no seu processo de entendimento. Segundo Ana Oliveira (2006), durante o contexto medieval, os vocábulos mais utilizados para designar a criança era *filho/filha* ou *moço/moça*. As fontes medievais, em sua grande maioria, não trazem informações quanto à idade em específico da criança. Na fonte que estamos analisando, não há uma idade específica para Domingos, filho de Llull. Ricardo da Costa (2006) estima que ele teria em torno de sete anos de idade, quando a obra *Doutrina para Crianças* foi escrita.

A principal questão destacada na obra é formação humana no seu estágio inicial, ou seja, como o indivíduo deveria receber as primeiras informações a partir da infância. O modelo de educação proposto pelo filósofo era a educação cristã. E destacamos que Llull instrui seu filho a espelhar-se em Jesus Cristo, que era o modelo de verdadeira sabedoria. O Cristo, considerado o cristão perfeito, sem falhas, sem máculas, deveria ser o melhor modelo que seu filho deveria imitar.

Filho, a alma e o corpo de Jesus Cristo foram simultaneamente ajustados à sua natureza divina. A sua alma e o Seu corpo, simultaneamente, estiveram no ventre de Nossa Senhora, e naquele mesmo ventre em que estava, o corpo de Jesus Cristo teve todos os Seus membros e toda a sua forma. Naquela sabedoria, naquela virtude e naquele poder nos quais Jesus Cristo chegou à perfeita idade, e aquela mesma e aquele mesmo poder e virtude foram *incontinenti* unidos ao Filho de Deus (LLULL, 2010, p. 43).

Jesus Cristo era modelo do que Llull considerava como perfeito em sabedoria e o maior possuidor de todas as virtudes que o homem deveria imitar, “O homem é um ser que apenas se torna o que é e adquire seus modos de se comportar a partir do que ele faz, a partir do ‘como’ de seu agir” (GADAMER, 1990, p. 48). Compreender que o comportamento se dá a partir do que recebe é fundamental para compreender o comportamento do homem medieval. Desse modo, se o mesmo era ensinado que manter um bom comportamento traria a recompensa de ser salvo, naturalmente essa mensagem era introduzida, até que se tornasse um hábito nas ações cotidianas. Por isso, olhar para o Cristo era ter um modelo de como agir e buscar a perfeição. Tudo isso era fundamental que o indivíduo entendesse o mais cedo possível.

Alguns textos dos pedagogos medievais insistiam em atribuir que durante a “*infantia*” havia várias fragilidades, carências. Considerava-se a criança como um ser ainda em

formação, e que nem sempre entenderia logo a mensagem e que “Isidoro de Sevilha tinha contribuído para evidenciar, quem “não sabe ainda falar” ou “articular palavras”, porque, sem “ter ainda desenvolvido os dentes”, lhe faltava “a faculdade da linguagem” (OLIVEIRA, 2006, p. 4).

Para os pedagogos, por sua vez, a *infantia* caracterizava-se por uma genérica falta de maturidade, expressa na incapacidade de elaborar um discurso coerente antes dos cinco anos, mostrando-se, portanto, bastante cépticos sobre o início de um processo pedagógico de aprendizagem antes dessa idade. De facto, mesmo para alguns teólogos, a criança não deveria ser responsabilizada por actos praticados antes dos cinco anos, só devendo ser confessada e admitida à comunhão depois dos seus cinco sentidos corporais se encontrarem devidamente espiritualizados pelo conhecimento do significado simbólico dos cinco elementos associados à eucaristia, ou seja, a carne e o sangue de Cristo que se consubstanciavam no pão, no vinho e na água manipulados durante a missa (OLIVEIRA, 2006, p. 4).

Quem não ouviu uma instrução bíblica que diz: “Ensina a criança no caminho que deve andar para que quando for velho não se desviará dele”? Aqui cabe uma reflexão, que norteia nosso trabalho, já que buscamos refletir esse processo formador imaginário; a conquista por um bom lugar no Além. Baschet (2006) destaca que o Além é um lugar onde a justiça divina se realiza, onde a verdade é revelada, enquanto que na terra, a verdade é violada e a justiça ultrajada.

Quando olhamos para um adulto, é necessário compreender que houve toda uma formação por trás daquele indivíduo, e isso é indispensável para pensarmos a educação como um elemento formativo do Ser, ou seja, o que está sendo incutido, será futuramente reproduzido. Por isso para alguns teóricos quanto mais cedo a criança aprender, mais moldada ela será. Nesse sentido, consideramos importante compreender a proposta de educação do filósofo catalão Ramon Llull, que escreveu a obra *Doutrina*, justamente no intuito de ensinar seu filho, princípios que o mesmo considerava como importantes.

Santo Anselmo de Bec (1033-1109), proveniente do interior de um mosteiro medieval, “propalava esta mesma ideia que aparecerá na Didática Magna: de que a melhor educação é aquela que é incutida na pessoa desde a infância, pois é capaz de moldar a criança para sociedade” (OLIVEIRA, 2012, p. 198).

Ramon Llull preocupava-se com as necessidades do seu tempo, com as circunstâncias. Todos nós temos uma preocupação específica em nosso contexto contemporâneo, assim como o homem medieval teve suas implicações, seus projetos educacionais objetivavam algo, e um

desses enfatizaremos na formação do bom cristão, na aquisição de virtudes, da moral, ou seja, na formação do sujeito e no impacto disso na sociedade.

Em seu livro intitulado *Sobre a Pedagogia*, embora Emanuel Kant fale sobre a educação para século XVIII, afirma que: “o homem é a única criatura que precisa ser educada. Por educação entende-se o cuidado de sua infância (a conservação, trato), a disciplina e a instrução com a formação. Consequentemente, o homem é infante, educando e discípulo”.

Primeiro, Kant diferencia o homem dos animais, ou seja, aquele precisa receber uma educação (ele fala sobre instruções e disciplina). Segundo, chama a atenção para “infância”, isso é na concepção do filósofo é fundamental, pois entende que essa fase merece uma atenção maior. Para esse autor, cuidar significa precaver, em outras palavras os pais são responsáveis para impedir que “a criança faça uso nocivo de suas forças” (KANT, 1999, p. 11).

Quando nos propomos a falar sobre educação medieval, e principalmente diante uma perspectiva diferente do que se costuma pensar. Educação nas universidades, nos mosteiros, etc. Esses foram lugares importantes, mas não trataremos aqui em específico sobre esses lugares tão importantes para a cultura do medievo. Falaremos de um tipo de educação do cotidiano, quando o que restava era o poder da palavra, o poder da oralidade de um homem. Sabemos que a educação formal muitas vezes é realizada em espaços privilegiados. Onde estavam as crianças que eram educadas pelo seu próprio pai ou mãe? Damos lugar ao pensamento humano. A história é feita por homens, com anseios próximos e distantes ao mesmo tempo. Homens que pensam, e pensam por meio de uma “individualidade”.

Por isso, falamos aqui de educação no meio familiar. Apresentando quais as instruções mais importantes para o indivíduo enquanto ser em processo de formação, como essa educação deveria ser trabalhada logo na infância, já que a proposta elaborada pelo filósofo catalão era formar o homem com valores cristãos, para que o mesmo, respeitasse a vida, os valores, as virtudes, e ao próximo.

A educação é inculcada no ser humano por meio de um processo formador. E qual é esse processo na concepção de Llull? Ricardo da Costa o artigo intitulado “*Reordenando o conhecimento: a Educação na Idade Média e o conceito de Ciência expresso na obra Doutrina para Crianças (c.1274-1276) de Ramon Llull*”, levanta um debate contrapondo a perspectiva de Phillipe Ariès e Le Goff, sobre a infância na Idade Média. Para o autor, a fonte *Doutrina* é um tratado de um pai para um filho, revelando o amor puro, e a preocupação com os cuidados básicos com a criança:

O amor é uma forma muito profunda e especial de afeto, difícil de ser descrito, difícil de ser registrado a não ser nas emoções daqueles que o compartilham. Por isso, a História registra sempre o que se veste, onde se vive, o que se come, mas dificilmente narra como se ama, especialmente a intensidade e a forma do amor. Os tipos de textos consultados pelos historiadores - as Crônicas, por exemplo - estão mais atentos aos acontecimentos importantes, aos personagens e à política. Assim, ofereceram pouco espaço para o mundo infantil, deixando muitas perguntas que não puderam ser respondidas satisfatoriamente. Por exemplo: **como pais e filhos exprimiam seus carinhos, suas incompreensões? De que forma as crianças apreenderam o mundo existente? Como reagiram à escola e aos estudos?** (COSTA, 2002, p. 08, grifos nossos).

Costa (2002, p. 34) ressalta que durante toda a Idade Média, muitas fontes revelam o apego dos pais com as crianças. Destaca que diferente do que muitos pensavam, a educação não visava endurecer o coração, pois nos mosteiros, pensava-se antes que as pessoas iam obrigadas, sofriam castigos, e não eram felizes. Como o mesmo autor de enfatiza “Basta buscar os textos de época que vemos a felicidade dos egressos dos mosteiros pelo fato de terem sido amparados, criados e educados”.

Abrimos um rápido parêntese para pensarmos como se dava a educação na Península Ibérica, não de forma geral, mas como alguns autores destacam que a educação muçulmana por exemplo, os pedagogos muçulmanos daquela época

Os pedagogos muçulmanos daquela época praticavam uma divisão de métodos de ensino para adultos, adolescentes e crianças. Por exemplo, as crianças eram instruídas à memorização porque acreditavam que nesta fase elas tinham mais aptidão para esta tarefa e, assim, aprendiam a recitar todo o Alcorão de cor, pois, saber o Alcorão de cor, é um feito relevante para um muçulmano (MAZAHARI apud SOUZA, 2012, p. 45).

Nos tratados medievais é possível notar os cuidados pelos pais a respeito da educação cristã, onde os próprios cuidadores se preocupam por meio de recomendações escritas o que se deve aprender,

A maioria das crianças medievais não chegava a participar na cultura letrada que estava reservada aos filhos dos privilegiados. De uma forma geral, recebiam dos pais uma educação oral, já que os conhecimentos letrados não lhes eram acessíveis ou até considerados necessários e vantajosos. Podiam, no entanto, em alguns casos, recebê-los dos clérigos, sobretudo nas vilas e cidades, quando, por algum motivo, participavam da sua casa ou parentesco [...] Salvo tais exceções, cada vez mais nas vilas e cidades dos finais da Idade Média, a educação das crianças, ainda majoritariamente camponesas,

decorria no contexto dos contactos quotidianos mantidos com a família e com os grupos de trabalho (OLIVEIRA, 2011, p 271).

Clarice Cortez (2012), no artigo intitulado *As representações da infância na Idade Média*, destaca que a concepção de criança no período medieval, estava diretamente ligado ao cristianismo, a visão teocêntrica de mundo. A figura do menino Jesus era o modelo de criança que seguia como um padrão das virtudes que todos deveriam imitar. A autora Clarice Cortez aponta que a influência de que outras “histórias de santos jovens que percorriam toda a Idade Média, que eram lembrados como exemplos vivos de bondade e milagres eram contados às crianças como modelos de uma infância maravilhosa” (CORTEZ, 2012, p. 45).

Ramon Llull na obra *Doutrina para Crianças* propõe um manual pedagógico como ensinar uma criança, ou seja, qual a base para uma educação cristã, com princípios firmados na *Bíblia*, assim como “Santo Agostinho enuncia um princípio à educação das crianças, a saber, um princípio de ensino a partir de conteúdos cristãos. Para esse autor deveria ensinar as crianças por meio dos nomes que se encontravam nas Escrituras e por meio dos Salmos” (PEINADO, 2009, p. 2). Por isso deveria iniciar a educação desde a infância, pois quando adulto, o caráter já estaria formado.

A educação das crianças era dividida em etapas: primeiro era a etapa materna que compreendia do momento do nascimento até completar sete anos, nessa fase cabia a mãe o cuidado com o corpo da criança nos primeiros dias de vida. Decorrido algum tempo a mãe preparava seu filho para o batismo, momento que a criança é apresentada a sociedade e em que os pais assumiam diante de todos os presentes o compromisso de dar instruções sobre os fundamentos da fé católica (VIEGAS, 2017, p. 541).

Os cuidados com as crianças e preparo para vida, davam-se a partir do seu nascimento, pois a mãe primeiramente nutria o corpo com os cuidados considerados naturais. Logo depois seria preparada para o batismo, assumindo o compromisso de seguir as regras da Igreja Católica. É nesse sentido que o pai seria responsável para educar essa criança no caminho bom, ensinando a mensagem bíblica. Assim, Llull indicou uma proposta que veremos no próximo item.

3.3-Ramon Llull e a excelência de educação para formação humana

O que nos chama atenção nesse filósofo, é que suas reflexões estavam pautadas em tudo aquilo que o homem do seu tempo acreditava e pensava. Por isso o filósofo buscou compreender o ser humano, tanto questões sobre o corpo como a mente. Quando Llull tentou divulgar sua Arte²⁶, ele queria espalhar sua proposta de educação, seu modelo de ser humano, aquilo que ele investigava. Sua forma de educar visava aprimorar no homem a capacidade de entender, de refletir e discernir. Mas seu objetivo principal que ele intitulou de primeira intenção era levar o homem a “Amar, temer e servir a Deus”. Por isso ao explicar para seu filho sobre o corpo humano diz “Amável filho, poderia te dizer muitas razões naturais do corpo, mas falo brevemente. Sabes por quê? Para que te fale muito de Deus” (LLULL, 2010, p 75). Apesar do leque de explicações que filósofo oferece no seu manual pedagógico, fica claro que a base para uma boa educação é conhecer profundamente Deus.

O projeto educacional está de acordo com as questões sociais do cotidiano. A educação sempre teve uma finalidade, seja ela uma educação para o corpo ou para a mente “Os atenienses buscavam a educação do corpo em complemento à uma vida com mente sã e corpo sã, bem como espartanos educavam-se para a guerra e, por meio de suas práticas, buscavam valores como bravura e justiça” (MARRONI; OLIVEIRA, 2015, p. 01). Já no século XVIII, com o desenvolvimento dos movimentos ginásticos europeus, educava-se por meio das práticas corporais para o civismo, a disciplina e o desempenho das funções sociais com saúde e energia.

A instrução é sempre um caminho mais fácil para manter um ordenamento, uma uniformidade, um padrão. Sempre há algo que será alcançado se a instrução for realizada de forma correta e coerente. Neste sentido, destacamos que a educação cristã tem por objetivo se realizar boas virtudes e evitar o erro.

O manual fornece orientações precisas sobre a alimentação, disciplina, um programa de formação tanto intelectual como espiritual para a criança. Ramon Llull dedica a obra para seu filho, mas também espera que outros pais cristãos, possíveis leitores dessa fonte, instruem seus filhos na educação cristã:

²⁶ No capítulo dois explicamos o que foi a Arte luliana, assim como fazemos uma breve análise da vida e conversão do filósofo. Ver capítulo 2.

Filho, se tu desejas te elevar em tão alto e tão excelente lugar quanto o céu, a ti convém começar, enquanto tens tempo, a fazer boas obras; e evita cometer pecado tão grave que teu corpo não possa se elevar nas alturas nas quais se elevam aqueles que vão pelo caminho da penitência, feito de jejuns e de boas obras, e se elevam à celestial glória (LLULL, 2010, p. 14).

Essa passagem da fonte *Doutrina* evidencia como o filósofo estava preocupado com a formação humana, e pra isso utilizava a mensagem bíblica por acreditar que todo aquele que praticasse as regras cristãs, realizaria boas obras. Ele sempre buscava mostrar que para se alcançar um lugar alto, ou seja, na celestial glória, deveria praticar ações no cotidiano que contribuíssem para o bem do outro.

Toda a argumentação luliana estava desenvolvida na busca por questões como o intelecto, a alma, o corpo. O autor buscava compreender o homem como um todo, em sua amplitude, tratar tanto sobre o intelecto como os sentidos: “Ora, os seres humanos podem ser conduzidos pela sua inteligência, que é a razão, necessariamente podem prescindir da fé, da religião, para viver” (OLIVEIRA, 2002, p. 57). Llull vê a religião como suporte para educar.

Aquele que sabe como fabricar alguma coisa conhece por isso um bem, e o conhece –conhece-o “para si” – de tal maneira que, quando lhe é dada a possibilidade, é capaz de passar efetivamente à execução. Ele escolhe os materiais e os meios adequados. Sabe como aplicar em uma situação concreta o conhecimento geral que aprendeu. Aquele que toma uma decisão ética aprendeu alguma coisa também. Graças a educação e a formação recebida, ele possui um conhecimento geral do que chamamos de comportamento justo e correto (GADAMER, 1998, p. 51).

Só é possível exercer algo no cotidiano com base naquilo que se aprendeu. É nesse sentido que educação instrui o indivíduo para praticar o correto e justo. Segundo a concepção de Llull, de seu projeto pedagógico, vai muito além do quesito científico. Visa formar identidades, um bom sujeito, e alcançar aqueles que viviam em padrões considerados “errados”. Já que nesse contexto histórico, ressaltamos que religião e educação era imprescindíveis na formação da pessoa. Ele acreditava em uma reforma social pautada no ensinamento cristão. A Igreja tinha uma grande contribuição nesse processo.

A capacidade cognitiva do homem em dirigir a ação para um determinado fim, depende dos requisitos que o mesmo carrega ao adquirir bons hábitos. Os dez mandamentos que encontramos nas consideradas Sagradas Escrituras, visa justamente pensar em um bem comum, ou seja, levar o indivíduo a não cometer ações que pudessem ferir o outro, prejudicar o outro. Nesse sentido o filósofo ensina ao seu filho a importância de guardar todos esses mandamentos no seu cotidiano. A partir desses exemplos encontrados na escrita, o autor

procura reforçar que esse comportamento deveria ser incutido no processo de formação do ser.

Filho, a festa existe para que vás à Igreja obedecer e honrar o padre que está que está no lugar de Deus, ouças as palavras que contarão de Deus e confesses todos os teus pecados ao padre, oferecendo teu corpo e tua alma, e dê os bens deste mundo, os quais Deus lhe confiou (LLULL, 2010, p. 17).

Ir à Igreja fazia parte do processo educativo, fica claro na fonte *Doutrina para Criança* a importância dessa instituição em todo processo educativo, não só ir, mas cumprir os mandamentos, os sacramentos. O clérigo “um homem pago para pedir a Deus por seu povo e para mostrar o caminho perdurável por meio da doutrina das palavras e pelo exemplo de vida honesta” (LLULL, 2010, p. 45).

O batismo, que era considerado como o primeiro sacramento da Igreja Católica, significava que o homem estava sendo purificado do pecado original. A preocupação sobre a criança ter uma boa educação, pode ser notada quando Llull expressa o desejo de seu filho cresça com princípios cristãos e adquira as virtudes desde o nascimento “Filho, após o teu nascimento, foste levado à Igreja e batizado na água santificada pelas palavras virtuosas e cheias de coragem do presbítero que te batizou, e pelos padrinhos que te levaram e seguraram” (LLULL, 2010, p. 22). Para Llull, no momento do batismo era para confessar os pecados, fazer orações, oferecer esmolas aos pobres. Ele pensava diferente de alguns que faziam banquetes, torneios, comidas e bebidas (VIEGAS, 2017, p. 541).

O filósofo catalão, primeiro destaca que a criança precisa compreender quem é Deus. Por isso no início da obra fala sobre a magnificência de Deus, de sua bondade e cuidado para com o homem, para que o mesmo alcançasse a salvação. Llull segue com outros cuidados e exigências. Ao tratar sobre o *Matrimônio*, ele explica que é uma junção tanto do corpo como do espírito para que tenha filhos, mas filhos instruídos no caminho da sabedoria,

Nem o honramento dos parentes, a riqueza de posses ou de dinheiros valem tanto para conservar a ordem do matrimônio quanto a boa educação. Por isso, amável filho, quando tomares uma mulher, não invejes um grande enxoval nem a beleza de feições ou honramentos, pois todas essas coisas **não convêm tão fortemente com a ordem do matrimônio quanto a boa educação** (LLULL, 2010, p. 25, grifos nossos).

A própria educação se encaminharia de mostrar ao seu filho questões sobre um bom casamento. O filósofo estava preocupado com detalhes essenciais na vida de seu filho. Como um bom pai, acreditava que educando seu filho por meio de uma educação integral, era

possível colher resultados positivos. Pois nada era mais importante para uma vida feliz, do que seguir todos os mandamentos. Nesse sentido, para Llull um casamento não era aquele cheio de riquezas, enxoval ou belezas, mas o que fortaleceria o matrimônio era uma boa educação.

Filho, a sabedoria que o Espírito Santo dá é diferente da sabedoria deste mundo, pois com a sabedoria deste mundo muitos homens que são chamados de sábios cometem faltas e pecados, **mas com a sabedoria que o Espírito Santo dá, ninguém pode cometer falta ou pecado.** Amável filho, com a sabedoria que o Espírito Santo dá, o homem tem conhecimento da bondade, da grandeza, da eternidade, do poder e das outras virtudes de Deus, pois é tão excelente e nobre coisa conhecer Deus e Suas virtudes, que nenhuma criatura pode saber isso somente por si mesma e sem a obra do Espírito Santo (LLULL, 2010, p. 26, grifos nossos).

O Espírito Santo, na concepção de Llull, era aquele que dava toda sabedoria necessária ao homem. Era essa sabedoria que impediria o homem de cometer faltas ou pecados. Só era possível distinguir o bem do mal a partir do momento em que a alma entendesse as verdades divinas. Somente alguns homens são capazes de enxergar o mundo espiritual, e isto se dava por meio da busca espiritual, e também do conhecimento.

Filho, o Espírito Santo ilumina de entendimento a alma do homem, como o círio ardente ilumina o quarto ou como o resplendor do Sol que ilumina todo o mundo. Filho, o entendimento é o poder da alma que entende o bem e o mal, e entende a diferença, a concordância e a contrariedade nas criaturas, e pelo entendimento, o homem conhece as coisas que são verdade e as coisas que são falsas. Filho, assim como tu vês com os olhos corporais o caminho por aonde vais, tua alma sabe lembrar, amar, imaginar e ver com os olhos do teu entendimento. Logo, assim como a natureza dá a alguns homens melhor visão que a outros, o Espírito Santo dá a alguns homens um entendimento mais claro e mais elevado que a outros. Amável filho, maior que castelos, vilas, cidades e reinados é o elevado e exaltado dom do entendimento que o Espírito Santo dá ao homem. Pois o rei que não tem o entendimento sutil não pode conhecer a Deus, a si mesmo e nem o que Deus lhe dá; mas o homem que tem um entendimento sutil conhece a Deus, a si mesmo e é grato a Deus pelos bens que Ele lhe dá. Filho, pouco valem as belas feições e as vestimentas ornadas no lugar tenebroso, e aos homens que são cegos os caminhos planos são perigosos e penosos. Assim, prega ao Espírito Santo que ilumine tua alma com um sutil entendimento. Muitos são os homens que amam ter ciência mas não podem tê-la, porque não têm o entendimento claro, e muitos homens recebem a ciência por meio de um elevado entendimento (LLULL, 2010, p. 26).

O maiorquino ressalta que o Entendimento é uma questão central no processo de aquisição do que está sendo ensinado ou apreendido. Quem pode ensinar o que não entende? E quem pode aprender o não que entende? Para Llull, o homem é portador tanto de um corpo

como de uma alma. A alma deveria ser iluminada a partir do entendimento, era preciso entender. Como poderia o homem diferenciar as ações boas das más? Só por meio da compreensão o homem poderia realmente saber o que era falso ou verdadeiro.

Se Deus te demonstra as coisas que deves fazer e as coisas que não deves fazer, e tu, filho, não fazes o que entendes, cegas os olhos de tua alma e a colocas em caminhos tenebrosos, pelos quais vão os pecadores ao fogo perdurável, no qual são atormentados pela justiça de Deus (LLULL, 2010, p. 34).

Posto isso, é importante ressaltar que o grande objetivo do filósofo era ensinar a religião cristã como a correta, por isso classifica os muçulmanos como aqueles que desvirtuavam a verdade. Assim era necessário que cada um compreendesse bem os princípios do cristianismo para que não fossem enganados. Era preciso encontrar respostas para novas questões, ser capaz de argumentar ante os “inimigos da fé”, por meio do entendimento das verdades divinas aclaradas pelo Espírito Santo:

Espírito Santo dá ao teu entendimento as coisas que consegues entender. Assim, se entendes Deus, Deus permite ser entendido pelo teu entendimento. E se tu entendes a ti mesmo e a este mundo, é o Espírito Santo quem dá ao teu entendimento a capacidade de entender a ti mesmo e a este mundo (LLULL, 2010, p. 26).

Uma das finalidades apresentadas na proposta de educação luliana era tornar o indivíduo um ser prudente, ou seja, por meio de uma boa educação, cada um saberia distinguir o que era uma ação boa ou ruim. Um ser que se tornava prudente, uma das virtudes essenciais, era aquele que sabia colocar em prática todos os pilares do cristianismo, que nas suas ações cotidianas, soubesse se livrar do mal, e fazer sempre bem. Havia uma preocupação para que cada pessoa sondasse seu próprio interior. Sobre a importância da prudência:

A prudência é obra virtuosa da vontade que ama o bem e se esquivava do mal, e é obra da inteligência, que sabe distinguir o mal do bem. Assim, por tal virtude, filho, os homens têm a certeza e a maneira de fazerem boas obras e de cessarem o mal. A prudência é eleger o maior bem ou o menor mal; a prudência é concordar o tempo, o lugar, a quantidade e a qualidade; a prudência é dissimular para conservar segredos; a prudência é unir quando os outros separam; a prudência é separar quando os outros não têm quem os separe; a prudência é ter este século e o outro. E a coisa contrária à prudência é o que é contrário às coisas ditas acima (LLULL, 2010, p. 47, grifos nossos).

O homem deveria voltar-se para uma reflexão interior e buscar o bem por meio da realização de boas obras que poderiam cessar com o mal. Depois do indivíduo ser educado na

fase inicial, e aprender a mensagem cristã, o mesmo deveria divulgá-la, mostrando a outros a verdadeira fé e livrar os outros do caminho “errado”:

Amável filho, se ao Deus da Glória der prazer, e àqueles que estão tão bem recompensados, honrados e encarregados, seria razão e hora para retornar o fervor e devoção que existem, frequentemente, ao converter e endireitar os errados, para que estes não fossem infernados e tivessem a Glória na qual Deus fosse amado, conhecido, servido e obedecido neles (LLULL, 2010, p. 45).

Assim, o bom cristão para além de fazer boas ações e seguir os preceitos cristãos deveria contribuir para que as pessoas de outras religiões fossem convertidos ao cristianismo, principalmente os muçulmanos.

O filósofo maiorquino, acreditava que existiam duas formas de se educar: a primeira pertencia ao corpo, e a segunda à alma “Aquele que é do corpo é feita nos cinco sentidos corporais, que são: ver, ouvir, cheirar, degustar e apalpar. A educação espiritual é feita nas três propriedades da alma, isto é, na memória, no entendimento e na vontade” (LLULL, 2010, p. 78). É interessante que o filósofo destaca os dois tipos de educação que trabalhe em todos os aspectos humanos. Educar os sentidos era extremamente necessário pois o corpo era responsável por fazer o homem pecar, mas também era fundamental a educação espiritual que poderia ajudar no controle contra as tentações carnis. Por isso, a alma dependeria da atuação da memória e do entendimento, era necessário guardar os princípios cristãos e ao mesmo tempo entender; só assim a alma e o corpo receberiam uma educação adequada.

O mesmo ressalta que o homem não poderia ser negligente com o filho, o pai tinha que estar atento a qual tipo de educação o filho se habituava e se inclinava, pois a educação do corpo influencia a educação da alma, assim como educação da alma também acostuma do corpo.

Os sentidos corporais deveriam ser bem educados “A tentação entra na alma por meio da visão corporal” (LLULL, 2010, p. 79). É nesse sentido, que o homem deve educar a criança a ver coisas que levem a pensamentos bons, que não desejasse boas vestimentas e outras coisas mundanas. Quanto ao ouvir, que não fossem palavras feias, canções, instrumentos ou outras que coisas dão movimentos a luxúria, à qual é veneno e peçonha na lembrança, no entendimento e na vontade de teu filho (LLULL, 2010, p. 79).

A educação corporal fazia parte da pedagogia luliana. “A alma ordena o corpo por todos os seus membros. Sabes por quê? Para que o corpo, com seus membros, seja auxiliado em

suas fraquezas” (LLULL, 2010, p. 67). A observação feita por Llull mostra que o indivíduo deveria ter um comportamento moderado, isto só era possível a partir de uma boa educação.

Amável filho, o homem não pode viver sem ver, ouvir e cheirar; e sem degustar, sentir e respirar nenhum homem também pode viver. Assim, existe para ti a regra geral para que **sejas moderado em teu comer e em teu beber, em teu cheirar e no sutil ar, sem cheirar odores que corrompam os humores, nos quais se mesclam as coisas de onde o corpo toma a vida.** Filho, a vista existe nos olhos pelo triângulo, isto é, aquele ar é luminoso, e nos olhos com os quais o homem vê existe luminosidade; e os objetos que o homem vê têm luminosidade, pois, se não houvesse luminosidade nessas três coisas, o homem não poderia ver. E quando não existe luz em alguma dessas três coisas, nem o ar é purificado pela luz do sol ou do fogo para brilhar, o homem não pode ver (LLULL, 2010, p. 74, grifos nossos).

A alma era que comandava o corpo na concepção de Llull. Nesse sentido, o cavaleiro além de pertencer a uma linhagem, deveria se perguntar o porquê da escolha, e se amava e temia a Deus. “O ideal, para Lúlio, é que não se carregue de vícios, nem nos hábitos e nem na alma, sendo, portanto, um modelo de virtude” (MARRONI; OLIVEIRA, 2015, p. 13). A educação, do ponto de vista do filósofo, significa que a pessoa tomaria uma postura de reverência com Deus e respeitar os mandamentos estabelecidos por Deus. A educação também auxiliaria a educar a moral. Para Marroni e Oliveira:

Entendemos, dentro da perspectiva da Educação Física, que a educação do corpo como uma forma de educar a vida, a moral, os costumes, e mais adiante, a disciplinar corpos, a educar para o civismo, é uma realidade que remonta a antiguidade clássica e a formação do cidadão integral em Atenas por meio dos exercícios físicos e da educação filosófica. Entendemos também que, no decorrer dos séculos, esta prática foi retomada em diversos momentos (MARRONI; OLIVEIRA, 2015 p. 13).

Na Idade Média, o corpo passou a ser desprezado, humilhado e condenado. Era a porta para o pecado; por isso era necessário fazer penitência, abstinências. Ao mesmo tempo o corpo era caminho para Salvação; o homem dependia dessa relação corpo-alma para conseguir ou perder a salvação. Educar esse corpo, sem dúvida, fazia parte da pedagogia luliana, que ensinava seu filho a cuidar e disciplinar o corpo.

A vida corporal é a atualidade pela qual vive o corpo, e a vida espiritual é amar a Deus. Assim, se tu, filho, amas a vida corporal, ama a saúde, pois por meio da saúde, a alma e o corpo se convêm, e o homem vive por causa dessa conveniência. E se amas a vida espiritual, ama e teme a Deus, pois por meio do amor e do temor a Deus, **a alma vive em virtudes e se esquivava dos vícios e dos pecados, que são a ocasião da morte infernal. Filho, saibas que existem três caminhos para significar as duas vidas: o caminho**

inferior, o médio e o soberano. O caminho inferior é de pecados, o médio é a vida ativa e o soberano é a vida contemplativa. Assim, como a vida contemplativa é mais própria a Deus e mais distante do pecado que a vida ativa, é mais nobre que a ativa (LLULL, 2010, p. 75, grifos nossos).

Um dos aspectos a serem destacados ao longo da fonte *Doutrina*, é que filósofo afirma que cabe a pessoa escolher a vida espiritual ou mundana. Aquele que escolhe a vida espiritual, logo ama a Deus, e a consequência disso é se afastar dos vícios, e viver em virtudes. Por isso, é necessário o conhecimento para que o indivíduo seja capaz de entender e tomar suas decisões. Nesse sentido, o homem, na concepção luliana, pode receber a direção de Deus, mas também cabe ao indivíduo buscar o conhecimento. Sobre a educação da alma, o maiorquino afirma:

Filho, muitas palavras te disse, que pertencem ao corpo, e poderia te falar mais, mas desejo te dizer da educação que pertence à alma. Saibas, filho, que quando a criança chega à idade conveniente, o homem deve mostrá-la como recordar, entender e desejar, pois assim como o corpo deseja usar seus membros quando ainda não é chegado o tempo e nem a idade, a alma deseja usar de suas virtudes quando ainda não deve, pois a criança é jovem em idade (LLULL, 2010, p. 80).

Para o autor, existem três caminhos: o inferior, médio e o soberano. No caminho, inferior estão os homens errantes, pecadores, amantes a vida mundana, são aqueles que abriram mão de uma vida pura e santificada “eles vivem para o corpo, mas suas almas morrem em pecado e em culpa. Por isso, tu, filho, não debes ir por tal caminho, que conduz o homem à morte perdurável” (LLULL, 2010, p. 75).

Aqueles que escolhiam o *caminho inferior*, esses são considerados pecadores, pois amam a vida mundana, e se entregam aos deleites temporais. Llull adverte seu filho para não andar nesse caminho, que conduz o homem para a morte perdurável. Os homens que andam pelo *caminho médio*, têm a vida ativa, ou seja, buscam fazer o bem, agradar a Deus por meio das bem aventuranças. Llull destaca que esses homem tem mulher, filhos, e evitam o pecado. Aqueles que seguiam pelo *caminho da contemplação* se dedicavam aos jejuns, orações, pobreza.

Se fizeres esta reflexão, descobrirás que na maior parte das vezes o homem dorme quando descansa e está mais vezes irado e sofrendo que alegre e satisfeito. Assim, como a vida nesse caminho inferior é tão breve, **e tão longa é a morte infernal na qual o homem vai por tal caminho, serás louco, filho, se elegeres o caminho inferior. Elegerás o caminho médio, filho?** Se o fizeres, elejas o ofício que for mais distante do caminho inferior, pois na vida média existem uns ofícios mais nobres e mais elevados que

outros. Sabes por quê? Porque estão mais próximos da vida contemplativa. **Filho, se tu eleges a vida contemplativa, elege e escolhe aquela ordem que esteja mais distante do caminho médio, pois assim como na vida ativa existem alguns ofícios que estão mais próximos que outros do caminho inferior, no caminho soberano existem algumas religiões mais distantes da vida ativa que outras.** Amável filho, em uma mesma religião existem alguns ofícios que convêm melhor à vida contemplativa que outros. Sabes por quê? Porque na vida contemplativa existem alguns ofícios que estão mais próximos da vida ativa que outros. Assim, se entrares na religião, se puderes, tenhas aquele ofício que estiver mais distante da vida ativa (LLULL, 2010, p. 75, grifos nossos).

A educação era um processo também de levar a pessoa fazer escolhas. Llull adverte seu filho para que tenha cuidado com suas escolhas, ou seja, escolher aquilo que mais o aproximasse de Deus. Era nesse sentido que o uso da memória era fundamental, pois é por meio dela que o homem saberia discernir o passado do presente e de um previsível futuro (OLIVEIRA, 2010, p. 206), era por meio dela que o conhecimento era conservado e entendido, assim em qualquer decisão o indivíduo lembraria do que fosse considerado melhor. Por isso, diz ao filho que não seja louco em escolher o caminho inferior, caso escolhesse esse caminho estaria direcionando seu fim para longa morte infernal.

A crença na existência da vida após a morte é um dos temas mais intrigantes da humanidade. Ao longo da história vemos várias representações desse Além nas mais diversas religiões. Isso não é diferente na sociedade contemporânea, visto que continua existindo um céu religioso na perspectiva de quem ainda acredita.

Talvez, para muitos, seja muito problemático pensar na existência do Além, mas para quem viveu aquela época, antes de muitos esclarecimentos científicos, aqueles longos séculos não tiveram limites entre o real e irreal, visível e invisível. Isso não quer dizer que para muitos homens contemporâneo, o sagrado não exista mais. Não é isso, percebemos no nosso dia a dia, a permanência desse sagrado. A finitude da vida, e o que aguarda cada pessoa depois do fim, da morte, são questionamentos ainda muito presentes em nossa sociedade. Porém para outras pessoas esse céu sagrado, desapareceu.

A preocupação dos homens e mulheres medievais com o pós-morte ocupava um lugar essencial. Sabemos que o cristianismo professa a ressurreição dos corpos, cujo modelo e garantia é ressurreição de Jesus após sua morte terrestre na cruz. Cada indivíduo seria responsável por seus atos, e o comportamento aqui embaixo seria decisivo para paz ou perturbação eterna. (LE GOFF, 2006, p. 21)

Segundo Jacques Le Goff os relatos de viajantes no Além permitiram que os cristãos conhecessem dois lugares essenciais: O Paraíso e o Inferno, porém essa geografia do Além muda a partir do século XII. Com a invenção de um terceiro lugar intermediário, o Purgatório. Essa lógica muda completamente a relação entre vivos e mortos, pois os que estão vivos podem fazer algo, pelos que ainda serão julgados.

O Purgatório vai surgir por volta do século XII, são as mudanças religiosas e sociais que levam a Igreja a mudar sua visão sobre o Além, esse “terceiro lugar”, no dia do Juízo Final desapareceria. O tempo no Purgatório dependeria do tipo de pecado, dos sufrágios (missas, esmolas, preces), e dinheiro pago a Igreja, para retirada dessas almas, o que aumentou o poder da Igreja (LE GOFF, 2006, p. 56).

É interessante pensarmos que mesmo antes do surgimento do cristianismo o contato com os mortos sempre foi parte integrante das crenças, e o ministério de forças sobre naturais. Existia uma perspectiva de forças tanto do mal e do bem, esse campo de batalha de vida ou morte que é o mundo, “o homem tem por aliados Deus, a Virgem, os Santos, os anjos e a Igreja, e, sobretudo sua fé e suas virtudes; mas também tem seus inimigos: Satã, os demônios, os heréticos e, sobretudo, seus vícios e a vulnerabilidade advinda do pecado Original” (LE GOFF, 2006, p. 22).

Só os virtuosos alcançariam uma vida eterna, e para isso o homem ou a mulher medieval deveriam seguir uma vida de retidão, ter um bom comportamento. É nesse sentido que educação seria imprescindível para inculcar no homem como deveria ser seu procedimento de vida. É interessante pensarmos nesse homem medieval que buscava tanto preservar essa moral cotidiana, assim como manter a fé em um mundo invisível

A base da educação medieval consistia na aprendizagem das artes liberais, que vem desde a Antiguidade. E a partir do século VI se transformou numa estrutura de ensino por Cassidoro (485-580) e Boécio, essa base teórica da educação medieval, que hoje seria nosso currículo secundário, estava basicamente dividida em duas partes fixada por Marciano Capela: *trivium* e *quadrivium*. O *trivium* consistia no aprendizado da (gramática, retórica e dialética) e *quadrivium* (aritmética, geometria, música e astronomia), esse era o material de ensino na Espanha também. Esse programa vai se conservar até por volta do século XIII, enriquecendo-se posteriormente com outras disciplinas.

Afinal, o que seria arte?

Uma arte é toda atividade racional e justa do espírito aplicada a fabricação dos instrumentos tanto materiais como intelectuais: é uma técnica inteligente do fazer. Assim o intelectual é um artesão; no meio de todas as ciências [as artes liberais] são chamadas artes as que não implicam apenas conhecimento mas também uma produção que se origina imediatamente na razão, como função da construção (a gramática), dos silogismos (a dialética), do discurso (a retórica), dos números (a aritmética), das medidas (geometria), das melodias (a música), dos cálculos do curso dos astros (astronomia.) (LE GOFF, 2014, p. 88).

Para os grandes intelectuais da Idade Média, as artes liberais tinham imensurável valor para tais finalidades: contemplar as criações de Deus, apreciar a arte divina (*quadrivium*) e permitir que as pessoas exprimissem de modo convincente e inteligível a ação da sabedoria divina. “As artes sete liberais revelaram ao homem o seu lugar no universo e ensinaram-no a apreciar a beleza do mundo” (WOOR JR, 2008. p. 45).

Filho, muitos homens têm ciência por aprendizado. Mas a ciência que o Espírito Santo dá é infundida e é muito maior e mais nobre que aquela que o homem aprendeu na escola de seu mestre. Filho, se disputas com alguém para dares honramento de Deus e para exemplificares a Santa fé católica, confia na ciência que os mestres mostram aos escolares. A ciência adquirida não pode inspirar a coragem dos pecadores nem dos errados, mas a ciência infundida pela obra do Espírito Santo dá consciência aos pecadores de seus pecados e ilumina os olhos tenebrosos dos homens que estão no erro (LLULL, 2010, p. 29).

Havia um monopólio da cultura intelectual por parte da Igreja. A educação era feita de clérigos para clérigos, devido às necessidades do culto. Nas escolas catedralícias e, sobretudo, monásticas, praticamente as únicas existentes, ensinavam-se as chamadas sete artes liberais, as únicas dignas de homens livres, por oposição às artes mecânicas, isto é, manuais, próprias de escravos.

Na primeira parte, ou *trivium*, estudava-se Gramática (ou seja, latim e literatura), (elitística, textos históricos) e Dialética (iniciação filosófica). Na segunda, ou *quadrivium*, passava-se para Aritmética, Geometria (que incluía a geografia), Astronomia (astrologia, física) e Música. Cumpridas essas duas etapas, de duração variável conforme as condições pessoais e locais, passava-se para o estudo da Teologia, o saber essencial da Idade Média, ao qual os clérigos se dedicaram por toda vida. (FRANCO JUNIOR, 2001, p. 60).

Llull afirma ao seu filho que o uso da *Gramática* seria importante para que ele aprendesse a escrever retamente e também passasse a conhecer outras ciências. “[...]”

primeiramente convém que passes por esta arte da Gramática, pois ela é o portal pelo qual se passa para saber as outras ciências” (LLULL, 2010, p 58). Diz para seu filho, inclusive, traduzir toda a obra *Doutrina para Crianças* para o latim, assim ele enriqueceria seu vocabulário.

A *Lógica* seria a ciência que exalta o entendimento humano demonstrando as coisas falsas e verdadeiras, ou seja, o entendimento seria o responsável para mostrar ao homem reconhecer tanto o bem como o mal, e alcançar a verdade de Deus,

Amável filho por meio da lógica saberás conhecer os gêneros, as espécies, as diferenças, as propriedades e os acidentes, chamados de os universais. Por meio deste conhecimento, saberás descer das coisas gerais para as especiais, e saberás elevar teu entendimento. Por meio da lógica saberás sustentar, e concluir o que disseres, e pela lógica defender-te-ás para que não possam te enganar com palavras sofisticadas, e serás mais sutil em todas as outras ciências (LLULL, 2010, p 59).

A *Retórica* era importante para que aprendesse a falar bem, sobretudo, nos discursos sendo agradáveis aos ouvintes. A retórica mostra como o homem deve falar, qual deve dizer no fim e quais no meio, “Convém que tuas palavras concordem com todas essas ditas, para que sejam agradáveis às gentes e a Deus”. (LLULL, 2010, p. 59).

Para Llull “O caráter interdisciplinar é exposto, os saberes têm dependências entre si, e um serviria de auxílio para compreensão da outra, o *trivium* representa para o filósofo uma unidade” (GOMES, 2007, p. 31). Essas três primeiras artes são consideradas, como sendo de extrema importância para que os cristãos estejam preparados tanto para si quanto para alcançar o público de infiéis, eram as três disciplinas básicas.

O *Quadrivium* também fazia parte das artes liberais, sendo composto pela Aritmética, Geometria, Astronomia e Música. A Aritmética seria o ato de multiplicar somas em somas e dividir uma soma em muitas, assim o homem poderia melhor reter o número na memória.

A *Geometria* é a doutrina de formas imóveis, que serviria para analisar as dimensões da terra, do que tinha sido feito pelo Criador. “Por meio dessa arte, o homem tem conhecimento da altura da torre, da distância e dos altos montes, e por meio das medidas que o pensamento humano pode multiplicar imaginariamente, se tem conhecimento da grandeza de Deus, que é maior que todo o mundo” (LLULL, 2010, p. 59).

A *Astronomia*, ciência demonstrativa, levaria a aproximação com Deus e seria mapeamento do céu por meio dos Astros: “[...] é a ciência demonstrativa pela qual se tem conhecimento que os corpos celestiais têm senhoria e operam sobre os corpos terrenos. Isso

acontece para demonstrar que a virtude que existe nos corpos celestiais vem de Deus, Soberano dos céus e de tudo quanto existe” (LLULL, 2010, p. 60).

A *Música* seria uma arte de cantar de forma bela e correta, para que o homem louvasse a Deus, longe das vaidades humanas.

A Música é arte pela qual temos doutrina para cantar e soar instrumentos corretamente, rápido e lentamente, elevando, baixando e igualando os tempos breves e as vozes, de tal maneira que diversas vozes e sons sejam concordantes. Assim, filho, essa arte foi descoberta para que, cantando com instrumentos, o homem seja louvador de Deus. Os clérigos possuem essa arte, pois cantam na igreja para louvarem a Deus (LLULL, 2010, p. 59).

Os clérigos deveriam, segundo, Llull, mostrar ao homem uma boa educação e bons costumes, para que os homens pudessem receber a graça de Deus. Os clérigos foram estabelecidos em paróquias e em lugares para cantarem missas. “Filho é feita tão grande honra ao clérigo, para significar que a honra a Deus é feita, pois neste mundo nenhum homem é tão honrado quanto os clérigos”.

Por meio de las artes y oficios de los maestros, Llull ve y percibe sensualmente las intelectualidades, es decir, basta que los hombres que deseen enamorarse de Dios y derramar muchas lágrimas miren los oficios mecánicos, pues todas estas artes representan la pasión de Jesu Cristo; basta que nosotros miremos todo com ojos amorosos y contemplativos: todo representa a Dios, Dios se encuentra en todo, en todas partes (COSTA, 2006, p. 138).

Segundo Ramon Llull, os estudos das Sete Artes Liberais eram pertinentes, pois abriam a mente humana para entender as outras ciências: a Teologia, a Medicina, a Ciência do Direito. Assim instruía seu filho a estudar todas a ciências e aprender outras línguas.

A Ciência da Teologia, segundo o filósofo era a ciência de falar de Deus. Disse ao seu filho: “Saibas que essa ciência da teologia é mais nobre que todas as outras. E como essa ciência é mais conservada e amada pelos homens religiosos, por isso eles são tão honrados”. (LLULL, 2010, p. 60). Essa ciência serviria para o homem conhecer a Deus, e fugir dos “infinitos trabalhos”. Os clérigos deveriam aprender Teologia para mostrar aos homens como se guardar dos pecados. Llull continua afirmando que era importante o uso da Filosofia.

Fé e Razão convém na sentença da Teologia para que, se a fé cair, o homem se ajude com razões necessárias, e se a razão cair no entendimento humano, que o homem se ajude com fé, crendo nas coisas de Deus que o entendimento não pode entender. Filho, Aristóteles, Platão e os outros filósofos que, sem fé, desejaram ter o conhecimento de Deus não puderam elevar seu entendimento tão alto para que pudessem ter, declaradamente, conhecimento de

Deus, Eles não desejavam crer nem ter fé naquelas coisas pelas quais o entendimento humano, por meio da luz da fé, se exalta para entender Deus. (LLULL, 2010, p.60).

Quanto à Ciência do Direito, ensina ao filho que o Direito está dividido em duas partes: Direito canônico e Direito civil. Por isso, o Direito canônico é Direito divino e Direito civil é direito terreno, do costume, e pertence ao uso dos príncipes para que mantenham a justiça. Mas afirmava que tanto o canônico como o civil, tinham falhas, e muitos usavam para mal. Advertiu ao filho se quisesse aprender o Direito que fosse utilizado para o bem.

“Filho se desejas aprender o Direito para cometeres erro, desejas saber o Direito porque amas o erro; e aprendes o Direito civil com o patrimônio da Santa Igreja, cometes erro ao Direito canônico. Mas se tu aprendes o Direito para maneres os pobres que não têm o que dar aos advogados, serás maravilhosamente agradável as gentes e a Deus” (LLULL, 2010, p. 60).

Conforme Ramon Llull, o Direito Civil e Canônico estavam diretamente ligados um ao outro, e caso alguém quisesse aprender, deveria ser usado para ajudar os pobres, os humildes, aqueles que necessitavam da justiça espiritual e justiça terrena, pois existia uma inconveniência entre a teoria e a prática, assim uma coisa seria o Direito na teoria, e seu contrário é o direito na prática.

Ciência da Medicina “é a ciência que une o que é natural para conservar a natureza e retorná-la aquilo no qual estava frequentemente no corpo animado. Assim, filho, essa ciência possui três princípios: o primeiro é natural, o segundo inatural e o terceiro contra a natureza” (LLULL, 2010, p. 78). Ensina o filho como importante é comer e beber moderadamente, e ter cuidados com a saúde, ressaltando aspectos como dormir, acordar.

Diante disso, podemos notar que o maiorquino desejava dar uma educação para seu filho envolvendo vários aspectos da vida espiritual e terrena, queria que seu filho aprendesse as artes liberais e mecânicas, as ciências, que usasse a razão, cuidasse do corpo, da alma, e se preocupasse também com a salvação da alma.

Llull embora tenha uma visão do mundo espiritual não despreza os estudos das Artes Mecânicas que para ele é “ciência lucrativa manual para dar sustentação à vida corporal. “Filho, nessa ciência estão os mestres, isto é os lavradores, os ferreiros, os marceneiros, os sapateiros, os alfaiates, os mercadores e os outros ofícios semelhantes a esses.” (LLULL, 2010, p. 66).

Sin embargo, en Mallorca ya existían escuelas conventuales organizadas por los dominicos que enseñaban las artes del trivium (gramática, retórica y lógica). De una manera general, la visión que Llull tiene de las artes mecánicas es muy positiva. Para él, debemos agradecer a Dios por Haber nos dado el arte y el oficio del comercio, pues los mercaderes cambian las cosas malas por las buenas, y sus errores – como la venta de cosas para los deleites corporales– no vuelven su oficio desgraciado (COSTA, 2006, p. 137).

Essa ciência seria responsável pela sobrevivência do homem, pois sem a mesma, o mundo não seria ordenado. O ofício mecânico deveria ser ensinado para o filho desde cedo, para que o mesmo pudesse viver do seu trabalho. Assim fala ao seu filho Domingos e a outros pais,

A mais segura riqueza é enriquecer seus filhos com algum ofício que lhe dar dinheiros e posses, pois todas as outras riquezas desamparam o homem que não tem um ofício. Logo, filho, eu te aconselho que lhes mostrasse algum ofício. Não existe nenhum ofício que seja bom, mas assim como todo homem poder pegar qualquer nome ou sinal que quiser, todo homem pode eleger um bom ofício. Por isso meu filho, aconselho-te que elejas um bom ofício. (LLULL, 2010, p. 67).

Apesar de ensinar essas artes ao filho, Llull aconselha seu filho na *Doutrina* a não ter tanta confiança na ciência ensinada nas escolas, mas somente a ciência que vinha do “Espírito Santo”. Quanto ao conteúdo, já vimos que os estudos medievais compreendiam: – o trivium (gramática, dialética e retórica) e o quadrivium (aritmética, geometria, astronomia e música). As diversas ciências (Da Medicina, Do Direito e Da Teologia).

Além das sete artes liberais que os letrados deviam conhecer, havia as sete artes mecânicas necessárias à vida social e à utilidade dos homens: as artes da tecelagem, do ferreiro, da guerra, da navegação, da agricultura, da caça e da medicina, e às quais ainda se acrescentavam as do teatro, da dança, da luta e da condução de veículos. Até mesmo os requisitos para a sagração do cavaleiro eram sete artes que constituíam o aprendizado dos jovens nobres desde a infância como pajens e na adolescência como escudeiros: equitação, esgrima, torneio, luta, corrida, salto e arremesso da lança ou noutro elenco: equitação, natação, tiro de flecha, luta, caça, xadrez e versificação.

Assim como as artes mecânicas desbordaram do quadro tradicional com o progresso econômico e as transformações sociais, as artes liberais se multiplicaram e o seu âmbito ampliou-se de modo notável a partir do século XII, em consequência da introdução da enciclopédia aristotélica e da ciência muçulmana no Ocidente cristão, o que levou ao

surgimento de novas escolas e à inserção de novas disciplinas nos programas de ensino (NUNES, 1979, p. 221).

Para Llull, nada disso faria sentido se não fosse interligado à fé, ou seja, era preciso um compromisso com o mundo invisível, pois cada um prestaria conta no Juízo Final. Ele foi um grande defensor de uma educação moral, e em algumas passagens da obra ressaltou para o Filho a importância de Amar e honrar o Filho de Deus “Amável filho, tu nasceste e vieste ao mundo para honrar e servir esse Filho de Deus do qual te falo, pelo qual vieste ao mundo, e serás servo e cativo de perduráveis trabalhos, pelos quais serás julgados pela sentença de Nosso Senhor Deus” (LLULL, 2010, p. 45).

Esse currículo pedagógico, é apresentado pelo filósofo catalão, expondo esses saberes como uma ponte para aproximar a criança de Deus, o conhecimento deveria ter essa finalidade, de amar e conhecer melhor o criador.

Talvez hoje, para nós homens e mulheres modernos, seja difícil conceber a ideia de atrelar a educação e religião como uma obrigação ao currículo educacional. Como destaca Terezinha Oliveira (2012), a memória histórica nos deixou muitos autores que apontaram a religião e educação quase como inseparáveis no processo da formação humana. A mesma autora fala que hoje é quase inadmissível pensar uma educação comum em relação estreita com a religião. Concordamos com a autora que não podemos afirmar que há uma proposta pedagógica correta, a que é atrelada ou não à religião. Mas sim discutir que cada época utiliza o que é necessário para seu tempo. Nesse sentido a autora levanta a seguinte crítica para o preconceito criado sobre a religião e a Igreja durante o medievo:

Este olhar está prenhe do presente e não considera as características sociais de outros tempos, não percebendo que a história é feita pelos movimentos e mudanças dos homens. Se, portanto, hoje a educação se realiza independente da religiosidade, no medievo o espírito de religiosidade era indispensável ao processo educativo e os homens deste tempo não eram mais ou menos educados do que os são os homens do presente. Tratava-se apenas de outros homens, eis a questão (OLIVEIRA, 2012, p. 202-203).

A educação do filósofo estava direcionada para educação da mente, cuidados com o corpo e formação da alma “Trata-se de uma proposta formativa integral, ética, com vistas à formação do homem de virtude. Esta finalidade ética também se encontra em outras fontes medievais” (SILVA, 2014, p. 11). Para Llull, quem dá a ciência ao homem é o próprio Espírito Santo, por isso a educação quanto mais cedo for realizada aos pequenos, melhor será firmada, e guardarão os mandamentos. Assim, a educação deveria ser realizada ainda na

infância para que quando os indivíduos chegassem à fase adulta estivessem bem formados por meio dos preceitos cristãos. Desta forma seria possível a continuidade para as futuras gerações da preservação da mensagem cristã, possibilitando aos indivíduos viver bem em sociedade, em harmonia uns com os outros.

CAPÍTULO 4 - FORMAÇÃO HUMANA NA PERSPECTIVA DE RAMON LLULL

Neste capítulo, busca-se a compreensão de como a formação humana na perspectiva luliana pautava-se na educação do corpo, mente e alma. O filósofo Ramon Llull elaborou um projeto pautado na fé cristã, nas virtudes, na formação da alma, pois acreditava que por meio desse projeto o indivíduo contribuiria com boas ações no cotidiano. A educação era o elemento principal para a consolidação da sua proposta, visto que a natureza humana não dava ao homem o que Llull considerava como primordial, senão pelo ensino e o conhecimento que possibilitaria ao homem a capacidade de compreensão da vida, e como agir para o bem em sociedade.

No capítulo anterior, tratamos da proposta de educação feita por Ramon Llull para a sociedade de seu tempo. Já neste capítulo, destacamos qual o tipo de ser humano Ramon Llull pretendia formar, pois o indivíduo é direcionado a agir em busca de algo ou para algo. É nesse sentido, que as ações humanas têm um paralelo ligado diretamente ao cotidiano. O que se aprende, ler, ouve, interpreta, conduz o homem às ações práticas no dia a dia.

No tempo presente, vemos em nossa sociedade a educação pensada de tantas formas, percebemos diferenças quanto ao que prevalece na educação atual, que visa mais “adquirir conhecimentos” de modo mais mecanizado, separando o saber da existência. Por outro lado, notamos que Llull preocupava-se tanto com o conhecimento como com a vida, tentava compreender o ser humano e as suas estruturas internas. O que interessa mais a esse filósofo é que o homem seja formado a partir de regras, e que estas sejam cumpridas, para que a manutenção da sociedade não perca o controle, mas todos caminhem em atitudes coerentes ao que era, antes de tudo, ensinado pelos considerados como “modelos de conduta” na sociedade medieval.

O contato com algumas obras medievais permite ver o peso religioso que articula a realidade com o imaginário, o qual influencia a percepção que o homem formula sobre a vida; assim, concluímos que aquele homem tinha sua fé e o desejo da salvação, e isso permeava às suas atitudes terrenas. É difícil analisar as ações do homem medieval, sem levar em conta a religiosidade, as questões teológicas como norteadoras daquela sociedade. Mas é importante destacar que aqui discutiremos que o fator religioso apenas como um norteador, contudo quem decide ou toma as decisões é o próprio indivíduo.

É nesse sentido que a educação no passado e presente é tão importante no processo de constituição do indivíduo; oferece as alternativas necessárias para o comportamento enquanto

ser humano, porque é a partir do uso da razão, do intelecto, memória, vontade que o homem é capaz de tomar decisões conscientes e agir de forma coerente ao seu cotidiano. Para que isso aconteça, é necessário minimamente estar de acordo com o que a sociedade apresenta como o bom agir social.

4.1- Educação e o Agir Humano

Llull estava envolvido em uma cultura junto às várias religiões, por isso pretendia formar um homem que soubesse lidar com essa variedade, e respeitasse o espaço do outro, embora a sua tentativa fosse de convertê-los ao cristianismo. Ele tentou conciliar as práticas de uma vida terrena com o desejo das glórias do Paraíso; pretendia formar um homem temente a Deus e responsável com o outro.

O homem possui a “razão” que o difere dos demais animais, e é o uso dela que determina sua forma de comportamento. O indivíduo, a partir do momento em que começa a ter noção do que aprende, torna-se responsável por suas escolhas. É dessa maneira, que o ato de educar ganha força em qualquer sociedade. Por isso, hoje, pensar a educação ainda é tão necessário, mesmo que as finalidades se diferenciem de outros projetos do passado.

Apontamos o seguinte questionamento: na atualidade, o que se tem ensinado aos alunos? Esse ensino tem causado que tipo de mudanças sociais? As aulas têm desenvolvido que tipo de incentivo aos atos considerados justos para a sociedade? Sabemos que a escola objetiva formar um bom profissional, um ser capaz de uma análise crítica. A cada período histórico é apresentada uma proposta educativa, mas todas têm algo em comum: formar o ser humano. Seja para vida, para o trabalho, é necessário desenvolver ações que o ajudem a pensar, refletir, para que mudanças efetivas sejam realizadas.

Talvez a ressonância mais problemática disso se dê na sala de aula, onde decisões precisam ser tomadas e ações imediatas e pontuais precisam ser efetivadas visando a promover mudanças qualitativas no desenvolvimento e na aprendizagem dos sujeitos. Pensar e atuar no campo da educação, como atividade social prática de humanização das pessoas, implica a responsabilidade social e ética de dizer não apenas por que fazer, mas o que e como fazer. Isso envolve necessariamente uma tomada de posição pela pedagogia, na qualidade de dispositivo teórico e prático de viabilização das práticas educativas (LIBÂNEO, 2006, p. 843).

Concordamos com Libâneo (2006), quando enfatiza que a função do ensino é mediar o saber e o modo de agir para promover mudanças, e desenvolver a aprendizagem nos sujeitos

para que melhorem suas ações e competências para o viver e agir na sociedade e comunidade. Esse autor afirma que todo profissional que lida com a formação do sujeito seja em instituições, seja em qualquer outro lugar, é um pedagogo que visa promover uma elevação moral, intelectual na pessoa para melhorar a sua “[...] capacidade de ação e suas competências para viver e agir na sociedade e na comunidade” (LIBÂNEO, 2006, p. 843). Com base nesse autor, inferimos que aquele que ensina a melhorar a capacidade de ação, tem o poder de direcionar o aprendiz para algo. Hoje, espera-se que indivíduo seja capacitado, e bem preparado para atender as necessidades do mercado, isso não quer dizer que os valores devam ser esquecidos, as ações cotidianas devem visar respeitar o próximo e cumprir regras que ainda são estabelecidas em nosso tempo, não falamos em termos conservadores, mas no sentido do bem comum.

Ramon Llull pretendia apontar caminhos para os homens do seu tempo, isto é, tendo em vista que o homem é histórico, e só podemos entendê-lo a partir do momento que compreendemos a inserção dele na sociedade; já que o pensamento é filho do seu tempo. Acima vimos que Libâneo propôs a educação para nossa sociedade, pensando nas demandas do nosso tempo atual. Da mesma forma, Llull estava preocupado com as necessidades de seu tempo. Llull apresentava ao homem princípios básicos sobre Deus. E por meio desses princípios cristãos pretendia formar um homem com boa conduta, que praticassem o bem ao próximo.

Discutimos neste capítulo que a religião e educação na Idade Média não levava os homens apenas a pensar no Paraíso/Inferno, mas os medievais tinham a religião como a norteadora de suas ações. Naquele período, eram as ações cotidianas que causavam impacto na crença e fé. Por isso, pensar na formação do indivíduo era tão essencial para aqueles que se dedicavam ao constante hábito de analisar tanto as Escrituras como as ações no cotidiano; era a tentativa de levar o homem a compreender o próprio homem. Ramon Llull pretendia formar um homem capaz de entender a intenção “real” pelo qual o homem foi criado: “amar e servir a Deus”.

Há uma preocupação no projeto-pedagógico luliano quanto à formação do sujeito, ou seja, o filósofo preocupava-se com valores sócio-morais. O mesmo acreditava que essa tarefa da educação deveria efetuar-se nos primeiros anos de vida, e que, dessa forma, o convívio humano seria favorecido com as práticas das virtudes.

A educação ao longo do período medieval teve seus vários contribuidores que dedicaram parte de sua vida na elaboração de “projetos” que visavam os ensinamentos, e a

formação do indivíduo enquanto ser humano. Ramon Llull estava inserido em um espaço social diversificado. Não existia só a religião cristã, mas ele conviveu com o diferente, ou seja, havia o Islamismo como uma religião que também estava se fortalecendo. Então Llull, queria entender de que forma o homem poderia viver melhor.

Imídeo Nérici (1976) ao falar sobre “*Educação e o homem*”, destaca que a semeadura dos valores, a preocupação com a formação moral, deve realizar-se o mais cedo possível, porque só assim as probabilidades que esses valores frutifiquem serão maiores. O comportamento humano é fruto de tudo que o indivíduo aprende ainda nos primeiros anos, pois depois será mais difícil ser modificado.

Educação é o processo que visa a levar o indivíduo, simultaneamente, a explicitar as suas virtualidades e a encontrar-se coma realidade para nela atuar de maneira consciente, eficiente e responsável, tendo em vista a continuidade e o desenvolvimento social, para serem atendidas necessidades e aspirações individuais e coletivas (NERICI,1976, p. 16).

Com base na citação acima, destacamos duas verdades. A primeira é que a educação visa sempre um fim, e a segunda é que a aspiração é tanto individual como coletiva. Aspirar seria uma forma de lançar-se para coisas futuras, realizar metas e objetivos. Seria também a necessidade ou um desejo da melhoria tanto material como espiritual. “Os grupos humanos, dos menores aos maiores, também podem alimentar aspirações. E muitas aspirações coletivas têm feito a grandeza de muitos povos e nações” (NERICI,1976, p. 17).

A instituição escolar hoje desempenha uma função de educar e humanizar o ser humano, é o lugar onde a criança passa a maior parte de sua formação. O professor passa por uma formação teórica, produz conhecimento, e o leva para sala de aula. Assim o conhecimento tem como objetivo auxiliar os alunos às suas próprias reflexões, e que sejam capazes de se responsabilizarem pelos seus atos e escolhas.

Kant (2004) destaca que o homem é o único animal que precisa ser educado, é por meio da educação que o ser humano sai do estado de animalidade para conquistar a humanidade. Só com a disciplina que há aprendizagem.

Os animais, logo que começam a sentir alguma força, usam-na com regularidade, isto é, de tal maneira que não se prejudicam a si mesmos. É de fato maravilhoso ver, por exemplo, como os filhotes de andorinhas, apenas saídos do ovo e ainda cegos, sabem dispor-se de modo que seus excrementos caíam fora do ninho. Os animais, portanto, não precisam ser cuidados, no máximo precisam ser alimentados, aquecidos, guiados e protegidos de algum modo. A maior parte dos animais requer nutrição, mas não requer cuidados.

Por cuidados entendem-se as precauções que os pais tomam para impedir que as crianças façam uso nocivo de suas forças. Se, por exemplo, um animal, ao vir ao mundo, gritasse, como fazem os bebês, tornar-se-ia com certeza presa dos lobos e de outros animais selvagens atraídos pelos seus gritos (KANT, 2004, p. 11, grifos nossos).

Como Kant destaca acima, há uma diferença precisa entre os animais e os homens, pois estes necessitam receber além da nutrição física, a intelectual e moral. É necessário receber dos seus responsáveis cuidados específicos, que auxiliem em sua formação. Dentre as preocupações que Ramon Llull mostrava em sua obra, eram refletir como esse ser humano que estava se formando, que resposta ele daria para sua sociedade. Cabe destacar que a obra *Doutrina para Crianças* tratou da educação como hábito na qual deu o exemplo, se acostumar a criança a praticar o *bem*. Entendemos esse *bem* como as práticas desenvolvidas ao longo da vida que causassem um efeito positivo no agir pessoal e coletivo; esse indivíduo se habituaria a realizar sempre boas ações. A partir de suas escolhas, enquanto o ser humano que se vê em constante aprendizagem, desenvolve sua capacidade e se dispõe a obedecer as normas estabelecidas. Como podemos observar nessa passagem, Ramon Llull afirma:

Amável filho, grande é a glória que os homens adquirem ao se oporem à má tentação. **Mas como o homem é frívolo e disposto a obedecer ao demônio e à sua própria natureza que é corrompida pelo pecado**, e como tantos homens são vencidos por serem tentados, te aconselho, filho, que tanto quanto possas, fujas das tentações diabólicas e das tentações das fêmeas e dos maus homens, pelas quais tu caís na ira de Deus (LLULL, 2010, p. 78, grifos nossos).

No trecho em destaque, percebe-se que o autor enfatiza a natureza humana corrompida pelo pecado, logo o indivíduo é mais voltado para as coisas consideradas corruptas, para o erro e o mal. O conselho desse filósofo é que o filho fuja das tentações, ou seja, só é possível se fazer isso a partir do momento que o indivíduo entende o porquê da necessidade de fugir de algo, ou o que aquilo considerado como “ruim”, ou “pecado” pode causar de negativo. No caso do filósofo, ele afirma que a pena seria cair na ira Deus.

Os homens e as mulheres da Idade Média vivem o cristianismo essencialmente como uma religião da salvação. Marcados, por outro lado, pelo caráter guerreiro de sua sociedade, vivem sua existência terrena numa lógica de salvação que é uma ação de combate: luta entre virtudes e vícios, combate contra Satanás, inimigo do gênero humano que recorre a todas as tentações internas e externas (BASCHET, 2006, p. 20).

Na sociedade atual, questionamo-nos: o que esperar dos alunos como seres sociais e éticos? O que os professores têm despertado nas salas de aula? Espera-se que os alunos reflitam sobre as problemáticas do seu tempo.

A educação é um processo que dá liberdade ao indivíduo conforme sua busca pelo conhecimento. Mas o conhecimento por si só, não basta, é preciso aplicá-lo e ter uma compreensão de seu impacto nas ações cotidianas. Como já mencionamos nos capítulos anteriores, a fonte de nossa análise *Doutrina para crianças*, é um pequeno tratado que sintetiza o ideal das concepções pedagógicas de Ramon Llull, preocupado com a formação do ser humano, e quais princípios deveriam aprender na fase inicial da vida, que hoje intitulamos infância, e o seu desenvolvimento em outras fases. O peso da religiosidade, e os princípios cristãos, prezam em constituir um indivíduo quase em estágio de perfeição.

Ramon Llull descreve um programa de formação espiritual e intelectual. Neste item, destacamos a importância de conjugar a educação espiritual e intelectual como um plano idealizado por Llull, o qual acreditava que cada indivíduo era responsável por suas ações, e que cada ação deveria ter um fim positivo para a sociedade. Compreendemos a educação, não só a que acontece nos espaços formais, mas como a que visa formar o ser humano para o bem comum.

Llull partilha de concepções semelhantes aos outros autores e educadores, que se comprometeram com seu tempo, que estavam preocupados em ordenar o comportamento social. Formar uma sociedade harmônica, de homens responsáveis pelos seus atos. O livre-arbítrio coloca o homem na posição de responsável por suas escolhas, oferece ao indivíduo a opção de escolher as ações boas ou ruins. É nesse sentido que educação dá ao homem a condição de elevar o entendimento às atitudes que serão tomadas.

Ramon Llull demonstra várias vezes sua aversão às várias mudanças ocorridas no seu tempo, que muitos já não se importavam com fé, em levar a mensagem do evangelho, ou aprender mais sobre as Sagradas Escrituras. O filósofo acreditava que por meio dos ensinamentos bíblicos o ser humano aprenderia bons comportamentos. Isso nos leva a fazer uma reflexão sobre nossa sociedade: tudo o que é ensinado na escola tem cumprido sua função? E até que ponto os alunos têm absorvido o que lhes é oferecido?

Para Llull a alma humana, é composta por memória, inteligência e vontade são complementares uma a outra, isso faz com que o homem seja capaz de fazer suas escolhas:

Deus te deu a vontade livre para que sejas amante da salvação e desames a danação. Logo, assim como Deus deu a teu corpo todos os membros que pertencem ao corpo do homem, e deu à alma todas as potências que lhe convém, deu à tua vontade livre tudo o que pertence para desejares a salvação e odiares a danação, para que desejes receber a salvação tão somente pelos dons de Deus (LLULL, 2010, p. 47).

Como já mencionamos anteriormente, a proposta luliana visava colocar no indivíduo a reflexão sobre seu comportamento terreno. Esse filósofo apresenta, nessa passagem acima, que cabe ao indivíduo escolher, se ele será amante da salvação, ou se desamará a danação. Quer dizer, se esse homem irá adquirir as virtudes, aprender a dominar as suas paixões e não ficar sujeito aos desejos e tormentos da alma. Em outras palavras, é um homem que sabe controlar as vontades e desejos. O que vai fazer o ser humano alguém bom, com valores positivos e éticos, de acordo com o filósofo, vai ser pautado nos ensinamentos bíblicos e na preocupação com a salvação. Assim o ser humano terá um comportamento adequado com seu semelhante e com Deus, vivendo numa sociedade harmônica voltada para o bem comum.

Por outro lado, quando o homem se direciona para os vícios inclina-se para o mal, e não alcança a sabedoria em Deus, levando o indivíduo a escolhas desregradadas, afastando-o do que Ramon Llull chamou de “primeira intenção” pela qual o homem foi criado que é “amar e servir a Jesus Cristo”. Assim, o aperfeiçoamento dependia de cada indivíduo, conforme a aprendizagem e a busca por outros conhecimentos que o aproximassem de Deus.

Pedro Goergen (2007), no artigo intitulado *Educação Moral hoje: cenários, perspectivas e perplexidades*, faz uma discussão sobre a educação moral na atualidade. Ele levanta o seguinte questionamento:

Se, na condição de educadores morais, dissermos ao aluno ‘tu deves’ e ele perguntar ‘porque devo’, qual a resposta que lhe daremos? Os gregos argumentaram que ‘devemos’ por causa do Bem e da destinação natural do homem para o Bem. Os cristãos medievais acreditaram que ‘devemos’ por mandato de Deus. Os modernos argumentam que o dever se baseia na razão (GOERGEN, 2007, p. 743).

O autor coloca em diferentes tempos históricos, o que é a prática do bem. Aponta que na antiguidade deveria “fazer” por causa do bem e da destinação homem para o bem, no medievo “devemos” por mandato de Deus. Percebemos que independente do que achamos sobre a concepção que os homens nas sociedades passadas pensavam, eles agiam em favor do que era considerado “bem” comum a todos. Mas no caso dos modernos o “dever” depende da razão. Nesse sentido as respostas são variadas.

São essas perplexidades que estão na raiz da grande visibilidade que alcança o discurso moral hoje. As pessoas sentem-se órfãs de parâmetros de comportamento. Os mais jovens, vivendo o espírito da época, são contrários a qualquer tipo de autoridade. Os adultos sentem-se inseguros, desautorizados, sem saber o que dizer aos jovens. **Serão corriqueiros o assombro e a desorientação das pessoas diante do futuro da sociedade se prosseguirem as práticas que afrontam qualquer sentido de bem comum, de justiça social** (GEORDEN, 2007, p. 744, grifos nossos).

É nesse sentido que consideramos importante que o ensino tenha uma função primordial que é orientar o indivíduo, ou seja, é perceber que em algum momento a sociedade exigirá dele uma resposta quanto as suas atitudes, responsabilidades que só são adquiridas quando entendidas, ensinadas, e isso se dá por meio da educação, e dos bons princípios. Mesmo que estejamos vivendo um período onde a finalidade do dever esteja em declínio, não é sábio ver o declínio das virtudes, pois a sociedade precisa minimamente de coerência.

O ser humano é o que lhe foi ensinado, e a questão ética ao nosso ver é algo que tornou-se universal. Assim, independente se estamos falando da Idade Média ou da atualidade, independente da distância de tempo, o indivíduo continua almejando viver em harmonia na sociedade. Tratam-se de valores atemporais, que são inerentes ao ser humano, embora alguns conceitos sejam modificados, e isso é necessário, já que estamos numa outra conjuntura.

É nesse sentido, que é tão necessário retomarmos a autores de outros tempos. Com filósofo Ramon Llull, podemos analisar que o processo formativo do ser humano, passa pela educação que desperta as potências afetivas e intelectuais, forjando um caráter que pensasse no próximo. Assim, consideramos importante pensar: o que o projeto de Ramon Llull pode contribuir com a educação hoje? Esse filósofo estava preocupado com os valores morais, com a formação do indivíduo. Isso é necessário para nossa sociedade refletir, já que a educação formal tem estado voltada à formação.

Para Aristóteles (384 a.C., 322 a.C.), a excelência moral não se constitui pela natureza, esta apenas dá a capacidade de recebê-la, e essa capacidade se dá e se aperfeiçoa com o hábito. O homem deve ter um conjunto de hábitos para dá suporte em suas ações:

Ao criticar o intelectualismo socrático e platônico presente na questão do bem, Aristóteles se torna o fundador da ética como disciplina independente da metafísica. Mostrando tratar-se de uma generalidade vazia, ele opõe a ideia platônica do bem o *bem humano*, isto é, o bem com relação à atividade humana. Essa crítica se dirige, portanto, contra a identificação da virtude com o saber, da *Areté* com o Logos, tal como defendida pela ética socrático-platônica. Ao definir o elemento fundamental da consciência ética do homem como *Orexis*, como “desejo” e como organização desse desejo em uma atitude inalterável, **Aristóteles recoloca a doutrina de seus mestres**

em sua justa proporção. Lembremos que, segundo a teoria de Aristóteles, são a repetição e o hábito que se encontram na base da virtude, o que mostra o significado do próprio nome ética (GADAMER, 1998, p. 48, grifos nossos).

Em outras palavras, o homem é um ser que se torna o que é, a partir daquilo que ele executa, que é percebido no seu agir, assim, podemos afirmar que o ser ético se distingue do natural. O comportamento humano modifica-se de acordo com a educação recebida, logo como afirmou Aristóteles, em sua obra *Ética a Nicômaco*, a repetição e o hábito estão na base da virtude. Os cristãos só seriam considerados virtuosos se tornassem as virtudes como hábitos.

Ora, se a função do homem é uma atividade da alma que segue ou que implica um princípio racional, e se dizemos que "um tal-e-tal" e "um bom tal-e-tal" têm uma função que é a mesma em espécie (por exemplo, um tocador de lira e um bom tocador de lira, e assim em todos os casos, sem maiores discriminações, sendo acrescentada ao nome da função a eminência com respeito à bondade pois a função de um tocador de lira é tocar lira, e a de um bom tocador de lira é fazê-lo bem); se realmente assim é e afirmamos ser a função **do homem uma certa espécie de vida, e esta vida uma atividade ou ações da alma que implicam um princípio racional; e acrescentamos que a função de um bom homem é uma boa e nobre realização das mesmas; e se qualquer ação é bem realizada quando está de acordo com a excelência que lhe é própria; se realmente assim é], o bem do homem nos aparece como uma atividade da alma em consonância com a virtude**, e, se há mais de uma virtude, com a melhor e mais completa (ARISTÓTELES, 2009, p. 11, grifos nossos).

As ações praticadas pelo homem, são tomadas de acordo com o prazer ou dor. O prazer geralmente leva o homem a tomar atitudes precipitadas, indignas. O ser humano inclina-se sempre para sua natureza, desse modo, a educação tem uma finalidade bastante precisa, de direcionar o indivíduo em suas tomadas de decisões e na busca em realizar as virtudes.

Devemos tomar como sinais indicativos do caráter o prazer ou a dor que acompanham os atos; porque o homem que se abstém de prazeres corporais e se deleita nessa própria abstenção é temperante, enquanto o que se aborrece com ela é sem limite; e quem arrosta coisas terríveis e sente prazer em fazê-lo, ou, pelo menos, não sofre com isso, é bravo, enquanto o homem que sofre é covarde. Com efeito, **a excelência moral, relaciona-se com prazeres e dores; é por causa do prazer que praticamos más ações, e por causa da dor que nos abtemos de ações nobres**. Por isso deveríamos ser educados de uma determinada maneira desde a nossa juventude, como diz Platão, a fim de nos deleitarmos e de sofrermos com as coisas que nos devem causar deleite ou sofrimento, pois essa é a educação certa (ARISTÓTELES, 2009, p.24, grifos nossos).

Aristóteles fala sobre os atos que são acompanhados pela dor e pelo prazer. O prazer leva o indivíduo a esquecer o que seria por prudência evitar, ou em outro caso que não seja conveniente fazer, mesmo que cause danos ou leve a cometer más ações, importante apenas a satisfação própria. Do outro lado, a dor faz com que o indivíduo repense suas atitudes.

Para Llull, a concepção do indivíduo acontecia pelo hábito, até a criança se acostumar com a boa educação. A partir disso, o autor mostra aos homens como eles devem se comportar para a vida. De acordo com Llull, o homem usa a mente para dirigir seus atos, por isso propõe uma formação intelectual e moral. É necessário que o indivíduo receba a educação para que tenha discernimento em seus atos para agir em favor do bem comum.

A proposta de Llull era que o homem fosse educado para conhecer suas inclinações corporais. Preocupava-se em:

Acostumar teu filho a ouvir vaidades, palavras feias, romances e canções, instrumentos e as outras coisas que dão o movimento da luxúria é veneno e peçonha na lembrança, no entendimento e na vontade de teu filho. E tal veneno e peçonha gastam e deterioram os bens que lhe deixas, e aprisionam a sua alma no fogo perdurável. **Assim, para mortificar tal veneno são necessárias palavras e livros que falem de Deus e do menosprezo deste mundo, antes que o veneno e a peçonha se multipliquem em seu hábito** (LLULL, 2010, p. 79, grifos nossos).

Deste modo, cada um inclina-se a realizar as ações conforme foi acostumado. Llull destacou, se o indivíduo ouvir vaidades, ou quaisquer outras coisas que fortaleçam as obras da carne despertando o desejo para o pecado, o indivíduo se acostumará a tal hábito. Mas, se do outro lado seu entendimento for fortalecido sobre o conhecimento divino, seus hábitos serão inclinados para o bem. Para Llull o intelecto humano processa o conhecimento a partir do seu próprio intelecto e há também o conhecimento que é iluminado por Deus, assim o ser humano pode entender algumas coisas somente com ajuda divina. É dessa maneira, que autor ao tratar sobre o hábito, ressalta a importância de fazer isso com consciência utilizando as ferramentas necessárias para aquisição de bons pensamentos que logo serão vistos nas boas atitudes. Se homem andasse em retidão, a luz divina agiria sobre o intelecto, fazendo com o que o indivíduo realizasse as virtudes e mantivesse uma vida conduzida por Deus.

A posição de Aristóteles em relação à virtude, se dá a partir de dois tipos: intelectual e moral. A primeira seria resultado das instruções recebidas ao longo da vida e a segunda é produto do hábito:

Sendo a virtude, como vimos, de dois tipos, nomeadamente, intelectual e moral, a intelectual é majoritariamente tanto produzida quanto ampliada pela instrução, exigindo, conseqüentemente, experiência e tempo, ao passo que a **virtude moral ou ética é o produto do hábito**, sendo seu nome derivado, com uma ligeira variação da forma, dessa palavra. E, portanto, fica evidente que nenhuma das virtudes morais é em nós engendrada pela natureza, uma vez que nenhuma propriedade natural é passível de ser alterada pelo hábito. Por exemplo, é da natureza da pedra mover-se para baixo, sendo impossível treiná-la para que se mova para cima, [...]. **As virtudes, portanto, não são geradas em nós nem por meio da natureza nem contra a natureza. A natureza nos confere a capacidade de recebê-las, e essa capacidade é aprimorada e amadurecida pelo hábito** (ARISTÓTELES, 2009, p. 100, grifos nossos).

Esta passagem é fundamental para compreendermos que homem forma-se a partir do que sua mente se alimenta. Aristóteles afirmou que nenhuma virtude é engendrada pela natureza, esta apenas nos confere a capacidade de recebê-la, ou seja, é por meio do exercício do hábito que a pessoa aprende a cultivar as virtudes.

O processo educativo dá condições para preparar o indivíduo para ser responsável por suas ações. A educação é necessária para o desenvolvimento da pessoa, é pelo ensino que homem aprende. O ser humano realizará ações conforme os processos formativos pelo qual passou, os hábitos mais praticados.

Tomás de Aquino ao tratar sobre como adquirir o conhecimento aconselhou que se comece pelo mais fácil, o difícil deve ser atingido a partir do fácil. Como o conhecimento e existência não poderiam ser vistos por ângulos distintos, ele exortou que cada um deveria cuidar da vida. Primeiramente tardio para falar e lento para ir ao locutório, deveria abraçar a pureza de consciência, levar uma vida de oração, fugir de questões mundanas, ter cuidado com que entraria na mente (TOMÁS DE AQUINO, 2013, p.303). Para o mesmo autor o intelecto humano pode aprender por suas próprias faculdades, pertence exclusivamente ao homem, independente da infusão divina, embora o intelecto tenha sido criado por Deus. O homem é responsável pelos seus atos e escolhas “[...]o homem é um ser superior aos demais animais. Por conseguinte, e capaz de criar coisas a partir da natureza e infundir conhecimento sobre outros homens” (OLIVEIRA, 2012, p. 35).

Por isso na concepção do maiorquino, a educação fazia com que o homem aprendesse logo cedo, a partir do hábito, a cogitar as coisas boas. Para Llull, a inteligência humana, se não for iluminada por Deus, não atinge o máximo do conhecimento. Mas antes de tudo deve contar com a luz divina. Todavia, conduz os homens não somente para o viver em sociedade,

mas para estar junto à Santíssima Trindade. Essa quase formação humana perfeita a partir da proposta luliana, como observamos acima, provém de uma capacidade humana do homem em perceber o que de fato faz com que ele aprenda. Os sentidos corpóreos são, pois, responsáveis pela apreensão das coisas que os cercam.

4.2 A Representação do Além: impactos na visão de mundo e na Educação

Ramon Llull é considerado um pedagogo cristão preocupado tanto com a educação religiosa com a vida social. Analisamos a obra *Doutrina para Crianças* (1274-1276) como um manual de ética e moral religiosa. Na primeira parte da obra, o autor apresenta toda a proposta catequética que pretende mostrar para formação humana, assim como trata do caráter social, das artes e ciências. Para Llull, o homem deveria ser ensinado, e o ensino tinha como base o pensamento cristão.

Nesse sentido, falaremos da religiosidade e seus elementos que compunham o cotidiano do homem medieval, aspecto este que influenciava diretamente na proposta de educação luliana. Temas como Juízo Final, Paraíso, Inferno, vida pós-morte, influenciavam no comportamento do homem. Este vivia uma espécie de mundo dualista. Era luta da alma entre e o bem e o mal.

Por que refletir sobre o tema do Além na obra *Doutrina para crianças*? Acreditamos que seja importante pensar que a preocupação com a vida pós-morte, regia o código da moral de vida em sociedade, isso influenciaria diretamente no comportamento humano. Logo, as atitudes terrenas eram pensadas a partir da crença, da fé, que influenciaram o projeto educacional luliano,

[...] a memória histórica nos deixou um grande número deles-, das mais diferentes épocas, apontem para estreita relação entre religião e educação, atualmente, é quase inadmissível pensar uma proposta pedagógica baseada numa estreita relação entre educação e religião. Não estamos, evidentemente considerando essa situação como acertada e os autores do passado como equivocados, ou que os homens do passado estavam certos e nós, hoje, errados. **Ao contrário, não se trata de julgamentos, mas da compreensão histórica do processo. Hoje a religião, em tese, não é parte integrante da educação e virtude das relações sociais e culturais que os homens travam entre si, mas, no passado,** seja na Antiguidade, no Medieval, Renascimento e modernidade, a religião fazia parte do programa educacional e não se constituía em anomalia (OLIVEIRA, 2010, p. 26, grifos nossos).

Essa compreensão do passado histórico nos auxilia a refletir que a religiosidade não era uma questão de escolha, mas já se nascia no cristianismo, o que tornava o ser humano cristão já por nascença. Baschet (2006) salienta que a fé medieval era menos uma crença pessoal e mais uma fidelidade prática, manifestada por palavras, e atitudes. Logo, a fé que estava presente no cotidiano determinava a forma de se contemplar mundo. O Além era lugar onde a justiça divina revelaria a verdade sobre o mundo.

O medo de ir ao Inferno foi uma arma ideológica que a Igreja utilizou para converter muitos fiéis ao cristianismo, pois, as pessoas queriam a salvação mais pelo medo do Inferno que pelas glórias do paraíso. “A peça essencial do sistema não foi o Paraíso, mas o Inferno” (LE GOFF, 2006, p. 30). Segundo Le Goff, a Igreja utilizou o Além para assentar sua dominação sobre os cristãos e justificar a ordem do mundo pela qual ela velava, tudo estava devidamente ligado à interferência da Igreja Católica e suas necessidades ideológicas.

O homem foi concebido à sua imagem e semelhança e todo o seu comportamento deveria conduzi-lo a uma só finalidade: **a de amar e servir a Deus em vida para desfrutar da sua glória, no Paraíso, após a morte.** A desobediência às leis divinas o faria purgar no Inferno para toda a eternidade. Essas leis foram todas definidas pela Igreja Católica, com base nas tradições judaica e grega, adaptadas às necessidades de domínio da Igreja sobre a sociedade como um todo. De modo que, observa-se em todos os textos medievais, qualquer que seja a facção da sociedade que o tenha produzido, eles estarão sempre contagiados por esse ideário religioso (SOUZA, 2011, p. 8, grifos nossos).

Educar os desejos, educar a carne, educar o espírito. Essa era uma das finalidades da educação medieval. Os padrões morais do Ocidente foram decisivamente configurados pela Igreja Católica, ou seja, cada homem prezaria pela sua moral. Essa ideia ganha força a partir do momento em que a Igreja se fortalece e divulga sua mensagem de fé, que vai de encontro ao que se convencionou chamar de pecado. A Igreja, logo, formulou sua doutrina sobre a temática apresentando as punições para aqueles que se desvirtuassem do caminho.

A crença na existência da vida após a morte é um dos temas intrigantes da humanidade. Ao longo da história vemos várias representações desse Além nas mais diversas religiões. Isso não é diferente na sociedade contemporânea, visto que ainda existe um céu religioso na perspectiva de quem ainda acredita.

Talvez, para muitos, seja muito problemático pensar na existência do Além, mas para quem viveu aquela época, antes de muitos esclarecimentos científicos, aqueles longos séculos não tiveram limites entre o real e irreal, visível e invisível. Isso não quer dizer que para muitos

homens contemporâneos, o sagrado não exista mais. Não é isso, pois percebemos no nosso dia a dia, a permanência desse sagrado. A finitude da vida, e o que aguarda cada pessoa depois do fim, da morte, são questionamentos ainda muito presentes em nossa sociedade. Porém para outras pessoas esse céu sagrado desapareceu.

Le Goff (2007) faz no livro *O Deus da Idade Média*, a diferença entre as diversas facetas de Deus para quem a imagina, um Deus do rico, um Deus do pobre, um Deus do humilde. O que isso muda na sociedade? Muita coisa, pois foi na crença em um Deus da religião oficial, do catolicismo, que as bases da educação foram sendo estabelecidas, e tinham uma finalidade. Essa finalidade seria a Salvação. Como afirma Schmitt (2002, p. 30), Deus era o resumo de toda a concepção de mundo do homem medieval.

Havia um plano terreno e espiritual para o homem medieval (SCHMITT, 1999, p. 304). Ele seguiria os padrões cristãos que o levariam a ter uma vida de acordo com aquilo que a Igreja pregava, a ter uma boa doutrina. Dessa forma, a vida terrena deveria ser vista como algo passageiro, o homem deveria estar ligado à vontade divina.

A lógica predominante nesse contexto era de um homem com um começo, relatado no Gênesis, o qual no sexto dia o homem é criado, é aquele que vai dominar a natureza. Mas Adão, influenciado por Eva que aceita o fruto proibido pela serpente, peca e faz Adão pecar, instalando assim o pecado no mundo, ficando inscrito na história como o pecado original. Dessa forma, o homem foi expulso do Paraíso Terrestre, condenado ao sofrimento (LE GOFF, 1989.p. 08).

A partir do que foi dito, percebemos que os relatos bíblicos provocaram na Cristandade medieval a imagem positiva e negativa do homem. A imagem positiva seria aquele do homem como a melhor criação divina, aquele que deu nomes aos animais, aquele que encontraria o novo paraíso. E a imagem negativa, era de um homem pecador, vulnerável às tentações, e prestes a perder o Paraíso, e mergulhar em uma morte eterna (LE GOFF, 1989.p. 09).

O homem viveria uma constante batalha, e sua alma seria o palco da guerra, o lugar das grandes decisões “o homem em marcha, em viagem permanente nesta terra e na sua vida, que são o espaço/tempo efêmeros do seu destino e onde ele caminha, segundo as suas opções, para a vida ou para a morte” (LE GOFF, 1989, p. 10).

Santo Agostinho legou a Idade Média a doutrina do pecado original. Cada homem já nascia pecador antes mesmo de ter realizado qualquer ato considerado pecaminoso. A teologia agostiniana reforça a importância do batismo e valoriza com maior força sua necessidade indispensável.

O Paraíso é um lugar de paz e alegria, desfrutadas pelos eleitos por meio de seus principais sentidos: flores e luz para os olhos, *cânticos para os ouvidos, odores suaves para o nariz, gosto de frutos deliciosos para a boca, panos aveludados para os dedos (pois os pudicos eleitos vestem, em geral, belas togas brancas, só alguns artistas devolvem a eles a nudez da inocência do Paraíso terrestre antes da Queda)*. Algumas vezes, o Paraíso é circundado de altos muros de pedras preciosas e compreende espaços concêntricos protegidos, eles também, por muros, cada espaço mais luminoso, mais perfumado, mais saboroso, mais harmonioso, aproximando-se do centro que reside Deus e que mantém reservada a visão beatífica. O Paraíso do Gênesis era uma jardim de acordo com as realidades climáticas e imaginárias dos orientais; o Paraíso do Ocidente medieval, mundo de cidades antigas e novas, foi concebido sobretudo sob forma urbana, no interior de uma muralha, tendo como modelo a Jerusalém Celestial. Esse Paraíso era estritamente reservado aos bons “batizados”, sendo o batismo o passaporte necessário (mas não suficiente) para o Paraíso (LE GOFF, 2006. p. 30, grifos nossos).

A imagem descrita sobre o Paraíso, era de um lugar considerado de paz, alegria, que excluía qualquer tipo de mal. A partir do momento que o pecado se interioriza, desvia o indivíduo da boa conduta moral, infringindo as normas e desviando-o do caminho considerado bom. Segundo Lull, o indivíduo que seguisse uma educação voltada às virtudes e se afastasse dos vícios, se aproximaria de Deus:

Imagina, filho, uma vontade muito próxima que todos os tempos deseja mas nunca tem o que deseja, e todos os tempos tem o que desama e poderia ter todos os tempos o que ama. Assim, imagina quão grave paixão a vontade dá ao entendimento quando entende o que a vontade deseja todos os tempos e não tem, e teve o que todos os tempos desamou, e perdeu Deus, que todos os tempos deseja e ama. Assim, saibas, filho, que tal entendimento atormenta a vontade dos que estão no Inferno, porque neste mundo não tiveram amor a Deus (LLULL, 2010, p.43).

Da passagem acima, podemos destacar que Lull enfatiza que o homem deve compreender a importância de resistir aos anseios da vontade, pois quando o entendimento entende o que vontade quer, deixa de lado o que realmente deveria ser cogitado que é agradar a vontade de Deus. Ele afirma que muitos do que estão Inferno, sentem-se atormentados porque enquanto em vida deram valor as suas próprias vontades humanas e desprezaram a de Deus. É nesse sentido que os bons hábitos deveriam ser reforçados, e praticados. No próximo item, falaremos dos vícios que deveriam ser evitados e das virtudes que quanto mais praticadas, mais a alma se adaptaria a fazer o bem.

O homem seria um caminhante entre o mundo espiritual e terreno, tinha uma luta da carne contra alma e vice-versa. O mundo seria apenas um lugar passageiro, e salvação a

conquista pela eternidade. O homem manteria o corpo em conservação de pureza. Algo que se fortalece na Idade Média central é a ideia do livre-arbítrio que cresce e responsabiliza cada um por suas escolhas, cada homem seria responsável por suas ações. Aquilo que realizasse aqui embaixo, determinaria se seria salvo ou condenado:

O mundo é representado pela Igreja de forma dualista, cristãos *versus* **não-cristãos, bem versus mal, Deus versus Diabo. Assim, tanto leigos quanto clérigos, saíam em busca pela salvação da alma.** Mesmo hoje, na aurora do século XXI, o deslocamento ainda é visto como uma forma do Ser reencontrar-se consigo mesmo e os caminhos da era medieval continuam a ser visitados. As promessas, pedidos de graças aos santos na religião católica, também muitas vezes são pagas por meio de uma longa trajetória percorrida pelo fiel a pé. Ainda estão ligados na civilização ocidental, conceitos como o de salvação, viagem e sofrimento física (ZIERER, 2013, p. 74, grifos nossos).

Essa dualidade de se pensar o mundo, bem e mal, Deus e Diabo, cristãos e não-cristãos, leva-nos também a pensar como fundamental na formação do homem medieval, que deveria optar pelo bem, por Deus e por ser um bom cristão. Era o tipo de homem que se questionava sobre a origem e o fim.

Santo Agostinho refletiu sobre a morte e o pós-morte, por considerar que o pecado original levou o homem à condição de homem mortal, como um castigo divino. O homem interrogava-se sobre o que o esperava após a morte, como um mortal refletiria sobre a vida terrena e a eterna, ele definia o homem com alma e corpo a “antropologia agostiniana argumentou que está sujeito a uma “dupla morte”: uma dizia respeito ao homem exterior, na carne/corpo, quando a alma abandona o corpo, enquanto a morte atinge o homem interior, a alma, quando esta é deixada por Deus” (PIRATELI, 2008, p. 206). A alma traz vida ao corpo, e Deus é a vida da alma, com isso o homem deveria cultivar essa relação com o divino. Deus é aquele que protege e incita o homem à virtude.

A imortalidade da alma, para Santo Agostinho, garantia ao homem para além de sua vida um ‘eterno hoje’: realidade não sujeita ao tempo, a qual se dividia em dois lugares distintos a que a alma humana chegará, céu ou inferno, segundo a crença cristã, e isto de acordo com aquilo que havia praticado na sua vida terrena [...] os justos, que para o pensador cristão representava o ‘peregrino’ –homem voltado para o amor a Deus e desprezo de si próprio-, encontrariam seu fim no céu, desfrutando da eterna felicidade e da plenitude de seu ser, gozando e contemplando o Ser Supremo, Deus.(PIRATELI, 2008, p. 209).

O Diabo ganha uma representação da figura do mal, personagem considerado como um dos mais importantes na cultura popular do Ocidente. Aquele que é responsável pela maldade humana, a própria encarnação do mal, oponente das forças malignas. É essa figura que tenta e induz o homem ao pecado. A figura do maligno é reforçada nas imagens, nos textos. Baschet (2006) afirma que a partir do ano mil ele encontra um lugar digno onde recebe uma representação específica que sublinha sua monstruosidade e sua animalidade, representando seu poderio na sociedade medieval.

Com isso as figuras protetoras e a mediação da Igreja, foram necessárias e urgentes, frente à divulgação da imagem temerária do chamado Príncipe das Trevas. “Amável filho, a tentação diabólica faz todo o contrário disso, pois no princípio satisfaz o corpo para começar o mal, entristecendo a alma no fim, pois ela tem consciência do pecado e do mal que faz quando consente ao demônio, que é seu inimigo” (LLULL, 2010, p. 78). Llull parece concordar que o corpo e alma são um campo de batalha para o homem, pois a partir do momento que o indivíduo cede aos desejos da carne, pode a princípio satisfazê-la, mas no final a alma fica entristecida.

Ao nosso ver, acreditamos que isso está diretamente ligado à educação recebida, aos ensinamentos, ou seja, é por meio da aprendizagem que o homem antes de agir, pensa e reflete antes das tomadas de decisões. O que foi se construindo sobre o Além medieval, modifica a forma de pensar sobre mundo, e suas ações. O cristianismo estabelece uma dualidade radical do Além. Por meio da educação, o homem praticaria as virtudes e evitaria os vícios; preocupado com a salvação viveria de forma mais harmoniosa na vida em sociedade.

O tema “morte” na Idade Média, era um pensamento comum na sociedade medieval, e a Igreja Católica considerada a intermediadora entre Deus e o homem, divulgava aos fiéis a importância de cumprir os mandamentos cristãos “sob pressão da Igreja Católica e por medo do Além, o homem que sentia a morte chegar queria prevenir-se com as garantias espirituais” (ARIÈS, 2012, p. 113). Por isso, acreditamos que seja necessário fazermos uma discussão sobre a representação do Além, que está diretamente ligada à abordagem sobre a educação, que tinha a influência religiosa, na estrutura do projeto-pedagógico luliano.

[...]a vida é breve e a **morte se aproxima de nós todos os dias**. Por isso a perda de tempo deve ser muito odiosa. Logo, no princípio o homem deve mostrar a seu filho as coisas que são gerais no mundo para que ele saiba descer até as especiais, e que o homem faça seu filho soletrar, em língua vulgar, o princípio que aprendeu, de tal modo que ele entenda o que soletrou (LLULL, 2010, p.01, grifos nossos).

Ramon Llull enfatiza a importância de aproveitar o máximo de tempo possível em compreender a vida, pois a morte sempre estará próxima, quanto mais o tempo passa, mais ela se aproxima do homem; este deve estar preparado espiritualmente para encarar a morte. Cabe aos pais ensinar seus filhos sobre o máximo que puderem até chegar nos assuntos considerados mais “importantes”, que na concepção do filósofo era o sagrado. Mais uma vez, voltamos ao que já foi discutido no capítulo primeiro dessa dissertação. A importância da memória no processo educativo, pois soletrar não era o mais necessário, mas sim compreender o que era ensinado; assim a indivíduo seria capaz de ler outros livros.

Nesse sentido, observamos como a linguagem do filósofo sempre enfatizada em apresentar ao seu filho sobre como manter um bom comportamento. Para ele, os pais deveriam mostrar aos filhos como refletir sobre a glória do Paraíso e as penas infernais, assim a criança se acostumaria a amar e temer a Deus, conforme os bons ensinamentos, ensinando no caminho divino. Como abordamos no capítulo anterior, a educação era de dois tipos: a da alma (memória, vontade e entendimento) e a do corpo (visão, olfato, audição, paladar e tato). Cabia ao homem aprender e se afastar do mal:

Em Deus existe bondade, grandeza, eternidade, poder, sabedoria, amor, virtude, verdade, glória, perfeição, justiça, largueza, misericórdia, humildade, senhoria e paciência. E em Deus há muitas virtudes semelhantes a essas, e cada uma dessas virtudes, ao mesmo tempo, é somente um Deus (LLULL, 2010, p. 5).

Ao enfatizar as virtudes que existem em Deus, a justiça, sabedoria, Llull aposta que o ser humano deveria segui-las em sua vida cotidiana para viver nessa sociedade mais justa e se aproximar do Criador. Desta forma, conseguiria tanto a salvação de sua alma após a morte, como viver harmonicamente em sociedade. Em específico, Ramon Llull dava ênfase em seus escritos em como conhecer a Deus e alcançar a salvação. E alertava seu filho sobre o pecado,

O pecado estabelece a dinâmica das relações entre alma e corpo, que constituem a ‘pessoa medieval’ [...] a alma e o corpo vivem juntos no indivíduo em estado de contínua tensão, que por sua vez gera o pecado: aqui a carne concupiscente, fonte de impulsos dificilmente refreáveis; ali um espírito enfraquecido, assolado pelas paixões incapaz de governar sozinho o corpo que habita e tolhido em seu desejo de se voltar para o bem (CASAGRANDE; VECCHIO, 2002, p. 337).

Seguido do tema sobre a morte, o pecado, é lembrar que o homem vivia constantemente em luta contra si mesmo. Segundo o pensamento da Igreja, o pecado já brotava no homem

desde o nascimento, devido ao Pecado Original que tirou o homem do seu estado de perfeição para uma condição de dominação do pecado, quando Adão e Eva desrespeitaram os desígnios do Criador no Paraíso Terrestre. A desobediência a Deus proporcionou ao homem viver assim, nesse constante combate. Dessa forma, acreditar no filho de Deus, ou seja, na Encarnação é o que poderia tirar o homem desse estado de condenação “A Encarnação desencadeia um processo de salvação, de libertação do pecado; o fim dos tempos assinala a condenação definitiva dos pecadores e a glória eterna dos não pecadores” (CASAGRANDE; VECCHIO, 2009, p. 337).

No além, homens e mulheres reencontrarão um corpo, para sofrer no Inferno, para, graças a um corpo glorificado, usufruir licitamente do Paraíso, onde os cinco sentidos estarão em festa: a visão na plenitude da vista de Deus e da luz celeste, o olfato no perfume das flores, a audição na música dos coros angelicais, o paladar no sabor dos alimentos celestes e o tato no contato com o ar precioso do céu (LE GOFF, 2006, p. 89).

A imagem que era divulgada do Além, causava medo do Inferno e o desejo de ir para Paraíso “A dinâmica da sociedade e da civilização medievais resulta de tensões: entre Deus e o homem, [...]entre a razão e a fé. Entre a violência e a paz. Mas uma das principais tensões é aquela entre **o corpo e a alma**. E, a inda mais, as tensões no interior do próprio corpo” (LE GOFF, 2006, p.11, grifos nossos).

A busca pela salvação da alma, representava na Cristandade passar pela penitência corporal. Durante a Alta Idade Média, o monge representou o modelo humano para a sociedade, era aquele que mortificava o corpo. Abstinência e continência estão entre as virtudes mais fortes. A gula e a luxúria são os maiores pecados capitais. O pecado original era considerado como a fonte da desgraça humana, é o momento em que o homem se vira contra Deus.

A Cristandade medieval insistia em duas imagens do homem, a primeira aquela do ser criado por Deus, que deveria encontrar o Paraíso perdido por sua culpa, e segunda a imagem negativa de um homem pecador, que cedia às tentações (LE GOFF, 1989, p. 11). Mas no século XIII, alguns teólogos destacam o valor positivo do corpo, e do próprio homem, que é reflexo da imagem divina e pode alcançar a salvação.

São Boaventura sublinha a excelência dos altares, que, em virtude do primado do movimento de baixo para cima, corresponde à orientação da alma em direção a Deus. Insiste igualmente na importância da condição sexuada, que colabora para a perfeição da natureza humana preservada após a ressurreição em direção ao Paraíso, não para concepção, que não tem mais razão de ser, mas para a perfeição e a beleza dos eleitos. Mais ainda, para Santo Tomás de Aquino **o prazer corporal é um bem humano indispensável que deve ser regido pela razão em prol dos prazeres superiores do espírito, as paixões sensíveis contribuindo, assim, para o dinamismo do impulso espiritual** (LE GOFF, 2006, p. 12, grifos nossos).

Llull diz ao seu filho que depois da morte, o homem se aproximaria de Deus ou seria aprisionado no “eterno fogo infernal”:

A danação é perder a glória celestial perdurável e ficar submetido a suportar as penas infernais que não têm fim. Assim, por meio dos sete Pecados mortais ditos acima, saibais, filho, que os homens têm danação. Deus dana quem quer, mas sua vontade não quer danar sem razão nenhum homem. Sabes Por quê? Porque razão e justiça se convém. E como a vontade e a justiça de Deus são uma mesma coisa, Nosso Senhor Deus não dana nenhum homem que não seja culpado (LLULL, 2010, p. 52).

Trata-se, portanto, de demonstrar que aqueles que não mantiveram um bom comportamento, estarão condenados à danação, ou seja, privados de desfrutarem a eternidade com o Criador, e se submeterão às penas infernais que são eternas. Como Llull destacou, Deus não dana sem razão, mas por meio da justiça, culpa aqueles que assim mereceram, e não cumpriram os mandamentos cristãos.

“Se tu quebras o que prometes quando recebes o sacramento, os demônios e os pecados infernais te fazem companhia e és expulso da companhia dos anjos e dos santos da glória” (LLULL, 2010, p. 22). Ramon Llull apresentou de forma bastante detalhada a geografia do Além. Sabemos que ao longo da Idade Média a criação e características de como seria o lugar que almas encontrariam após morte foram sendo modificados, e claro tudo tinha o porquê de acordo com as necessidades da Igreja.

O Inferno está no meio de um lugar que fica dentro do coração da Terra, e tal lugar é trancado e fechado, e ali existe pena por todos os tempos. Essa pena acontece em quatro lugares: um é o Inferno, onde estão os danados que nunca sairão; outro é o Inferno que é chamado Purgatório, no qual o homem faz penitência porque não a cumpriu neste mundo; o terceiro Inferno é o lugar onde entraram os profetas antes que o Filho de Deus fosse encarnado, e esse Inferno é chamado Abraão; o quarto Inferno é aquele onde entraram as crianças que morreram e não foram batizadas (LLULL, 2010, p. 87).

A mensagem transmitida pelo filósofo ao seu filho, é mostrar a visão assustadora do Inferno, ou seja, isso de certa forma causava no indivíduo medo, este buscaria cumprir o que a Igreja divulgava, obedecendo as regras e os mandamentos “Em outras palavras, para ser salvo das penas infernais, dever-se-ia estar na Igreja e sob a autoridade do papa. Como Llull era católico, indiscutivelmente, colocava-se sob esse espectro salvífico” (COSTA, 2011, p. 27). O discurso de Llull era pautado na lógica da salvação, assim atendia o que era imposto pela Igreja. Llull acreditava que se a criança aprendesse a pensar e entender o que era o Paraíso e o Inferno, começaria a amar e temer a Deus. Buscando em seus atos, priorizar um bom comportamento:

Assim como o homem ganha mérito por amar a Deus e a seu próximo, para ter justiça de si mesmo ou de outro e fazer boas obras, **Deus deu a fé ao homem para ganhar mérito e crer nas coisas que não entende**. Pois assim como tu debes ter gratidão se o homem te empresta sem garantia e penhora e não faz contrato, mas confia em tua palavra, se crês em Deus e nas Suas obras que não entendes, tens gratidão de Deus naquilo que crês, e pela gratidão tens mérito e pelo mérito tens glória. Assim, para que Deus seja a ocasião de dar a glória, deu fé aos homens (LLULL, 2010, p.40, grifos nossos).

O ser humano está diante do livre arbítrio, faculdade do intelecto e vontade, e nesse sentido discutiremos junto ao pensamento luliano: de que forma o ser humano pode fazer uso de suas boas ações?

Domingos é ensinado pelo pai a não se envolver com as “obras mundanas”, pois isso comprometeria o propósito pelo qual foi criado. Mostra ao filho o quanto era necessário buscar a ajuda divina, e declara que as virtudes (Fé, Esperança, Caridade, Justiça, Prudência, Fortaleza, Temperança) foram criadas por Deus para ajudar o Homem a alcançar a Salvação, ao contrário do que seriam os vícios (Gula, Luxúria, Preguiça, Avareza, Soberba, Ira, Inveja). Por exemplo, a luxúria “que é a sujeira do corpo e do pensamento, pela qual sujeira, castidade e virgindade são eleitas” (LLULL, 2010, p.19), levaria o homem para os infinitos tormentos.

Sobre as virtudes e vícios o autor afirma que:

[...] caridade, para que O ames, ames a ti mesmo e a teu próximo; suplica justiça, para que temas a justiça de Deus, e para que tu mesmo te julgues neste mundo, para suportares trabalhos por amor de Deus e para satisfazeres tuas culpas; suplica a Deus a luz da sabedoria para que ilumine tua alma nos caminhos de Deus, e para que saibas e desejes iluminar aqueles que estão nas trevas; suplica a Deus fortaleza contra a gula, luxúria, a avareza, a inveja, a acídia, o orgulho, a ira; e suplica temperança em teu comer, beber, falar, vestir, gastar, dormir e acordar. Filho, saibas que melhor coisa é, sem toda comparação, suplicar a Deus as virtudes antes ditas, que suplicar saúde,

vida, dinheiros, honramentos, filho, filhas, possessões ou outras coisas semelhantes a essas, pois por todas essas coisas, o homem pode estar na ira de Deus e caminhar para infinitos tormentos, e pelas virtudes, o homem vai ser bem-aventurado na glória celestial que dura todos os tempos. (LLULL, 2010, p. 71).

Só os virtuosos alcançariam uma vida eterna, e para isso, o homem ou a mulher medieval seguiriam uma vida de retidão. É por isso que educação seria imprescindível para inculcar no ser humano como deveria ser seu procedimento de vida. É interessante pensarmos nesse homem medieval que buscava tanto preservar essa moral cotidiana, assim como manter a fé em um mundo invisível.

Essa relação com o invisível é um forte traço da sociedade cristã. Todas as atitudes humanas se resumem às virtudes e vícios. Tudo girava em torno dos critérios eclesiais, ou seja, “vícios e virtudes” ligam-se ao fato de que a moral oferece um discurso totalizante sobre o mundo; assim, a Igreja intervém na sociedade com a “missão” de libertar o homem do pecado, das vaidades. Como era característica do período medieval, existia uma forte contrariedade entre vícios e virtudes (BASCHET, 2006, p. 376).

Ao longo de sua obra, Ramon Llull tratou muitas vezes das virtudes cardeais (prudência, justiça, temperança e força) e as três virtudes teologais (fé, esperança e caridade), que são criações especificamente cristãs. A virtude, segundo Llull, tornaria seu portador uma pessoa melhor, moral ou intelectualmente, exigia do ser humano a disciplina do desejo. As “Virtudes teologais: fé, esperança e caridade, sendo que a caridade – no sentido grego de ágape, um amor de dileção, que quer o bem do próximo, sem fronteiras, que busca a paz no sentido mais puro, o amor que é a própria natureza de Deus – é a maior delas”. (COSTA, 2006).

Dentre as vaidades, poderíamos destacar os pecados capitais “[...] que são ditos como capitais porque se engendram uns aos outros e, sobretudo, porque cada um deles é o ponto de partida de ramificações que dão nascimento a numerosos pecados derivados [...]” (BASCHET, 2006, p. 377). O indivíduo se distanciaria de tudo o que pudesse comprometer sua vida cristã, ou seja, o que pudesse comprometer a sua salvação. O ser humano cometeria um pecado que abriria portas para outros e mais outros, o que desagradaria à vontade divina. Foi por volta do século XIII que o cristianismo impôs a imagem do homem que se perdeu, aquela imagem do homem do Antigo Testamento, de Jó (LE GOFF, 1989).

A grande preocupação da Igreja consistia em sustentar um discurso de boa conduta para sociedade. Dessa maneira, era tão importante a prática das virtudes, e em contrapartida o distanciamento dos vícios. Por exemplo, a inveja que levava a uma desenfreada competição entre as pessoas, a ira que induzia a violência e a agressividade, o orgulho que era um tipo de pecado mais temido pelos *oratores*, esses três pecados rompiam com a harmonia cristã.

Segundo Baschet (2006), a Preguiça (tristeza) a princípio era um vício essencialmente monástico, mas durante a Idade Média Central, já é um sintoma de ociosidade, remete aos leigos que não cumprem com seu trabalho. A avareza, sem dúvida, foi um dos pecados mais condenáveis, ou seja, era um ataque contra o pecado da usura, pecado profissional dos banqueiros (BASCHET, 2006, p. 379). Todo esse pensamento religioso, transcendia a religião, pois a mensagem deveria ser transformada em atitudes no seio das relações sociais, como veremos a seguir.

4.3-Vícios e Virtudes na formação do indivíduo

Pode asseverar-se que durante todas as fases da Idade Média perdurou o ideal clássico quanto à formação da personalidade devendo observar-se, contudo, que acima desse objetivo natural impunha-se sobranceiro o propósito de se plasmar o perfeito cristão, o discípulo de Jesus Cristo que procura a felicidade eterna por meio da crença no Evangelho, da prática dos mandamentos, da aquisição das virtudes, das mortificações, enfim, por meio do constante aumento da vida em estado de graça (NUNES, 1979, p. 134).

Neste item, abordaremos o que para nós é um dos fatores decisivos apresentados pelo filósofo para a formação humana. Ramon Llull apresenta ao seu filho o modelo de cristão perfeito, e mostra que as virtudes deveriam ser praticadas cotidianamente pelos homens, a fim de obterem uma boa formação, e agir com harmonia em sociedade. As virtudes deveriam ser ensinadas, pois não são uma característica inata ao homem. É por este motivo que Llull dedicou parte de sua obra para ensinar sobre a importância das virtudes.

O filósofo apresenta as condições para a formação humana, pensada em todas as atitudes que eram realizadas a partir da construção de hábitos, aquilo que era feito em repetições. Desse modo, as virtudes e vícios, possibilitariam ao indivíduo praticar boas ou más ações na terra. Esse é um crivo muito pontuado naquela sociedade, pois o discurso oral da Igreja era fundamentado na análise da natureza de cada pecado ou virtude. Assim, as virtudes estão de acordo com a concepção de educação moral, valores e princípios, reforçados pelo cristianismo.

“O além é, igualmente, o ponto de perspectiva que obriga a ler cada ato humano por meio de uma grade moral dual, como pecado passível da danação ou como virtude merecedora da beatitude do céu” (BASCHET, 2006, p. 375). As virtudes e vícios funcionam como uma categoria fundamental para ordenação do mundo, ou seja, se a pessoa praticar uma boa ação terá uma consequência, e se fizer algo considerado como ruim terá outro tipo de consequência.

Ramon Llull acreditava que o ser humano ideal era aquele que seguia o maior exemplo de perfeição, Jesus Cristo, buscava uma ética moldada pela fé. As ações cotidianas eram definidas pela conflito entre vícios e virtudes. Muito mais do que romper com o poder do mal, as virtudes mantinham a sociedade em ordem, e o bom cristão era aquele que dava um bom exemplo de comportamento. Era necessário na visão de Ramon Llull educar para uma vida de virtude, e quanto mais precoce fossem ensinados os indivíduos, melhor seria a formação humana.

Baschet (2006) ao discutir sobre as virtudes, destaca que as mesmas estão separadas entre teologais (fé, esperança e caridade) e cardeais (prudência, temperança, justiça e fortaleza), e opõem-se aos vícios, representados pelos sete pecados capitais (gluttonia, luxúria, avareza, soberba, acídia, inveja e ira). As virtudes estabeleciam as regras que os homens deveriam seguir e manter a ordem social.

A caridade é considerada por São Paulo como a principal virtude, e no pensamento medieval ela “[...] adquire importância considerável, pois significa, a um só tempo, o amor ao próximo e o amor a Deus, constituindo, assim, o próprio fundamento do laço social e da organização da cristandade” (BASCHET, 2006, p. 377).

A busca pelas virtudes apontadas pelo filósofo catalão, como uma necessidade para construção da excelência moral do homem, exige do indivíduo obedecer as exigências que eram indicadas pela Igreja. Para o filósofo, os clérigos tinham que ser o maior exemplo, já que eles ensinavam, e deveriam ser o principal modelo, a partir dos princípios bíblicos:

Amável filho, os clérigos estão estabelecidos no mundo para que aprendam Teologia e mostrem-na aos homens, de tal maneira que sejam amantes de Deus e saibam se guardar do pecado. Assim, os clérigos que amam mais outra ciência que a Teologia não seguem os princípios pelos quais são clérigos. A Teologia é fundada pela fé e encontra-se nas palavras dos santos homens que escreveram e disseram palavras de Deus e de Suas obras, e o homem deve crer em tais palavras para que as tenha na memória, no amor de Deus e de Suas obras (LLULL, 2010, p. 60, grifos nossos).

Ramon Llull se preocupava com os clérigos que não se mantinham firmes, que de alguma forma se desvirtuassem da boa conduta. Para ser um bom modelo de cristão, estes se apresentariam como um exemplo de vida honesta, pois eram considerados como eleitos, homens bons, santos e devotos “de tal maneira que pedissem Deus pelo povo, e mostrassem ao homem **uma boa educação e bons costumes, para que o homem pudesse receber a graça de Deus**” (LLULL, 2010, p. 68, grifos nossos).

O filósofo evidencia que a virtude não se adquiria pela natureza, mas por meio da força do hábito, que só se adquiria com a prática cotidiana. O que se deu pela natureza segue seu curso natural, mas aquilo que cabe ao homem exercer e praticar, seria uma prioridade na aprendizagem do homem. A educação era necessária, pois as virtudes só seriam aprendidas por meio do hábito:

E o que Llull entendia exatamente por *virtude*? O estudo das *virtudes lulianas* se insere no âmbito da *ética*, de uma *ética das virtudes*. A *Ética*, junto com a *Metafísica* e a *Epistemologia*, é considerada um dos três pilares da Filosofia, e estuda a natureza e os fundamentos do pensamento e da ação moral, em geral, ciência da conduta. A *ética luliana* possuía base aristotélica, privilegiando as virtudes. Ramon comparava as correspondências e contrariedades entre *virtudes* e *vícios*, típica de seu tempo, partindo de uma gênese filosófica de cunho psicológico: o que impulsionava o homem a filosofar era a admiração, o ato de maravilhar-se, pelo assombro do espetáculo da natureza e pela falta de caridade e devoção a Deus por parte dos homens de seu século. Esta estupefação dava lugar a uma consciência moral que justificava uma atitude apologética: o homem cristão deveria difundir a fé (COSTA, 2001, p. 23).

Em linhas gerais, implica na própria aquisição do indivíduo aos princípios morais, cabendo ao agente saber discernir não só a ação, mas conhecer a si próprio e compreender, entender como deve agir; assim os ensinamentos se consolidam a partir da ação. Aprender o que a Igreja divulgava não bastava, era necessário colocar em prática aquilo que lhe foi ensinado, só assim haveria uma formação de hábitos que manteriam nas situações concretas da vida, um agir coerente da teoria. Dessa forma, o ser humano se revela no agir, já que possui o livre-arbítrio para realizar suas ações.

Llull destaca que o ser humano é dotado de razão e intelecto, mas o indivíduo só fará boas ações a partir do que lhe foi ensinado e nutrido ao longo da vida. É nesse sentido que o autor reforça a importância de se ensinar desde a primeira fase os hábitos da prática das virtudes para o viver em sociedade:

No original “alimentar, nutrir”, mas com o sentido de educar, tanto física quanto espiritualmente, portanto, um processo muito mais compreensivo e abrangente que somente o da alimentação corporal. Na Idade Média hispânica, usava-se o verbo *nutrir*- o mestre era o nutridor e o estudante o nutrido. **Os medievais entendiam a educação como um ato saboroso para o intelecto** (COSTA, 2010, p. 78, grifos nossos).

Pensar a formação do homem em sua totalidade, é compreender que além do corpo, há o intelecto a ser nutrido, e educação funciona para os medievais como a nutridora do intelecto. Aquilo que mais foi feito pelo indivíduo, se refletirá nas suas ações. Desse modo, as ações humanas revelam grande parte do que homem se tornou, logo o hábito desenvolvido determinaria qual ação seria tomada. Ramon Llull demonstra que o homem possui, em si, vontade e capacidade de escolhas. O conhecimento é condição, de acordo com o autor, para que possamos saber quem somos.

Llull fala sobre as setes virtudes, e inicia com as três primeiras a fé, a esperança e a caridade. Considerava essas virtudes como despertadoras do amor, da paz, e aproximação de Deus “Sempre junto dessas virtudes, o pensamento em Deus. Estes *atributos (imperativos)* deveriam ser encadeados. Também para Ramon Llull as *virtudes* deveriam ser *ativas*: por meio de sua ação, de sua prática social” (COSTA, 2001, p. 21, grifos do autor).

A ordem social almejada durante o medievo estava diretamente ligada ao discurso divulgado pela Igreja. A educação visava formar o ser humano como um bom cristão, o qual não cometeria os atos que a instituição concebia como pecado, pois estaria sujeito as consequências terrenas e uma possível condenação após sua morte, indo ao Inferno. Assim, a Igreja tentava sustentar a “boa ordem social”. Como vimos no capítulo dois, as mudanças sociais apontavam também para mudanças de pensamento, a necessidade de outras instituições, e de novos argumentos para uma realidade que o homem medieval não estava habituado.

Albert Drummond (2014, p. 59) menciona em seu texto que Evágrio Pôntico “foi o primeiro a organizar de forma sistemática as maiores falhas morais do homem, que eram direcionados para à vida no monastério e mais tarde acabariam por fazer parte do início do que se tornaria a teologia moral católica”.

Prudêncio acreditava que tanto tristeza - do latim *tristitia* (amargura, lástima, infortúnio), quanto aborrecimento - do latim *abhorrescere* (enfado, cansaço, indisposição) faziam parte de um mesmo mal. Por este motivo Prudêncio substituiu esses dois vícios pela acídia⁴ do latim *acedia* (negligência, inércia, frouxidão). E é neste contexto que pela primeira vez dentro da teologia

moral antiga esta palavra aparece como um vício a ser combatido” (DRUMMOND, 2014, p. 59).

Os monges tinham uma vida pautada na disciplina devido às suas atividades religiosas. Eles consideravam a desocupação inimiga da alma, por isso zelavam tanto pelo trabalho, acordar cedo, orar. A acídia estava associada diretamente aos monges, por ter uma vida melancólica, pois desejam manter uma existência aproximada de Deus. “Na Idade Média, a Igreja adaptou e moderou esses conceitos a “condições de pecados e virtudes”. A Igreja define então nossos vícios e classifica-os como pecados, com os quais nascemos e, por meio de más influências, podemos cometê-los ou permanecer com eles” (DRUMMOND, 2015, p. 63).

Todos têm essa força natural e tanto os vícios de Aristóteles quanto os pecados da Igreja nada mais são que pulsões, instintos naturais do ser humano, que os comete quando a sociedade os estimula. As teorias apresentadas têm um ponto em comum: vícios, pecados e pulsões podem ser contidos (DRUMMOND, 2015, p. 63).

Aristóteles aborda em *Ética a Nicômaco* algumas questões sobre a moral, as virtudes, que estão ligados à paixão, e na concepção do autor podem ser evitadas, contidas, em outras palavras controladas, já que há uma inclinação para vício, para os prazeres momentâneos.

Ramon Llull pretendia educar por meio dos valores morais e éticos. Desse forma, apresenta as virtudes e vícios, pois defende que é necessário conhecer para saber do se trata os bons costumes e ensinamentos. O tema virtudes e vícios é frequente na literatura e filosofia medieval. Llull também na maioria de suas obras dedica uma parte para falar das virtudes e vícios (COSTA, 2001, p.14):

Estas quatro *virtudes cardeais* (*prudência, justiça, fortaleza e temperança*) — pontos referenciais para a potência do homem —, eram utilizadas por todos os pensadores medievais. Tomás de Aquino, ainda defendeu o conceito de *virtude aristotélica* como uma consequência dos hábitos humanos, mas sobretudo como perfeição da *potência* (capacidade de ser alguma coisa) voltada para seu ato. São Tomás ainda aproveitou este sistema referencial para demonstrar que só as *virtudes morais* poderiam ser chamadas de *cardeais*, pois exigiriam a disciplina dos desejos (*rectitudo appetitus*), virtude perfeita (*Suma*, II, 1, q. 52). De fato, esta é a base de todas as citações medievais posteriores sobre as *virtudes cardeais*, inclusive Ramon Llull, que se vale principalmente da ideia de *virtude como hábito* (COSTA, 2001, p. 22, grifos do autor).

Ricardo da Costa (2001) destaca que conceitualmente a palavra *virtude* significa ter força, e eficácia no que faz, algo merecedor de admiração, o que tornaria o ser humano melhor, intelectualmente e moralmente.

Os fatos seguintes também nos podem mostrar que a virtude e o vício se relacionam com essas mesmas coisas. Como existem três objetos de escolha e três de rejeição — o nobre, o vantajoso, o agradável e seus contrários, o vil, o prejudicial e o doloroso —, a respeito de todos eles o **homem bom tende a agir certo e o homem mau a agir errado**, e especialmente no que toca ao prazer (ARISTÓTELES, 2009, p. 25, grifos nossos).

Ramon Llull considerava a *Fé* como a principal virtude, era por meio dela que o homem creria nas coisas invisíveis, sem necessariamente a razão provar, pois a partir dela as outras virtudes se originariam, e a fé fortalece o homem contra os vícios. Ele compara a fé como a luz que ilumina os olhos para ver “e como a luz do entendimento não basta para entender tudo o que é necessário ao homem para crer em Deus e em suas obras, Deus ilumina com a luz da graça a alma do homem para crer nas coisas invisíveis” (LLULL, 2010, p. 41).

Falando com seu filho Domingos, o filósofo afirma que:

Amável filho, pela luz da fé o entendimento se exalta para entender, pois assim como a luz vai à frente para mostrar os caminhos, **a fé vai à frente do entendimento**. Assim, se desejas ter um entendimento sutil, não sejas incrédulo e crê, para que possas elevar teu entendimento tão alto que entendas o que a fé ilumina (LLULL, 2010, p. 41, grifos nossos).

Nessa passagem, fica evidente que o maiorquino considera o entendimento irrelevante se não houver o verdadeiro entender espiritual. Todo entendimento humano só alcançaria o autêntico grau de compreensão a partir da fé que ilumina, e eleva o entendimento.

A virtude *esperança* era para aqueles que esperavam em Deus, na salvação: “esperança é isso no qual está nossa salvação. Deus deu ao homem a esperança para que, **fazendo boas obras, tenha esperança na justiça de Deus**. Mas se o homem comete pecados ou faltas, que tenha contrição e esperança na misericórdia de Deus (LLULL, 2010, p. 04, grifos nossos). Há uma condição clara, só os que praticavam boas obras, é que de fato receberiam a salvação, mas aqueles que cometeram faltas eram dignos de condenação.

Por isso, por meio da educação, Llull pretendia que seu filho e outros indivíduos aprendessem a prática das virtudes para o bem viver em sociedade e atingir a salvação. Quem realizasse as virtudes poderia contar com a proteção de Deus:

Deus ordenou que o homem coma e beba para sustentar o corpo, e ordenou a esperança para que recorra a Ele, e confie mais em Deus que em si mesmo ou em outra coisa. Logo, assim como as comidas sustentam o corpo, **a esperança a quem se confia ao poder de Deus é a razão pela qual Deus ajuda o homem em suas opressões, em suas necessidades e nas outras coisas em que nenhum homem pode se ajudar, somente Deus** (LLULL, 2010, p. 42, grifos nossos).

Para aqueles que confiavam em Deus, existia a esperança da salvação. O filósofo compara a esperança semelhante ao corpo que depende do alimento; o homem recorrerá à esperança, confiará que Deus o ajudaria e perdoaria também os seus pecados.

No medievo, a *caridade* era vista como a base das outras virtudes humanas. Oliveira (2012) destaca que a caridade nos dias atuais é concebida mais pelo viés religioso, mas nem sempre teve essa conotação. O filósofo maiorquino diz que caridade é amar a Deus e ao próximo, é unir o homem a Deus, exceto se esse amor for apenas pelo desejo do Paraíso ou de bens temporais. O amor verdadeiro a Deus, é aquele que contempla sua bondade.

Assim como se não tivesses olhos não poderias ver, **sem caridade não podes ter nenhuma virtude e nenhum agradável prazer**. Portanto, quanto mais a amares, mais poderás entendê-la e mais entendê-la-ás, e quanto mais entenderes, maior amor poderás ter. Logo, se não desejas amar muito, não desejas entender muito, e se não desejas entender muito, não desejas amar muito, e se desamas amar muito e entender muito, parece que desejas não amar nem entender. Assim, recorda-te se darias tua vontade por qualquer coisa que não desejas, ou teu entendimento para não entender nada. E se tu desses tua vontade e teu entendimento por alguma coisa, darias a ti mesmo por alguma coisa e desejarias mais aquela coisa que ser em ser, e se não fosses nada, que coisa poderias ter ou possuir? (LLULL, 2010, p. 43, grifos nossos).

O fortalecimento da fé, da esperança, da caridade, da justiça e das outras virtudes vem da força do Espírito Santo, sem o qual nenhum homem poderia combater ou dominar os vícios que são contrários às virtudes teologais e cardeais. A prática das virtudes também poderia ser considerada como um ato de amor a Deus e ao próximo:

Aqueles que estão na glória, tanto amam quanto entendem e tanto entendem quanto amam, e têm tudo isso que amam e entendem. Logo, se tu, filho, não podes ter neste mundo todos os deleites que entendes, guarda-te para que não percas em tua vontade a glória que teu entendimento não pode entender (LLULL, 2010, p. 56).

Llull sempre chama a atenção para o ato de entender os significados de cada ação. Não adianta apenas saber, é necessário entender e praticar. Segundo Tomás de Aquino,

Os atos humanos são bons enquanto conforme à regra é medida devidas. Por isso a **virtude humana, que é princípio de todos os atos bons do homem, consiste em obedecer à regra dos atos humanos**. Ora, esta regra é dupla, como já foi dito, a saber, a razão humana e o próprio Deus. Assim, como a virtude moral se define pelo fato de ser “segundo a razão” [...] assim também **unir-se a Deus constitui a razão da virtude**, como já foi dito sobre a fé e a esperança. Logo, sendo a caridade relativa a Deus, unindo-nos a ele, como

disse Agostinho, segue-se que a **caridade é uma virtude** (TOMÁS DE AQUINO, 2003, grifos nossos).

Tomás de Aquino também concorda com o pensamento luliano de que a caridade estaria voltada tanto para o homem como para com Deus. Ela se constitui no indivíduo a partir do hábito, das práticas do que é bom e reto, a quais devem se desenvolver na comunidade. “Aprender e praticar a caridade, de acordo com o mestre, é condição para existência da vida na sociedade cidadina, pois é neste *locus* que os homens se relacionam, praticam ou não a justiça” (OLIVEIRA, 2012, p. 194). Seria necessário que o homem agisse ponderadamente e seus atos fossem bons, sempre prezando pelo bem ao próximo.

Os homens não devem ter intenções de serem bons; eles precisam ser, enquanto ação/ato, bons. Exatamente por isso que Tomás de Aquino observa que, nas ciências, nas escolhas, no livre-arbítrio, as atitudes podem ser singulares e particulares, **mas a virtude da caridade precisa ser total, ou seja, o homem não é mais ou menos bom, mais ou menos justo: ou ele é bom e justo ou mau e injusto. Todas as demais atitudes ou ações humanas podem ser medidas por vários sentimentos e vontades, mas a virtude da caridade não: ou se é ou não caritativo** (OLIVEIRA, 2012, p. 195, grifos nossos).

Dessa forma, pretende-se formar um ser humano que contribua socialmente para o bem viver, o qual não negocia a virtude da caridade, pois esta deveria ser praticada em sua totalidade. Ramon Llull afirmou que sem a caridade não poderia existir outra virtude, porque é a caridade que nutre as demais virtudes. Assim, caberia ao homem praticar a caridade no seu cotidiano, até se tornar um hábito, como discutimos anteriormente. A caridade hoje está vinculada mais ao assistencialismo (OLIVEIRA, 2008, p. 02), muitas pessoas dedicam parte do que tem para ajudar o outro ou prestam algum tipo de ajuda a pessoas carentes.

Segundo Llull, o entendimento humano é exaltado nos homens pelos costumes e escrituras, e os “infíéis” requerem razões e provas necessárias para demonstrar a verdade da fé católica. Esse requerimento acontece “[...] pela grande caridade e fervor, trabalhamos para aprender diversas línguas e termos a doutrina necessária, já que não somos dignos de fazer milagres, e temos tal indignidade por falta de caridade e fervor e pelo temor que temos para suportarmos trabalhos e morte pelo amor de Deus” (LLULL, 2010, 38).

Llull destaca que homens são acomodados diante da missão estabelecida por Deus, há neles falta de temor, de caridade, de fervor. E incentiva seu filho a aprender outras línguas para que a comunicação com outros seja efetivada, principalmente com os “infíéis”, com aqueles que desejava converter, e levar a fé católica onde fosse possível.

Em *Doutrina Cristã*, Santo Agostinho fala sobre fé nas Sagradas Escrituras. Na opinião do autor, diminuir a fé na palavra de Deus, é diminuir a caridade. Eis por que existem essas três virtudes: a fé, esperança e a caridade. Elas encerram toda a ciência e toda a profecia. “Ora, à fé sucederá a clara visão que eremos na vida futura. À esperança sucederá a posse da própria beatitude à qual haveremos de chegar. Quanto à caridade, crescerá sempre, ainda depois que desapareçam as duas primeiras virtudes” (AGOSTINHO, 2002, p. 79).

Ao tratar sobre as virtudes cardeais (justiça, prudência, fortaleza e temperança), o filósofo maiorquino destaca que a justiça, Deus dá a cada um. A prudência ajuda o homem nas tomadas de decisões de forma sábia, evitando danos à vida. A fortaleza dá a alma disposição para enfrentar as adversidades e a temperança refreia à vontade.

A *justiça* é restituir a cada um o que é seu direito. Llull afirma que Deus é justo e abomina a injúria, e está muito atento a cada ação humana, e de Deus não se ocultam as faltas cometidas. Deus estabeleceu o que é um correto proceder, cabe ao homem cumprir, por meio da educação as ações corretas para se livrar da ira de Deus:

Amável é a justiça de Deus, pois Deus é bom. Assim, se amas a Deus, convém amares Sua justiça. E se odeias a justiça de Deus, odeias a Deus, que é Sua própria justiça, e és odiado por Deus e por todos os santos de glória e todos os amaldiçoados do Inferno. **Assim, se amas a justiça de Deus, não tenhas ira do que a justiça de Deus faz de ti, pois tu és Dele, nem tenhas ira do que Ele faz com os bens que te confiou, porque foram Dele antes de serem teus** (LLULL, 2010, p. 43, grifos nossos).

Segundo Llull, Deus é justo e misericordioso. Amar a justiça é uma condição primordial para evitar a danação. Santo Agostinho (1995), concebe a Justiça como uma virtude que proporciona ao homem uma vida honesta e boa. Quem segue a vida com justiça, faz um bem a si mesmo como ao próximo,

Considera agora a Justiça, da qual ninguém pode abusar. Ela é contada entre os maiores bens que existem no homem. Como também são todas as virtudes da alma com as quais se pode levar uma vida boa e honesta. Tampouco ninguém pode abusar da prudência, nem da força, nem da temperança. Com efeito nelas, como na justiça, a qual te referiste, reina a reta razão, sem a qual a virtude alguma pode existir (AGOSTINHO, 1995, p. 138).

Para Agostinho a justiça, de todas as outras virtudes, é a maior, o ser humano dela não poderia abusar ou utilizá-la como achar melhor. As virtudes, dentre elas a justiça, são necessárias para ter uma vida boa e honesta. A justiça para Llull estava diretamente ligada ao

que Deus queria do homem, ou seja, não questionar a ação divina, considerar que Deus é sempre justo.

“A prudência é obra virtuosa da vontade que ama o bem e se esquivava do mal, e é obra da inteligência, que sabe distinguir o mal do bem. Assim, por tal virtude, filho, os homens têm a certeza e a maneira de fazerem boas obras e de cessarem o mal” (LLULL, 2010, p. 44). Para Llull, o conhecimento das coisas dá liberdade para o homem fazer suas escolhas, e quanto mais o conhecimento é ampliado, mais o homem é capaz de agir ou não de acordo com aquilo que está sendo ensinado. No caso do projeto luliano, o que o homem necessitava saber, era sobre o que é o bem e o mal, se ele fosse prudente no seu agir, distinguiria as boas obras das más.

Ramon Llull afirma que a prudência é eleger o melhor bem, conservar segredos, não enganar o outro e nem ser enganado. Ser prudente é ter ciência e sabedoria, pois a ciência conhece o bem e o mal e a sabedoria é amante do bem e odeia o mal “[...] sabedoria e ciência compõem a prudência, e a prudência não existe sem a sabedoria e a ciência (LLULL, 2010.p. 44).

Consideramos isso importante, pois fala sobre a responsabilidade do homem para a sociedade. A vontade que é um ato de querer, faz parte do desejo humano, mas Llull destaca a importância do agir humano com inteligência e responsabilidade. É por esta razão que a educação desempenha o papel fundamental, fazendo com que o homem faça escolhas com inteligência.

O filósofo acredita que cada um assume as suas responsabilidades e reconhece as suas potencialidades, tornando-se um exemplo de conduta social. E escreveu para um público variado, inclusive para os cavaleiros²⁷, onde muitos não cumpriam seu papel social entregando-se as obras mundanas.

Ao tratar sobre a virtude *Fortaleza*, Llull enfatiza que essa virtude fortalece a alma, vivifica a força corporal, faz com que o homem ganhe qualquer batalha, inclusive a luta contra a carne e o diabo: “A alma fortalece a força corporal com sua virtude, e com os objetos que apreende fortalece suas potências. Pois, quando a alma relembra, entende e ama a Deus, é

²⁷ ver MARRONI, Paula Carolina Teixeira. **O Livro da Ordem de Cavalaria, de Raimundo Lúlio: uma Proposta de Educação Social** pautada no modelo de conduta virtuosa. Maringá, 2015. Tese (Doutorado em História). Programa de Pós-Graduação em Educação área de Concentração: Educação. Universidade Estadual de Maringá, 2015. Cf também, MIATELO, 2017, que aborda a pregação de Llull aos cavaleiros, voltada para a conversão dos muçulmanos.

forte contra os pecados e os malvados pensamentos” (LLULL, 2010, p.). Ramon Llull defende que alma fortalecida, é um remédio para o corpo.

A *temperança* na concepção luliana era refrear a vontade. Lembrar e entender muito torna a vontade temperada, e lembrar e desejar muito, mas pouco entender, mortificam o entendimento e exaltam a fé e a crença. “Assim, se desejas ter a vontade temperada para entenderes, torna a fé igual ao querer, amando ou odiando o lembrar e o entender” (LLULL, 2010, p. 46).

Santo Agostinho reforça a ideia de que o Livre Arbítrio e a vontade são os únicos que podem tornar a mente cúmplice da paixão. E uma mente cheia de virtude não se torna escrava das paixões, (AGOSTINHO, 1995, p. 52). Agostinho não acredita que a paixão seja mais forte que a mente, e que nenhuma alma viciada domina outra munida de virtudes, por mais que corpo a deseje, jamais vencerá um espírito cheio de virtudes. Mas quando a paixão domina a alma, ela exerce seu reinado.

E de todo lado a que se volta, a avareza cerca o homem, a luxúria o consome, a ambientação o escraviza, o orgulho incha, a inveja o tortura, a ociosidade o aniquila, a obstinação o excita, a humilhação o abate. E finalmente, quantas outras inumeráveis perturbações são o cortejo habitual das paixões, quando elas exercem seu reinado (AGOSTINHO, 1995, 52).

Baschet (2006) destaca o que está por trás do discurso referente aos vícios é um meio pelo qual a Igreja divulga seus valores, e apresenta um modelo comportamental, o que ajuda no controle da sociedade, pois além disso a Igreja se apresenta como aquela que ajuda no combate ao mal sendo a única que oferece o batismo que representa a lavagem do pecado original. A instituição oferece o perdão dos pecados por meio das penitências, além das indulgências e outros meios. O sacramento purificador não restituiu totalmente o homem à pureza de suas origens edênicas, ao menos apaga o peso massacrante da falta original e lhe oferece a oportunidade quase inesperada de sua redenção. Llull afirma que a única forma de se livrar dos vícios é estar munido das virtudes.

Como discutimos anteriormente no item sobre o Além na concepção de mundo do homem medieval, embora houvesse um desejo pela salvação o ser humano realizaria suas atitudes ainda na vida terrena. A formação humana era influenciada em grande parte pelo pensamento religioso, e a alma sujeita a virtudes e vícios.

Ramon Llull ao falar sobre os vícios, alertava seu filho sobre a moderação quanto à alimentação, e apresentava o perigo sobre a falta do domínio sobre o próprio corpo; explica ao filho sobre a *Gluttonaria*:

É o desejo destemperado de comer e beber, comendo e bebendo mais do que convém. Assim, esse vício faz os homens desejarem a vida para que possam comer e beber, **e os faz duvidar da morte, da fome e da sede para servir a Deus, que faz o homem viver para que seja servido por Ele**, suportando trabalhos, perigos, fome, sede, também a morte ou qualquer ofício maior por Seu amor (LLULL, 2010, p. 46, grifos nossos).

Entregar-se a gluttonaria, significava se desviar da razão pela qual criou-se o homem, pois o homem tornaria a alimentação o seu Deus, estaria apenas preocupado com o prazer, e não entenderia os limites que deveria colocar em cada uma das suas ações. Ao contrário disso, o ser humano venceria a gluttonaria com a temperança, a abstinência, a continência e as outras virtudes que convêm contra o pecado da gluttonia “se tens tentação da gluttonia, recorre à temperança, à abstinência, à continência e à prudência. A temperança te dará sanidade, bem-aventurança e ponderação; a abstinência te dará o uso da razão, a consciência e os sentidos” (LLULL, 2010, p.46).

Nisso interpretamos que o projeto luliano quanto à formação do homem, era educar o indivíduo para o viver em sociedade de forma equilibrada, sem causar danos a si e aos outros. Abstenção para Llull, interpretava-se como domínio da razão e consciência dos seus atos. Assim que o sujeito realmente entendesse as virtudes, e as colocasse em prática, controlaria a sua vontade, e teria prudência na tentação. O indivíduo que não lembrasse ou não entendesse as virtudes, não encontraria fortaleza contra as tentações, segundo o maiorquino.

A luxúria está desde o princípio, no centro da cultura cristã do pecado; sua importância é ainda mais reforçada, a partir do século XII, no momento em que o celibato é definido como uma obrigação estrita aos clérigos e a nova doutrina do casamento impõe aos laicos regras mais coercitivas (BASCHET, 2006, p. 380).

A *luxúria* só poderia ser vencida se o homem se esquecesse de seus deleites, e lembrasse de outras coisas que não estivessem relacionadas a ela. Esse vício para Llull, emporcalhava o corpo

Amável filho, a luxúria emporcalha o lembrar, o entender e o amar da alma, pois é coisa tão suja e repulsiva que a faz lembrar, entender e amar o que eu não gosto de nomear nem escrever. Além disso, a luxúria emporcalha o corpo com aquela coisa que eu não gosto de dizer. E se ela tem tanta

sujeira que sua obra não pode ser nomeada (LLULL, 2010, p. 47, grifos nossos).

Para Llull, a luxúria contamina o lembrar, impede o indivíduo no ato de amar a Deus e entender da alma, desvirtuando-o do propósito para o qual foi criado. O autor chega a mencionar que a luxúria emporcalha o corpo, deixando-o até constrangido de mencionar ao filho sobre o que ele considera como “sujeira” para a alma humana.

A *avareza*, considerada como um pecado profissional dos mercadores e banqueiros, seria um amor excessivo aos bens materiais, se opondo aos bens espirituais. É juntar, segundo Llull coisas que são supérfluas ao homem e necessárias aos pobres. Tais coisas, por insaciável desejo, são vedadas aos pobres, e por tal impedimento, estes últimos têm fome, sede, frio, nudez, doenças, tristeza e morte “Amável filho, o avaro junta dinheiros em sua casa e possessões na terra onde se encontra, expulsando de si a caridade, a esperança, a largueza, a justiça e as outras virtudes. Por isso, ele junta em seu coração os vícios que são contrários às virtudes ditas acima” (LLULL, 2010, p. 48).

Llull acredita que é mais fácil o homem aproximar de si mesmo do que da caridade, esperança ou qualquer outra virtude, devido à natureza humana que se inclina para a obra da carne, da satisfação. O homem por ter cobiça e avareza distancia de si as virtudes que são agradáveis a Deus “e coloca em si os vícios que são odiosos a Deus. Ter sabedoria é distanciar a avareza de tua alma, para que não estejas na ira de Deus”.

A *acídia*²⁸ era considerada um vício que levaria o homem a desejar mais o mal, pois estaria com a mente desocupada: “a acídia é um pecado mais perigoso que qualquer outro, pois o homem tem maior dano naqueles danos onde menos pode se defender, do que naqueles que são manifestados a ele” (LLULL, 2010, p.53).

Por meio da acídia, os homens estão todos os dias de má vontade, e a má vontade é paixão da alma. E a paixão da alma mortifica o corpo, e por meio da mortificação do corpo, os homens se tornam malvados e morrem antes. Assim, como todos esses danos acontecem, filho, por meio da acídia, se fores amante de teus danos terás acídia (LLULL, 2010, p.49).

²⁸ “Nos séculos que se seguiram, os conceitos de acídia, melancolia, tristeza e preguiça frequentemente se ligavam. Ora tratados como pecado, ora como doença, ambos achavam-se implicados numa culpabilização global. A preguiça começou a ser incluída constantemente nos manuais de confissões e a partir do século XVII se tornou popular como um dos sete pecados capitais, uma vez que o conceito da palavra expandia maiores significados, sendo ela uma junção de todos os outros termos, trazendo ainda uma nova noção: a da indisposição ou negligência para o trabalho. A preguiça iniciou um longo processo de ascensão como pecado, despertando com o fim do feudalismo dentro da sociedade mercantil, sob o impulso das mudanças econômicas e sociais que aos poucos fazia com que a cristandade latina a reconhecesse de fato como um dos pecados capitais” (DRUMMOND, 2014, p. 61).

Llull considera esse vício como mortificador para corpo do homens, tornando-os malvados. Ele considera que acídia é a tristeza da alma agravada pelo bem do próximo “O homem que tem acídia é semelhante ao diabo em todo o bem que lembra e entende, e tem tristeza quando o mal não é maior. Por isso se esforça, tanto quanto pode, para minguar o bem e multiplicar o mal” (LLULL, 2010).

O *orgulho* era considerado um vício principalmente dos clérigos ou aristocratas, que em algum momento se exaltariam pela sua posição infringindo a obediência a Deus. A inveja estaria entre os menos privilegiados, ou seja, aqueles que desejavam ser da camada mais alta. A ira que denomina a violência, a agressividade, que pode chegar ao homicídio. Baschet (2006) denomina esses três pecados como um rompimento à harmonia hierárquica da sociedade cristã. O orgulho é contra a virtude cristã da humildade. O homem orgulhoso deseja se elevar mais que seu próximo. Segundo Llull:

O homem orgulhoso é contrário ao maior pois deseja estar acima do maior e diminuir o que tem maioria sobre ele; o homem orgulhoso é contrário ao igual pois deseja ser maior e que seu igual esteja submetido por menoridade. Por fim, o homem orgulhoso é contrário ao menor pois não deseja que ele seja maior, fazendo isso para que o torne menor do que é. Assim, o homem orgulhoso é contrário ao que Deus criou (LLULL, 2010, p. 50).

O primeiro aspecto a se observar, nessa passagem, é fato de tentar livrar a sociedade da ação maléfica do homem não se tornar aquilo que Deus pretendeu que ele fosse. Llull destaca que os homens orgulhosos não irão para Paraíso, pois os demônios de lá já tinham sido expulsos. Todos os orgulhosos seriam condenados à danação. O orgulhosos acreditaram na sua própria capacidade, só pensavam em elevar-se e diminuir o seu próximo, esquecendo de que Deus é o soberano e mais nobre de todos.

Costa (2010) afirma que Llull tinha um grande apreço pela sociedade de ordens, e uma aversão profunda pelas mudanças que estavam acontecendo em sua sociedade. Como mencionamos no capítulo dois, ao falarmos sobre as mudanças ocorridas no século XIII, Llull realizou muitas viagens, e não se conformava com que estava acontecendo, ele viu a ascensão da burguesia citadina e “e seu processo de nobilitação graças ao crescimento das cidades e a expansão da economia européia” (COSTA, 2010, p. 51).

Por isso, sua obra *Doutrina para crianças* funciona como um manual, funciona para direcionar as atitudes coerentes que Llull considerava oportunas para controlar as paixões, e não ser vencido pelas forças exteriores.

Do outro lado, “A *inveja* é desejar outros bens sem meritória possessão. Assim, guarda-te desse vício, filho, tanto quanto possas, de tal maneira que não mereças estar possuído pelos demônios no fogo perdurável” (LLULL, 2010, p. 57). O vício deixaria o homem fraco para agir, pensar e existir.

A *ira* é a perturbação do pensamento que destrói a conveniência entre o desejar e a inteligência. “E como Deus deu ao homem o entendimento para que O entenda, e lhe deu vontade para que O queira, convém que a ira, que destrói o ordenamento que Deus colocou na alma, seja pecado, pelo qual pecado o homem cai na ira de Deus” (LLULL, 2010, p. 52). O entendimento e a vontade são dado ao homem para controlar suas ações. Tudo em excesso ou sem moderação levaria os homens a comentarem faltas.

Cada indivíduo seria responsável por suas escolhas, mas isso se dava a partir do ensino recebido. Esse é o ponto central da obra *Doutrina para Crianças*, que seria o uso desse manual para ensinar seu filho as boas escolhas e ações da vida. As virtudes cristãs significavam a relação do homem com Deus. O fim último do indivíduo dependeria das ações humanas, pois a ele foram entregues as capacidades e o uso da razão para distinguir os atos bons dos ruins.

Nota-se que o processo de constituição do indivíduo, na perspectiva luliana, depende daquilo que mais se incutiu nele. Llull utiliza o exemplo do trabalho, no qual se a criança não for educada para trabalhar, quando tiver que exercer o ofício não terá paciência ou disposição para vencer o trabalho, “se a criança for educada para falar mal, quando ouvir bem dizer, **terá inveja, acídia e ira, que são pecados mortais**. E se a criança for familiarizada e educada com homens vis, fugirá dos bons homens (LULL, 2010, p.24, grifos nossos). Nessa passagem mais uma vez, Llull considera a educação a partir do hábito, ou seja, aquilo que ela for mais familiarizada, acostuada, refletirá nas suas ações. Nesse sentido, as virtudes eram ensinadas, pois só assim o homem se afastaria dos vícios.

Filho, a salvação é a bem-aventurança do santo e da santa eleitos por Nosso Senhor Deus em Sua Glória que não tem fim. A qual salvação é, neste mundo, as sete virtudes acima ditas, luz pela qual os santos homens e as santas fêmeas andam pelos caminhos pelos quais se vai à bem-aventurança eleita. Filho, grandes e nobres coisas são as sete virtudes ditas acima, mas maior coisa é a salvação, incomparavelmente. E sabes por quê? **Porque as sete virtudes são criaturas, e a salvação existe em ver Deus, que é a salvação dos santos, pois Nele são salvos, bem-aventurados e glorificados**. Assim, não basta tão somente a virtude criada para a salvação do homem, pelo contrário, é mais necessária aí a virtude incriada. Não existe nenhum homem, por maior bondade que faça, que mereça ter a salvação. **Mas Deus dá salvação àqueles que têm virtude e santidade**

contra os vícios e a maldade. E aquele que pensa ser digno de salvação por sua virtude, não é menos digno que o pecador, que por sua culpa, pensa ser digno de danação. Filho, a salvação é tão alta e nobre coisa, que o Filho de Deus, para salvar o homem, quis nascer, ser homem, suportar graves trabalhos e uma morte angustiante enquanto foi homem. Assim, como Nosso Senhor Deus Jesus Cristo quis tanto fazer e suportar para dar mais perfeitamente a salvação ao homem, para quem é que, por mais virtude que tenha, pode ser suficiente a salvação? 'comparam suas obras às obras de Deus, que são maiores que tudo que o homem pode fazer por Deus, e Ele dá mais a somente uma alma, quando lhe dá a salvação, que todas as criaturas que existem não poderiam dar a Deus. Filho, muitos homens têm ciência por aprendizado. Mas a ciência que o Espírito Santo dá é infundida e é muito maior e mais nobre que aquela que o homem aprendeu na escola de seu mestre. Filho, se disputas com alguém para dares honramento de Deus e para exemplificares a Santa fé católica, confia na ciência que os mestres mostram aos escolares. A ciência adquirida não pode inspirar a coragem dos pecadores nem dos errados, mas a ciência infundida pela obra do Espírito Santo dá consciência aos pecadores de seus pecados e ilumina os olhos tenebrosos dos homens que estão no erro. Sabes, filho, por que Deus te dá o conhecimento de Si mesmo? Para que O ames mais que a todas as coisas. E se amas mais alguma coisa que a Deus, que te conhece melhor, maior culpa tens e maior pena terás, pois com essa culpa, vais ao abismo infernal. Na celestial glória, aqueles que têm mais conhecimento têm de Deus maior glória. Mas no fogo infernal, aqueles que têm maior conhecimento de Deus têm maior pena. Filho, a ti é dada ciência da divina luz do Espírito Santo, pela qual sabes ter conhecimento do bem e do mal. Sabes por quê? Para que ames o bem e tenhas ódio do mal. Se Deus te demonstra as coisas que deves fazer e as coisas que não deves fazer, e tu, filho, não fazes o que entendes, cegas os olhos de tua alma e a colocas em caminhos tenebrosos, pelos quais vão os pecadores ao fogo perdurável, no qual são atormentados pela justiça de Deus (LLULL, 2010, p. 29, grifos nossos).

Nessa passagem, fica bastante claro, que para o filósofo a razão e a vontade são próprias do homem, e cabe a ele tomar suas decisões a partir do uso do livre-arbítrio. A salvação seria alcançada por aqueles que fizeram das virtudes seu hábito constante; que o homem mereça a salvação, mas porque Deus a dá para aqueles que têm a virtude, e discernem o bem do mal.

O filósofo não desmerece a ciência, mas ressalta ao filho que a ciência oferecida pelo Espírito Santo ao homem, é a única que o livra do pecado, pois a partir do momento que o homem tem a capacidade de entender ao propósito divino, é capaz de se convencer do pecado. Não adianta saber muito a ciência do homem, se não for capaz de discernir

Mas como é infinitamente importante ensinar as crianças a odiar o vício por virtude, não pelo simples razão de que Deus o proibiu, mas por ser desprezível por si mesmo. De outro modo, elas pensariam facilmente que o vício poderia ser praticado e que seria permitido, se Deus não houvesse proibido, e que Deus poderia fazer uma exceção em seu favor. Deus é soberanamente santo e não quer senão o que é bom, e exige que pratiquemos

a virtude pelo seu valor intrínseco e não porque Ele a ordenou (KANT, 2004, p. 27).

Ramon Llull acredita que o ser humano é responsável por suas ações, no que diz respeito ao corpo, salienta a importância de diversificar a alimentação, evitar excessos e ter cuidado com a saúde. Isso pode estar relacionado à virtude da temperança, é moderar a alimentação, e evitar o pecado da gula. Destaca a importância da dieta na formação do homem virtuoso (LLULL, 2010, p. 68).

Para o filósofo maiorquino, o mundo encontrava-se em estado de tormento e privação da verdadeira intenção, ausente do entendimento humano por falta da vontade de entender sobre o que realmente era verdadeiro, bom e honesto. Apenas poucos homens estão em bom estado, comparado com aqueles que atormentam o mundo e que não têm em suas obras a verdadeira intenção.

Ricardo da Costa (2008) destaca que a consciência humana para Llull é de natureza intelectual e se inclina para o pecado, ou seja, foi colocada no homem pelo próprio Deus, para que o mesmo entenda suas escolhas, seus erros e acertos. A consciência²⁹ é um dos sentidos espirituais que vai guiar o homem durante toda sua vida. É por isso que a confissão vai ganhar grande valor durante o medievo, pois é considerada como uma estratégia para o alívio da alma, no mais íntimo da consciência humana. Segundo Llull:

Assim como a luz ilumina teus olhos corporais para veres as coisas corporais, pela luz da graça, vês o que crês do celestial Deus de glória e de Suas obras. E como a luz do entendimento não basta para entender tudo o que é necessário ao homem para crer em Deus e em Suas obras, Deus ilumina com a luz da graça a alma do homem para crer nas coisas invisíveis (LLULL, 2010, p. 41).

O filósofo maiorquino diferencia os dois tipos de entendimento, aquele que é próprio do homem, para compreender as coisas naturais, e outro é a partir de Deus que ilumina a alma do homem para crer nas coisas invisíveis, ou seja, tudo aquilo que é impossível à contemplação humana, e o indivíduo só pode contemplar por meio da graça divina. “Lava teus olhos corporais com a água de teu coração, que sai por teus olhos por meio das lágrimas e choro, para que a contrição e a penitência mudem e purifiquem tua alma dos vícios e dos

²⁹ Ramon Llull insire num *exemplum* sobre um advogado precisamente o tema da consciência. No texto, um eremita ensina as coisas do mundo a Félix, e conta que havia um advogado que, por causa de sua advocacia, fizera muitos homens se perderem falsamente contra a justiça. Com isso, esse advogado causou muito prejuízo às pessoas, por causa de suas falsas alegações e razões. Ou seja, ele não tinha consciência. Quando ficou doente e à morte, o advogado corrupto se confessou com um bispo, e contou-lhe o dano que causara a tanta gente (COSTA,2008, p.30).

pecados, e que por meio da pureza da consciência de tua alma, tenhas bem-aventurança nos eternos deleite” (LLULL, 2010, p.56).

Os vícios e virtudes eram a luta constante do cristão, aqueles que tinham as virtudes em suas ações estavam preparados para combater o mal e agir por meio das boas ações, lavando e purificando a alma dos deleites e prazeres que distanciavam o homem de Deus.

CAPÍTULO 5 - A PRODUÇÃO DO PARADIDÁTICO RAMON LLULL E A IDADE MÉDIA: um filósofo medieval no ensino básico

Neste capítulo, tecemos algumas considerações acerca do livro didático, visto que ele continua sendo um material indispensável na sala de aula, pois é muitas vezes o único instrumento de mais fácil acesso. Por isso deve conter recursos que torne o aprendizado interessante, já que esse material faz parte de um processo formador, tanto no ensino fundamental como médio. E muitos desses livros apresentam uma quantidade de deficiências, anacronismos, juízos de valores, erros. Aspectos como esses farão parte da formação dos alunos, o que acaba comprometendo a compreensão, sustentando opiniões deformadas. Daí a necessidade da produção de material adequado e atualizado sobre o período.

Apresentamos a divisão do paradidático elaborado como produto final dessa dissertação, e a oficina, *Ramon Llull e a Idade Média*, feita em uma escola da rede pública a qual alcançou seu objetivo proposto de levar esse material para a sala de aula, e observar as reações dos professores e alunos a respeito do paradidático, com o mesmo título *Ramon Llull e a Idade Média*. Nessa oficina, tivemos contribuições significativas dos professores e alunos. Desta forma, esperamos que esse paradidático contribua na formação e para uma melhor compreensão do período medieval, muitas vezes visto com estereótipos por grande parte da sociedade.

5.1 Considerações sobre o livro didático na sala de aula com base em bibliografias

Por muito tempo, o Brasil esteve em atraso, quando se trata dos estudos medievais, mas, atualmente, já existem trabalhos significativos que refletem, ou pelo menos deveriam refletir nos livros didáticos sobre as novas abordagens teóricas, que passaram a discutir esse período com menos equívocos e preconceitos. Alguns livros didáticos já trazem discussões pertinentes sobre o medievo, o que em outros momentos foram negligenciados pelos historiadores, mas outros livros continuam com simplificações e distorções daquele contexto, o que prejudica a aprendizagem dos alunos.

Assim, entendemos a importância que teve o período medieval na formação da civilização ocidental, e nosso país tem influências desse período. Neste sentido, é necessário que o aluno tenha noções do contexto sobre a Idade Média no processo de sua formação escolar, visto que é na escola onde o aluno possivelmente terá a oportunidade de ouvir falar

do medievo, e sem falar na imensa possibilidade de compreender por meio dos conteúdos a importância da tolerância, do olhar para com o outro, o respeito, e tantas outras compreensões fundamentais para o viver na sociedade contemporânea, marcada pela intolerância. Assim problematizamos como alguns equívocos ainda permanecem no livro didático, incluindo preconceitos e desatualizações teóricas sobre a Idade Média. Acreditamos que os materiais didáticos podem sempre melhorar com novas atualizações.

O livro didático, que ainda hoje, é um grande aliado do professor na sala aula, tem que se reatualizar constantemente no que diz respeito à historiografia mais recente. O livro, geralmente, vai ser o único material que os alunos têm acesso, pois o mesmo é instrumento de trabalho do aluno também. O professor desempenha um diálogo entre livro-aluno, é nesse sentido que o professor precisa estar bem capacitado para fazer essa ponte entre o aluno com o livro didático.

O livro, atualmente, é de responsabilidade do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação, e passa pela aprovação do MEC até chegar aos professores por meio do Guia do Livro Didático. Sabemos das limitações do livro didático, e o processo de seleção dos conteúdos passa por um processo de escolha. Para Bittencourt, o ponto básico:

[...] para o estabelecimento de um critério para a seleção de conteúdos é a concepção de *história*. Dela depende a produção dos historiadores, e o conhecimento histórico é produzido de maneira que torne os acontecimentos inteligíveis de acordo com determinados princípios e conceitos. Situar os referenciais teóricos no processo de seleção dos conteúdos escolares não tem como objetivo a participação em debates acadêmicos, mas é uma necessidade para o trabalho docente que permanentemente se realiza na escola. Conhecer e acompanhar as principais tendências da produção historiográfica não é apenas uma questão de caráter teórico, mas trata-se também de uma necessidade prática, porque é com base em uma concepção de história que podemos assegurar um critério para uma aprendizagem efetiva e coerente. (BITTENCOURT, 2004, p. 139-140, grifos da autora).

Tratar sobre todos os pontos centrais do período (Medieval) é impossível, até porque não iremos discutir aqui quais assuntos são mais ou menos importantes, já que esse não é nosso intuito. Quando pensamos em alunos do ensino médio ou fundamental, é importante atentarmos para alguns conceitos, conteúdos que não podem ser negligenciados, omitidos, e vistos com pouca importância.

Vale dizer que nos momentos de produção, venda, e disputas pelo próprio livro, tornam o mesmo uma mercadoria. Não podemos esquecer que o livro não se isenta de ideologias, e

em outros momentos históricos isso ficou bastante claro, a exemplo no Brasil na década de 1960, quando:

Sob o período militar, a questão da compra e distribuição de livros didáticos recebeu tratamento específico do poder público em contextos diferenciados 1966, 1971 e 1976, todos marcados, porém, pela censura e ausência de liberdades democráticas. De outra parte, esse momento foi marcado pela progressiva ampliação da população escolar, em um movimento de massificação do ensino cujas consequências, sob o ponto de vista da qualidade, acabariam por deixar marcas indeléveis no sistema público de ensino e que persistem como o seu maior desafio. Neste contexto particular, destaca-se o peso da interferência de pressões e interesses econômicos sobre a história ensinada, na medida em que os governos militares estimularam, por meio de incentivos fiscais, investimentos no setor editorial e no parque gráfico nacional que exerceram papel importante no processo de massificação do uso do livro didático no Brasil. Cabe destacar que a associação entre os agentes culturais e o Estado autoritário transcendeu a organização do mercado consumidor da produção didática e envolveu relações de caráter político-ideológico, cujas repercussões sobre o conteúdo dos livros didáticos foram marcantes, sobretudo pela perspectiva de civismo presente na grande maioria das obras, bem como pelo estímulo a uma determinada forma de conduta do indivíduo na esfera coletiva. A problematização e a teorização relativas a esse contexto histórico particular acabariam por gerar discussões a respeito da formação da consciência histórica pensadas genericamente sob o ponto de vista da manipulação, do controle ideológico e da formação de mentes acríticas em função de falsificações deliberadamente inseridas no material didático destinado às crianças e aos jovens. Vários trabalhos acadêmicos debruçaram-se sobre a produção didática nacional desse período e evidenciaram os compromissos ideológicos subjacentes, seu caráter manipulador, falsificador e desmobilizador, que mal disfarçava o intento de formar uma geração acrítica (MIRANDA, 2004. p. 124).

Vale lembrar ainda que os erros, anacronismos, estereótipos, preconceitos, podem ser evitados, a partir do momento que as equipes que formulam as coleções sejam compostas por professores especializados em História Medieval. Compreendemos que elaborar um livro didático é um processo trabalhoso, mas sabemos a importância desse material para a cultura escolar. Por isso entendemos que o livro pode melhorar, assim como já evoluiu bastante em relação aos mais antigos.

Há uma lógica de periodização dos períodos históricos, uma criação humana, que ajuda a controlar o tempo, como afirma Le Goff (2015, p. 45). É importante ressaltar que o intuito não é refletir sobre todos os conteúdos sobre o período medieval, e quais conteúdos devem ser monopolizados, pois não vemos a razão de ser da história dessa forma. Mas a escolha de uns temas sempre será uma discussão, como por exemplo, a “religiosidade medieval”, já que

parece consenso entre os historiadores que a Idade Média foi marcada por um forte pensamento religioso e todas as estruturas eram influenciadas pelo poder do cristianismo.

Os preconceitos sobre a Idade Média retratados no livro didático são conceitos que ainda são expostos no livro, formando muitas vezes, opiniões preconceituosas sobre o período. Sobretudo, pensar na quebra de estereótipos que foram atribuídos a esse período histórico, visto que as simplificações dos conteúdos comprometem a compreensão das temáticas. Não temos como objetivo propor um material ideal, porque cairíamos em uma utopia, mas repensar algumas questões que permanecem no material didático:

O livro didático é um recurso lúdico por meio das imagens que apresenta, de textos pelos conteúdos e as formas como são distribuídos e principalmente de planejamentos, pois sem o apoio de outros materiais, os professores se fundamentam na distribuição dos conteúdos no Livro Didático para pensar seu plano de conteúdos na Escola (MATOS, 2012, p. 167).

Para Bittencourt (2004, p. 301), os livros didáticos “são produtos de difícil definição, por ser uma obra bastante complexa que caracteriza pela interferência de vários sujeitos em sua produção, circulação e consumo”. O livro antes de ser um material didático está imbricado de ideologias e interesses. Assim nos perguntamos qual o objetivo do livro didático de História, e quais possíveis interesses estão por trás de toda essa vasta produção a nível nacional?

[...] o compromisso do livro didático de história com os conteúdos históricos está muito mais atrelado aos interesses e interlocutores do presente do que propriamente com o conhecimento do passado por ele mesmo. Essa característica reforça o entendimento de que precisamos ver o livro didático enquanto um produto de consumo, que se apresenta como um produto de consumo que se apresenta como um recurso didático e assim buscamos seu papel enquanto veiculador de ideologias. Isso porque o Livro Didático de História exerceu, e ainda na medida do possível, exerce um papel fundamental no ensino de História, pois é subsídio teórico para a construção dos saberes históricos na sala de aula (MATOS, 2012, p.168).

O livro didático exerce um papel fundamental no ensino de História, pois como vimos anteriormente é subsídio teórico que auxilia os alunos e professores no cotidiano escolar. Assim, destacamos a importância da escolha do livro, que não ser feita de forma aleatório, ou sem conhecimento prévio dos professores, no diz respeito a livros de qualidades.

O ensino de História tem sido objeto de estudo de muitos estudiosos nessas últimas décadas, pois por muito tempo foi um campo tratado com pouca atenção. Esse crescimento

está ligado à necessidade de perceber como o estudante tem compreendido as várias possibilidades de entender a História.

A História desde seu surgimento como campo do saber na Grécia Antiga tinha objetivos claros como registrar os grandes feitos dos gregos. Nesse sentido, perguntamo-nos: Por que estudar História? Para que serve a História? E como a mesma é pensada no espaço escola? A autora Kátia Abud (2006, p. 167) no artigo intitulado “*A guardiã de tradições: História e seu código curricular*”, faz uma discussão mostrando como a História se consolidou como disciplina no Brasil quando a escola Pedro II inaugurou o ensino dessa disciplina que era baseado no modelo positivista, estava voltado apenas transmitir conteúdos, buscando unificar uma memória nacional

Dessa forma, nos anos de 1837 quando é inaugurada essa escola no Brasil, as ideias nacionalistas se fortaleciam e havia uma necessidade básica de formar o cidadão brasileiro. Assim, a disciplina coincide com o fortalecimento do Estado. Segundo Abud, na Antiguidade a História objetivava formar líderes, e durante a Idade Média a mesma foi resgatada pela Igreja e pelo Estado. Com o surgimento da burguesia no século XIX, expandiu-se a escolaridade para atender melhor essa classe (ABUD, 2006, p. 165).

No Brasil, o currículo de História teve influências do currículo francês, permaneceu a cronologia, linearidade de se pensar os fatos, e o fortalecimento dos grandes líderes. Pautada numa visão positivista a História, embora com pequenas mudanças, continuou sendo reprodutora e fortalecedora da exaltação à nação e aos grandes heróis. Seguindo a divisão tradicional de História Antiga, Média, Moderna e Contemporânea.

Vivemos em um momento de grandes mudanças, tanto no rumo social como na própria produção da História. E a sala de aula a cada dia tem sido um desafio. De maneira geral, a sala de aula é o encontro de várias memórias. São pessoas com cultura, vida e famílias diferentes, e esses aspectos fazem toda diferença no momento que se pensa em ensinar História. Diante disso, o professor de História está diante de “grandes desafios”.

Para a autora Monteiro (2003), é necessário reconhecer a importância do “saber escolar” que até pouco tempo era visto como um saber de “segunda classe”. Isso implica dizer que o saber acadêmico é hierarquizado como um lugar de produzir o conhecimento “principal”. Em parte, cabe ao professor reconhecer “saber escolar”, também como uma forma de conhecimento. Não basta só selecionar, mas buscar os saberes apreendidos para além da escola.

A escola vai além da transmissão do “conhecimento científico”. O currículo escolar era visto como algo inquestionável. Hoje sabemos que é possível questionar, apontar incertezas, dúvidas e erros. Contudo, Monteiro (2003) questiona que nem todo saber escolar tem qualidade, mas deve ser levado em consideração a importância do espaço escolar para o desenvolvimento de outros saberes. Isso não quer dizer que as produções científicas não sejam importantes, elas são fundamentais. O que se espera é que na escola tenha a interlocução do conhecimento científico com outros saberes do presente.

Em suma, concordamos com Monteiro (2003), quando a mesma fala que devemos questionar quais saberes, motivos de opções, repercussões sociais, ocultamento são selecionados na própria montagem do currículo, que não é algo aleatório.

Entendemos que uma das funções da História é proporcionar um desenvolvimento crítico nos alunos, despertar neles uma capacidade reflexiva sobre seu cotidiano, perceber que os próprios alunos são sujeitos participantes da História. Sabemos que parte dos professores de História, não conseguem acompanhar os debates historiográficos recentes, principalmente os que têm mais tempo de formação e não conseguiram se atualizar no que diz respeito à teoria histórica, e conseqüentemente acabam reproduzindo “fielmente” o que está no livro sem perceber os grandes equívocos que estão em cada temática.

A história não pode ser tratada de forma ficcional no livro para despertar nos jovens o interesse pelo passado, essa não é sua função. Isso fica para tramas de novela, por exemplo. Se o ensino de História for isso não trará formas de reflexões e muito menos vai fornecer aos alunos condições para interpretar os fatos, criticar e refletir. O professor de História, no Brasil contemporâneo é de extrema importância, pois são essenciais no processo de mudanças das sociedades. Os Parâmetros Curriculares Nacionais propõem que o objetivo do ensino de História no ensino médio:

É o desenvolvimento de competências e habilidades cognitivas que conduzam à apropriação, por parte dos alunos, de um instrumental conceitual – criado e recriado constantemente pela disciplina científica –, que lhes permita analisar e interpretar as situações concretas da realidade vivida e construir novos conceitos ou conhecimentos. Ao mesmo tempo, esse instrumental conceitual permite a problematização de aspectos da realidade e a definição de eixos temáticos que orientam os recortes programáticos, bem como, apontam para novas possibilidades de criação de situações de aprendizagem. Tendo em vista a impossibilidade de estudarmos o conteúdo total da história humana, e conscientes de que toda organização de conteúdos programáticos opera por seleção, baseada em noções culturais e historicamente estabelecidas, podemos fazer algumas comparações e apontar algumas direções. A organização curricular tradicional da História,

disseminada na maior parte das escolas, destaca alguns acontecimentos considerados como marcos, para, a partir deles, construir um quadro didático em que os acontecimentos são inseridos numa continuidade espaço-temporal linear, ordenado por uma lógica de causas e conseqüências (BRASIL, 2000, p. 77).

O saber histórico deve voltar-se para a vida e problemas contemporâneos, e que os alunos explorem a relação dinâmica que une o passado, o presente e o futuro. Nesse sentido, o livro não pode ser considerado como informações fidedignas, mas um próprio incentivo para os alunos questionarem, hábito esse distante das maiorias das escolas brasileiras, que levam os alunos apenas a recolherem as informações e não criticá-las.

Diante das considerações feitas nos PCNs do Ensino Médio, a disciplina história tem um papel formador e reflexivo na construção do “eu” e do “outro”. É importante que aulas de História reforcem isso, apresentando ao aluno as transformações, mudanças, e o processo de organização das experiências humanas.

O passado visto como processo histórico nos permite organizar as experiências humanas em formações sociais distintas, identificando as diferentes velocidades das transformações e as várias temporalidades inseridas nos acontecimentos. Na história, vista como um processo, os acontecimentos sociais são resultantes de um conjunto de ações humanas interligadas, de duração variável, sucessivas e simultâneas, em vários espaços do convívio social, motivadas por desejos ou necessidades de mudança ou de resistência, pela busca de soluções para problemas, por disputas e confrontos entre agrupamentos de indivíduos, o que gera tensões, conflitos e rupturas e delineia os movimentos da transformação histórica (BRASIL, 2000, p. 70).

A Idade Média por muito tempo foi considerada como “períodos das trevas”, ou seja, a humanidade durante esses mil anos não teve progresso, mil anos trevas, foi duramente “comandada” pela Igreja Católica que era considerada como a detentora do poder, que levava às pessoas a fogueira, não houve pensamento racional, que as pessoas eram crédulas, pouca inteligência e assim por diante. Esse é o olhar que é feito do homem do presente, são julgamentos com o olhar do presente, pois o fator religioso pode ser para alguns na atualidade visto como estranho, mas no medievo fazia parte do cotidiano.

Essa imagem negativa se fortaleceu com os renascentistas (FRANCO JÚNIOR, 2001), os quais olhavam para esse período como obscuro, de crises, guerras, ou seja, construíram uma visão negativa da Idade Média. Quem nunca ouviu falar que “não vivemos mais na Idade

Média?”, ou seja, sempre ressaltando o termo como algo pejorativo, fora de moda e caracterizando esse período como tal. Para Le Goff,

Como uma fase de obscuridade que cede o lugar à luz, foi proposta pela primeira vez no século XIV pelo poeta italiano Petrarca. Para ele, o glorioso período greco-romano, freado no século IV, teria sido seguido por um tempo de “barbárie” e de “trevas”, de “obscurcimento” da civilização. Segundo ele, era preciso voltar aos modos de pensar e de escrever dos ‘Antigos’. Mas o termo ‘Renascimento’ e a definição de um grande período da história colocado sob essa denominação, seguindo-se à Idade Média e opondo-se a ela, só datam do século XIX (LE GOFF, 2015, p. 45).

Todas essas colocações sobre a Idade Média vistas acima, apontam a necessidade do esforço dos próprios especialistas, não em exaltar um momento histórico, mas por meio do trabalho que cabe ao historiador que busca sempre repensar a história, com análise de novas fontes primárias, obtendo informações do período que antes não foram exploradas.

O termo Idade Média, literalmente quer dizer “época intermediária”, considerada com desprezo, como um período de “profunda decadência no domínio cultural, intelectual e artístico (arte gótica denegrida por Miguel Ângelo), e como uma interminável noite que os raios de sol do século XVI dissiparam” (AMALVI, 2002, p.538).

É importante ressaltar que história é montada a partir da historiografia, que sofre mudanças constantes com esforço de novas reinterpretações, desfazendo estereótipos, preconceitos que infelizmente se naturalizam, e ficam registrados no livro didático que é responsável pela formação de grande parte dos indivíduos. A Idade Média deve ser vista como um campo do saber legítimo como qualquer outro, além do que alguns autores costumam ressaltar que possuímos raízes medievais,

Estudar História – de qualquer época e de qualquer local – não deve ser tarefa utilitarista, não deve “servir” para alguma coisa específica. A função de seu estudo é mais ampla e importante; é desenvolver o espírito crítico, é exercitar a cidadania. Ninguém pode atingir plenamente a maturidade sem conhecer a própria história, e isso inclui, como não poderia deixar de ser, as fases mais recuadas do nosso passado. Assim, estudar História Medieval é tão legítimo quanto optar por qualquer outro período. Mas não se deve, é claro, desprezar pedagogicamente a relação existente entre a realidade estudada e a realidade do estudante. Neste sentido, pode ser estimulante mostrar que, mesmo no Brasil, a Idade Média, de certa forma, continua viva (FRANCO JUNIOR, 2011, p. 03).

Outra questão que marca o período medieval é o aspecto da “salvação”. Esta que na Idade Média era considerada real para aqueles homens. Em uma sociedade aonde as coisas terrenas se confundiam com as sagradas, o homem medieval tinha como referência principal o

sagrado, ou seja, uma visão hierofânica de mundo. A manifestação de Deus estava sempre aberta uma vez que era possível passar de um mundo terreno para o Além (Paraíso ou Inferno).

Tratar sobre o imaginário cristão do homem medieval, significa muitas vezes escapar da nossa capacidade de compreensão, já que “O imaginário é tão significativo nas sociedades que é encarado como uma realidade efetiva” (BARROS, 2004, p. 92). Este período não deve ser vista com preconceito, acreditando que homem medieval seria um alienado, que não compreendia os fenômenos da existência. Toda e qualquer sociedade deve ser vista e compreendida pelos elementos que dela fazem parte.

Na concepção do historiador Le Goff (2007, p. 43), o imaginário medieval é marcado fortemente pelo cristianismo e os elementos que dele fazem parte: “[...] o imaginário daquela época manifestava-se pela visão que os homens tinham da própria divindade, objeto de sua crença, de suas preces, de sua admiração”. O cristianismo é a religião da Salvação, a vida era apenas momentânea, era uma passagem para a eternidade. Devido a essa concepção religiosa, a Igreja Católica é por vezes considerada, quando se pensa nesse período, como opressora, dona de terras e riquezas, e que estava muito longe da busca pelo bem comum da sociedade. No entanto, não cabe a nós esse julgamento, pois como dizia Marc Bloch (2001), o historiador (e também professor) não deve julgar os fatos históricos, mas sim compreendê-los. Por exemplo, ao buscar compreender o pensamento luliano sobre a educação é possível, a busca do entendimento da nossa própria sociedade atual.

Circe Bittencourt (2011) afirma que o livro além de explicar os conteúdos escolares, é um suporte de métodos pedagógicos, as atividades, trabalhos, reflexões, boxes, outras formas de avaliação do conteúdo escolar, a autora explica a importância do livro na constituição da disciplina ou do saber escolar.

Para se materializar, antes de tudo, é fundamental ampliar a própria consciência sobre a execução da atividade, ou seja, pensar como aquela proposta vai fazer sentido no cotidiano do aluno. Todo exercício proposto deve ter finalidades claras, segundo Bitencourt (2004, p. 43), os exercícios “correspondem e estão articulados ao conceito de aprendizagem, o qual varia desde a simples memorização até práticas mais complexas de formulações de argumentos e síntese pela escrita e pela oralidade”. É de extrema importância que as atividades não se limitem apenas nos exercícios propostos pelo livro, principalmente quando estamos falando de uma nova geração que lida com as mais novas tecnologias, é necessário pensar a prática com o uso constante da internet.

O professor deve ter uma preparação técnica, científica e pedagógica, já que a sala de aula é um espaço também de produção de conhecimento. Dessa forma entendemos que a atividade voltada para pesquisa estimula a curiosidade do aluno, desperta um potencial investigativo, retira o aluno da posição de reprodutor para assumir um papel de sujeito autônomo.

Hoje grande parte dos livros didáticos sugerem sites na internet de revistas, artigos. É importante dar dicas de sites mais específicos sobre a Idade Média, pois os alunos dificilmente farão isso sem um direcionamento.

Por meio de uma rápida análise, o que se pode compreender é que algumas sugestões na prática são difíceis de serem executadas, por fatores estruturais, falta de planejamento, organização, recursos, e pelo próprio cotidiano escolar

A proposta da coleção contempla os objetivos traçados para o trabalho com a disciplina de História no Ensino Médio, principalmente no que se refere ao respeito à diversidade cultural. Sua estrutura curricular articula diferentes sujeitos e processos históricos em tempos e espaços diversos, de modo a estimular a autonomia do aluno na resolução de situações-problema. Às margens de cada página, são dispostos glossários para esclarecer o significado de termos importantes para a compreensão dos textos (BRASIL, 1999, p. 40).

Diante disso, cabe a todos envolvidos na educação, na elaboração dos livros, os profissionais, apontarem novos caminhos para enfrentar as novas demandas. Nesse sentido, entendemos que não existe um material didático perfeito, mas muito ainda pode ser feito para melhoria do mesmo, visto que novas tecnologias têm surgido, e podem contribuir de forma significativa para o avanço e aprimoramento do mesmo.

Por mais questionável que seja o livro didático, ele é um veículo essencial na formação dos alunos da sociedade brasileira, sendo um elemento norteador da política educacional. Acreditamos que a historiografia mais atualizada pode integrar os futuros materiais, e para que isso aconteça é fundamental as transformações introduzidas no sistema de elaboração desse material com ajuda de especialistas do medievo que contribuam para informações mais atualizadas.

Caso o aluno tenha contato apenas com um único livro, terá um conhecimento fragmentado, visto que alguns conteúdos são trabalhados de forma simplificada. Apresentar aos alunos que em algumas páginas não é possível abordar mil anos de História e muito menos resgatar a riqueza dessa história do medievo é essencial, para que os mesmos não entendam aquelas abordagens como únicas e absolutas.

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais, não faz sentido estudar os fatos da história de forma isolada, mas apresentar as rupturas, continuidades, permanências, mudanças. E no que diz respeito à Idade Média não há conteúdos mais ou menos importantes, alguns livros fazem escolhas diferentes dos assuntos, mas o que importa é perceber quais impactos as escolhas, pois a seleção ajudará no desenvolvimento crítico dos alunos. Apesar de alguns preconceitos persistirem, os estudos medievais têm avançado no Brasil, e os pesquisadores também.

Assim, acreditamos que quando os especialistas interferirem nos livros didáticos, professores mais capacitados para analisar, utilizar e reavaliar o livro, sem dúvida o mesmo poderá de forma mais adequada contribuir para o cotidiano dos alunos. Como forma de subsídio para uma melhor aprendizagem dos alunos acerca dos conteúdos de História Medieval, propomos um paradidático que será descrito, a seguir.

Com o paradidático *Ramon Llull e a Idade Média*, esperamos que o aluno do Ensino Fundamental ou Médio, tenha contato e conheça alguns temas e conceitos relevantes sobre o medieval, pois sabemos que os:

[...] paradidáticos podem ser utilizados como uma ferramenta didática capaz de viabilizar a compreensão do aluno relativa aos conceitos apresentados, bem como oferecer, ao estudante, a possibilidade de interagir reflexiva e criticamente com o seu meio social, desenvolvendo e vivenciando a sua cidadania (RODRIGUES, 2015, p. 767).

Acreditamos que esse material, pode auxiliar o trabalho do professor levando novos debates para sala de aula. Nesse sentido, o professor pode perceber se o aluno compreendeu as discussões, assim como interagir e debater sobre as temáticas, se possível trazendo para discussões atuais, para que o aluno possa fazer a ligação entre passado/presente.

5.2 Paradidático de História Medieval: *Ramon Llull e a Idade Média*

Segundo Fernandes (1995, p. 02), o livro paradidático é muito usado como “um complemento ao livro didático. Esta é, inclusive, uma orientação que os autores de livros didáticos fazem aos professores, para o aprofundamento de um determinado tema. Neste sentido, essa pode ser uma forma de uso possível”. Karnal (2016) considera o paradidático uma forma acessível e renovada, o professor pode indicar para os alunos ou apenas ler para colaborar na elaboração das aulas.

De acordo com Munakata (1997, p. 103, grifos do autor), os paradidáticos têm características próprias, pois são livros que, “sem apresentar características próprias dos didáticos (seriação, conteúdo segundo um currículo oficial ou não etc.), são adotados no processo de ensino e aprendizagem nas escolas, seja como material de consulta do professor, seja como material de pesquisa” e de apoio aos exercícios do “educando, *por causa da carência existente em relação a esses materiais*”. Ainda conforme esse autor, ao sintetizar o conceito de Paradidático, dizer que:

Em suma, o que define os livros paradidáticos é o seu uso como material que complementa (ou mesmo substitui) os livros didáticos. Tal complementação (ou substituição) passa a ser considerada como desejável, na medida em que se imagina que os livros didáticos por si sejam insuficientes ou até mesmo nocivos. A carência de paradidáticos e desqualificação dos didáticos são faces da mesma moeda. A área de História e assemelhados, que lida com temas da atualidade, é particularmente propícia para fomentar essas carências. Mas os paradidáticos podem proliferar em qualquer área: como todo assunto é, em tese, verticalizável, o seu temário é inesgotável. A crítica, também freqüente, de que o livro didático traz verdades “prontas e acabadas” abre brechas para lançamento, por uma mesma editora, de paradidáticos sobre o mesmo tema, a título de “confronto de idéias” (MUNAKATA, 1997, p. 103).

Assim, a finalidade do paradidático *Ramon Llull e a Idade Média*, é levar à sala de aula um material que seja de fácil compreensão, e desperte interesse por parte dos alunos para conhecer o medievo. A Idade Média ainda continua sendo interpretada por vezes de forma pejorativa. Desse modo, nesse paradidático, com temas que consideramos de fundamental importância para os estudos medievais, como quem foi Ramon Llull, e suas contribuições para compreender a Idade Média; apresentamos como a ordem de cavalaria funcionava; falamos sobre o debate inter-religioso proposto pelo filósofo maiorquino; e como a educação e religiosidade era desenvolvida naquela sociedade.

Esse paradidático foi desenvolvido como produto do Mestrado Profissional em História, Ensino e Narrativas, sob a orientação do Profa. Dr^a Adriana Zierer. O texto foi escrito por Natasha Nickolly Alhadeff Sampaio Mateus. A Capa e a Diagramação foram feitas por Wanderson Rafael da Silva Costa, que utilizou o *Word*, fonte *Gramond*, tamanho 12, espaçamento simples, margem superior e inferior 2,5 cm; esquerda e direita 3,0 cm, formato A4, versão final em *PDF*. As imagens foram retiradas de *sites*. A pesquisa na qual se desenvolveu o livro recebeu apoio da FAPEMA – Fundação de Amparo à Pesquisa e ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico do Maranhão.

O paradidático, *Ramon Llull e a Idade Média*, está dividido em 06 capítulos. Inicia-se com uma carta ao aluno, **Caro (a) estudante**, na qual apresenta o objetivo dessa produção didática, que é trata de um período histórico tão importante para a compreensão de mundo, a Idade Média. E a apresentação de um filósofo pouco conhecido, Ramon Llull, que foi um dos pioneiros sobre a literatura cavalheiresca medieval. Escreveu sobre política, educação e sobre o cotidiano medieval.

Em **Conheça o seu Paradidático**, é a apresentação do que se encontrará no decorrer da leitura do paradidático, como a *Introdução, Compreendendo a Idade Média, Por Dentro da História, Saiba mais, De Olho no Mapa, Aprendendo Mais com a Leitura, Cinema, Internet, Pense Diferente, História e Documento, Curiosidade e um Glossário*. Na **Introdução**, menciona-se que o filósofo chamado *Ramon Llull* é pouco conhecido pelos estudantes brasileiros, e alguns pontos centrais e importantes da Idade Média serão encontrados na leitura do paradidático como: a cavalaria, a educação medieval, debates inter-religiosos da época, e o modo como homem medieval tratava a salvação da alma. E há um glossário sobre o *Sistema Trienal*.

Os capítulos apresentam um texto principal e boxes que estão articuladas entre si e tencionam contemplar muitas aéreas do conhecimento. Os boxes que fazem parte em alguns capítulos são: o boxe **Compreendendo a Idade Média** propõe a aplicação dos conhecimentos estudados, com questões para reflexão e análise. O boxe **Por Dentro da História** há trechos de como historiadores de profissão abordam a questão estudada. O boxe **Saiba mais** amplia os conhecimentos, o que permitirá uma melhor compreensão do tema tratado. O boxe **De Olho no Mapa** possibilita uma visão geográfica e localiza lugares por onde o filósofo Ramon Llull viajou para levar a mensagem cristã.

No boxe **Aprendendo Mais com a Leitura, Cinema, Internet**, os conteúdos desta seção sugerem novas informações a serem pesquisadas em livros, site e filmes. O boxe **Pense Diferente** leva o aluno a refletir diferente a temática que é veiculada, especialmente pela mídia, levando ao exercício da reflexão. O boxe **História e Documento** possibilita o contato com reproduções de textos (documentos) produzidos na época do tema estudado. O boxe **Hora de Pesquisar**, estimula a pesquisar na internet, livros, jornais, dicionários históricos, etc, assuntos que foram citados, porém não aprofundados neste material. O boxe **Curiosidade** destaca-se algo relevante sobre o filósofo Ramon Llull, e o boxe **Glossário** que se encontra nas laterais das páginas dos capítulos, com o significado das palavras destacadas no texto principal.

No capítulo um, **Refletindo sobre Idade Média**, o texto principal trata de noções gerais do que foi a Idade Média, há um glossário com o conceito de *colono*. Aborda também as características desse período, como o Feudalismo, há quadro explicando as heranças romanas e germânicas no medievo. O boxe *Por Dentro da História* aponta as divisões sociais da Idade Média. O texto principal menciona como eram as relações de dependência entre o vassalo e suserano, há também conteúdos sobre os períodos da Idade Média, Renascimento urbano, a Religiosidade na Idade Média e Crise do Feudalismo.

O boxe *Aprendendo mais com o cinema* tem a indicação do filme: *Tristão e Isolda*, o qual traz os Clãs que lutam pelo poder na Inglaterra da Idade Média após a queda do Império Romano. Tristão, jovem cujos pais são assassinados, é adotado por seu tio, Lorde Marke, e vira seu maior guerreiro. Dado como morto, Tristão é encontrado e tratado pela bela Isolda, com quem troca juras de amor, mas mantém seu nome em segredo. Ele ganha em um torneio de lutas a mão da princesa irlandesa para Lorde Marke, sem saber que ela é na verdade Isolda. O casamento trará a paz e a unificação dos clãs, mas a paixão faz com que Tristão e Isolda arrisquem tudo para viver seu amor proibido. O boxe *Hora de Pesquisar* solicita uma pesquisa na internet, livros, dicionários históricos, etc. acerca dos conceitos de Burgos, burguesia e o que foram Corporações de Ofícios. Esse capítulo se finaliza com o boxe *Compreendendo a Idade Média* com cinco exercícios com objetivo sintetizar os conteúdos estudados nesse capítulo.

No capítulo dois, **Você já ouviu falar em Ramon Llull? Um filósofo “desconhecido”?**, o texto principal apresenta uma biografia da vida do filósofo Ramon Llull, desde o seu nascimento, quem foram seus pais, casamento, sua conversão ao Cristianismo e suas produções bibliográficas até sua morte. O boxe *História e Documento* traz fragmentos da obra *Vida Coetânea* de Ramon Llull, a qual é autobiografia que narra a sua conversão ao Cristianismo. O boxe *De olho no mapa* há dois mapas que permitem o aluno a localizar a região, na qual o filósofo maiorquino nasceu, assim como visualizar locais por onde ele viajou para pregar a fé católica. Assim, como visualizar que a Maiorca era uma ilha.

No boxe *Compreendendo a Idade Média*, há um questionamento sobre o motivo que levou Ramon Llull a abandonar a vida de “Práticas mundanas”. O boxe *Aprendendo mais com o cinema* indica o documentário, *Raimundo Lúlio, homem do nosso tempo*, que retrata a vida do filósofo Ramon Llull, destaca-se a preservação de alguns manuscritos lulianos na Biblioteca Nacional Marciana. Apresenta que o século de Llull, é o século das últimas cruzadas. Ramon Llull viu-se obrigado a relacionar-se com a cultura árabe durante toda sua

vida, aprender árabe e a cultura deles. O documentário fala sobre as viagens feitas, o seu projeto de conversão aos “infiéis” e até mesmo as contribuições do filósofo para a modernidade. O texto principal trata das peregrinações, com destaque para esse termo no glossário.

O boxe *Aprendendo mais com a Literatura* sugere como leitura a história em quadrinhos, *A História de Ramon Llull (1232-1316) em quadrinhos*, pela qual o estudante aprenderá sobre o filósofo de forma bem descontraída, com linguagem acessível a todos os públicos. No boxe *Curiosidade*, traz mais informações sobre a obra do filósofo Ramon Llull, e diz que a *Vida Coetânea*, escrita por ele, antes de morrer, no ano de 1311. No boxe *Compreendendo a Idade Média*, pergunta se o estudante já conhecia Ramon Llull, e o que fez ele ouvir a pregação de São Francisco de Assis, por fim, solicita a construção de uma linha do tempo que trace a vida desse filósofo.

No capítulo três, **Conhecendo a cavalaria medieval por meio de Ramon Llull**, o texto principal fala da cavalaria a partir de Ramon Llull. Há uma imagem, *Manuscrito do século XIV, autor desconhecido. Tournaments*, sobre a qual se solicita que o estudante aponte suas interpretações. O boxe *História e Documento* traz fragmentos da obra *Doutrina para crianças*, de Ramon Llull, o qual explica ao seu filho como deve ser o comportamento de um cavaleiro. O boxe *Saiba mais* revela que os torneios medievais eram uma prática totalmente condenada pela Igreja Católica. Eram elevados o número de mortos e feridos, estes torneios receberam o nome de “detestáveis assembleias”. Os clérigos abominavam essa prática que de certa forma despertava prazer na nobreza medieval. O espaço onde ocorria os torneios eram quase sempre em bosques, campo e pastagens.

O texto principal explica o que foram, quais as causas e quando surgiram as cruzadas. No boxe *Aprendendo mais com a Literatura*, há indicação do livro *As Cruzadas*, de Hilário Franco Jr., no qual, o autor trata das Cruzadas, e mostra que elas não aconteceram por uma única razão, para isso, apresenta os diversos motivos que favoreceram o surgimento desse fenômeno. Faz um comentário geral daquele contexto histórico, facilitando a compreensão sobre o que de fato foram as Cruzadas, apontando as suas verdadeiras motivações, sendo elas materiais e psicológicas.

No boxe *Pense Diferente*, aponta as participações femininas e das crianças nas Cruzadas, com base na obra *A mulher na Idade Média*, de José Rivair Macedo. O boxe *Compreendendo a Idade Média* há um quadro com linhas da coluna da direita, que devem

contemplar a frase da coluna à esquerda de forma que a frase se complete de forma coerente. E pede que o estudante cite duas características do que era ser um bom Cavaleiro Medieval.

No capítulo **Ramon Llull e o Diálogo Inter-Religioso**, o texto principal traz o projeto missionário-apologético do filósofo maiorquino, que se dava a partir de um diálogo Inter-religioso que tentava mostrar a religião Cristã como a única verdadeira, por isso Ramon Llull defendia o cristianismo, e deseja provar que os outros credos eram mentirosos (muçulmanos, judeus e gentios). E mostra que esse tipo de diálogo sobre as diferentes religiões, continua sendo uma preocupação na atualidade, por meio da UNESCO (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura) tem programas que fomentam o diálogo entre as religiões e todas as tradições espirituais presente no mundo. É a tentativa de estabelecer entre todas as religiões harmonia e respeito mútuo. Há um glossário com as palavras *Apologético* e *Um Diálogo Inter-religioso*.

No boxe *Hora de Pesquisar*, sugere uma pesquisa na internet, livros, dicionários históricos, etc. sobre o processo de *Reconquista da Ilha de Maiorca*. O boxe *Pense Diferente* traz o filósofo como precursor do ecumenismo, isto é, da coexistência pacífica entre as religiões, e propôs a razão, entendida como universal e comum à raça humana, como um método para convencer os outros dos benefícios de sua própria fé.

Neste capítulo, o texto principal faz relação com a atualidade sobre as diversidades religiosas, com o objetivo de conscientizar os estudantes a terem respeito mútuo pela religião do próximo. E levanta os seguintes questionamentos: Hoje tem aumentado as guerras nos países islâmico, gerando muitos refugiado, que saem de seus países de origem em busca de sobrevivência. Ao chegar em outros países predomina o diálogo inter-religioso ou eles sofrem discriminação. Por quê? Cite algum evento negativo que aconteceu nesse ano em decorrência da Intolerância religiosa, e dê sua opinião de como isso poderia ser evitado.

O box *Curiosidades* diz que Ramon Llull escreveu *livros dos gentios e dos três sábio* para provar a veracidade dos dogmas cristãos, e esperava que após a leitura o infiel se convertesse. No boxe *História e Documento*, há fragmentos da obra *Doutrina para crianças*, de Ramon Llull, que falam das diversas formas de religião existentes na Idade Média. O boxe *Compreendendo a Idade Média* há três questionamentos os quais pedem para que o estudante Cite algum evento negativo que aconteceu durante o ano em decorrência da Intolerância religiosa, e dê a sua opinião e como isso poderia ser evitado. Questiona se o aluno já participou de um diálogo inter-religioso. Como foi essa experiência. E se ele acha que Ramon

Llull propõe um diálogo inter-religioso almejando a conversão do outro ele estava sendo tolerante ou intolerante.

No capítulo cinco, **Como educar na Idade Média a partir do Projeto de Ramon Llull**, o texto principal aborda a respeito da educação medieval e que essa objetivava formar um bom indivíduo. Uma pessoa que agisse para o bem social, que ajudasse a comunidade a viver de forma ordenada. E mostra que a grande preocupação da Igreja era sustentar um discurso de boa conduta para sociedade. Há uma Iluminura do século XIII (Bibliothèque Sainte-Geneviève) apenas como ilustração de um grupo de pessoas estudando na Idade Média. Há um glossário com as palavras *Virtudes*, *Vícios* e *Santo Agostinho*.

O box *Saiba Mais* apresenta que a base da educação na Idade Média consistia na aprendizagem das artes liberais, que vem desde a Antiguidade. E a partir do século VI se transformou numa estrutura de ensino por Cassidoro e Boécio, essa base teórica da educação medieval estava basicamente dividida em duas partes fixada por Marciano Capela: *trivium* e *quadrivium*. O *trivium* consistia no aprendizado da (gramática, retórica e dialética) e *quadrivium* (aritmética, geometria, música e astronomia), esse era o material de ensino na Espanha também. Esse programa vai se conservar até por volta do século XIII, enriquecendo-se posteriormente com outras disciplinas. Seguido das interrogações, se o aluno já conhece as sete artes liberais. Solicita que se faça um grupo com seus colegas e pesquisem sobre esse currículo medieval. Das setes artes faladas, qual o aluno acha importante no cotidiano escolar e o porquê.

O boxe *História e Documento*, tem fragmentos da obra *Doutrina para crianças*, de Ramon Llull, a qual trata dos modos de educar uma criança para alcançar a salvação da alma e agir com boas ações na sociedade. Há o glossário dos termos *Marciano Capela*, *Boécio Isidoro de Servilha* e *São Beda*. Seguido do questionamento de como Ramon Llull idealizava a educação infantil, levando em consideração período histórico medieval.

O boxe *Compreendendo a Idade Média* traz exercícios, o primeiro é para o aluno completar o quadro com a palavra que corresponde a Vício e Virtude. Se o aluno acha que as regras são importantes, e citar pelo menos duas que ele pratica no seu cotidiano, e que também ajude o seu colega para estabelecer harmonia social. se o aluno concorda com a ideia do filósofo Ramon Llull quando defende que educação deve ser realizada desde a infância. E Quais virtudes ainda são importantes hoje.

No capítulo seis, **O filósofo Ramon Llull fala sobre vida terrena e o além**, trata de como o filósofo abordava temas referente à vida terrena e pós-morte. E mostra para o aluno

que a Idade Média foi um período marcado por uma grande influência religiosa. A igreja manteve uma influência muito grande na sociedade medieval nas práticas humanas desse período, ela impunha as pessoas certo medo, quando suas vidas acabassem aqui na nesta terra e a literatura teve uma grande influência para essa ideia da Igreja, pois esta fazia o intermédio entre Deus e o homem. Com relação à comunicação entre o mundo humano e o divino, a manifestação de Deus estava sempre aberta uma vez que era possível passar de um mundo terreno para o Além. Há uma Iluminura medieval representando o Inferno retirada do livro *As muito ricas horas do duque de Berry, c.1414. Museu Condé, França*, o qual seve para ilustração desse imaginário.

Nesse capítulo, o texto principal dá o exemplo que na luta contra o pecado, os monges recorriam às práticas ascéticas, porque acreditavam que o sofrimento os aproximava de Deus. Colocado no centro da luta entre o Bem e o Mal, com sua alma disputada por anjos e demônios, o homem podia contar com preciosos apoios, hierofânicos. Todos estavam ligados a essa dualidade entre o bem e o mal, entre a morte e a vida. Há um glossário com o termo hierofânicos.

O boxe *Saiba Mais* aponta a narrativa da Visão de Túndalo, que é uma viagem imaginária, descrevendo os caminhos percorridos pelas almas no Além-túmulo em três espaços: Inferno, Purgatório e Paraíso. No boxe *Curiosidade*, mostra-se que o Filósofo Ramon Llull escreveu para seu filho Domingos uma obra chamada *Doutrina para Criança* (1276-1278) ditando regras para alcançar a salvação de sua alma.

O boxe *História e Documento* traz trechos da obra *Doutrina para crianças*, de Ramon Llull, sobre o Inferno, Purgatório e Paraíso. Esse boxe é seguido de três questões de como o filósofo descreve o Inferno, e para Retirar do texto uma frase que aponte a vida pós morte no Inferno, o que aconteceria com aqueles que iriam para o Paraíso, e o que deveria ser feito por aqueles que estavam no purgatório. No boxe *Compreendendo a Idade Média*, há 5 atividades, uma para interpretar a imagem *O Juízo Final (c.1467-1471). Muzem Narodowe*. Uma atividade sobre interpretação de texto, para completar as lacunas, palavras cruzadas e um caça palavras.

Na *Conclusão*, dialoga-se com o aluno o estimulando a estudar e a buscar mais informações a respeito do filósofo, *Ramon Llull*, e o período medieval. As *Referências* bibliográficas, sobre os estudos medievais e o ensino de História, usadas neste material didático, serviram de fundamentações para os textos principais, boxes, introdução e conclusão.

5.3 Aplicação do paradidático na sala de aula por meio da oficina: *Ramon Llull e a Idade Média*

O objetivo da oficina foi apresentar aos alunos alguns temas relevantes sobre a Idade Média, a partir dos escritos lulianos. Recentemente, Ramon Llull é estudado no Brasil. A sua divulgação na escola possibilitou aos alunos conhecer sobre esse filósofo, teólogo e educador medieval, o qual escreveu sobre vários temas, que ampliam as compreensões sobre o período medieval. As obras escritas por esse filósofo são cada vez mais traduzidas no Brasil, embora pouco se ouça a respeito dele.

O importante não é só saber quem foi ele, mas entender a sociedade que ele viveu. Ramon Llull foi um dos pioneiros sobre a literatura cavaleiresca medieval. Escreveu sobre o cotidiano medieval, política e a educação. É importante estudar e dialogar com os pensadores de outras épocas, pois isso ajuda na compreensão de como funcionava a cultura de outro tempo.

Para atender a proposta do mestrado profissional, elaboramos um material paradidático, para a sua aplicação, fizemos uma oficina para divulgação desse material, assim como observar as sugestões feitas pelos alunos e pela professora, as quais foram significativas para a conclusão do material paradidático.

A Oficina intitulada *Ramon Llull e a Idade Média* desenvolveu-se com o auxílio da profa. Ma. Francinéia Pimenta e Silva que leciona no ensino médio, no Centro de Ensino de Tempo Integral Almirante Tamandaré, localizado no município de São Luís – MA, no bairro da Cohab, no dia 14 de dezembro de 2017, nas suas turmas do 1º ano do turno matutino. No primeiro momento, falamos com a professora, e entregamos o material didático para que a mesma analisasse antes da aplicação na sala de aula. Em seguida, realizamos a atividade com os seus alunos.

A oficina foi realizada em dois momentos: Primeiro, apresentamos o paradidático, com destaque para as principais temáticas contidas nele. Colocamos no quadro as seções que os alunos encontrariam durante a leitura, como: *História e Documento*, *Pense Diferente*, *Saiba Mais*, etc. Expusemos uma breve contextualização da Idade Média, assim como sintetizamos para os alunos a biografia do filósofo Ramon Llull.

No segundo momento, dividimos a sala em grupos, com a distribuição das cópias do paradidático. Cada grupo analisou o material, e sugeriram que o paradidático tivesse uma linguagem mais clara, com atividades mais lúdicas, melhorasse a capa, e diminuísse os texto

para que a leitura se tornasse cansativa. De modo geral, os alunos gostaram do paradidático, e se mostraram interessados durante a leitura e na execução das atividades do material didático.

Vale dizer que o capítulo um foi escrito após a essa oficina, e dele esperamos que alunos sintetizem os conteúdos, já trabalhados pelo professor sobre o contexto medieval. Na atividade de número um, pretende-se que os alunos reflitam e apontem quem são considerados “bárbaros” na atualidade, e como eles se posicionam diante dessa interpretação. Espera-se um posicionamento crítico e que considerem que as pessoas são iguais, e não sejam discriminadas pela cultura, ou qualquer outro tipo de diferença social.

No capítulo dois, após uma breve abordagem sobre a biografia de Ramon Llull, os alunos disseram não ter conhecimento prévio a respeito desse filósofo, acharam interessante a trajetória de vida do filósofo e alguns alunos ressaltaram que ainda hoje existem pessoas que se entregam a uma vida religiosa. Na atividade com base no boxe *História e Documento*, os alunos acreditam que as experiências religiosas são pessoais, e cada pessoa escolhe o que considera melhor para si. Sobre o filósofo, destacaram a sua conversão, que ocorreu a partir das visões que ele teve do Cristo ressuscitado. As demais questões também dialogam nessa mesma interpretação. Assim, esperamos que o contato dos alunos com fragmentos das fontes primárias os auxiliem na interpretação desse contexto medieval.

No capítulo três, quando tratamos da cavalaria e as cruzadas, pretendemos estimular os alunos na interpretação da imagem, *Manuscrito do século XIV, autor desconhecido*, a qual retrata um duelo entre os cavaleiros, visto que, geralmente, eles assistem aos filmes e séries que mostram os cavaleiros como componentes importantes daquela sociedade. Dessa forma, esperamos a compreensão dos alunos a respeito do que seria um bom cavaleiro, e quais as regras esse seguiria para manter a harmonia social. Alguns alunos disseram desconhecer essas regras, e não sabiam da participação feminina nas cruzadas.

No capítulo quatro, foi o momento em que houve mais interação dos alunos, talvez por fazermos uma conexão maior com atualidade, e a temática de intolerância estar em voga. Os quais retrataram suas vivências de intolerância, como exemplo, pela escolha da sua religião. Os alunos demonstraram estar atentos a esses assuntos, deram o exemplo do Estado Islâmico, com os episódios de atrocidades e violências causados pela intolerância.

Os capítulos cinco e seis, que tratam da Educação e o Além na Idade Média, por meio das atividades que estimulam os alunos a pensarem sobre a educação e religiosidade estabelecem um paralelo com a atualidade. Para os alunos, as figuras do Diabo e de Deus

ainda são muito atuais, e fazem parte do cotidiano das pessoas. Alguns ressaltaram que recebem em casa uma educação religiosa.

De forma geral, os alunos avaliaram esse material como satisfatório, gostaram dos boxes, e consideraram as informações pertinentes, já que muitas delas desconheciam, ou não entenderam ao longo da formação escolar. Os alunos, além da leitura e execução de atividade, participaram dos debates realizados ao longo da oficina, os quais com suas sugestões enriqueceram esse trabalho.

A professora Francinéia Pimenta e Silva destacou a importância desses materiais didáticos na sala de aula, pois despertam a atenção dos alunos por meio de exercícios e linguagens mais acessíveis. As considerações dessa professora foram importantes na fase final de elaboração desse material. Desse modo, destacaremos algumas dessas considerações: na Introdução é um chamamento para leitura do paradidático, pois apresenta o filósofo e suas obras para o leitor, assim como auxilia na compreensão do período medieval. Considerou a linguagem acessível, mas achou algumas descrições superficiais. O primeiro capítulo foi feito após a oficina; sobre o segundo capítulo, atentou para informações repetidas que tornaram a leitura enfadonha.

Para essa professora, a inserção de questões entre os textos principais corta a leitura, e sugeriu que as questões constassem no final dos capítulos. No terceiro capítulo, percebeu a ênfase dada mais às Cruzadas do que à cavalaria, visto que a proposta inicial do capítulo é a cavalaria. No quarto capítulo, considerou as abordagens mais consistentes, o que lhe agradou muito como leitora, e as perguntas foram uma boa alternativa para ativar a curiosidade dos alunos. No quinto capítulo, propôs algumas palavras para o glossário, e ressaltou que a maioria das questões foram bem elaboradas, contudo outras muito simplistas, e por fim, no sexto capítulo chamou a atenção para o excesso de atividades.

O resultado da oficina foi satisfatório, pois alcançamos os objetivos propostos de levar a Idade Média para sala de aula por meio dos escritos lulianos. Os alunos leram e deram sugestões pertinentes, os quais destacaram pontos relevantes para serem acrescentados ao material. Dessa forma, vimos *in loco* a materialização da proposta do PPGHEN, que consiste em levar de forma satisfatória o conhecimento produzido na academia para a educação básica. Assim, buscamos um resultado prático para nossa pesquisa, aplicamos o paradidático na sala de aula, ofereceu-se outras possibilidades de estudar e conhecer a história e outras fontes, as quais possibilitam ao aluno do Ensino Médio um contato com outros materiais além do livro didático.

Neste capítulo, vimos algumas considerações sobre o livro didático, como está dividido o paradidático, *Ramon Llull e a Idade Média*, e os resultados da oficina realizada em uma escola da rede pública do ensino médio para aplicação desse material didático, quando este ainda se encontrava em fase de elaboração. Desse modo, com a finalidade de fazer abordagens didáticas e colocar algumas questões sobre a História Medieval, que não se limitem apenas às discussões acadêmicas, mas estendê-las à educação básica, para possibilitar ao estudante o conhecimento desses processos históricos. Para isso, elaboramos o paradidático intitulado de *Ramon Llull e a Idade Média*, que apresentamos como produto desta dissertação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho foi desenvolvido no intuito de analisar a formação humana defendida por Ramon Llull na obra *Doutrina para crianças* (1274-1276), assim como apresentar o material didático para ser aplicado no ensino básico, o paradidático intitulado “*Ramon Llull e a Idade Média*”. A educação pautada no projeto-pedagógico luliano, tinha como base os ensinamentos cristãos, e educar para uma conduta virtuosa, o que tornaria os homens aptos para agir em sociedade e manter a harmonia social. Refletir sobre pensamento educacional de Ramon Llull, a partir de sua análise sobre o ideal da formação humana foi o objetivo desse trabalho.

O filósofo elaborou sua teoria pautada na realidade do seu tempo. Almejava formar um ser humano que contribuísse com a sociedade mantendo uma boa conduta. O modelo de educação proposta por Llull foi desenvolvido com olhar atento para as demandas sociais, pois era necessário cumprir as regras estabelecidas pela Igreja Católica, instituição essa que Llull participava, assim seu desejo era manter a ordem social.

Compreendemos que ele foi um homem do seu tempo, um homem que viveu as mudanças e transformações do século XIII. Llull se preparou, estudou, viajou na intenção de levar a mensagem cristã, pois acreditava que era a base para a educação e formação do ser humano ideal. Ele propôs uma educação integral, tanto do corpo como da alma. Com isso, consideramos que alguns aspectos são pertinentes para pensarmos nossa realidade, no que diz respeito à educação. Hoje vivemos um período confuso quanto a formação de princípios éticos, percebemos que a educação escolar não tem alcançado seus objetivos quanto aos valores éticos, nem mesmo para o mercado de trabalho. Temos visto um projeto educacional em sua grande maioria, confuso.

Partimos dessa inquietação educacional do nosso tempo, que requer um olhar mais atento por todos aqueles que estão envolvidos na educação. É necessário olhar para além do sistema, e observar a própria educação, suas finalidades, o que de fato se espera do professor e do aluno. A partir de Ramon Llull, vimos que a preocupação desse filósofo era apontar o indivíduo para algo. Não é nosso objetivo dizer que o projeto-educacional elaborado por ele deve ser reproduzido na atualidade. Mas sim pensarmos que Llull via no cristianismo a resposta para as problemáticas da sua sociedade. Nisso, se a religião não dá mais respostas hoje, o que pode resolver nossos problemas atuais no aspecto educacional quanto à formação de valores morais e éticos?

A obra *Doutrina para Crianças* foi considerada como um manual pedagógico que ensina bases sobre o cristianismo, fala da alimentação, da educação física, das virtudes e vícios. Aborda o currículo educacional da época (as sete artes liberais), e ainda apresenta a salvação da alma como o principal objetivo traçado pelo homem. Llull observou que o homem tem a inclinação para pecado, para o mal. Nesse sentido, a educação deve levar o homem a praticar de bons hábitos que contribuiriam para o desenvolvimento das virtudes morais, que colaborassem para o bem comum.

O filósofo na obra que analisamos, estava preocupado com a formação humana de forma integral. Elaborou um manual rico em informações sobre a época, trazendo para nós na atualidade, debates relevantes sobre a educação. O projeto luliano estava dividido em: apresentar os princípios cristãos; inculcar no indivíduo as práticas das virtudes; e evangelizar todos os que não ainda não tivessem aderido ao cristianismo.

A espiritualidade está presente desde o início da História, são os homens sempre preocupados com seu destino final. A suposta existência de uma vida pós-morte muda completamente a conduta aqui em baixo, além do que o *Além* ganhou suas novas interpretações ao longo do tempo, cada sociedade adaptando conforme as suas crenças. Não importa se hoje vivamos um cotidiano agitado, tecnológico, ou científico, as pessoas continuam acreditando. Os espíritos continuam existindo para muitas pessoas, as preces, as orações não perderam seu valor.

Compreender um pouco o imaginário do homem medieval é saber que naquela época viveram homens como nós, que tiveram seus medos, angústias e desesperos; sabiam que a vida era finita, mas isso não impediu que eles acreditassem que a morte não era o fim, tinham esperança de uma vida no Além. Essas representações coletivas, os homens constroem para dar sentido ao mundo.

Por meio da obra *Doutrina para Crianças*, foi possível percebermos rastros de sua uma sociedade medieval marcada pela religiosidade, assim como entendermos que a educação tinha como principal fundamento, ensinar o homem a “Amar, temer e servir a Deus”. Por fim, compreendemos que durante a História há muitas rupturas nas estruturas sociais, mas quando falamos em religiosidade, olhamos para nossa sociedade, ao nosso redor e conseguimos ver a presença, a continuidade dessa atmosfera “espiritual”.

Destarte, destacamos aspectos que consideramos relevantes que podem contribuir para ação pedagógica na nossa atualidade, embora não tenha sido nosso objeto de análise, acreditamos que a partir da leitura de outros pensadores, podemos nos questionar de que

forma nós, educadores, temos estado atentos à formação dos alunos. “Há uma estreita relação entre sociedade e educação, de forma que, não há educação sem sociedade nem sociedade sem educação” (SANTOS, 2013, p. 03). O filósofo maiorquino ressaltou a importância do acompanhamento familiar, mostrando como os pais deveriam instruir seus filhos, se possível ensinar o mais cedo possível a cogitar coisas boas. Com isso ele acreditava que assim as crianças desenvolveriam bons hábitos, e exerceriam as virtudes no cotidiano

Desta forma, podemos pensar quais valores têm sido discutidos no debate aluno-professor na atualidade? Não estamos defendendo o projeto luliano, mas ressaltamos novamente, ele ao menos tentou elaborar um projeto, se foi utópico ou idealista, tentou fazer algo pela sua sociedade. Vivemos diante de uma crise educacional, o que gera muitas indagações à sociedade contemporânea, há um clima de incertezas, frustrações e desafios.

Houve uma crença nas transformações e progresso do mundo por meio da ciência, do uso da razão, uma crença que a sociedade se desenvolveria, mas as respostas falharam, a ciência não conseguiu resolver os problemas básicos humanidade (SANTOS, 2013, p. 5). Ramon Llull acreditava que a sociedade poderia viver em harmonia a partir da educação, da orientação, da conduta por meio das virtudes, esperava que cada indivíduo fosse acostumado desde início a nutrir o intelecto, a memória e a alma com coisas virtuosas.

Encerramos nosso texto também pensando quais serão os próximos capítulos da educação brasileira. Llull pensou na formação de um ser humano responsável, que fosse capaz de agir e fazer escolhas. Concordamos com Terezinha Oliveira (2008, p. 210) que ao falar sobre a formação das pessoas, estamos na verdade, buscando estabelecer premissas sociais, ou seja, formar pessoas inquietas com os problemas que as cercam, indivíduos que estejam preocupados com o bem comum da sociedade. A mesma autora afirma que quando nos preocupamos em formar indivíduos, apenas transmitindo conteúdos, forma-se homens, mas não identidades coletivas. Enfim, não estamos integrando este ser em uma comunidade

Nesse sentido, acreditamos que a prática docente tem uma relevância fundamental na formação dos alunos como sujeitos conscientes de suas ações, por contribuir na valorização do conhecimento, mostrando ao indivíduo o caminho para boas escolhas e como lidar com elas. A nosso ver, é necessário que cada professor, acima de tudo, acredite no seu papel social, que continua sendo indispensável para uma sociedade melhor, pois o professor é um agente de transformação, e juntamente com os alunos podem construir um caminho de progresso.

REFERÊNCIAS

REFERÊNCIAS

FONTES PRIMÁRIAS

AGOSTINHO, Santo. **Confissões**. São Paulo: Editora Nova Cultural, 1999.

_____. **A Doutrina Cristã**. São Paulo: Paulus, 2002.

ARISTÓTELES. **Ética a Nicômaco**. Bauru, SP: Edipro, 2009.

KANT, Immanuel. **Sobre a pedagogia**. Tradução de Francisco Cock Fontanella. 2. ed. Piracicaba: Editora Unimep, 1999.

LLULL, Ramon. **Doutrina para crianças**. Trad. de Ricardo da Costa, e Grupo de Pesquisas Medievais da UFES III. Editorial Ivitra, 2010.

_____. **O Livro da Intenção** (c. 1283). Alicante, Espanha: Marfil/IVITRA, 2009.

_____. **Vida Coetânea**. Disponível em: <<http://www.ricardocosta.com>>. Acesso em: 20 jun. 2017.

TOMÁS DE AQUINO. Carta sobre o modo de estudar. In: LAUAND, J.L. **Cultura e Educação na Idade Média**. São Paulo: Martins Fontes, 1998, p. 299-304.

_____. A caridade em si mesma. In: _____. **Suma Teológica**. São Paulo: Loyola, 2003, v.V.

_____. **Suma teológica**. Trad. de Alexandre Correia. 2017. [Online], Blog Livros Católicos para Download. 4278 p. A obra aqui está completa na tradução clássica de Alexandre Correia. Está dividida em Prima Pars, Pars Prima Secundae, Secunda Secundae, Tertia Pars e Suplementos. Disponível em: <<https://sumateologica.files.wordpress.com/2017/04/suma-teolc3b3gica.pdf>>. Acesso em: 12 dez. 2017.

DOCUMENTAÇÃO

BRASIL. Ministério da Educação (MEC), Secretaria de Educação Média e Tecnológica (Semtec). **Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio**. Brasília: MEC/Semtec, 1999.

_____. **Parâmetros Curriculares Nacionais + – Ensino Médio – Ciências Humanas e suas Tecnologias**. Brasília: MEC, 2000.

_____. **Guia de livros didáticos: PNLD 2015, história, ensino médio**. Brasília: ministério da Educação, 2014.

ESTUDOS

ABUD, Katia Maria. A guardiã das tradições: a História e o seu código curricular. **Tempo**, v. 11, n. 21, p. 163-171, 2006.

AMALVI, Christian. Idade Média. In: LE GOFF, Jacques; SCHMITT, Jean-Claude (Coord). **Dicionário Temático do Ocidente Medieval**. São Paulo: EDUSC; São Paulo: Imprensa Oficial SP, 2002, p. 537-550.

ARMSTRONG, Karen. **Maomé uma biografia do profeta**, São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

ARIÈS, P. **História social da infância e da família**. Tradução: D. Flaksman. Rio de Janeiro: LCT, 1978

ARAGÃO, Jaume 1 de. **Livro dos Feitos**. São Paulo: Instituto Brasileiro de Filosofia e Ciência “Raimundo Lúlio”, 2010.

BARROS, José D ‘Assunção. A Nova História Cultural – considerações sobre o seu universo conceitual e seus diálogos com outros campos históricos. **Cadernos de História, Belo Horizonte**, v.12, n. 16, 1º sem. 2011, p. 38- 63.

_____. História e Memória: uma relação na confluência entre tempo e espaço. In: GOMES, Cleusa Maria; SANTOS, Nádia Maria Weber. (Org.). **Memória Social?** questões teóricas e metodológicas. 1 ed. Canoas: UnilaSalle, 2013, v. 3, ano 5, p. 67-110.

BASCHET, Jérôme. **A Civilização Feudal**. Rio de Janeiro: Globo, 2006.

BACZKO, Bronislaw. A imaginação social. In: **Anthropos-Homem. Enciclopédia Einaudi. Lisboa:** Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1985, v.5. p. 296-332.

BERGSON, Henri. **Matéria e memória**. São Paulo, 1999.

BIZELLI, J. L.. Educação para a cidadania. In: Célia Maria David; Hilda Maria Gonçalves da Silva; Ricardo Ribeiro; Sebastião de Souza Lemes. (Org.). **Desafios contemporâneos da Educação**. 1ªed.São Paulo: Cultura Acadêmica, 2015, v. 01, p. 19-31.

BONI, Luís Alberto de. A Universidade Medieval-Saber e Poder. In: OLIVEIRA, Terezinha (Org.). **Luzes sobre a Idade Média**. Maringá: Eduem, 2002, p. 17-33.

BOVETO, L.; OLIVEIRA, Terezinha. Difficile Mobile: análise do conceito de hábito na História da Educação. **Roteiro**, v. 37, p. 361-382, 2012.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**. São Paulo: T. A. Queiroz, 1994.

BLOCH, Marc. **A Sociedade Feudal**. Lisboa: Edições 70, 1987.

_____. **Apologia da História**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

CORTEZ, Clarice Zamonaro. As representações da infância na idade média. IN: Jornada de Estudos Antigos e Medievais, 10, Maringá, **Anais...** Maringá: UEM, 2011. Disponível em: <<http://www.ppe.uem.br/jeam/anais/2011/pdf/comun/03018.pdf>>. Acesso em 20 jul. 2017.

COSTA, Alex S.; ZIERER, Adriana. O "Espelho de Cristo": a representação cristológica da estigmatização de Francisco de Assis nas Hagiografias Franciscanas. In: **Nas Trilhas da Antiguidade e Idade Média**. 1ed.São Luís: Ed. UEMA, 2014, v. 1, p. 35-44.

COSTA, Ricardo da. A Cavalaria Perfeita e as Virtudes do Bom Cavaleiro no Livro da Ordem de Cavalaria (c. 1275), de Ramon Llull: **Conferência na UERJ**, 2001.

_____. Maiorca e Aragão no tempo de Ramon Llull (1250-1300). **Mirabília**. Vitória/Barcelona, v. 1, 2001, p. 162-175. Disponível em: <http://www.ricardocosta.com/artigo/maiorca-e-aragao-no-tempo-de-ramon-llull-1250-1300>. Acessado em 18 de fev. 2018.

_____. Reordenando o conhecimento: a Educação na Idade Média e o conceito de Ciência expresso na obra Doutrina para Crianças (c. 1274-1276) de Ramon Llull. In: OLIVEIRA, Terezinha (coord.). **Anais Completos da II Jornada de Estudos Antigos e Medievais: transformação Social e Educação**. Universidade Estadual de Maringá, 2002, p. 17-28.

_____; LANZIERI, Carlile. As Sagradas Escrituras orientam, educam e salvam: a educação monástica de Guiberto de Nogent (c. 1055-1125). **Revista Ágora** (Vitória), v. 6, p. 1-19, 2007a.

_____. História e Memória: a importância da preservação e da recordação do passado. **Sinais (UFES)**, v. 1, p. 2-15, 2007b.

_____. A Educação na Idade Média: a Retórica Nova (1301) de Ramon Llull. **Notandum (USP)**, v. 16, p. 29-38, 2008a.

_____. Duas imprecções medievais contra os advogados: as diatribes de São Bernardo de Claraval e Ramon Llull nas obras "Da Consideração" (c. 1149-1152) e "O Livro das Maravilhas" (1288-1289). **Revista de Direito do UniFOA**, v. 3, p. 23-35, 2008b.

_____. Maomé foi um enganador que fez um livro chamado "Alcorão": a imagem do Profeta na filosofia de Ramon Llull (1232-1316). **Notandum (USP)**, v. 27, p. 19-35, 2011.

DOMÍNGUES REBOIRAS, Fernando. **A Espanha Medieval: Fronteira da Cristandade**: Disponível em :<<http://www.Hottopos.com/mirand10/reboirras.Ht>>. Acessado em : 23 nov. 2017.

DRUMMOND, Albert. As constituintes da moral medieval católica: como os vícios humanos se tornaram os sete pecados capitais. **Revista Mundo Antigo**, v. III, p. 02-198, 2014.

_____. O Pecado da Preguiça se Elevou à Virtude: o frustrante mercado. **Mosaico (Goiânia)**, v. 7, p. 59-67, 2015.

FAITANIN, Paulo. A memória segundo Tomás de Aquino. **Aquinate** (Niterói), Rio de Janeiro, v. 3, p. 123-132, 2006.

FRANCA, Susani S. L. Imaginário: regularidades de um conceito. **Brathair (Online)**, v. 16, p. 171-185, 2016.

FRANCO JÚNIOR, Hilário. **A Idade média: nascimento do ocidente**, São Paulo: Brasiliense, 2001.

_____. **Somos todos da Idade Média**, por Hilário Franco Júnior. 2011. Disponível em: <<https://reflexoesdehistoria.wordpress.com/2011/01/31/somos-todos-da-idade-media-por-hilario-franco-junior/>>. Acesso em: 28 fev. 2018.

FERNANDES, Bernardo Mançano. **O uso do livro paradidático em sala de aula**. 1995. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/index.php/bgg/article/view/38027>>. Acesso em: 28 fev. 2018.

GADAMER, Hans-Georg. Conferência 4: O problema hermenêutico e a ética de Aristóteles. In: FRUCHON, Pierre (Org.). **O Problema da Consciência Histórica**. Trad. de Paulo César Duque Estrada. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas Editora, 1998.

GADOTTI, M. Perspectivas atuais da educação. **São Paulo Perspec.** vol.14 no.2 São Paulo Apr./June 2000.

GIUBERTI, Fabricia dos Santos. O Corpo na filosofia pedagógica de Ramon Llull. In: II Seminário de Humanidades Médicas do UNESC, 2015, Colatina- ES. Revista **Mirabilia Medicinæ** - Virtudes e Princípios no cuidado com o corpo, 2014, v. 4. p. 58-70.

GODOTTI, Moacir. Perspectivas atuais da educação. **São Paulo Perspec.** (São Paulo), vol.14 n2, p. 01-08, 2000.

GOERGEN, P. L. Educação e valores no mundo contemporâneo. **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 26, p. 983-1012, 2005.

GOMES, Flávia Santos. **A Educação nas obras de Ramon Llull (1232-1316)**: uma proposta para a salvação da alma. Monografia de Conclusão de Curso em História. São Luís: Universidade Estadual do Maranhão, 2007

_____. **Educação e Salvação: A concepção do modelo de cristão perfeito segundo Ramon Llull (século XIII)**. São Luís, 2017. Dissertação (Mestrado em Historia)- Programa de Pós-Graduação em História, Ensino e Narrativas, Universidade Estadual do Maranhão, 2017.

GUIDO, Humberto. O tempo e História como elaboração da Memória. In:GUIDO, Humberto. SAHD, Luiz. **Tempo e História: no pensamento ocidental**. Ed. Unijuí, 2006.

HALBWACHS, Maurice. **Memória coletiva**. São Paulo: Civilização Brasileira, 2006.

POLLAK, Michael. Memória e Identidade Social. In: Estudos Históricos. Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992.

KARNAL, Leandro. A História Moderna e a Sala de Aula. In: **História na sala de aula**. São Paulo: Ed. Contexto, 2016.

LAUAND, L. Jean. **Cultura e Educação na Idade Média**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

_____. A Arte de Decidir: a Virtude da Prudentia em Tomás de Aquino. In: **Videtur 15**. São Paulo: Editora Mandruvá/ Centro de Estudos Árabes do Departamento de Línguas Orientais da FFLCHUSP.

LE GOFF, Jacques. **O apogeu da cidade medieval**. Tradução de Antônio de Padua Danesi. São Paulo: Martins fontes, 1992.

_____. **Raízes Medievais da Europa**. Rio de Janeiro: Jose Olímpio, 2006.

_____. **O Deus da Idade Média: conversas com Jean-Luc Pouthier**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

_____. **Os intelectuais na Idade Média**. 6ª ed. Rio de Janeiro: Jose Olímpio, 2014.

_____. **A História deve ser dividida em pedaços?** São Paulo: Editora Unesp, 2015, p. 45.

LE MOS, Tatyana. **Pregação e Cruzada: a conversão dos infiéis nos poemas de Ramon Llull (1232-1316)**. Vitória, 2010. Dissertação (Mestrado em História) - Programa de Pós-Graduação em História Social das Relações Políticas, Universidade Federal Espírito Santo, 2010.

LIBÂNIO, J. C. Diretrizes curriculares da Pedagogia: imprecisão histórica e compreensão estreita da formação profissional de educadores. **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 27, n. 96, out. 2006. Disponível em: <http://www.cedes.unicamp.br>. Acesso em: 10/fev/2018.

LIBERA, Alain de. Filosofia Medieval. **Folha de São Paulo**, Caderno Mais, São Paulo, 22/09/2002, p. 3. Entrevista concedida a Luiz Felipe Pondé.

MARTINES, Paulo Ricardo. O Livre-Arbítrio na Suma de Teologia de Santo Tomás de Aquino. In: OLIVEIRA, Terezinha. **Cultura e Educação: ética e ação política na antiguidade e idade Média**. Bahia: Edições UESB, 2007.

MARRONI, Paula Carolina Teixeira. **O Livro da Ordem de Cavalaria, de Raimundo Lúlio**: uma Proposta de Educação Social pautada no modelo de conduta virtuosa. Maringá, 2015. Tese (Doutorado em História). Programa de Pós-Graduação em Educação área de Concentração: Educação. Universidade Estadual de Maringá, 2015.

MATA, Santiago. **El hombre que demostró el cristianismo**. Ramon Llull. Madrid, Anzos, S.L. Fuelambrada, Ediciones Rialp, 2006.

MACEDO, José Rivair. **A mulher na Idade Média**. 5ªed. São Paulo: Contexto, 2002.

MATOS, Julia Silveira. Os Livros didáticos como “produtos” para o ensino de História: Uma análise do PNLD. **Historiæ**, Rio Grande, 3 (3): 165-184, 2012.

MESSIAS, Bianca T. **Memória, Educação e salvação cristã na Visão de Túndalo (séculos XIV-XV)**. São Luís, 2017. Dissertação (Mestrado em História) - Programa de Pós-Graduação em História, Ensino e Narrativas, Universidade Estadual do Maranhão, 2017.

MELO, José Joaquim Pereira. A Educação, em Santo Agostinho. In. OLIVEIRA, Terezinha (org.) **Luzes sobre a Idade Média**. Maringá: Eduem, 2002, p. 65-78.

MIATELLO, André Luís. Pregação e cavalaria no processo de expansão da cristandade latina: o papel da *Ordem da Milícia* de Ramon Llull (1232-1316). **Horizonte**, Belo Horizonte, v. 15, n. 48, p. 1151-1190, out./dez. 2017.

MIRANDA, Sonia Regina; LUCA, Tania Regina de. O livro didático de história hoje: um panorama a partir do PNLD. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v.24, n.48, p.123-144, 2004.

MOREIRA, Raimundo Nonato Pereira. **História e Memória**: algumas observações. Disponível em: <<http://pablo.deassis.net.br/wp-content/uploads/Hist%C3%B3ria-e-Mem%C3%B3ria.pdf>>. Acesso em 15 jun. 2017.

MONTEIRO, Ana Maria F. C. A história ensinada: Algumas configurações do saber escolar. **História & Ensino**, v. 9, p. 37-62, out. 2003.

MUNAKATA, K. **Produzindo livros didáticos e paradidáticos**. Tese (Doutorado em História e Filosofia da Educação). São Paulo: PUC, 1997.

NÉRICI, Imídeo Giuseppe. **O homem e a educação**. São Paulo, Atlas, 1976.

NORA, Pierre. Entre Memória e História: a problemática dos lugares, In: **Projeto História**. São Paulo: PUC, n. 10, p. 07-28, dez., 1993.

NUNES, Rui Afonso da Costa. **História da Educação na Idade Média**. São Paulo: EDUSP, 1979.

OLIVEIRA, Ana Rodrigues. As idades da criança. **Medievalista (On line)**, n. 2, ano 2, Lisboa, 2006. Disponível em: <<http://www2.fcsh.unl.pt/iem/medievalista/MEDIEVALISTA2/medievalista-crianca.htm>>. Acesso em: 1 jul 2017.

OLIVEIRA, F. Narrativas pedagógicas para a formação do príncipe na obra de Ramon Llull. In: **Congresso Internacional de História**, 7, Maringá, 2015. Políticas, Culturas e Narrativas na América Latina. Maringá: Angelo Priori, 2015. v. 1. p. 57-67.

OLIVEIRA, Terezinha. Apogeu e crise de uma época: as universidades medievais. **Educere et Educare**, Cascavel, v. 1, n.1, p. 26-36, 2006.

_____. O debate político acerca da separação dos poderes no ocidente medieval: A atuação dos intelectuais. In: OLIVEIRA, Terezinha. **Cultura e Educação: ética e ação política na antiguidade e idade Média**. Bahia: Edições UESB, 2007a.

_____. Origem e Memória das Universidades Medievais: a preservação de uma instituição educacional. **Varia História** (UFMG. Impresso), v. 23, p. 113-129, 2007b.

_____. VITORETTI, Regiane Aparecida. **Santo Agostinho e os fundamentos da Educação cristã**. 2007c.

Disponível em: <<http://www.dhi.uem.br/gtreligiao/pdf/st13/Oliveira,%20Terezinha.pdf>>. Acesso em: 25 maio 2017.

_____. Agostinho e a Educação Cristã: um olhar da História da Educação. **Notandum**, São Paulo/Porto, ano 11, n. 17, p. 5-12, jul.-dez. 2008a. Disponível em: <<http://www.hottopos.com/notand17/terezinha.pdf>>. Acesso em: 05 mar. 2018.

_____. Os mosteiros e a institucionalização do ensino na Alta Idade Média: uma análise da história da educação. **Série-Estudos (UCDB)**, v. 25, p. 207-218, 2008b.

_____. Religiosidade e Educação na História. 1. ed. Maringá: Eduem, 2010a. v. 1. 143p

_____. Poder e Escolástica no Ocidente medieval. **Revista de História** (UFES), v. 25, p. 266-285, 2010b.

_____. **Ensino e Debate na Universidade Parisiense do Século XIII**: Tomás de Aquino e Boaventura de Bagnoregio. Maringá: Eduem, 2012a.

_____; BOVETO, L. Ensino e formação de hábitos: análise na História da Educação. **Interaccoes**, v. 8, p. 152-178, 2012b.

_____. Memória de Tomás de Aquino por seus pares: a importância e o sentido de ser Mestre. In: OLIVEIRA, Terezinha. (Org.). **Conhecimento e Educação no Medievo**. 1 ed. São Luís (Ma): Editora da UEMA, 2012c, v. 1, p. 83-98.

_____. Formação docente frente à crise da educação nacional: o Projeto Político Pedagógico. **Revista Contrapontos**, Itajaí, v. 14, n. 3, p. 601-617, set.-dez. 2014. Disponível em: <http://siaiap32.univali.br/seer/index.php/rc/article/view/5980/pdf_55>. Acesso em: 12 fev. 2018.

_____. KONO, D. L. R.; PIERPAULI, J. R. A Memória como ação educativa. **Chilena de Estudios Medievales**, v. 7, p. 33-48-48, 2015a.

_____. A memória como elemento constitutivo da virtude da prudência: uma questão tomista. In: Adriana Zierer; Ana Livia B. Vieira; elizabeth S. Abrantes. (Org.). **História Antiga e Medieval - sonhos, mitos e heróis**: memória e identidade. 1ed.São Luís: UEMA, 2015b, v. 1, p. 359-365.

_____. Um estudo de virtudes sociais segundo Tomás de Aquino. **Educação e Filosofia (Online)**, v. 29, p. 725-743, 2015c.

_____; MENDES, Claudinei Magno Magre; H. Contribuições de Jacques Le Goff para a História da educação medieval: totalidade e longa duração nos estudos sobre os intelectuais. **Brathair (Online)**, v. 16, p. 235-250, 2016.

PEINADO, Maria Rita Sefrian de Souza. Santo Agostinho, o teórico da Igreja na Idade Média. In: **XXV Simpósio Nacional de História**, 2009, Fortaleza. Anais do XXV Simpósio Nacional de História, 2009. v. 1. p. 1-7.

PEREIRA MELO, J. J. Pereira. Santo Agostinho e o Problema da Aprendizagem Humana. **Imagens da Educação**, v. 5, n. 1, p. 82-94, 2015.

PESAVENTO, Sandra. **História e História Cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

PIETRO, Josué Villa. La educacion de los niños pequenos em el âmbito familiar durante la Edad Media tardia. Aspectos teóricos. **Tiempo y sociedade**, n. 6, 2011-2012. p. 79-122.

PIRATELI, Marcos Roberto. Morte e Pós-morte, em Santo Agostinho. In: OLIVEIRA, Terezinha; VISALLI, Angelita Marques (Org.). **Cultura e Educação Política na Antiguidade e Idade Média**. 1. ed. Vitória da Conquista: Edições UESB, 2007.

POLO DE BEAULIEU, Marie-Anne. Pregação. In: LE GOFF, Jacques; SCHMITT, Jean-Claude (Coord). **Dicionário Temático do Ocidente Medieval**. São Paulo: EDUSC; São Paulo: Imprensa Oficial SP, 2006. p. 21-34.

RICOEUR, Paul. O esquecimento (III A Condição Histórica). In: **A Memória, a História, o Esquecimento**. Campinas: Unicamp, 2008, p. 423-465.

RODRIGUES, Andréa Rocha. O tempo na História. In: GUIDO, Humberto. SAHD, Luiz. **Tempo e História: no pensamento ocidental**. Ed. Unijuí, 2006.

RODRIGUES, Micaías Andrade. A leitura e a escrita de textos paradidáticos na formação do futuro professor de Física. **Ciência e Educação**. Bauru, v. 21, n. 3, p. 765-781, 2015.

SANTOS, Priscila Viegas dos. **As representações da morte na obra “Doutrina para Crianças” (1274-1276) de Ramon Llull (1232- 1316)**. Monografia de Conclusão de Curso em História. Universidade Federal do Amapá, 2016

SANTOS, J. B.. Avanços e desafios da Educação Brasileira na atualidade: uma reflexão a partir das Contribuições de Hannoun e a Educação Infantil como aposta Enactante. In: XXVI Simpósio Brasileiro de Política e Administração da Educação, 2013, Recife/PE. **Cadernos ANPAE**, 2013. v. I. p. 1-14.

SILVA, Edilberto Alves da. **Um pequeno tratado de puericultura e pedagogia no Livro de Evast e Blanquerna? de Ramón Llull**. Uma percepção da infância no século XIII. In: Ciclo de Estudos Antigos e Medievais, 10. Londrina: Universidade Estadual de Londrina, 2014. p. 185-195.

SOT, Michel. Perigração. In: LE GOFF, Jacques; SCHMITT, Jean-Claude (Coord). **Dicionário Temático do Ocidente Medieval**. São Paulo: EDUSC; São Paulo: Imprensa Oficial SP, 2006. p. 21-34.

SOUZA, Camila Tatiana de. A infância na península ibérica medieval: um paralelo entre a primeira educação da criança segundo Raimundo Lúlio e Ibn Khaldun (1274-1378). XI Congresso Nacional de Educação (EDUCERE), 2013, **Anais**. Curitiba, 2012.

SOUZA, M.; PEREIRA MELO, J. J. **A Educação em Santo Agostinho**: Processo de Interiorização na busca pelo conhecimento. Disponível em: <http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2009/anais/pdf/1937_1302.pdf>. Acesso em: 03 maio 2017.

VAUCHEZ, André. **A espiritualidade na Idade Média ocidental: (séculos VIII a XIII) 195-1723** · André Vauchez; tradução Lucy Magalhães. - Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1995.

VERGARA, Sylvia Constante. **Projetos e Relatórios em Administração**. 02 ed. São Paulo: Atlas, 1998.

VERGER, Jacques. **Cultura, ensino e sociedade no Ocidente nos séculos XII e XIII**. São Paulo: EDUSC, 2001.

_____. **Homens e saber na Idade Média**. São Paulo: EDUSC, 1999.

VENTORIM, Eliane. **As ideias políticas e a apologética de Ramon Llull (1232-1316) sobre a cruzada na Terra Santa**. 2008. Dissertação (Mestrado em História Social das Relações Políticas) -UFES, 2008

VIEGAS, Priscila. O caráter pedagógico da obra doutrina para crianças (c. 1274-1276) de Ramon Llull. In: BUENO, André; CREMA, Everton; ESTACHESKI, Dulceli; NETO, José Maria. (Org.). **Um Pé de História**: estudos sobre aprendizagem histórica. 1 ed. Rio de Janeiro; União da Vitória: Edição Especial Ebook LAPHIS/Sobre Ontens, 2017, v. 1, p. 541-543.

WOOR JR, Thomas E. **Como a Igreja construiu a civilização Ocidental**. Tradução de Elcio Cario. São Paulo: Quadrante, 2008.

YATES, Frances A. **A Arte da Memória**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.

ZIERER, Adriana. Aspectos Educacionais da Salvação Cristã na Visão de Túndalo. In: Terezinha Oliveira; Angelita Marques Visalli. (Org.). **Pesquisas em Antigüidade e Idade Média**. Olhares Interdisciplinares. São Luís: Ed. UEMA, 2007, v. 1, p. 293-308.

_____. **Da ilha dos bem-aventurados à busca do Santo Graal**. São Luís: Ed. UEMA, 2013.

ANEXOS

OFICINA *RAMON LLULL E A IDADE MÉDIA*

No Centro de Ensino de Tempo Integral Almirante Tamandaré, localizado no município de São Luís – MA

Imagem 1 - Alunos realizando a leitura do Paradidático.



Imagem 2 - Alunos executando as atividades do Paradidático.



Imagem 3 - Orientando os alunos na execução das atividades do Paradidático.



Imagem 4 - Os alunos expondo o Paradidático.



Imagem 5 - Professora de História do Centro de Ensino de Tempo Integral Almirante Tamandaré.



Imagem 6 - Fachada do Centro de Ensino de Tempo Integral Almirante Tamandaré.

